OBRAS COMPLETAS

DE

FILINTO ELYSIO.

OBRAS COMPLETAS

DE

FILINTO ELYSIO.

Tomo IV°.

PARIS.

Na officina de A. BOBÉE.

1818.

VERSOS

DE

FILINTO ELYSIO.

CONTO.

Um cérto dia Apollo enfastiado
Das ribas do Permesso, disse ás Musas:
« Sempre Pindo, e Parnasso! Vamos, vamos
» Dar um passeio pelo vasto Mundo;
» Ver outros Rios, ver outras Montanhas ».
Entrão na Grecia; Apollo deita a vista
A's Cidades que sôbre Homéro, hão pleito;
A's térras, que já dérão Sappho, e Pìndaro.
Vê Athenas, e diz descorçoado:
» Sìtio, que fôste vinha das sciencias,
» E hoje dás cardos! — Vamos, daqui longe,
» Que estes Grêgos são Turcos em Poesia.
» Deitêmos até Roma. — Tenho visto
» O pouco que alli ha. — Latim de Bullas
» Nunca dará Horacios, nem Virgilios.

» Cá está Milão : cá temos um Poéta (1).
» Deixá-lo trabalhar. Presenta-o, Clio,
» C'os laúdes de Pîndaro, e de Horacio,
» Que elle sons tirará dignos das Musas.
» Ouves ainda, oh Clio cantilênas
» Do nosso Cesarotti ? O póbre vélho
» Desencordeou a Lyra, já não canta.
» Vamos máis longe; entrêmos pela França;
» Vejâmos em Parîs um Bonaparte,
» Assumpto digno desta minha Lyra : (2)
» Ouçâmos como o louvão teus Alumnos,
» Um Delille, um Lebrun, e ainda algum outro,
» Como Esmenard... Já viste o seu Poêma ?
» Tem vérsos de alto stylo, tem noticia,
» Dá grandes esperanças. Sê-lhe affavel.
» Euterpe, e tu Terpsichore, aos Francezes
» Deixai-lhe alguns volumes de cantigas,
» Que ornem seus Almanachs, deixai-lhe Dramas,
» Contradanças, e valsas, que os divirtão.
» Estendâmos á Hespanha este passeio;
» Que ouvi lá do Ebro, ouvi de Mançanares
» Arremêdos de Sóphocles, e Flacco.
» Bom clima é para Vates, se Calliope
» Se Erato, e Clio bafejá-los queirão.
» Passâmos máis avante. Em Lusitania
» Émulos de Camões esquadrinhêmos ».
— Não vejo por agóra (diz Calliope)
— Máis que de Alvim a impressa Joanneida.
— Inda a não li. — « Nem eu » (responde Apollo)
Clio lhe traz imitações mui dignas

(1) Monti.
(2) Não o diria hoje.

Dos Cysnes de Dircéa, e de Venusa,
Por Elpino, e Garção; traz-lhe de Alfeno,
De seis, ou sette Alumnos d'esses Vates
Composições de Délphica influencia.
(*Clio.*) — Tu déves conhecê-las; os teus raios
— Reverbérão nas vózes, nas pinturas. —
(*Apollo.* « Mas esse, que cá vem, Filinto Elysio,
» Que manîa o tomou de fazer vérsos ?
» E mór manîa ainda de imprimî-los » ?
(*Clio.*) — Elle nunca se deo por Vate, e nunca
— Máis pertendeo de suas pêccas tróvas,
— Que ganhar alguns cóbres, com que arréde
— Da sua póbre mesa, póbre casa
— Os gadanhos da Fóme, e da Miseria.
— Se hoje imprime de nôvo antigas tróvas,
— É porque as pédem certos Curiosos,
— A quem delle, hoje vélho, o canto enjôa. (1)

(1) Dizem os que lêm os meus canhenhos, que achão, nos que imprimi ha 18 annos máis fôgo, e linguagem máis *castiça* : e tem razão, que esse é tambem o meu vóto. Tinha muitos annos de menos, e máis frêsca a memoria do que tinha lido nos nossos Clássicos, e.... Mas dirá algum perluxo : « Se o sabes como nós, para que escreves ? para que imprimes? Tómas por teu debique o causticar-nos ? » Ah ! meu senhorzinho, tão facil acha V. m. o descartar-se alguem de antigas manhas? A Mulher que foi louvada de formosa, quando môça, não depõe sem muito custo, e muitos pezares, os enfeites, e arrebiques, com que enamorava outróra os seus esperdiçados. O Musico que encantou, na frêsca idade, qual nôvo Orphêo, as selvas, e os rochedos, não deixa ainda idoso, de rosnar as Arias com que ganhára applausos sem medida. O..... Alêm de que, posso eu deixar de condescender com os amigos, que vem festejar comigo o dia 4 de Julho, e o de 23 de Dezembro; e que assim engelhada, e vélha, como ella é, querem ouvir cacarejar a minha Musa?

ODE.

Non incisa notis marmora publicis,
Per quæ spiritus et vita redit bonis
Post mortem ducibus.... clariùs indicant
— — — — quàm Calabræ Pierides.
HORAT. *Lib.* 4, *Od.* 8.

ONDE me sóbes, Musa?
Em que accêso licor me embébes a alma!
Estes ares são sanctos!
Esta montanha bi-partida tréme!
Os sácros troncos pavorosos vérgão!

Eis o Deos! eis o Deos!
Sancto furor me cála pelas veias.
D'um sól estranho sinto
Allumiada a mente. Lá se me abrem
As tão vedadas pórtas do Futuro.

Que estranhezas que eu vejo,
Corrido o véo aos falladores quadros!
Torna á vir o passado? —
Lá me ábre o Tempo os cóffres de diamante
Salvados d'entre as mãos do Esquecimento.

Daquì, dallì prodigios
Se me escapão dos óllios cubiçosos.
As nóve Irmãas innuptas

N'um nôvo canto estão lidando ardentes.
Uns, aos outros, mysterios se atropéllão.

Um Cysne côr de néve
Sóbe ao seio de Apollo auri-crinito,
E lhe escuta os arcanos
Da divina harmonîa; móve as córdas
Da eburnea Lyra, embóca a Épica tuba.

Tu (1) cantarás ousado
Do rîgido Alboquérque acções ingentes,
Os conquistados mares,
Os combates cruéis, as leis pesadas,
Ao duro braço ousados Reis rendidos.

Já ensaias as fôrças
No alto Escriptor do Mundo transformado;
E impávido Tirynthio
Te apparêlhas ao grave pêso, digno
De máis robustos hombros, que os de Homéro (2).

Bem vejo, inquiéta Musa.
Lá me apontas Ormuz bombardeada.
Lá rompem os pelouros
Os muros flanqueados...... Lá se allúem
Os Paços de ouro, os incensados Templos.

---

(1) O senhor doutor Sebastião Jozé Ferreira Barrôco traduzia apuradamente em vérsos Portuguezes as Metamorphoses de Ovidio, quando as acções, e virtudes de Affonso de Alboquerque lhe movêrão o éstro, para cantá-lo n'uma Ode.

(2) Que comparação tem a raiva de Achilles, por uma Môça, que lhe levárão da tenda, com as proêzas militares; e politicas do grande Alboquerque?

Com luzido cortêjo
Vem do sagaz Sophî espavorido
O Embaixador faustoso :
Dromedarios servîs, quadrupedantes
Fazem tremer, e re-tremer a terra.

Reis de Onor, de Narsinga,
Dobrai agora as túmidas cervizes ;
Grão Sultão de Cambaya,
Melique astuto, honrai o Lusitano ;
Mandai beijar a mão, que vos assombra.

Vejo em Malaca altiva
Arvoradas as Quinas vencedoras ;
Os Idolos por terra,
Os sônhos de Mafôma sem valîa,
E as thuricremas áras a Deos dadas.

Fervem as brancas ondas
Ante o tropél das prôas cortadoras.....
A Morte vai sentada
Sôbre montes de agudas partazanas,
De espadas, de canhões..... Lá salta em terra !

Que prantos lamentosos
Ouço erguer das cidades arrazadas !
Aquella afflicta Mãe
Lá véda o sangue ao filho... deixa-o, corre,
Por acodir ao moribundo Espôso.

Qual espêsso negrume
Estala entre o horrifico estampido,
Nos orgulhosos montes,
Com culebrinos raios lasca os freixos,
Fende as róchas, abala em róda os montes :

Tal saraiva de séttas,
Se encrava pelos palpitantes peitos.
Os montes estremécem,
As cavérnas rimbombão, rios parão
C'o rouco som da irada artilharia.

Como a séva Tisiphone
Baralha anciosa os campos mattadores!
Como, co' as sérpes crêspas,
Se farta em borbotões de sangue quente,
E as mãos ensópa em golpeados membros!

Tu désces da altiveza,
Ardendo em chammas, Calecut potente.
Tómão leis de Alboquerque (1)
Orfacão, e Soar, Gerum, Mascate,
Socotorá sádia, a enfêrma Java.

Tu, Goa torreada,
Tambem curvas a não-domada frente:
Do Hidalcão, do Sabayo
Levantas a obediencia, para sêres
A cabêça (2) do Luso-Indiano Imperio.

Musa, já vou cansando:
Poupa, poupa meu peito fatigado.
Dá os arrojados vôos
Aos mimosos de Apollo, que discantem
Soberbos feitos, em soberbos vérsos.

---

(1) Escrevo *Alboquerque*, porque esse nome se deriva do Latim — *albo quercu*. — E se bem me lembro ainda do que li em Lisboa, assim creio que vinha escripto nas suas Memorias.

(2) O tino politico do grande Alboquerque foi conhecido por todas as Nações intelligentes, na prudentissima escôlha, que fêz de Goa para assento do govêrno geral de quanto possuimos na India.

LES EXPLOITS

D'ALBOQUERQUE.

ODE

EN STROPHES IRRÉGULIÈRES,

Au Docteur

SÉBASTIEN-JOSEPH FERREIRA-BARROCO. (*)

Non incisa notis marmora publicis,
Per quæ spiritus et vita redit bonis
Post mortem ducibus.... clariùs indicant
. . . . quàm Calabræ Pierides.

HORAT. *Lib.* 4, *Od.* 8.

MUSE! où me ravis-tu?... Sur quel rapide char
M'emporte ton aile éthérée?
Sœur d'Hébé! de quel doux nectar
Prodigues-tu les flots à mon ame enivrée?

(*) Traduction libre d'une ode sublime de **, que les Portugais regardent comme leur Horace, leur Tibulle et leur Boileau. Ce poëte, aussi recommandable par son génie que par

Sommes-nous près des Dieux ?.. oui, cet air est sacré ;
De l'auguste Cirrha (1) je sens trembler les cimes :
Le laurier Délien, prix des chantres sublimes,
Agité, plein d'effroi, son feuillage inspiré...

Il vient, il vient le Dieu !.. Salut, roi d'Aonie !
Mon sang bouillonne, en proie à tes saintes fureurs :
Quels soleils inconnus !... ineffables splendeurs !
Tous les transports thébains embrasent mon génie ;
Dans un vaste lointain, à ma vue infinie,
L'avenir, sans nuage, ouvre ses profondeurs.

Plus de voile !... Éclatez, belliqueuses merveilles,
Que grave le destin sur ces tableaux vivans !

---

ses malheurs et ses vertus, vit obscur en France, où sa langue est à-peu-près inconnue. Son ingrate patrie le nomme *le plus grand élève du Camoens;* elle a déclaré classiques ses nombreux ouvrages, et elle le retient dans l'exil et dans l'abandon.

On a traduit librement, parce qu'on ne pouvait se flatter de rendre toutes les graces et la vive énergie du modèle. La langue portugaise est un instrument parfait. A peine connue en France, même parmi les classes commerçantes, elle mériterait, autant et plus que d'autres langues vivantes, d'être cultivée, sous le rapport littéraire. Souple à tous les genres de poésie, riche, variée, sonore, pure surtout comme les idiômes grec et latin dont elle est née, elle possède au même degré cette précision nerveuse qui économise les mots, et conserve d'autant plus de vie et d'éclat aux images et aux pensées.

Cet essai n'est point toutefois une simple imitation ; le riche fonds d'idées qui compose l'original s'y retrouve tout entier ; la marche des strophes est la même. Seulement on a rendu par des équivalens, des images et des formes poétiques avec lesquelles notre langue n'est point familiarisée, et l'on n'a été plus étendu que pour être plus fidèle.

(1) L'un des sommets du Parnasse.

Plus de voile! O *Passé!* père des doctes veilles,
Te voilà sous mes yeux évoqué par le temps.
J'entends bruir les clefs de diamans...
Sors, sors des urnes vénérables
Où le tyran des morts te presse enseveli,
Age de nos héros!... Brillez, faits mémorables,
Que la gloire a sauvés des coups du noir oubli!

O palmes de l'Indus! majestueux miracles!
Vous agitez encor les os de nos ayeux:
Quels accens!... De Claros entends-je les oracles
Au son des lyres d'or s'élançant vers les cieux?
Non: c'est l'hymne nouveau dont les neuf piérides
Charment les antres saints, parvis du dieu des arts;
Delphes répond en chœur aux concerts aonides.
Les Mystères, en foule, assiégent mes regards.

Quel cygne (1) au plumage d'albâtre,
Amoureux des secrets du divin Apollon,
Monte jusqu'à son sein, puis au sacré vallon
S'abaisse, d'harmonie et de gloire idolâtre?
Dejà le luth d'ivoire obéit à ses lois;
Voyez comme il s'enivre à la source Delphique!
De cygne il devient aigle, et sa tonnante voix
Souffle l'enthousiasme à la trompette épique.

Chante, Ferreira! l'Achille de Lusus,
Législateur austère et guerrier invincible,
Cet Alboquerque au bras terrible;
Tout l'orient soumis de l'Euphrate à l'Indus;

---

(1) Le docteur Barrôco travaillait à un poëme épique, dont le grand Alboquerque était le héros.

Son bras impétueux peuplant les rives sombres,
De Maures immolés aux autels du dieu Mars;
L'océan obombré par ses mille étendards;
Les empires détruits, lamentables décombres!
Et les fiers Sultans... vaines ombres
Que dissipe un de ses regards!....

Sur le char du brillant Ovide (1)
Essayant ton rapide essor,
Du monde transformé tu chantais l'âge d'or;
Tel jouait au berceau le généreux Alcide;
Mais le héros t'appelle à dire ses hauts faits;
Du Barde d'Ilion saisis la harpe altière!
Pour porter, jeune Atlas, un aussi noble faix,
Apollon te donna les épaules d'Homère.

Je te suis! nous planons sur les zones de feux., (2)
Dont Bellone en courroux ceint Ormuz foudroyée:
O déplorable Ormuz! en mille éclats broyée,
Tu croules sous les coups du vainqueur furieux.
Je vois fondre sur tes murailles,
Vomi par l'airain des batailles,
L'orage des globes ardens....
Comme rugit l'assaut sur tes remparts fumans!
Ils tombent ces palais, merveilles de l'Asie,
Et ces temples dorés, où ton monarque impie
Brûlait un sacrilége encens.

Quel bruit dans le désert! Quelles pompes barbares!
C'est du pâle Sophi l'envoyé fastueux:

---

(1) Pour se livrer à ce dernier travail, il avait interrompu sa traduction en vers portugais, des Métamorphoses d'Ovide.

(2) Siége et bombardement d'Ormuz.

Je vois étinceler son turban radieux
Des saphirs dérobés aux rives Malabares ;
Mille esclaves silencieux
Fléchissent sous le poids des tributs les plus rares.
J'entends les coursiers hennissans,
Et les pas cadencés du souple dromadaire ;
Au choc tumultueux des vastes éléphans,
Je sens trembler au loin, trembler encore la terre.

Princes de Narsingue et d'Onor! (1)
Tombe enfin votre orgueil et ce front despotique!
Vous que n'ont pu sauver ni vos dieux ni votre or,
Monarque de Cambaye! Et toi, rusé Mélique! (2)
Que vos ambassadeurs accourent à genoux,
Baiser la main infatigable,
Cette main dont le poids accable
Les vaincus insolens qui bravent son courroux!

Malaca, cité fière! en tes hautes murailles
Vois flotter l'étendard, astre heureux des batailles,
Dont Lisbonne a guidé la marche de ses fils :
Tes vaines déités ont jonché les parvis
De leurs infâmes sanctuaires ;
Et, purifiant tes autels
Où tu chantais Allah, nos hymnes immortels
Célèbrent du vrai Dieu les augustes mystères.

Neptune est accablé sous le poids des vaisseaux
Qui sillonnent l'empire humide :
Debout sur le bronze homicide,

---

(1) Princes de l'Indostan.

(2) Guerrier Maure, célèbre par ses stratagêmes dans les guerres de cette époque.

Arborant dans les airs ses lugubres drapeaux
La mort vole... En deux pas elle a franchi les eaux,
Et la hache à la main, de massacres avide,
La voilà qui s'élance aux bords orientaux !....

Muse ! quel accent lamentable
Sort des remparts en feu des plaintives cités ?
Quelle femme, d'un fils mourant à ses côtés,
Veut étancher le sang ?.. O mère déplorable !
Abandonne le fruit de tes chastes amours ;
Cours, vole. Malheureuse ! un nouveau coup t'accable,
Ton époux expirant t'appelle à son secours.
Comme un orage armé d'éclairs et de ténèbres,
Déployant ses ailes funèbres,
Avec un bruit immense éclate sur les monts ;
La foudre qu'il vomit, de ses brûlans sillons
Fracasse les rochers, fend les troncs séculaires,
Et fait tonner au loin les échos solitaires
Dans les profondeurs des vallons :

Tel l'ouragan des flèches enflammées
Frappe le sein des héros palpitans ;
Le choc des féroces armées
Retentit sur les monts tremblans ;
Les antres agités jusqu'en leurs fondemens
Mugissent.... De l'airain la voix rauque, infernale,
Jusqu'à l'urne natale
Fait reculer d'effroi les fleuves bouillonnans.

Comme l'ardente Tisiphone
Brandit avec fureur ses livides flambeaux !
Voyez-vous les serpens, effroyables bandeaux,
Se dresser sur le front de l'horrible Gorgone ?

À la mórt qui, de rang en rang,
Promène la faux des batailles,
Elle apprête la proie, ivre de funérailles,
Le spectre échevelé, galoppe dans le sang.

Calicut, ô ville superbe!
Pourquoi défiais-tu les vainqueurs irrités?
Tu n'es plus! L'incendie ensevelit sous l'herbe
De ton fier Zamorin (1) les palais enchantés:
Soumets-toi, Socotore (2), asyle aimé d'Hygie!
Mascate (3), des parfums odorante patrie!
Java, dont l'air impur exhale au loin la mort!
Gerum, qu'un ciel en feu dévore!
Soar, Orfacaïm, tombeaux du peuple Maure;
Alboquerque accomplit sur vous l'arrêt du sort.

Cède, auguste Goa! la commune tempête
Bat ton front de tours couronné.
Reine de l'Indostan, du héros fortuné
Tu deviens sans regret la superbe conquête:
Des sabaïs, des hydalkans (4).
Brise le joug, aspire à des destins plus grands:
Du chêne portugais, salut, tige féconde!
Salut, nouvel empire, éclos du sein de l'onde,
Où Lusus a promis des pénates rians,

---

(1) On nommait ainsi l'empereur de Calicut qui était, à cette époque, la principale puissance de l'Indostan.

(2) L'île de Socotora, célèbre pour la pureté de son air, comme celle de Java pour l'insalubrité du sien.

(3) Mascate, Soar, etc., villes de l'Asie, conquises par Alboquerque.

(4) Rajahs, ou princes indous.

Un repos glorieux, et les trésors du monde
A ses fils triomphans!

O Muse ! c'est assez planer sur le tonnerre;
Épargne mon sein haletant :
Détèle tes coursiers ; retournons à la terre ;
Laisse enfin reposer mon génie expirant :
Garde ce vol hardi pour les chantres sublimes
Dont le luth inspiré par le dieu des beaux vers,
Peut se mêler sans honte aux célestes concerts,
Et sauve du Léthé les exploits magnanimes. »

PHILOLÚSUS.

SONETO.

Dos mysterios de Amor inda ignorante,
Por um valle desci, sem máis cuidados,
Que ouvir do Rouxinol os requebrados
Cantos, com que affeiçôa a meiga Amante.

Eis que encontro rotinho um lindo Infante,
Loura a madeixa, os ólhos (1) engraçados,
Mas nús os pés, de longo andar cansados,
De frio, e dôr estreito o alvo semblante.

---

(1) *Como lhe podéste vêr os ólhos* (me dirá alguem) *elle que os traz sempre vendados.* Respondo, com um grande Commentador, que déra na véspera, a remendar a sua Mãe, a venda, que do muito uso, em vêz de venda era farrapo..

Tómo-o no cóllo, amimo-o em seu desgôsto,
Compassivo o consólo, ao peito o apérto,
Beijando térno o entristecido rôsto.

Quem creo tal dólo, em candidez cobérto?
Soprou-me amor no peito, rìo de gôsto,
E rindo foi rasgando esse ar abérto.

ODE.

Em 23 de Dezembro de 1805, dia dos meus annos.

Primum ego me illorum, dederim quibus esse Poetas,
Excerpam numero. HORAT. *Lib.* 1, *Sat.* 4.

VATE, que mandar quer á Eternidade
Seu nome, e seus escriptos,
Talhe os seus pensamentos, talhe as vózes;
Pelos móldes de Pìndaro.
Imprima na memoria, que sentado,
Co' as Musas, com Horacio,
O vê n'um Tribunal sevéro, augusto,
Onde condemna, e risca
Quanto mìngua da Lyrica sublime,
Que em seus cantos resôa.
Assim moldava Elpino as suas Odes,
E com nóbre ousadìa
Ia ao conclave douto appresantá-las.

De Elpino ao lado, Alfêno
Cantatas, e Sonetos, e altos Hymnos
Tambem lá modulava.
Ambos louvor das Musas conseguião.
Póbre de mim, coitado!
Que nunca irei, co'a minha ensôssa prósa,
Causticar os ouvidos
Das Musas, nem de Horacio, nem de Pìndaro:
Quando mórmente a idade,
Com mão avára, me murchou na mente
Toda a flor, todo o brilho
De ingenhosas ficções, de altivo canto.
Muito ha que é já volvido
O tempo, em que eu cantei Gama, Alboquerque,
Cantei Delmiras, Marcias,
Com sons, que eu escutava á minha Clio;
Essa Clìo, que olhando
Minhas cãas, me deixoũ ao desemparo,
Para ir folgar mui prompta
C'os Alumnos, que inspira lá na Elysia.
Traz mágoas mil comsigo,
A Velhice (1); e não é a menor dellas,
Quebrantar os impulsos
Com que o Génio ao sublime se arreméssa.
Hôje mesmo, que esfórços,
Máis que sobejos fiz, por dar um salto
A's margens do Permésso;
Exhausto o corpo, os pés enfraquecidos
Negárão obediencia:

---

(1) Multa senem circumveniunt incommoda. HORAT. *de Arte.*

Fiz promessas a Phébo, invoquei Musas;
Contei-lhes, que era o anno
Sôbre-pôsto ao meu lustro quatorzêno;
Inculquei-lhes com súpplica,
Que dous leáes Amigos, que Delmira,
Em dia tal esperão
Divinos tóques de canóro pléctro
Que celébrem o assumpto.
Inutil foi o esfôrço, o rógo inutil;
Fiquei áquem das margens,
Lastimando meus fados desvalìdos.
Apenas lá d'um éccho
Respirou uma vôz fraca, e mesquinha,
Com este desconsôlo:
—És vélho, e um vélho só, com sons caducos,
Desentôa ruîns tróvas. (1) —

Filinto Elysio.

---

(1) Com effeito quem conta 71 annos não curte fébres de enthusiasmo.

SONETO.

MOTTE.

Dons á bellêza, dons ao dôce canto.

GLOSA.

Os pássaros, nas azas pendurados,
Se esquécem da consórte, e do sustento:
Reprime o Nóto o desenvôlto alento,
E os brutos se suspendem de enlevados.

Déscem dos altos montes, descarnados
Os troncos de tenace fundamento;
Párão os Astros, no alto firmamento,
Brótão flores nos sêrros descampados.

Lá érgue a vista a Madre Natureza,
Da lidada officina, a ver quem tanto,
De em seu lavor forçá-la, tóma a emprêza.

Vio-te, oh Marcia, e te ouvio. — Tal déste encanto,
Que, em mimo te prendou, c'os que máis préza,
Dons á bellêza, dons ao dôce canto.

~~~~~~~
~~~~~~~

ODE

AO ILL^MO^. E R^MO^. SENHOR

Francisco-Antonio MARQUES GIRALDES.

Do Conselho de sua Majestade Fidelissima, seu Deputado na mesa da Consciencia e Ordens, etc. etc.

Murus aeneus esto
Nil tibi conscire, nulla pallescere culpa.
Horat. *Lib.* 1, *Ep.* 1.

Feliz, quem no silencio descansado
Das avîtas herdades
Despio da alma os cuidados inquiétos;
E, quando se érgue o dia,
Vai saûdar o Sol vermêlho, e claro,
Limpa a mente de crimes;
Põe seu disvéllo, põe seu passatempo
Na madura seára,
Que com grávida mão lédo espargira;
Cólhe o sab'roso fructo
Pelo tronco sylvestre perfilhado;
Bébe a dôce fragrancia
E a nova flor, que lh'a orvalhou a Aurora
Para amigo recreio

Dos ólhos, que despértão, para verem
Seu matinal triumpho.
Feliz quem vai, quando o Calor recrésce
Por entre verdes sombras;
Com Séneca nas mãos, Sócrates na alma
Contemplando a bellêza
Da rara, formosissima Virtude;
E encontra entre os serrânos,
Vestigios de seus pés, quando fugindo
Das túrbidas Cidades,
Lhes deixou, por presente, a singellêza.
Porêm máis venturôso
Quem, como Tu, no agudo precipicio
Da gloria, e da privança,
Do prumo da Razão o alto Juîzo,
Co' as válidas refrégas.
Do vento das Paixões, vergar não deixa.
Quem, com Virtude activa,
Acha o prazer no Cháos tumultuoso
Das espinhosas Lidas;
Quando soccorre co' a Sentença justa
Os desvalîdos Orphãos;
Quando alcança, do Rei mal-informado,
O perdão do innocente:
Ou cercado de Crimes, de Lisonjas,
Se ólha, e se vê sem mancha.

~~~~~~~~~~
~~~~~~~~~~

Á MORTE

DA SENHORA D. M. J. R D.

Desde hôje, ás áras do înfero Tyranno,
Com mão tremente vóto a més a lyra,
Que discantou Delmira,
Delmira hòje vassalla de Sumâno (1).
Amantes cantilênas,
Delirios deleitosos.
Dai lugar a cuidados tenebrosos;
Que eu devo aos Mânes seus, de agudas penas,
De lágrimas tributo.
Vós, que as cinzas cubris, sitios de lutto,
(Lédos campos outróra,)
Por abónos vos tómo d'este pranto,
Que aquì, com amor tanto,
Minha alma in-consolada ante vós chóra.
Dai-me a minha Delmira, oh Deoses duros,
Que lhe déstes bellêza, e as prendas raras,
Com que orna o Céo as Deosas máis preclaras,
E aos meus desejos puros.
A melhor lhe negastes, invejosos;
Não lhe dar de immortal dias ditosos.

---

(1) Sumâno, Deos dos Infernos, é o mesmo que Plutão, Dite, etc. Homéro, Virgilio (a quem seguio Fenelon, com outros modernos) põe á ilharga dos Infernos os Campos Elysios, onde estão os Heróes, e as pessoas de virtude, e merecimento.

ODE

Ao meu Amigo Mathevon, em dia de S.to Antão.

Dulci digne mero non sine floribus
Cras coronaberis.
HORAT. *Lib.* 3, *Od.* 13.

JA' de ti disse Horacio (grão Propheta!)
« Qual fonte de Blandusia
» Coroado serás, serás banhado
» Em dôce Carcavéllos, »
Escondendo o fatîdico prenuncio
No disfarce da Fonte.
Fonte de Probidade, fonte de Honra
Igual vinho, iguáes flôres
Se te preparão: dous concorrerêmos,
Com festival empenho,
O augurio a confirmar do amigo Flacco;
O bom Dittmer c'o sumo
Das videiras da Elysia, e o bom Filînto
Co' as flôres das Aonias. (1)
« Vive feliz — e tantos annos contes
De dourada ventura,

(1) Verdade é que foi minha intenção ir jantar com o meu amigo Mathevon de Curnieu, no dia em que seus Filhos, e seu Genro lhe celebrárão os annos; e é tambem verdade (custosa de dizer!) que lh'os não fui eu celebrar, por não ter sapatos, nem com que os comprar.

Quantos os filhos teus, os teus amigos
Te implorão do alto Nume.
Vejas os Nétos de teus Nétos culto
Darem ás Divindades,
A's Virtudes, que em ti posérão templo;
E em mui solemne côro,
No Natalicio teu vejas as Musas,
Empinar dôces brindes.

DOS FASTOS,

LIVROS XII.

LIVRO I.

Tu, que os dias governas compassados,
Astro brilhante, amor da Natureza,
E Tu, que ás noites dás desigual lume,
E a terra, e o mar com brando influxo animas;
Meus vérsos aspirai, pregoadores
Das festas, dos costumes revolvidos
Na annual carreira dos trabalhos vossos;
E o tímido Poéta olhai affaveis.
Começa, oh Musa, a bafejar-me o canto.
Dize, como o Restaurador do mundo,
Hôje com sangue rubricou Divino

Os ensaios da Redempção sagrada :
Como intacto acceitou da culpa a nódoa ,
De Senhor , por bem nosso , feito escravo.
Mas tu para mysterio tanto , oh Musa ,
De alento escassa , e de turbada vista ,
Da luz que te deslumbra abaixa os ólhos ;
Téce os meus vérsos de terreno assumpto.
Mal da Aurora , no seio apavonado ,
A luz aponta , que nos abre o dia ,
E as portas se descérrão do anno nôvo ;
Aládo enxame de gentîs idêias
(Que no ar as azas húmidas battião ,
De Morphêo espreitando a lenta fuga)
A mente assaltão dos mortáes despertos :
Qual orvalho de aljôfar disparzido ,
A Lisonja , a Ambição , as amorosas
Conquistas , as magnîficas Promessas
Banhão do cérebro o ávido terreno.
Já dos Bons Annos férvida cohorte
Busca as portas dos Riccos , invejadas ;
Bandejas de xarão lhe vem no alcance ,
Co' as trouxas loiras , com os pardos fartes ,
E c'os antigos bôlos de refêgo ,
Caseiro dom dos nossos bons Maiores :
Algumas Vós mandaís , mimósas Freiras ,
Devotas méstras de bonéca , e dôce ,
Ao nédio Confessor escrupuloso ,
E ao bem-fallante , apessoado Primo.
C'o trótte das saxî-fragas carroças
A Calçada d'Ajuda atrôa , e tréme ;
A roda range , os cubos se abalrôão ;
Grita o cocheiro , o açoite silva , e estála ;
Cresce o embaraço , descompõe-se a fila ,

Da liza portinhola um désce o vidro,
E açula o boleeiro; outro escumando
Pede ao Sól por frisões o Ethonte, o Eóo,
Por não ser de outro côche atraz deixado:
Em quanto ás ancas da ronceira mula
O Desembargador chupado e gêbbo
Cóça a miúdo c'os cordões já gastos;
E a vélha alugatriz se encosta ao muro
Co' gordo Provincial entabacado;
Porque o Duque, e o Bandeira os não enguice.
Táes vio Elis, na Olympica contenda,
Reis e Heróes sacudir as doutas rédeas
Aos duros, velocî-pedes cavallos.
Férvem as rodas nos fumantes eixos;
Eis se atraza, eis precede, eis passa adiante
Outro carro de brutos máis fogosos,
Que o perigo despreza, ou não conhece.
Tal, das praias de Acestes vio Néptúno,
Nas rebatidas aguas, que branquejão,
As Phrygias Náos vencer, e ser vencidas,
Quando os Deoses, com braço poderoso,
Esta impellem, aquella não ajudão,
Ou n'um baixo se engasga a máis ligeira,
Já se apêão na salla dos Tudescos
Luzidos Cortezãos, tuffados Béccas;
Aqui o Militar agaloado
Saúda o Principal de longa cauda;
Alli c'o hábito ricco, o Cavalheiro
(Inda ha pouco villão) busca c'os ólhos
Em que róda de nóbres se afidalgue;
Um pessante Geral de duas barbas
Lá falla, ao canto do balcão de vidros,
Nas tézas conclusões de Theologia,

Nas distinções, com que tapára a bòcca
A doutos Mestres, que a encová-lo vînhão,
E a dar-lhe as calças, que elles bem levárão.
N'outro corrilho Nóbres Puritanos
De avós pôdres a teia desenrólão:
« Aquî não ha Judêo; meu sangue é limpo;
» Lucrecias (1) fôrão todas as Espôsas
» De meus Christãos, guerreiros avoengos. »
  Léves sussurros, mal rasgados risos
Ora partem daqui, ora se chegão.
Aqui se escarra, alli da caixa de oiro
Battida com desdêm, o pó se off'rece.
D'este lado a Lisonja carinhosa
Baixa a cabèça, encosta as mãos ao peito,
Os termos méde, o cumprimento adóça;
Do outro a fôfa Bazófia empavezada
Faz alarde da bem bordada véstia,
Da larga fita, em que arfa a cruz comprada,
E c'o inquiéto brilhante affaga a tésta,
Cóça uma e outra orêlha não péccantes.
Encostada ás riquissimas parêdes
Destórce as tòrpes ròscas a Calúmnia,
E sópra (não sentida) atro venêno,
Que o Zêlo, que a Ambição déstros fomentão;
Porque melhor no incauto peito cále.
  Mas, eis que a porta se abre, o Rei se avista:
Um só cuidado as mentes alvoróça:
— O garbo da airosissima mesura. —
Oh quanto é máis feliz o villão tôsco,
De rubicunda, prazenteira face,

(1) Se como a Lucrecia Romana tiverão seus Tarquinios, que as dormissem; não consta que como ella se apunhalassem.

Que em tôrno da lareira co' as saloias
Canta ao som da vióla, que reclama,
As simples tróvas das pagãas Janeiras:
Que o cangirão empina, a sertãa méche
Do saboroso lombo, que rechîa;
Sem pretender do Céo maior riqueza,
Que uma farta colheita, e um manso Cura!
Pérto das bordas do sobêrbo Téjo;
Que as vassallagens recebeo outróra
Do Ganges, do Indo, e do Amazonio rio,
Se érgue um marmóreo templo, onde reside
Quem, sobre o manto, navegou sem mêdo
As Itálicas ondas, salvo, e enxuto.
Dias Treze, a que a vãa Gentilidade
Deo o nome da bella, e impura Deosa,
Convidão as Donzellas Lisbonenses
A buscar d'esse Santo as puras aras:
Devotas umas vão, outras não tanto,
Mas todas confiadas na valîa
Do Intercessor do casto matrimonio,
Unico vóto das não-frias Nymphas.
Vós o sabeis austéros Cenobitas,
Que recebeis os óvos, e as pescadas,
Insigne dom da piedosa fôrça,
Com que ao Céo esta graça quasi arrancão.
Salve, radiosa Estrêlla, que guiaste
Por ignótos caminhos, desviados
Os tres Reis, os tres Sabios venturosos,
Da resgatanda gente altas Primicias.
Que prazer! ver prostrados tres Monarchas
A's plantas infantîs do Rei supremo!
Prostrado eu vi seguir-lhe o exemplo vivo

Jozé, Rei sem igual dos póvos Lusos (1).

. . . .
. . . .
. . . .

MADRIGAL.

NÃO te captivem púrpuras nem ouro,
Oh Philis insensiva:
Se a púrpura nos labios tens máis viva;
Se no cabêllo louro
Tens mina do metal máis cubiçado,
Põe alvo ao teu cuidado
Máis subido em valor;
Põe o dom de que o peito teu carece,
Chamma de puro Amor,
Que no meu tão activo resplandece.

---

(1) Tinha, á imitação de Ovidio, começado estes Fastos, onde désse conta das nossas festas christãas, das nossas romarias, cirios, festêjos que as acompanhão, e outros ritos, que são de nosso uso; quando uma doença, e depois outras occupações me atalhárão de os continuar. Deito este bosquêjo a Deos e á ventura; se me constar que agrada, proseguirei, incluindo nelle os avisos que me viérem das pessoas, que quizerem concorrer para consagrar, n'um poêma nacional, os usos que recebêmos de nossos Maiores, ou os que nós instituîmos.

ODE

A' Senhora D. E. R. de M. S.

Hic, quos durus Amor crudeli tabe peredit
Secreti celant calles, et myrthea circum
Sylva tegit. Virg. Æneid. *Lib.* 6.

Em quanto os ólhos de Élia me aquécião,
E a face eu confiava ás brancas ondas
De seu mórbido seio, Amor benigno
Me bem-aventurava.
Mas dêsque terra e mares pôz em meio,
E os frîgidos Britões c'o rôsto alegra,
Meu triste coração trasborda em mágoa,
Que pelos ólhos vérte.
Ai que em pedaços sinto a alma estalar-me
Aos abraços da Ausencia! A' bôcca sêcca
Se pégão as palavras fugitivas,
Atadas aos suspiros.
A Saudade de rôsto macilento
Com descarnadas mãos me esfria, e géla;
C'o enfermo sôpro as carnes me definha,
As côres me desbota.
Busco a mudez opaca das florestas;
Onde a minha alma vaga em seguimento
De errores cégos, céga vai buscando
Despenhados desvîos.

Por valles de má sombra, mudos, oucos,
A'rvores de que pendem vultos feios,
Se me desliza o passo; aqui dão ais;
Dalli trémem soluços.
De rôtas vèias ouço golfár sangue:
Damas gentîs, mancêbos engraçados,
Indignos de soffrer tão cruas mortes,
Dão os fináes arrancos.
Esta é a infeliz Dido: alli cravada
Nos alvos peitos, thrônos de Cupido,
Tem, a que Enéas deixa a melhor uso,
Desamorosa espada.
Tambem jazes, Leandro malogrado,
Affoito por teu mal, molhado ainda,
C'os hirtos braços, de nadar cansadôs,
A praia tenteando.
Mas, que vejo! No fim do bosque se abrem
Portas de oiro lavradas, bipartidas;
Mil Cupidos brincões batendo as azas,
Pelos ares se espalhão.
Lá sáhe Amor co' as mãos vertendo sangue;
C'o a sétta, a que inda ha pouco afiou (1) as farpas,
Còrta em pedaços corações amantes
O maléfico Nume.
« Céva esse vil furor, céva, Maligno,
» Nos innocentes peitos teus vassallos,
» Em quanto contra ti se não rebéllão
» Os covardes humanos:
» Em quanto Jóve, em quanto os Deoses todos

---

(1) — — — Cupido
Semper ardentes acuens sagittas
Cote cruenta. HORAT. *Lib.* 2. *Od.* 10.

» Te não lanção do Céo, te não castigão
» Pelas tuas cruêzas inauditas,
» Por tuas barbarîas.
» Em quanto o Céo não chóve irados raios,
» Que os pérfidos farpões, cruentas azas,
» Queimem; e as sêccas cinzas testemunhem
» As punidas façanhas (1).
» Tu não és Deos do amor, és Deos das Furias;
» Nem Plutão, como Tu, dá penas, e ancias
» Aos tyrannos, aos impios malfeitores
» Nas lôbregas moradas.
— Praguêja — (me tornou o Deos protérvo)
— Que em vós o praguejar é uso antigo;
— Vós nada sois sem mim. Não te queixavas
— De mim, nos braços de Élia.

SONETO.

Detesta o Navegante o mar infido
Molhando o chão co' as véstes alagadas;
Mas lógo surca as ondas infamadas,
Onde o seu cabedal deixou perdido.

---

(1) Acer Amor, fractas utinam tua tela sagittas
Scilicet extinctas aspiciamque faces. Tibul.

Gran fiamma ardente
Veggi d'al ciel cader su le tue ali,
Ch'arda à te l'arco, la corda e li strali,
E tue menzogne al tutto sieno spente. Petrarc.

O Jogador, de azares perseguido,
Se blasphema do acinte das cartadas,
Perdido o ódio ás Cartas blasphemadas,
Torna ao combate, em que ficou vencido.

O Soldado ferido tórna á guérra;
E o experto Lavrador nóva semente
(Confiado em melhor) entréga á terra.

Assim de teus desdêns vou descontente,
E a Razão longe delles me desterra;
Mas tórno a teus desdêns em continente. (1).

ODE

AO SENHOR LUIZ JOZÉ GUIDO LANDRY,

DE VAUX LANDRY.

Festo quid potius die
Neptuni faciam? Prome reconditum
Lyde strenua Cæcubum
Munitæque adhibe vim sapientiæ.
HORAT. *Lib.* . . *Od.* 28.

I.

SENTADO á mesa c'um fiel amigo,
Cravados em Delmira os brandos ólhos,
Fácil esquéço

---

(1) Juravi quoties rediturum ad limina numquam;
Cum bene juravi, pes tamen ipse redit. TIBUL.

Feias tristezas,
Agros cuidados.
Amor com a Amizade, alli unidos
A taça me apresentão,
Que das mãos do gostôso Baccho tomão.

II.

Apenas pelo seio se derrama
A dôce chamma do despérto Nectar,
Surgem ligeiras
Verazes notas
De antigos gôstos,
Que abafadas jazião sob o pêso
Do morôso infortunio,
Nos cansados retrêtes da Lembrança.

III.

Lá brilha o santo, o favoravel dia
Em que primeiro vi da térna Marcia
Os rutilantes,
Os deleitosos
O'lhos sem-par,
Que Amor, para aditar-me, em seu thesouro
Guardára longo tempo,
E a Marcia os déra, para máis não dá-los.

IV.

Vem juntas de tropel as dôces horas,
Que passei com Thyrséa e com Anarda:
Fugaces bandos
De accêsos beijos,
Térnos abraços

Lédos perante os ólhos me revôão :
Descerrados escritos,
Por entre elles, caricias alardêão.

V.

Travêssos Furtos, de ladinas azas,
Me tomão sobre si, me levão longe
A' flórea vársea,
Em que o teu templo
Formôso e dino
Estende em tôrno as alvas columnadas;
Junto d'outro que enfeitão
Verdes festões de pâmpanos inquiétos.

VI.

Este alvo Ancião, de veneranda fronte,
Teu Sacerdote, oh Venus, teu oh Baccho,
Nos templos ambos
Com almo riso
Dá leis jucundas,
E com as leis infunde a Sapiencia :
Que jaz no prazer sóbrio,
Não em rigor austéro, a sãa Virtude.

VII.

Saudoso Vélho, ha muito eu te conhêço.
Tu fôste o Mestre de meu douto Horacio :
Na alegre Téos,
Todo enramado
De murta, e de héra,
Cantavas as doutrinas saudaveis,
Que na estrada nos guião
Do alongado viver gostôso, e puro.

VIII.

Aquî do meu pensar ponho a baliza :
D'estes dous templos servidor devóto ,
Nos tempos vagos
Do meigo officio,
Na tua escola
Tomarei as lições , com que Minerva
Te embebeo a memoria ,
De teu subtil ingenho namorada.

IX.

Aquî trarei , se facil m'o concedes ,
A mimosa Delmira , humilde alumna ,
Que os dons sagrados
Ante os altares ,
Com culto aceio
Porá com mão devota , e vigilante :
Vestal de ambos os Numes ,
De ambos os fógos tomará cuidado.

X.

E ao caro Vaux-Landry , que mui bem póde
No respeitavel cargo succeder-te ,
Quando pesada
Co' vapor santo
A branca tésta ,
Queiras no seio amavel repousá-la
De appetitosa Nympha ,
Té que venha Morphêo adormecer-te.

EPIGRAMMA.

PARTIO Delmira tão desattentada
Para uma romaría,
Que só deo fé das luvas, que esquécia,
Dos dentes, e da cara arrebicada,
Quando era já alto dia.

ODE (1).

AO ILLUSTRISSIMO SENHOR

DOMINGOS PIRES MONTEIRO BANDEIRA,

Fidalgo da Casa de sua Majestade Fidelissima, e Escrivão da sua Real Camara.

Lætus in præsens animus, quod ultra est
Oderit curare, et amara læto
Temperet risu. — HORAT. *Lib.* 2, *Od.* 16.

EM quanto abre as janellas do Oriente
A Môça de Titan, e enxuga, e sécca
Os molhados lençóes em que dormira
O frêsco Hyperionio;

(1) Péço aos meus leitores que não reparem no destempêro desta ode, porque estava no delirio de uma febre, quando a fiz.

E varre o Sól co'a loura cabelleira
Os Alpes, onde o Hynvérno despejára,
Das abas do roupão, as alvas natas,
Que mandou vir de Nórte;

Filinto na ouca idéia repassava
O triste fado seu, a Igrêja, os Frades;
A procissão dos dias aziagos,
E os andôres dos Reinos.

Via os Assyrios, Médos, Pérsas, Grêgos,
Romanos, Chins, Arabios, Jesuitas
Sorver sôffregos terras, e dinheiro,
E impando arrebentarem.

Hércules córre o mundo affadigado,
Já desmancha os engonços das queixadas
Do Leão Neméo, ou já laranjas furta
A's desdentadas Fadas:

O tôrto Annîbal dá rebate a Roma;
E o Gama vai, por entre insanos mêdos,
Achar o Çamórim muì repimpado
Na camilha de téla.

Hoje apenas entufa co' esses nomes
O Macedo um sermão gratulatorio;
E Jóve, quando accorda, mal se lembra
De seu filho Alexandre;

Ou já travando do immortal adufe
Da poderosa Juno, tócca a fôfa,
Que faz dançar os O'rbes, dá dous trincos
Para as lidas do mundo.

Quando as Parcas, co' as mãos encarquilhadas,
Fião na rocca a estriga dos Destinos,

Mal sentem pelos dêdos engasgar-se-lhes
Uma campal batalha.

Dorindo (eu sempre o disse) o máis sizudo
É ter vintens na bôlsa , e a boa pinga ,
Daquella que espremeo Lyeo nos dôces
Lagares da Chamusca ;

Boa mesa co' alegre amigo em frente ,
E ao lado a môça de magânos ólhos ,
A quem deitou o Cura a santa benção ;
Em bençãos não-perluxo.

Deixa aos Embaixadores a Etiquêtta ,
O Equilibrio aos Polìticos profundos ,
Ao Papa o Consistorio , e que recêe
Da Côrte de Vienna. (1).

MADRIGAL.

Esta , que a margem beija , Onda fágueira ,
A Rosa que ao ar sólta o aureo enfeite ,
E a , que entre as folhas ri , Aura ligeira :
« Amai (nos diz) ; amor é grão deleite. »
Dóbra-se a dita , com dobrar a chamma ,
Nos peitos , que Amor une estreitamente.
Tem só uma alma quem amor não sente :
Tem duas quem bem ama.

(1) Nesse tempo o Imperador Joseph II, traçava certas reformas no tocante aos Ecclesiasticos, das quáes tomou tanto susto o Papa , que acodio a Vienna , na intenção (se podésse) de lhe deitar água na fervura.

ODE (1)

AO SENHOR BACHAREL.

DOMINGOS MAXIMIANO TORRES.

NAS veias me arde o fôgo, que irritava
De Juvenal as iras :
De austéras córdas despeitosa Musa
A Lyra me remonta.
Como usurpárão da Razão o reino
Os Erros dos estúpidos humanos!

Alfêno, que a Razão afformozêas
Co' brilho da Poesîa,
Tu, que accompanhas o saber profundo
Com as venustas Graças;
Tu me julga. Que é feio ser julgado
Do Pôvo, para sãos juîzos cégo.

Vê como a fronte altêa esse orgulhoso
Sôbre os da sua estôfa,
Temerario sagaz, bem succedido
Com milhões de baixezas,
Com tôrpe adulação, forçou injusto
Os inconstantes coffres da Fortuna.

---

(1) Esta Ode foi (segundo dizem) Alemãa de nascimento : eu achei-a transplantada já em prósa Franceza, quando a traduzî, e puz em vérso.

Ouve o nome de Grande, que lhe entôa
A Plébe embrutecida;
Vê como de luz falsa lhe ornão raios
A presumpçosa tésta;
Como, por entre as télas roçagantes,
Revê do coração a nódoa impura.

Já, traz elle, caminha a passó lento
O Juîz incorrupto;
Éra vindoura lhe assinalla o cêpo,
Que os crimes seus requérem.
« Déra á Traição (lhe diz) tambem seu premio,
» Quem tal premio aviltou em teus serviços.

Desdoura altas facções tenção humilde.
Darás nome de Grande
Ao que emprendeo aváro, ambicioso
Os trabalhos de Alcides?
Não. Que do lôdo, em que se atóla o Vulgo,
Nunca, a ver a Virtude, ergueo os ólhos.

Vai, trilha, oh Alexandre, a Asia vencida;
Visita o baço Scytha;
Corre o clima que banha o vasto Euphrates,
Areias que o Sól queima;
Léva ás praias do Gange, ao mar remoto
Saúdosos guerreiros, insoffridos:

De batalha em batalha arranca louros
A' tumida Victoria,
E, prenhe o seio de indomado orgulho,
Assobérba-lhe os thrônos,
Québra-lhes sceptros, despedaça as c'roas
Dos sanguinosos, bárbaros Tyrannos.

Não te enterneças, gema sotto-posta
        A teus ferreos desejos
A Natura ultrajada, as mãos erguendo.
        Que indignada a Virtude,
Travando-te da coma laureada,
Te arremessa entre os Tântalos famintos;

E, voltada ao guerreiro generoso,
        Que armou o braço duro
Em defensa da Pátria acomettida,
        Com gôsto o Heróe abraça,
Que vérte o sangue seu, o alheio poupa;
E de immortal renome o véste, e adorna.

Tambem abraça alvoroçada o Sábio,
        Tenaz na tenção boa,
Que em quanto afia a adaga o Fanatismo,
        E espalha o Erro trévas,
Cóbre com triple escudo a sãa Verdade,
Com mal-pago serviço adita os homens.

Quem máis lhe apraz que Tu, de Heróes modélo,
        Timoleon o justo!
Tu, que a Dyniz, banhado em sangue humano,
        Calcando a Pátria mésta,
Co' a livre espada em punho, despediste
Dos mal-captivos muros, detestado?

Já Syracusa sacudio da frente
        O tyrannico opprobrio:
Já nos braços acolhe, e no almo seio
        A abastança, a alegria....
Mas qual te espera, Cidadão sagrado,
De tão preclaras obras preço digno?

O canto dos convites não medrosos
Dos contentes patricios,
(Dês-que o teu séc'lo d'ouro, ao ferreo séc'lo
Sôbre-puseste affoito,)
Que ao longe ouves no teu asylo, vence
Da lúbrica Lisonja os dons forçados.

Lá vai levar sôbre as douradas azas
A's duradouras Musas,
A Glória, o louvor justo, que te deve.
O'lha como os seus hymnos,
Adejando ao redór do teu sepulcro,
Dão movimento aos louros sempre-verdes.

MADRIGAL.

Tremem dos Reis os pávidos humanos;
Dos Numes os Sob'ranos:
Mas contra os Reis, e os Numes, Vós Senhoras,
Daes triste, ou lédo fado
A' subjugada terra:
C'um volver de ólhos térno, ou agastado
Dáes a paz, dáes a guerra.

ODE.

Et te sonantem plenius aureo
. . . plectro. — HORAT. *Lib.* 2, *Od.* 13.

PELAS rôtas entranhas dos penhascos
O squálido Mineiro
Arrisca escravos, barateia a vida,
Em trôco da aurea veia,
Que a Térra cauta néga aos tôrpes usos
Dos mortáes imprudentes;
Qual a prevista Mãe néga ao filhinho
O ponte-agudo férro.
Bem pre-sentírão os sagazes Numes,
Que os filhos de Japêto
Deixarião pelo ouro a Sapiencia.
Junto á Tartárea abóbada
Posérão o ouro, nunca melhor-posto, (1)
E á flor dos Céos, e Térra
As sciencias expondo, expondo as artes (2)

(1) Aurum irrepertum et sic melius situm
Cum Terra celat. — HORAT. *Lib.* 1, *Od.* 3.
At mehercule terra, quæ quidquid utile futurum nobis erat protulit, ista defodit ac mersit, et ut noxiosis rebus, ac malo gentium in medium prodituris toto pondere incubuit. — SENEC. *de beneficiis. Lib.* 7, *Cap.* 18.

(2) Expondo á vista os assumptos, em que as artes, e as sciencias se emprégão.

Commettêrão tentá-los
Com os unicos bens uteis aos homens.
Mas somos baixo lôdo,
Propensos sempre á nossa térrea origem:
Poucos á luz Céleste,
Que este lôdo animou os ólhos alção.
Feliz quem ólha, Alcippe,
As causas, e a cadeia dos succéssos;
E como Tu, constante
No pedestal seguro da Virtude,
Verá os Céos fender-se,
Affoguear-se o ar, o chão alluir-se,
Sem mudar de semblante.
Graças ao teu Saber profundo e vasto,
E ao relevante Esp'rito,
Com que acima dos transes empolados,
Impávida surgiste,
E vês da salva práia os naufragantes
No pélago do Mundo. (1)

SONETO.

Que crueza, Meu Bem, que tyrannîa
A tua, em ir a insîpidos abraços,
E desatar aquelles dôces laços
Que tanto nos prendêrão algum dia!

---

(1) Suave mari magno, turbantibus æquora ventis
È terra magnum alterius spectare laborem.

Lucret. *Lib.* 2 *in proœmio.*

Porque não deixas que eu, da sórte impîa
Chóre a ferêza em teus saudosos braços
E, rôto o coração em mil pedaços,
Dê campo á dôr em tua companhia?

Lastimando-nos ambos dos disgôstos,
Com que, em tal roubo, nos afflige a Sórte,
Juntem-se, como os corações, os rôstos.

Será bem meigo alîvio em dôr tão fórte,
Ou restaurar comtigo antigos gôstos,
Ou nos teus braços esperar a Mórte. (1)

ODE

AO ILLUSTRISSIMO SENHOR

DOMINGOS PIRES MONTEIRO BANDEIRA.

Fidalgo da Casa de sua Majestade Fidelissima, e Escrivão da sua Real Camara.

Oh Pudor!
Oh magna Carthago, probrosis
Altior Italiæ ruinis.
HORAT. *Lib.* 3, *Od.* 5.

As armadas undi-vagas povôão
Os mares das Antilhas,
E as praias n'outro tempo descampadas:
Aqui d'Estaing sem mêdo,

---

(1) Sed pariter miseri socio cogemur amore
Alter in ulterius mutuo flere sinu.
PROPERT.

Alli Rodney ditoso, de Amphitrite
As planicies retalhão.
Já á vista das bandeiras inimigas,
Os animos accêsos,
Sôltas as vélas, os canhões troando,
De cem Vulcâneas bòccas
Sáe a Mórte, em pelouros desparzida;
E as róchas ponte-agudas,
Que a bórda encréspão das patentes ilhas,
Estremécem co' estrondo
De bronze rouco, que rimbomba e brama.
As trepidantes aguas
A's plácidas cavernas chrystallinas
Denuncião os sustos:
Já c'os verdes cabêllos destrançados
Espavoridas fógem
As Nerêas, no fundo mar que fréme:
Agastado Néptúno
Sacóde a rédea aos bi-pedes cavallos,
E, em pé na crêspa concha,
Pelo azul campo os ólhos estendendo,
Busca em vão as affoitas
Lusas Náos, cubiçosas de conquistas.
Vê Lyses, vê Leopardos (1)
Raros outróra (2) nos confins do Oceano,
Tremolar hôje ovantes

---

(1) Leur corselet paraissait mi-partie
De fleurs de lys et de trois Léopards.
Pucelle, Chant 18.

Ce sont les armes d'Angleterre.

(2) En 1582 toutes les forces maritimes de l'Angleterre consistaient en 2 vaisseaux de 46 canons, 7 de 40, 9 de 32, 5 de 26,

Dêsde a frîgida Thule ao rôxo Eôo;
E o Bátavo pesado
Na cheirosa Ceilão, rica Malaca
Promulgar leis lucrosas.
« Nétos de Gama, Nétos de Alboquerque »
(E arranca alto suspiro
Néptúno, que assim brada) « envergonhai-vos.
» Que é do trisulco sceptro,
» Que entreguei ao valente Aventureiro
» Que arou primeiro, ousado,
» O ignoto mar da apavonada Aurora?
» Aquellas Argos Lusas,
» Cheias de Heróes, que a Mauritana escola
» Criára e endurecêra, (1)
» Já não trilhão meu reino, desenvoltas?
» Os braços alargando
» O santo Gange, (2) o saudôso Euphrate (3)
» Vos chamão, vos acenão;
» E co'as preciosas praias vos convidão.
» Perdeis da adusta Mina

---

7 de 18, 6 de 14. Total 36; et 11 galères montant 4 canons chacune. — *Journal de Genève, du* 14 *septembre* 1782. *Précis des Gazettes anglaises.*

(1) 4,000 Portugais ne firent-ils pas trembler à-la-fois l'empire de Maroc, les barbares d'Afrique, la célèbre milice des Mammelucs, les Arabes, tout l'Orient enfin, depuis l'isle d'Ormuz jusqu'à la Chine?

Essai sur le Despotisme, pag. 138.

(2) Os Gentìos que se banhão no Ganges, se crêm purificados de toda e qualquer culpa.

(3) A' borda do Euphrates choravão os Judeos de saudades de Jerusalem.

Super flumina Babylonis.

» O bem-ganhado auri-fero dominio ?
» Desamparais imbelles
» Dabul , Cochim , a estranhos Mercadores ?
» E essas terras outr'ora
» Cobértas de triumphos Portuguezes ;
» E o verde imperio meu
» Que tingieis de sangue a cada passo ,
» Consentireis surcado
» De Sarmatas , Cimmerias , Daces quilhas ?
» A cinza dos Pachecos
» Pedio vingança ; e os Fados máis-que-justos
» Cobrîrão de cegueira
» Os ólhos veladores do Govêrno.
» Trajada de virtude ,
» Pregoando zêlo (oh dias desditosos !)
» Tomou a Ignorancia
» Nas mãos as chaves dos Estados Lusos ;
» Mal-avisado zêlo
» Na Asia , e na Europa levantou fogueiras ; (1)
» E as sévas labaredas ,
» Crestando as azas do liberto ingenho ,
» Mirrhárão sem regresso
» Da Lusa gloria as grádas esperanças.
» Aqui perdeis Molucas ,
» Alli Ormuz , Barem , Bornéo , Samatra....
» Eis o Oriental Tridente
» Vos começa a cahir das mãos inertes. —
» Elysia , abaixa os ólhos ,
» Os ólhos de taes mágoas quebrantados.
» Eis vão as boas Artes ,

---

(1) Inquisições de Goa , de Lisboa , de Evora , e de Coimbra.

» Mimosos gomos de allumiados tempos,
» Fanar-se ao sêcco sôpro
» Da pedante scholastica doutrina.
» Lá vai o incauto Môço (1)
» Dar ao alfanje o collo da Nobreza
» Nas Africanas costas. —
» Que lugúbres desastres não rebentão
» De empeçonhado tronco!
» As ordens do Destino se cumprião
» Na linhage imprudente;
» E ás garras dos Leões (2) auri-sedentos
» As Quinas (3) somettidas (4)
» O perennal opprobrio transpassárão
» A's armas triumphantes. (5)
» Nem póde o novo Rei, (6) do avîto thrôno,
» Com vozes poderosas,
» Chamar as Artes uteis foragidas,
» Que se atroão co' ruîdo
» Do tambor rouco, da estouraz granada.
» Eis, quando se abraçavão,
» Alviçáras recîprocas pedindo; (7)

---

(1) El Rei D. Sebastião, na guerra de Africa; induzido pelos Jesuitas, e estes ganhados por Philippe 2º. de Hespanha.

(2) As armas de Hespanha figúrão Leões.

(3) As armas de Portugal são 5 escudos em cruz.

(4) Philippe 2º. nos domina com suas costumadas artes, e contra as promessas juradas, nos quer reduzir a Provincia.

(5) As armas Portuguezas tinhão sempre triumphado na Asia, na Africa, e ainda dos mesmos Castelhanos: sujeitas a elles aprendêrão a ser vencidas.

(6) D. João o 4º. fez o que poude, para com as Artes e Sciencias; mas as guerras lhe impedîrão ir máis avante.

(7) Restauração das lettras sob Jozé Iº.

» E ás doutrinandas gentes
» Descobrião as faces radiosas
» Nos Lycêos franqueados
» Do sceptri-gero Téjo, e do Mondêgo;
» Fanático granizo (1)
» Cahio pesado nos pimpolhos tenros,
» Que a seus ólhos criava
» Sollîcita a Sciencia, para ornarem
» O Jozephino séc'lo....
» Fôstes Lusos; e a glória dos Maiores
» Mal doira inda os escudos
» Dos descuidados Nétos, té que a apague
» A mão caliginosa
» Da bronca Barbarìa, companheira
» Do ardente Fanatismo. »
Dorindo, a Musa affrouxa, e se enrouquece
De recordar na Lyra
Os convicios do Déspota dos máres,
E os revézes da Elysia.

NOCIVA E VAN FADIGA.

Porque vérsos compõe, e compõe prosa
Perde Clinio a saúde;
Por ter vida immortal, com lida anciosa
Se lança no ataúde.
Que immortalidade é desenxabida!
Para ser immortal, mattar-se em vida!

---

(1) Perseguição contra os litteratos, que despovoou Portugal de muitos bons ingenhos.

ODE.

Tal che le finte imagini godendo
Pasceva il guardo e la memoria antica
Nuove dolcezze già metteva in mente.

CHIABRERA. *Parte terza.*

Não queiras, Daphne, que na róda alégre
Dos Risos, que entre nós faustos revôão,
Ave funesta de agourado susto
Medônhas azas sólte.

Ante os teus lindos ólhos tão-risônhos
Qual terror póde vir tão atrevido,
Que, de vê los, não caia deslumbrado,
Por térra, esmorecido?

Com divino poder teus ólhos mandão
Revolver-se nas trévas do imo Avérno
A Pena, o Susto, a Dôr, mal que lhes vólves
As carinhosas luzes.

Com divino poder teus ólhos chamão,
D'entre os braços de Vénus graciosa,
Os mimosos Prazêres, e elles correm
Súbito ao teu regaço.

Tu és como essa Estrêlla desejada,
Que apontando nas pórtas do Oriente,
Com alvo e brando lume dá rebate
A' sombra entristecida;

E érgue no Passageiro, transviado
Por lôbregas florestas, mal-seguras,
O vulto ás esperanças, e o accorçôa
A endereçar caminho.

Tu, se, ao Captivo, em áspera masmôrra,
Cingido de grilhões, por entre os férros
Das apertadas grades, lhe mostrasses
Esses divinos ólhos,

Dar-lhe-hias tanto alìvio, que esquécendo
Os que lhe atou nos pés tôrvo verdugo,
Grilhões pesados, a adorar corrêra
Em ti dous Sóes, que náscem.

Viras raiar-lhe no ânimo esmaiado
Nôvo Astro de Fortuna ín-esperada;
Desvanecer-se a Fóme, o Tédio, o pêso
Dos carcerados membros.

Enlevado em teu gésto lindo, e meigo
A alma despira de supplicios, mórtes,
Que lhe agoura a prisão, e o Fado envôlto
Nos ódios do tyranno:

E, alargando a vontade a melhor sórte,
De teu olhar risônho concêbera
Assômos de saudar da Aurora a face
Em Liberdade amena.

Tal, na gruta do bruto Polyphemo,
O astuto domador da insana Troia,
Entre arrancos dos Sócios destroncados
Na ensanguentada rócha,

Vendo óssos, que entre os dentes se esmigalhão,
E os membros crûs, que trémem semi-vivos,

Devoluto ao azar de ser colhido
Da tôrpe mão ingente ;

Descortinando o lúcido horisonte ,
A que se assóma o Numen da Esperança ,
Em Ithaca , a Penélope avistava ;
E a Casa , e o caro Filho.

Divina vóz no peito lhe clamava
Máis brandos fados : sôpros de ventura
Refrescavão seu coração , cansado
De luttar com pezares.

Tambem Filinto escuras saudades
Supportou solitário em crua ausencia ;
Ferradas pórtas lhe fechou irado
Tyranno Desconcêrto. (1)

Mas os raios , que o peito me allumião ,
Raios divinos d'esses lindos ólhos ,
Em vivo quadro , alégres me pintárão
Esta presente glória.

Entre as sombras da squálida amargura ,
Me abrio alvo clarão amigo Génio ,
Onde vi a formosa , meiga Daphne ,
Cortejada dos Numes ;

E Alcippe , a Vate , pelo Céo voava ,
Chamando á Lyra os O'rbes estrellados ,
Quáes ao Thebano , promptas acudião
As árvores e as penhas.

---

(1) Desta Strophe nunca o A. me quiz declarar o sentido.
Nota do Editor.

INO E MELICERTA,

DEOSES MARÍTIMOS.

NUME era Baccho então de extenso brado
Em Thébas toda, e em toda a parte a Tia (1).
Do novo Deos contava os grãos podêres.
De Irmãas (2) tantas só ella escapa á mágoa
Commum, não á que as máis Irmãas lhe abrîrão;
Quando o peito lhe enchião de vaidade
A próle illustre, de Athamas o leito,
A deidade do Alumno. (3) — Olhou a Juno
E insoffrida, entre si « Poude da amiga (4)
O Filho transmudar Meónios nautas (5),
E affundá-los no pégo; dar do filho,
A' Mãe a espedaçar, vivas entranhas;
Tres Mineidas cobrir de estranhas azas;
E nada póde Juno? Ou tem sómente
De chorar sempre acintes não vingados?
Nisto cifro o poder? — Baccho me ensina

(1) Ino, irmãa de Semele, Tia e Ama de Baccho, espôsa de Athamas Rei de Thébas.

(2) Semele abrazada pelos raios de Júpiter; Autónoe, que perdêra seu filho Acteon, despedaçado por seus proprios cães; Agave, que tomada do furor de Baccho, mattou Penthêo seu filho.

(3) Baccho.

(4) Semele.

(5) *Vid.* Metamorp. *Lib.* 3.

O que obrar cumpre. É são tomar ensino,
E inda dos inimigos. Máis que muito
Penthêo môrto mostrou da Insania as pósses.
E Ino, porque a não pungem, nem abrangem
Das máis Irmãas os parentaes exemplos?
 Guia em mudo silencio ao pouso Avérno
Via esconça, que offuscão nêgros Teixos;
Névoas exhala a Styge apaúlada,
Aonde baixão as recentes sombras,
E os Manes, que lográrão sepultura.
A Pallidez, o Hynvérno muito pejão
D'este lôbrego sítio, e as novas almas,
Que a senda ignorão da Cidade stygia,
E do alcáçar feroz do nêgro Dite.
Mil entradas, mil pórtas rasga em róda
A abrangedora Côrte; assim o Oceâno
De todo o Orbe acceita os rios todos,
Cabe toda a alma no Orco; nem é estreito
A pôvo algum, nem cheia, que entre, o atulha.
Vagão sem corpo, e exangues leves sombras;
Parte a praça frequenta, parte as sallas
Doprofundo Tyranno; algumas artes
(Inda arremêdos do viver antigo)
Parte exerce; outra o seu castigo a impéde.
Deixados os Celestes aposentos,
Venceo-se a descer lá Juno Saturnia
(Tanto á cólera, e ódio se entregava):
Tréme o lumiar do Avérno, mal, que entrando,
Lhe pésa o pé divino; érgue as tres bôccas
Cérbero, e sólta a um tempo tres ladridos.
Juno as Irmãas, filhas da Noite chama,
Grave, implacavel Numen, que ante as pórtas
Pousão do cárcer, que o diamante fecha,

E pentêão madeixas de átras córbras.
Érguem-se as Deosas do maldito assento;
Mal que entre as cégas sombras a avistárão.
Por geiras nóve a Ticio o corpo estira-se-lhe,
Que off'rece a espedaçar novas entranhas.
Tântalo, um sorvo de agua te é vedado,
E os fructos que te ensombrão, de ti fógem.
Busca, ou remonta a cahidora rócha
Sisypho; e Ixion na róda revolvido,
De si fóge, e traz si corre a alcançar-se.
A's (1) Bélides, que urdîrão morte aos Primos,
Sómem-se as aguas, que contino vazão.
Mal vio Sisypho, e Ixion com face tôrva
(Mórmente a Ixion) passando d'este os ólhos
Juno, para fitar Sisypho, disse:
« Sóffre este immortal pena, em quanto ufano
» Riccos paços desfruta o Irmão (2), que sempre
» Com a sua consorte me houve em pouco! »
  E a causa expoz então da irada vinda.
Só quer raso o solar do antigo Cadmo,
E que Athamas se arroje a insanos crimes:
Promessas, rógos, Majestade empréga
Porque as Deosas penhóre. Apenas Juno
De fallar deixa, a branca grenha abala
Tisiphone; e torvada como estava
Do rôsto arréda as empecilhas córbras.
E diz: « Inuteis são longos rodeios.
» Dá por feito o que mandas. Desampara
» Os injucundos reinos, e transmonta

(1) As Danaides, filhas de Dánao, nétas de Bélo.
(2) Athamas filho de Eólo.

» Aos puros Céos. » Já piza a alégre Juno
O Empyreo sôlho, onde Iris de orvalhada
A'gua a lustra. Tisiphone importuna
Terçando lógo o ensanguentado facho,
Põe rôxo manto, que lhe escorre em sangue,
Cinge-o co' a tórta sérpe, e surge fóra.
Pranto, Mêdo e Terror léva por séquito,
E a Loucura de rôsto espavorido.
Pára ante o umbral, e (dizem) que tremêra
A pórta Eolia, e os carvalhaes travézes
Enfiárão de susto; e o Sól deo cóstas.
Sahir querem do Paço a Espôsa, o Espôso
Medrosos, espantados dos portentos (1);
Mas c'os braços, que estende a infausta Erynnis,
De emmaranhadas vîboras cobertos,
Lho atalha, e co' a melêna que sacóde
De resonantes cóbras enroscadas.
Umas lhe pousão nas espáduas, outras
Pelos peitos sylvando se debrução,
Bábão veneno, e as linguas lhes fuzilão.
Já dous dragos desata da madeixa,
E co' a mão peçonhenta á face os lança
De Athamas, de Ino. Sem deixar nos membros
Traços do tiro, vão rasgar-lhes na alma
Crua ferida, e o seio lhes revolvem;
Lavrão, e inspirão intenções pesadas.
Trouxéra ella de lîquido veneno
Monstros comsigo, lîvidas escumas
Do Cérbero, e peçonha de hydra Echidna,

---

(1) Entre os Latinos *portentum* significava estranhezas ameaçadoras de calamidades.

Vagos errores, cégos desatinos,
Sangui-sedenta raiva, crimes, prantos;
Que tudo caldeára, e em cavo bronze
Com sangue frêsco envôlto cusinhára,
E com verde cicuta remechêra.
N'um peito, e n'outro embórca, espavoridos,
Furial veneno, e as íntimas entranhas
Lhes agita; amiúda ao facho as voltas;
Que róde, e o fôgo fuja ao sequaz fôgo.
  Ovante, que deo fim ao grande feito,
Vólta aos Estados oucos de Sumano,
Onde a cóbra desata cingidora.
Eis no alcáçar começa furibundo
O Eólide a clamar: « Por essas selvas,
» Eia, lançai as rêdes, companheiros;
» Que a Leôa passar com dous cachôrros
» Vi neste instante. » E corre apóz o trilho
Da Espôsa, que ser féra se imagina,
E ao seu Learcho, que da Mãe no cóllo,
Lhe ria, e lhe alargava os curtos braços,
Arranca, e pelos ares, como funda
O rodêa feroz duas, tres vezes,
E o rôsto infante esmaga em rijo seixo.
Então por fim a Mãe, alvorotada
Da dôr, ou que lavrou nella o veneno,
Desgrenhada, sem tino, corre uivando.
Nos braços nùs, pequeno Melicerta,
Ino te léva, e grita: Evohé, Baccho!
Rìa Juno, ouvindo soar Baccho; e disse:
« Tal mimo alcances do teu caro alumno. »
  Jaz um cachopo, aos máres sobranceiro,
Que as ondas pelas fraldas excavárão;
E abriga a praia, debruçando a cima,

Que alcantilada ao largo mar se estende.
Ino aqui sóbe (dá-lhe a Insania fôrças)
E a si, e ao cargo, sem que o mêdo a atalhe,
Baquêa ao mar, que ao gólpe alveja, e espuma.
Mas Vénus, que se dóe dos não devidos
Infortunios da Néta (1), ameiga o Tio (2).
« Numen das aguas, diz vasto Néptúno,
» Soberano máis próximo de Jóve,
» Muito peço; mas tem dos meus piedade,
» Que arremessar-se vês no Iónio immenso: (3)
» Junta-os aos Numes teus. Devo achar graça
» No mar; que espuma fui já no seu seio,
» E d'este tenho ainda o grato nome. (4) »
Néptúno consentio no rogo; e quanto
Nelles houve mortal, lh'o despio lógo,
Revestindo-os de augusta majestade.
Mudou-lhes nome, e face; á Mãe Leucóthea,
E ao filho Deos, appellidou Palémon.

---

(1) Ino filha de Hermione (ou Harmonia) filha de Vénus.

(2) Néptúno, irmão de Júpiter, Pai de Vénus.

(3) Creio, que alguns dos meus Leitores ouvìrão fallar em Poesia imitativa. (*Ei-lo ahi palhête*) diria em caso tal Antonio Antunes. Ovidio, que conhecia o que ella vale nos Poemas, della usava quanto lhe era a geito: e eu que o traduzo aqui, tambem faço por imitá-lo.

(4) *Aphrodite*, de *aphros* espuma, como se disséra Filha da espuma.

MADRIGAL.

Dormias Marcia, e eu vi Cupido ancioso,
Já d'um, já d'outro lado
Querer furtar-te um beijo gracioso,
Que tu, a cada arquejo descançado,
Na linda bôcca urdias.
Graciosissimo, oh Marcia!.... Não sabías
Como o Numen girava de alvorôço,
Escolhendo-lhe o geito
De o dar do melhor lado. Eu vim, e dei-to
Bem na bôcca, e logrei o espérto Môço.

ODE.

Tendo no Olympo só a vós iguáes,
Vivei contentes. — *Stancias de Daphne.*

Linda Vénus, téqui nunca louvada
Como pédem teus méritos divinos,
Por Grêga Lyra, ou Îtalo Alaúde,
Em éra antiga, ou nova:

Prende á Concha dourada as alvas Pombas,
E de Paphos, de Gnido, ou de Amathunta
Levanta o vôo, trilha os lédos áres,
Em demanda da Elysia.

Vem ser louvada, (1) como nunca o fôste
Por meigas vozes de metal Celeste:
Por duas Sapphos, máis que Sappho lindas,
Máis que Sappho eloquentes.

Já Alcippe e Daphne lanção mãos ás Lyras;
Já pelas aureas chordas, temperadas
Por Phébo, os Hymnos andão revoando,
Bafejados das Musas.

Só Vós, mimo do Pindo, em dôce Canto,
Direis de Vénus as meiguices térnas,
Os subidos prazêres regalados,
O poderoso Césto?

Quem, se não Vós, dirá com sons devidos,
As Graças léves, pelas mãos prendidas,
Com alternado pé o chão pulsando,
A' luz da argentea Lua?

Quem os Jócos, os Risos, os Amores,
Cortezãos de seu Paço, matizando
A's mãos cheias a térra de boninas,
Para as pizar a Deosa?

Só Vós direis Cupido, no ar librado
Derribando Monarchas, e Pastôres,
Sem tino, sem respeito, c'os tremendos
Farpões abrazadores.

Direis Jóve, em novilho transmudado,
Cortando as ondas co' a fendida planta;
Lédo, c'o airoso pêso, festejando

---

(1) Tinhão Alcippe e Daphne composto um Hymno a Vénus, assumpto que Filinto tomou para esta Ode.

Os hymenêos (1) roubados ;
E Europa arregaçando melindrosa ,
Das verdes vagas , o brial intacto ,
Co' a mão firme no côrno , o pé recólhe
Na anca nédia do brùto.
Deixai o Grêgo Moscho , o Mantuano ,
A térna Sappho , o brando Sannazaro
Doer-se, á vossa vista , de rasteiros ,
E vos ceder os myrthos.

SONETO.

MOTTE.

Assim de flores se corôa a Aurora.

GLOSA.

Um soneto ! Ainda esta me faltava !
Quatorze vérsos! Isso é mui comprido.
Não chega lá meu éstro desprovîdo;
Muito é, se deito a barra a uma outava.

Lá vai : *O Sól brilhante campeava*
Pela estrada do meio.... Vou perdido ,
Longe do motte , longe do sentido.
Nunca , no Outeiro , Albano assim glosava.

---

(1) Uxor invicti Jovis esse nescis? Horat. *Lib.* 3 , *Od.* 27.

Entro por outra pórta.... Desta feita
Creio que dei c'o trincho : *Uma Pastora ,*
Que c'o cajado , na agua , tinha feita....

Não présta. Tóme lá, Minha senhora;
Guarde o motte; e dir-lhe hei , quando se enfeita :
Assim de flores se coróa a Aurora.

ODE

AO SENHOR DOUTOR

MANOEL THOMAZ

DE AZEVEDO E SOUZA.

No tempo da refórma da Universidade de Coimbra.

Cum sylvam glacialis hyems spoliavit honore
Vere novo sylvæ læta juventa redit. FLAMIN.

Erguida a nova Athenas Lusitana
Por um novo Solon, nova Minerva
Piza as viçosas márgens do Mondêgo ,
Com delicadas plantas.

Os templos , que deixou enfastiada
A Verdade, atéquî mal recebida
A grandes passos vem buscar saudosa ,
Desandando o caminho.

Os grilhões, que forjou a Ignorancia,
Fôrão por fortes mãos despedaçados;
Hoje pendem nas nîtidas parêdes
Da Celeste Sapiencia;

E o Monstro vil, gastando-se de raiva,
Tem sôbre as cóstas prêsos, com cem laços,
Os pulsos rôxos, baixas as orêlhas,
Aos pés da clara Deosa.

Tinha o peito fervendo em baixa invéja
Quem urdio corromper a Mocidade
Com doutrinas fallazes, com chyméras
Sem succo, sem clareza.

Não vio abérto o bárathro em cem bôccas,
E as Furias vingadoras, c'os flagéllos
De vêrdes sérpes, de trisulcas linguas
Nas duras mãos traçados?

Não vio, que azûes contagios escumava
Da peçonhenta bôcca; que esparzidos
Pelos cérebros nóvos innocentes
Lavravão com soltura?

Tu, Deos previsto, em majestoso alcáçar
De delicada fábrica ingenhosa
A Raînha Razão em vão collocas,
Máis alta que as paixões,

Se a Fraude, se o Rancor, se a van Cubiça
Escalão muros, peitão sentinéllas,
Enleião, avassallão, põem a férros
A Captiva Raînha.

O Amor da Pátria, a san Philosophía
Só tem armas, só tem forçoso antîdoto,

Com que dómem táes monstros ardilosos,
Atalhem táes venenos.

A sábia Filha do sem-par Tonante,
A grãos bótes de lança inevitavel,
Pôz em fuga as maléficas Esphinges,
As Tramas, os Conluios.

Tu, Souza amigo, os encontraste á vinda, (1)
Pela estrada arrastando os lassos membros,
Pavorosos, feridos, decepados,
Fugindo da Lizura.

Viste chorar de raiva, e dôr acérba
A ignorante Sobêrba, desbulhada
Dos thronos, dos altares, que occupava
Cortejada de todos.

E como rias tu, quando avistaste
As dez Cathegorias de Aristóteles
Aos murros, umas pondo a culpa ás outras
Do súbito desastre?

Sem fasto ìa a rançosa Theologia
A pé, co' a toga çuja, mal traçada;
Carregada de tomos grandes, grossos,
Que máis não serão lidos.

Que nuvem de papéis despedaçados
Vai sem glória voando pelos ares?
Vão grossas Conclusões de Latim crêspo,
Bolorentas postillas.

Que tropél de Thomistas, e Escotistas
Arrepéllão as barbas, e os cabêllos;

---

(1) Vindo de Valença, onde fôra Ouvidor.

Porque estes Estatutos os privárão
De gritar sôbre nada ?

O'lha o Bedél, e o rustico Meirinho
A dar co' a vara nos ronceiros Sanches,
Durandos, Busembáums, Lullos, Cayados,
Aranhas, e Barretos.

Divérte-te, meu Souza pachorrento,
Em vêr esse entremez, a cuja scena
Os Góthicos de raiva se amargurão,
Os modernos se riem;

Em quanto eu cá tambem rio o que posso,
E cômo o bom Salmão, que me mandaste,
Em lugar das Lamprêas promettidas,
Ha máis de tres Quaresmas.

EPIGRAMMA XX

Do Livro I°. de MARCIAL.

Tinhas, Elia, se bem me lembro agóra,
Por todos, quatro dentes. — Escarraste
D'uma vêz, c'o tussir, dois juntos fóra;
D'outro tussir os outros dois lançaste.
Tósse sem susto, que inda que arrebentes,
Já não has de escarrar máis outros dentes.

ODE

A BACCHO E A CUPIDO.

Reçois ce nectar adorable
Versé par la main des plaisirs.
ROUSSEAU. *Ode au Comte de Bonneval.*

I.

Louvores alternados
Dêmos a Baccho, dêmos a Cupido:
Os cópos trasbordados
Corôa, oh Vénus c'os jasmins de Gnido.
Sem Baccho o Amor esfria;
E Baccho, sem o Amor perde a alegria.

II.

A quem a Amor se esquiva
Não mostra Baccho inteira a loura face:
Só quer que o bom conviva,
Que brinda á sua amada, meigo o abrace.
Sem Baccho o Amor esfria;
E Baccho, sem o Amor, perde a alegria.

III.

Se Baccho não lh'o excita,
Ao Deos do amor o facho lhe esmorece:

D'ha muito a murta habita
A' sombra da alma vide, e lá florece.
Sem Baccho o Amor esfria;
E Baccho, sem o Amor, perde a alegria.

IV.

Brincai, lindas Donzellas,
Com Baccho sempre lépido, e fágueiro:
Torna as Graças máis bellas,
Máis vivo o Amor, o Deos mette-a-terreiro.
Sem Baccho o Amor esfria;
E Baccho, sem o Amor, perde a alegria.

V.

Festejai-o ditosos;
Que Baccho dobrará vossa terneza:
Bebei-lhe, oh desditosos,
Que, alegre, affogará vossa tristeza.
Sem Baccho o Amor esfria;
E Baccho, sem o Amor, perde a alegria.

SONETO.

Numes agrestes, neste altar sombrîo,
Que dos Zagáes ergueo pia lizura,
Põe Tyrso a mão, e de joelhos jura
Máis não amar de Sylvia o gésto impìo.

Co' a lympha pura d'este arroio frio
Lavo os labios tingidos de amargura,

E veneno daquella bôcca impura;
Que o léve ao mar, co' a sua culpa, o rio.

Com o ferro apagai, oh Pegureiros,
O ingrato nome, que deixei gravado
Na cortiça das faias, e salgueiros;

E entalhareis por cima do apagado:
« Por milagre dos Deoses justiceiros,
» Sárou Tyrso de amor mal empregado. » (1)

---

(1) Quem diria, que depois de tão tremendo juramento, não iria Tyrso metter-se Cartuxo? Pois affirmo-lhes, porque o sei, que o tal jurador não deixou passar tres dias, que não fosse de seu grado metter-se na esparrella da tal Sylvia.

ODE.

O pianta degna de si buon cultore,
O quanto bene alle materne cure
Tu rispondesti! O come porti espressa
Nelle maniere accorte, e sagi detti
L'immagine Materna!

PIGNOTTI. l'*Ombra di Pope.*

NÃo esperes, formosa, e meiga Daphne,
Que com discreta mão, previstos ólhós
Bens, ou Males espalhe a Deosa de Antio,
Que neste Glôbo impéra.

Sempre insensata na inconstante róda,
A um parvo atira a c'rôa, a um bôbo a mitra:
Nos Sabios, nos Virtuosos cahem raios
De desprêzo, e miseria.

Vimos Tiberio, (monstro coroado!)
Lograr perennes dias fortunosos;
E os seus Libertos dominar devassos
No Républico orgulho.

Vimos o honrado, e entre homens o máis sábio (1),
Sócrates, appurado por Xantippe,
Por Athêos accusado, enviá-lo ao O'rco
Calumniosa Cicuta.

(1) Assim o declarou o Oráculo de Delphos.

Com quem não foi iniquo o Nume vario?
Tem cérto o lustre os Máos; os Bons a infamia
E Pluto, avaro só c'os virtuosos,
Malvados enriquece.

A *Amavel Mãe* (1) ás lanças da Doença
Cede o peito não-digno de pezares;
E, á que nasceo para aditar humanos,
Sempre a Dita lhe fóge.

Assim, nas térras de Solyma sancta,
A Real, a formosa Marianna
Vio a morte dos seus, sentio cravar-lhe
Pungentes penas a alma.

Bebeo as iras do cioso Herodes;
Bebeo a morte em braços da Innocencia;
Foi só feliz no cadafalso, aonde
Despio da vida os luttos.

E ninguem trouxe ao mundo máis brilhantes
Auspicios de lograr franca ventura;
Formoso o rôsto, máis que os máis formosos,
Todo prendas o esp'rito.

Crê firme, oh Daphne, que se a céga Deosa
Os seus dons emborcasse nos máis-dignos,
Ninguem melhór que a Mãe, que Alcippe e Daphne
Os coffres lhe exhaurira.

---

(1) A Marqueza d'Alorna, encerrada então em Chellas.

MADRIGAL. *

Caldas 1765.

Uma Deosa tomou a seu cuidado
Trazei-me de Cythéra
(Imperio do Deleite affortunado !)
As flores da viçosa Primavera,
Que em peitos innocentes
De Nymphas florescentes
Brótão, quando no collo alabastrino
Dous alvos montes com abalo ancioso
Anhélão de contino
Desconhecido gôsto cubiçoso ! —
Da bîfida espessura
Do Parnasso, sollìcito me envîa
Apóllo os sons de mélica harmonîa,
Com que cante a doçura
Dos Erycînos, ávidos favores. —
Ricasso, que assim compras desalmado
Prazer ensôsso, com brutal dinheiro,
Se perguntas grosseiro
Quanto tão nóbres gôstos me hão custado?
» São dons, que se não vendem;

(1) É o Madrigal máis comprido, em que nunca puz os ólhos. Parece feito em Maio. Mas ha um meio muito fàçil de o encurtar, que é repartì-lo em tres leituras.

Nota do Editor.

» Que do agrado dos Numes só dependem ».
Alto Deos dos Cantores,
E tu, oh Deosa bella dos amores
(Bizarros Immortáes),
Oh quanto vos sou grato
Do prazer que me dáes,
E m'o dáes tão barato!

ODE.

— — — — Nunc et Achæmenia
Perfundi nardo juvat, et fide Cillenea
Levare diris pectora sollicitudinibus.
HORAT. *Epod.* 4.

AGÓRA, sim: que as Nymphas já do Sena,
Com laços de Amizade;
Saudósas o peito me cingîrão,
Dêmos ás cans da fronte,
Escorridas co'as brumas Hollandezas,
Sonóro dente ebúrneo,
E uma demão de floreal pommada.
Agóra é tempo, oh Musa,
De soltar de Aganippe a clara veia.
Diligente me inspira
Um Hymno á renascente Liberdade.
Dos Loureiros do Pindo
Desprende (reverente) a Lyra altiva
Do teu Cysne do Ismeno:

Ou se de Alcêo os sons tyrannicìdas (1)
Máis tens a peito agóra — —.
Prompta a mão, prompta a vóz... Mas fôra insulto
O ameaçador (2) roubar-lhe
Plectro de ouro (3) a Le Brun (4). Cantêmos antes
Com vérso máis suave
Os affágos gentìs, córádo riso (5)
Das mimosas Donzéllas,
E amigas Damas, que inda os ólhos pendem (6).
Para os lembrados annos,
Que Filinto enfiava não-caduco
No cortejo amoroso.

---

(1) Pugnas et exactos Tyrannos
Densum humeris bibit aure vulgus.
HORAT. *Lib.* 2, *od.* 13.

(2) Alcæi minaces... Camænæ. — HORAT. *Lib.* 4 *od.* 11.

(3) — — — — Aureo
Alcæe, plectro. — HORAT. *Lib.* 2. *od.* 13. — Alcæus aureo plectro merito donatur in ea parte operis quà tyrannos consectatur. — QUINT. *L. X. c.* 1.

(4) Ode à l'Enthousiasme.

(5) Não é novo em Lisboa ouvir dizer *riso amaréllo*. Quem me impede de dar ao *riso* a côr que melhor me agrade? Hoje lhe dou a vermêlha. Quem adivinha a côr, que eu lhe da ei para a semana da Paixão?

— — — Dá-lhe boas côres
A bem vinda alegria inesperada.

Dizia n'um Soneto o D.r J. F. de S.

(6) É um tanto atrevidinho o tal *pendem*: mas a Ode permitte estas confianças. De atrevimentos maiores canonizados já na nossa lingua podéra eu bem citar exemplos: mas contento-me por óra com pedir vénia.

— — — — *Scimus*
Et hanc veniam petimusque, damusque vicissim.
HORAT. *de Art.*

SONETO. *

Que sinto, oh Céos! Por todos os sentidos
Se derrama um vapor subtil, suave.
Os membros véstem pennas, tórno-me Ave,
C'os pés revolvo os ares insoffridos.

C'o vôo, os montes deixo áquêm perdidos,
E os Astros deixo, alcanço o azul Conclave;
Entro dos Deoses no Congresso grave,
Trovêja a vóz de Jóve em meus ouvidos:

« De gente em gente levarás voando
» Os portentos da França libertada:
» Ambos os Mundos te ouvirão cantando.

» Já vólve o Tempo a róda accelerada,
» E do dia, que estou preconizando,
» Já descer vejo a fresca madrugada ».

(*) Este Soneto servio já de Glosa em tempos máis affortunados. Hoje sóffre outro destino. Que bem dizia Anchises nos Campos Elysios: *Quisque suos patimur manes!* — Assim vi eu succeder, a uma imagem de S. Braz. No dia do Orago da Ermida, salta por detraz do altar um gatto esfugentado da Cuzinha, por um pombo, que furtára: córrem para lho tirar das unhas; o gatto pula para escapar-lhes, dá no pulo um encontrão na imagem de Sta. Bárbara, que era o Orago da festa... Eu a vi abanar por duas vêzes, e á terceira vir, de trambolhão, despedaçar-se nos degráos. Era meio dia, a musica já affinava, os Padres paramentados, e o Prégador gritando na Sacristia, que não subia ao púlpito, que não visse no altar mór qualquer cousa de vulto. Foi felicidade, ter o Caseiro guardado n'um canto um S. Braz, que servio esse dia de Sta. Bárbara.

ODE

DE HORACIO. II. DO LIV. IV.

Quem se abalança a competir com Pîndaro,
Forceja, oh Iulo, dar, com céreas azas,
Pelas Dedáleas artes trabalhadas,
Nome ao mar crystallino,

Qual rîo, da montanha despenhado,
Co'a cheia assoberbou antigas margens,
Assim Pîndaro férve, e na alta bôcca
Sem têrmo se atropélla.

Digno crédor dos Apollîneos louros,
Ou já, por atrevidos Dithyrambos
Nóvos vérbos devôlva, e a rôjo o lévem
Cadencias de-lei-sôltas;

Ou cante Deoses, Reis, Próle de Numes,
Por quem com justa mórte fenecêrão,
Centauros, feneceo a flamejante
Chyméra assustadora;

Ou os que a palma Eléa endeosados
Recólhe a Casa; ou Pugil, ou Cavallo
Cante, e prende com dom de máis valîa,
Que centenas de státuas;

Ou carpa Jóven rapto (1) á Espôsa flébil,

(1) A virgem *rapta* em tanto se embravece.
BARRETTO. *Liv.* 2, *Est.* 10.

Nelle as fôrças, os brios, os costumes
Das éras de ouro exalça até aos Astros,
E ao nêgro Avérno os rouba.

Robustos ares o érguem, quando, Antonio (1)
Se assóma ás altas, enroladas nuvens,
Esse Cysne Dircêo; rasteira Abêlha
Lidados vérsos têço,

A' sua arte, e maneira delibando
Pelas çarças, e ribas orvalhadas
Do Tìvoli, o tomilho recendente,
Com ìmproba fadiga.

Tu, Vate, cantarás com maior plectro
A César, quando os ásperos Sicambros
Tirar bizarro, pelo sacro outeiro (2)
Co'a merecida rama (3).

Maior, nem melhor que elle, nada ao Mundo
Dérão os Fados, os bons Deoses dérão,
Nem darão, por máis que ìnda os tempos vôlvão
Aos priscos séc'los de ouro.

Os dias festiváes, publicos jógos
Cantarás da Cidade, que dos Numes
Impetrou, que voltasse o forte Augusto;
E o Fôro, êrmo de pleitos.

Então (se é para ouvir-se o que eu discanto)
Da vóz bom tracto hei-de juntar á tua.
Cantarei — *Sól gentil, Sól de louvar-se.*
Feliz! que houveste a Cesar!

---

(1) Julio Antonio, filho de Marco Antonio triumvir.
(2) Capitólio.
(3) De louro.

Io triumpho! Em quanto nos precédes,
Toda a Cidade iremos repetindo:
Io triumpho! e dando incenso aos Deoses,
Com nosco favoraveis.

Tu, com dez touros, e outras tantas vaccas,
Cumprirás o teu vóto; eu, c'um novilho
Tenro, que a Mãe largou, e em pastos amplos
Médra, para os meus vótos,

Que, c'uma estrêlla branca, a tésta esmalta,
Ruivo em todo o máis corpo, e imita os córnos
Da Lua, quando aponta refulgente,
Já de trez dias nóva.

EPIGRAMMA.

Philis n'um parto seu, muito-apertado,
Irada promettia
A' Mãe de Deos, castissima Marîa,
De não máis consentir, que homem malvado
Lhe toccasse c'um dêdo.
A Criada, a quem dóe vê-la em tortura,
Chóra de mágoa pura;
Mas da proméssa van ri em segredo.
Eis chega a feliz hora desejada:
Passa a dôr, tórna a Dama em seu sentido;
Vê que árde a véla benta bem-fadada,
Que a tinha em seus apêrtos soccorrido.

Com próvida intenção avisa a Môça :
« Guarda esse bico bento ,
» Porque èm igual tormento
» (Quem sabe o que virá !) servir-nos possa (1).

ODE.

París, 8 *de Agôsto* 1785.

Ingrata misero ducenda est vita.
HORAT. *Epod. ult.*

POUDE o Gama animoso
Nos veli-vagos pinhos
Affrontar de Néptúno procelloso
Os salgados caminhos :

C'o temerario invento ,
Por não sulcados mares
O domador do inhospito elemento
Pisou mêdos, e azares :

(1) Les femmes (dit Brantôme) en leur mal d'enfant , jurent , protestent de n'y retourner jamais , et que jamais homme ne leur sera rien. Mais elles ne sont pas plutôt purifiées, les voilà encore au premier branle : ainsi qu'une dame Espagnole , laquelle étant en mal d'enfant , se fit allumer une chandelle de Notre-Dame de Monferrat, qui aida fort à enfanter par la vertu de ladite Notre-Dame. Toutefois ne laissa d'avoir de grandes douleurs, et à jurer que plus jamais elle n'y retournerait. Elle ne fut pas plutôt accouchée, qu'elle dit à la femme qui la lui donnait allumée...: Serrez ce bout de chandelle pour une autre fois.

Arranca o Hercúleo braço
A' Parca furibunda
A Alcestes, do lugar de luz escasso,
E a tórna á luz segunda:

Orphêo c'o pio canto
Amólga o férreo seio
Do avaro Dite; e a Espôsa ao pólo sancto
Re-traz, de si alheio:

Désces (máo grado) oh Lua;
E a tésta ameaçadora
Moves, Atlante, de pastîos nua,
A' voz da Encantadora:

Que obstac'los não quebranta
A sagaz affouteza!
Só de amor nunca o Vélho a Môça encanta,
Que ó néga a Natureza.

SONETO.

Tinha Pan concertado uma folìa
Entre Faunos, Sylvanos, e Pastores:
Vénus (em competencia) dos Amores,
Dos Risos, e das Graças outra urdìa.

Pan na flauta esgotou quanto sabìa,
Variando os tons, dando ânimo aos Cantores;
Esmerou Vénus musicos primores,
Louvava óra uns, óra outros reprendia.

Apollo era o Juiz, que reclinado
  Sôbre hum tapête de viçosa grama,
  Perplexo tinha o vóto inda guardado.

Cantaste Tu. Aos córos ambos clama,
  « Deixai-vos do Certâme começado,
  » E cedei-lhe no canto a palma, a fama ».

ODE III

DO LIV. V DE HORACIO.

Coma alho, máis nocivo que as Cicutas,
Quemquér que ao Pái torceo com mão impîa
    A guéla encarquilhada.
Ah Ceifeiros de estómagos de férro!
Que peçonha no ventre se me assanha!
    Logrou-me nestas hervas
Algum sangue de Vîbora cosido?
Pôz mão Canidia nestes ruîns manjares? —
    Medéa embellezada
Em Jasou General dos Argonautas,
Máis que todos gentil, untou-o de alho,
    Quando îa a deitar laço
Aos Touros de cerviz estranha ao jugo.
E untando de alho os dons, com que brindava
    Do Espôso a nóva Dama,
Nos alados Dragões fugio vingada.

Nunca á sedenta Apullía assim os Astros
Lhe fizerão gravâme,
Com máos vapores. Nem ardeo tão rija
A prenda da Consórte (1) pela espalda
De Alcides incansado.
Queira o Céo, se alhos inda appeteceres,
Mecenas jovial, que a tua Dama
Lógo a mão interponha,
Quando intrincados beijos lhe apontares;
E se arréde de ti, para as extrêmas
Ribanceiras do leito.

SONETO.

MOTTE.

Môrro feliz, se môrro em teu regaço.

Glosa.

Nize gentil, que ate á sepultura
Terás desta minha alma a Monarchîa,
Comtigo irei gostôso á Zóna frîa,
Ao Clima ardente, á Região escura;

Ser-me-ha branda comtigo a Desventura,
E em meus males serás minha alegrîa;
Tu os revézes da Fortuna impîa
Me adoçarás c'o a tua formosura.

---

(1) A camisa cheia de sangue do Centauro Nésso.

Terei por Paraìso a Lybia estuósa,
Térra mãe de Leões, se em dôce laço
Beijo essa face, que arde em viva rósa:

Um amoroso teu estreito abraço
Fará com que eu, na brenha máis medrosa,
Mòrra feliz, se môrro em teu regaço.

ODE.

París, 4 *de Julho* 1806.

Ille et nefasto te posuit die
Quicumque primum et sacrilega manu
Produxit. . . . . . in nepotum
Perniciem opprobriumque pagi.
Horat. *Lib.* 2, *Od.* 13.

N'um dia, qual o de hôje (ha vinte e outo annos)
Vinha da Inquisição buscar-me um sbirro,
Porque os Clérigos tristes, a seu gôsto,
Comigo palhetassem.

E que máis Réos do que eu, depois de haver-me
Consumido, e ralado a paciencia,
Com perguntas, com cárceres, com tratos,
Me enviassem á fogueira.

---

(1) Leonum arida nutrix. — Horat. *Lib.* 1, *Od.* 23.

Mas hôje, que diff'rença! O dia é o mesmo,
Dia quatro de Julho. Em vêz de sbirro,
Vem Damas, vem Amigos saudar-me,
E festejar comigo

A bella escapatória; e retinnindo
Os cópos uns nos outros, apuparem
O infâme Tribunal — a dar-lhe as váias.
E 'a dar-me a mim os vivas. —

O Sanches, (1) discorridas longes térras,
Foragido da Pátria, que o persêgue,
Que lhe afflige os Parentes, e os Amigos,
Com fógos, com torturas;

Sentado á mesa, com máis dous proscriptos (2)
Do iniquo Tribunal, labéo da Europa,
Tomado de celéste enthusiasmo,
Assim rompia a brados (3):

« Inda vive, inda reina, para injuria
» Dos Reis, que o não confundem, para escárneo
» Dos Póvos alluminados, e despeito
» Dos Sábios, e Homens próbos,

» Esse antro de assassinos tonsurados,
» Que, nóvos Polyphemos, (4) despedação

(1) Vid. Elogio do D.r Antonio Nunes Ribeiro Sanches, composto em Francez por M.r Vicq.d'Azyr, vertido em Portuguez por Filinto Elysio.

(2) F. J. d'Av. Brotero, e Filinto.

(3) Tal, pouco máis ou menos, foi a conversação, que comnosco teve nesse dia.

(4) Leião Virg. no Livr. 3o.

» As carnes innocentes das Donzellas ? (1)
» Que ao saber põem mordaças ? (2)

» Quando virá um Hércules, que alimpe
» Cavalharices de brutáes Augîas,
» E as lave co' as correntes crystallinas
» Das profìcuas Sciencias ?

» Quando virá um Hércules, que affouto
» Os Queimadores queime ? Que as serpentes
» De máis podrîda Lérna, em duros braços
» Suffóque vingativo ?

» Vingue o Anastasio (3), vingue o bom Lourenço,
» E Sanches, e Filinto, e Varões tantos, (4)
» Que a Pátria illustrarião, se essa Pátria
» Não salariasse os crimes ?

» Os crimes dos que a privão de táes astros;
» Dos que adrêde ennoitecem táes ingenhos,
» Para encruar melhor o seu império
» Na boçal ignorancia. (5)

---

(1) Donzellas, casadas, viúvas, vélhos, môços, crianças, todos, erão pasto d'esses Polyphemos, Minotauros, Cérberos, e peior ainda.

(2) Digão-no quantos estudão por bons livros.

(3) Jozé Anastasio, honra da Universidade, honra do exército, a quem é curto todo o Elogio.

(4) Bartholomeo Lourenço, por alcunha da Inquisição, o *Voador*.

(5) A lingua Portugueza é mal conhecida na Europa, porque os Sábios Portuguezes, que podião escrever obras, que a fizessem conhecida, como ella merece, são atalhados em seus arrôjos, pelas censuras dos frades, a quem nada assusta máis, que o clarão das Sciencias.

» Venha, venha, em meus dias, um Rei justo
» Que á valente Razão dê fausto ouvido:
» Que adite o Reino, assoberbando os Monstros
» Que o gastão, que o aviltão. (1)

» Contente morrerei, se antes da mórte
» Me ráia a nóva, que atupîrão lédos
» A Cavérna de Cáco os Portuguezes,
E lhe dansão em róda. »

OS DOUS CÉGOS,

MONARCHAS D'ESTE MUNDO.

O Amor é cégo. — Estranha novidade!
Máis ha que annos tres mil, que assim o pinta,
E ólhos lhe venda a douta Antiguidade;
E assim a que não canta (as máis das vêzes)
Colorada Poesîa, que não minta,
Tambem faz mimo a Amor de ólhos vendados.
Milhares ha de mêzes

(1) Podem replicar-me os devotos do Despotismo, e da Ignorancia, que a Inquisição tem hòje pouco poder, e faz pouco mal. — Como são mente-captos! (lhes respondo) Considerai bem que a Inquisição é uma serpente, que está por óra como amadorrada· mas que apenas, por desgraça de Portugal, subir ao throno um Rei, a quem os frades fanatizem, súbito a ama-

Que prégão, que a Fortuna é Deosa céga,
E joga c'os Mortaes á Cabra-céga,
Bandos de desgraçados
Poétas, e Pertendentes,
Que, a miúdo, ao jantar, baldos de china,
A's almas, dando em vão, toccão c'os dentes.
Não me dirão, se é sina
D'este nosso Univérso desastroso
Ser regido sem régra má, nem boa,
Por um Nume, que é cégo, e que é maldoso?
Por uma divindade
De strambótica, e céga qualidade,
Que ao Mundo, o Bem, e o Mal atira á tôa? (1)

---

dorrada serpente acórda, esperguiça-se, e tomando novas fôrças, remoçada devorará o Reino, que a não mattou. Considerai que sopìta um tanto no Reinado de D. João IV, apenas elle morreo, com que devastadora crueldade não se ensopou ella no sangue das infelizes vìctimas do seu ciúme, e da sua cubiça, até que o Marquez de Pombal a açaimou, bem que por descuido politico a não acabou de todo.

(1) . . . . . . La Fortune et l'Amour
Sont deux aveugles qui gouvernent le monde. VOLT.

ODE.

No dia 4 de Julho 1786.

> Lieto nido, esca dolce, aura cortese
> Bramano i Cygni, e non si va in Parnaso
> Con le cure mordaci, e chi pur garre
> Vien rocco, e perde il canto e la favella.
>
> *Guarini, nel Pastor Fido.*

A invejadas, túmidas riquezas
Céga as reparte a lúbrica Fortuna:
Das mãos os sceptros, os bastões lhe cáhem.
Mas a clara Virtude,
A Filha da constante Sapiencia
Dá, com previstos ólhos,
A sólida Ventura.

C'os dédos integérrimos afasta
Da alma as túrbidas névoas; mette o dia
No cáhos das paixões; apérta o freio
Aos desmandados Vicios,
Rasga do Fingimento as longas roupas,
Quando astuto se encóbre
Nos trajes da Lizura.

Ella a Dentato, (1) no fallaz presente,
Mostrou a québra do Dever hedionda,

(1) Flor. *Lib.*

Disfarçada na máscara dourada.
Ella as ferradas pórtas
Da Tyrannia abrio; pôz-lhe patentes
A Cruêza, os Remorsos,
Que pou ão na aurea salla.

Tu, oh santa Virtude, ao bom Filinto
Déste a fòrça, a viril constancia déste,
Quando co' a mão potente lhe escudaste
O peito salteado
De terrores, de assacaladas iras,
Que o vil, atroz Ministro (1)
Trazia encommendadas (2).

Tu, do Céo, onde assistes, providente
Baixar mandaste o perspicaz Acôrdo.
Elle tóma os alìgeros talares,
E a mim, d'um tiro, désce:
Qual vôa, os ares lìquidos rasgando,
Co' as ordens, o Cyllenio,
Do Olympico Monarcha.

Apaziguou-me os ólhos inquiétos;
Cobrio-me o gésto co' a grandeza altiva,
Que os máos, que os apoucados acobarda.
E (em quanto ao turvo M.....
Com frio susto lhe abafava o seio,
E a quadrilheira dextra
Sollìcito impedia)

---

(1) M. C. d. M....

(2) Natura humanis omnia sunt paria,
Qui pote plus urget: pisceis ut sæpe minutos
Magnus comest, ut aveis enecat accipiter.
Varro in Menippeis.

Me impelle, e manda ás áras do Oceâno,
E ás immortaes Nereidas acêna,
Que em seus braços me tómem piedosos.
Alli me guia o Affago
Da assustada Amizade precavida,
Que entre apertados laços
Me deo o adeos saudôso.

Alli a Filha do equóreo Vate
A fatîdica Lyra nas mãos tóma:
« Salve, Filinto (canta) a nós entrégue.
» As Tágides amigas,
» Que chórão tua ausencia, em mãos seguras
» Depõem o seu cuidado.—
» Salve, entre nós bem vindo.

» Déspe as tristezas, déspe os infortunios,
» Que te ameaça a carrancuda Pátria.
» Néptúno te protége; a alma do Sábio
» Vê com enchutos ólhos
» Invéjas (1), e Traições arrebanharem
» As riquezas — supérfluas
» A quem com pouco vive.

» A' tua amavel, pia Soberana,
» De Belleza, e Virtude almo thesouro;
» Que ama a Deos, e os algôzes abomina,
» Que estima os que com honra
» A estrada trîlhão do Saber profîcuo,
» Dos ólhos lhe escondêrão
» O aleive de teu caso.

---

(1) Hor chi dirá d'esser felice in terra,
Se tanto à la Virtù noce l'invidia?
Il Pastor fido de Guarini.

» Vê no monte os Amigos, que derramão
» De gôsto, e de saudade mixto pranto:
» Vê a masmôrra, o Delator raivoso, (1)
» E os Verdugos mordendo.
» As mãos, a que magnânimo escapaste:
» Vê a feroz Calúmnia,
» Que nos teus bens se vinga.

» Mas vólta os ólhos magoados, vólta
» Ao nosso reino azul, que amado sulcas;
» Franco abrigo de illustres desgraçados.
» O'lha as undosas Nymphas
» C'os alvos braços dôcemente abértos,
» E os labios que recendem
» Consolador alìvio.

» Despéde ao longe a disparada vista.
» Vê naquellas campinas trabalhadas
» Os asylos do são Merecimento (2).
» Com que meigo semblante
» Esperão no regaço agasalhar-te,
» C'o manto azul cobrir-te,
» E com os Lyrios de ouro!

---

(1) Talibus insidiis, perjurique arte Sinonis *
Credita res. — — — VIRGIL. ÆNEID. *Lib.* 2.
O. M. d. A....

(2) *Allude aos vérsos do retrato de Filinto Elysio.*
Lysia me genuit, Calabræ docuere Camenæ;
Sectator veri, et puræ Rationis alumnus
Religiosorum crudeles pascere flammas
Dignus eram, vel Socraticâ frigere cicutâ;
Sed me, doctorum nutrix fœcunda Virorum,
Haud ingrata sinu profugum complexa benigno
Gallia, forte suis velit adnumerare Poetis.
A. M. de C.

Eis que a Nerêa, renovando alento,
Com que o peito prophético se inflamma,
Abre as pesadas folhas dos Destinos;
C'os ólhos cubiçosos
Bébe as sórtes occultas dos humanos,
E sólta a voz, córada
C'os fados meus vindouros.

» Que funésto, que lúgubre ameaço
» Te arrastra para os muros do Cocyto?
» A descarnada, pállida Doença,
» O Pezar taciturno
» Tomão nos mãos das Parcas a tezoura...
— Acóde, oh Sapiencia
— Despója-os da arma iniqua.

— Vem: dá-lhe a mão, des-ruga-lhe o semblante.
— Põe-lhe por guardas d'um e d'outro lado,
— Contra a turba das Mágoas, das Molestias,
— A veladora esquadra
— Das Máximas, que o throno teu rodêão;
— E o meigo, acceito Côro
— Das dulcîsonas Musas.

» Sem riquezas, contente e descansado,
» Cantarás os Amigos saudosos
» Na Lyra que te deo o Venusino,
» Nunca igual a teu Méstre
» (Com quem ninguem luttou, sem ser vencido)
» Mas inda assim sublime,
» A'quem deixarás muitos.

» Hymnos á Liberdade sonorosos,
» Ao grão Lyêo, á Deosa dos Amores,

» Com novo, cantarás, affouto plectro;
» E, o furor amainando,
» Ao brando gésto do gentil Delmira
» Disferirás nas córdas
» Divina cantilena. »

AS SUBSTITUTAS

DAS TRES FURIAS.

Com préstes ordens da ólhi-toura (1) Juno,
A quem ciôso bicho morde o seio;
Désce Iris, Madre Espreita, a tomar falla
Do grande Jóve,
Que andava á tuna
Cá pela bairro.
Tópa Hermes (2) alcofinha do Tonante,
Que tirava apoz si tres reverendas
Dónas de austéro pórte, austéro gésto.

IRIS.

Alégres dias
Tenhas na terra
Como no Olympo.
Onde lévas á feira essas tres Fadas?

MERCURIO.

Fadas lhes chamas Tu! Se outróra as visses

(1) Que tem ólhos de Touro. Bovinis oculis veneranda Juno.
HOMER. *passim*.

(2) Mercurio.

Peraltas de sináes, e de arrebique...

IRIS.

Apósto eu que hôje
Prégão virtudes,
Honra e recato!

MERCURIO.

Adivinhaste.

IRIS.

Mas que emprêgo fazes
Hôje d'esses dragões?

MERCURIO.

A Pluto as lévo
Nóva Alecto, Tisiphone, e Mégera.

ODE.

Lugduni Batatiphagorum, anno 1796.

> Non, si male nunc, et olim
> Sic erit. — HORAT. *Lib.* 2. *Od.* 10.
> Diris agam vos. — *Id. Epod.* 5.

VEJO, (mas longe!) vir luzindo um dia,
Que ha-de pôr, entre mim, entre estes Gétas,
Térra em meio; e me hei-de ir saudar os montes,
Os campos sociáveis. (1)

---

(1) Montanhas em Hollanda! Cousa é, que nem de longe se

Ficai em hora má, Lagôas, Charcos
Apposentos de Sapos (1), de Canalha (2),
De avàros (3) Batatì-phagos (4), Casmurros (5),
De státuas, que cachimbão.

Não terá de arranhar-me o brando ouvido
A scória dos sons asp'ros da Allemanha; (6)
Lingua engasgada! — Raspa das gargantas!
Que elles gábão de enérgica... (7)

---

avista. Vê-se um bréjo verde de enfastiosa planura, com algumas empòlas de areias, quando se costêa o Oceâno. Por esse motivo contão, que ao despedir-se um Official Suisso d'uma Menina estrangeira, e perguntando que mimo lhe poderia offerecer, quando tornasse, lhe respondêra esta mui saudosa — *um montesinho.* —

(1) É uma consoladeza, para quem passeia no bósque da Haya, vêr diante dos pés os ranchos de sapinhos irem correndo, e saltando.

(2) Bem sabida é a despedida, que Voltaire deo á Hollanda. — *Adieu, canaux; adieu, canards; adieu, canaille.*

(3) Assim prophetizou dos Hollandezes Seneca in Hercul. furios. *Vers.* 168.

——— Hic nullo fine beatus
Componit opes, gazis inhians
Et congesto pauper in auro.

(4) *Batavia* vem de *Batata*, principal producto d'estes pântanos, e *phagein* comer.

(5) *Quam non ingenio nomina digna meo.*

Vid. Trist. Lib. 3. Ep. 11.

(6) Consta pelas Chrónicas antigas que os primeiros povoadores d'estes Charcos fòrão uns póbres, perseguidos pescadores, Allemães; e que de sua grosseira algaravìa se compôz a dulcìsona linguagem d'èstes Milords.

(7) Il n'est permis qu'à un stupide Flamand de bâtir un *in-folio*, pour s'assurer que son détestable baragouin est le premier accent du monde:

Les Abus dans les cérémonies et dans les mœurs.

Tem razão ! — — O animal long-orelhudo
Tambem se ufana do primor, e gala
Dos zurros, que tão guápo garganteia,
Mirando os Circumstantes.

Ahî te ficas, Ilha Baratária,
Que, á láia do Govêrno do bom Sancho (1),
Tens d'um ramo de péste a annual visita, (2)
Para o teu desenfado.

Assim Rhamnusia, despicando os Póvos, (3)
Espremidos por vós (4), por vós logrados,
Nos dá benigno Céo, dons de Pomôna,
Que ás vóssas mesas néga.

E vós, por pélles de sab'rósos figos,
E engáços de ferral, pejáes as ruas (5),
Com accalcados cannistréis do esbrugo
De insîpidas batatas.

---

(1) Os Curiosos que quizérem inteirar-se melhor da genuina comparação da Hollànda com a Ilha Baratária, leião, na ópera do Judeo, Antonio Jozé, a scena mui doutrinal, entre Sancho Pança, e sua mulhér Thereza Pança, ácêrca do govêrno da Ilha promettida.

(2) E é tanto assim, que esperão estes Cafres pela Carneirada de Outono, como nós esperamos pelas chuvas do hynvérno. Este anno de 1795 foi assaz grosso o ramo de péste; houve dia em que morrião 17, outro dia 18, e para o fim, morrião só 8, 10, ou 12.

(3) Quem se quizér persuadir do motivo d'este despique, infórme-se de quem com elles teve tratos ou contratos; que nunca lhe acconselharei, que o venha experimentar pessoalmente.

(4) Leião o Capìtulo 19 do Optimismo, e as viagens dos que viérão a Hollanda, ou dos que visitárão Colonias d'estes traficantes.

(5) Quem não veio cá dar uma vista de ólhos (*quod Deus avertat à bonis*) não se poderá capacitar de tal. Está em montes ao canto das pórtas o cascabulho das battatas, como ás pórtas das Cavalharices o retraço das bêstas.

APPENDIX.

— Sempre nótas.... e máis nótas — (dirão alguns praguentos) Tomára-os eu por cá 5 ou 6 annos, como eu, n'uma Cartuxa tal, como a da Haya. Ah! — E como acharião regalado passatempo em conversarem com o papél! —— E que serîa de mim, se nestas nótas não desafogasse a sopeada falla? e não me affigurasse que estou fallando c'os Tafúes? — Ainda em mal, que nem sempre se póde escrever! A única esperança, que me consóla, vai no Epîgraphe. —

—— Nam; — si male nunc, et olim
Sic erit. ——

BONS E MÁOS JUÎZES.

No thrôno augusto da imparcial Astréa,
Sanctos Juîzes, sois de Deos images;
Quando a virtude póbre em vós estêa,
E cortais do êrro as túrbidas ambages:
Mas se co' a mão, de ouro culpado chêa,
Vendeis justiça a quem vos dá máis gages;
Não sois juîzes, não, sois deshumanos
Retratos de cruéis, tôrpes tyrannos.

ODE.

París, 4 de Julho de 1804.

——— Hunc fidibus novis,
Hunc Lesbio sacrare plectro
Teque, tuasque decet sorores.
HORAT. *Od.*

Cinco lustros, máis uma Primavéra
Tem volvido, depois que ás curvas garras
Dos Minhôtos da Praça do Rocîo
Escapei resoluto.

Vi-me em Paris; zombei do Sambenito,
Da Carócha, e talvêz das labarédas,
Que piedosos Beatos me assopravão
Já na devóta idéia.

Do máis não zombei eu. Que os poucos cóbres,
Que a algibeira (na vinda) me aquécião.
Co' a revezada coima se estafárão,
De aluguéis, e tendeiros.

Então me veio ver a triste, e negra
Necessidade (1); então bem vi que tinha
Cara de heréje — accasmurrado heréje,
Que dá quebranto, e ólhado.

Deo-me ólhado de Solidão, e enôjo;
Deo quebranto de fóme, e de miséria:
Tal ólhado, e quebranto, que inda durão
Hôje — mas não tão rijos.

Que ha tres lustros, ou quasi, que um Amigo
Um chumaço lhe pôz de ouro potavel,
Com que o mal mitigou — Hôje inda o sinto,
Ainda me magôa.

Mas sinto-o, como quando a dôr de dentes,
Applacada com fórtes anodynos,
Embochechou-se a face; e a dôr de inférno
Entuffada adormece.

E inda ha-de máis dormir quando essa fóme,
E penúria, o mesmo Amigo as matte,

---

(1) Todos os Estudantes sábem que « *Necessitas caret lege* » se traduz em Portuguez « *a Necessidade tem cara de heréje* » Traducção tão fiel, como a do *strepuerunt cornua cantu* » e posto ao canto (falla o texto d'um Cabrão) os córnos lhe estourárão.

C'um gólpe generoso. Oh ! Deos o ampare ,
Como elle me ha amparado !

Elle que póde , e que óbra o que promette , (1)
Mandará , em dobrões aurî-luzentes ,
As Quintas , e Casinhas , que lá fructos ,
E renda a estranhos largão.

Assim , oh Musa , tóma régabófe.
Cantêmos , e dansêmos , té que estourem
Da lyra as córdas ; e co' a dansa , e canto
Os pés , e a vóz se esfalfem.

Mandêmos as Tristezas á tabúa :
Vênhão ventos , que ás Casas dos aváros ,
Os temôres de fóme , e da miséria
Lhes lévem de rajada.

Dos sustos do futuro estou zombando ,
Se vem as Louras — Haja comezana ;
Brindem-se Amigos ; cérque-se esta mesa
De alégres Formosuras.

E tu , oh Clio , traze-me outra Lyra
Máis bem encordoada , que accompanhe
Os Hymnos , com que grato a frente c'rôe
De tão bizarro Amigo.

E por que melhor cantes , hôje um trago
Empinarás do louro Carcavéllos ,
Que o bom Souza te manda de presente ,
Para o festivo bródio.

---

(1) Máis de dous annos ha , que espéro pelo promettido.

SAUDADES D'UM AMIGO

QUE A MORTE ME ROUBOU.

O Téjo nós olhou outróra absôrtos
Naquelle alto pensar, que o mundo ignora,
Vagos os passos, vagos os discursos
Dar cabo ás hóras, encurtando os dias;
Ou mansos debatendo agudos pontos,
Na florîfera rélva reclinados.

Dura lei, que não pódes ser quebrada!
Tu vens do Etérno: e quantos hôje vivem
Quér vênhão de Páes Reis, de Páes pastores,
Co' a mesma mão a Parca os lança á cóva:
Os que em térra máis firme se arraigavão,
Como hóspedes d'um dia se partîrão.

Riccas librés, sobêrbas armerîas,
Doirada chave no bordado bôlso
Não retêm o crédor do lago estygio:
Findo o prazo imos nús, aos êrmos reinos,
E os Fados nos arrancão dos amigos.
Oh durissima dôr das duras dôres!

O D E.

Fœcunda culpae secula nuptias
Primum inquinavêre et genus et domos.
Hoc fonte derivata clades
In patriam, populumque fluxit.
HORAT. *Lib.* 3, *Od.* 6.

EMPÉGADA no gôlfão da Vaidade
Pérde de vista o nórte da Virtude
A formosa Donzella, que abrio pórta
A' dolosa Lisonja.

Desampara o Recato a sentinella
Dos comedidos ólhos, rompe o Vicio
Os pudibundos muros, rende a Honra
O guardado Castéllo.

Em vão quiz imprimir no tenro peito
Sabio Desvélo a estampa da Inteireza:
O ouro abafou, com lâminas traidôras,
Os indeléveis rasgos.

Não cedia a seu toque venenoso
A sevéra Espartana, que os enfeites
Tinha em vil prêço, e a Pátria, a Honra, os Filhos
Tomava por espêlhos. (1)

Este O'cio corruptor vem, co' as riquezas,
Escalar os costumes bem regrados;

(1) Em que se mirava, e se revia.

Põe seu throno na Côrte ; o Engano , o Furto ,
A Aleivosîa o sérvem.

Ditoso o que , na auróra de seus annos ,
Bebeo da sãa Virtude a alta doutrina ,
E que no coração guardá-la soube ,
Co' a chave da Constancia.

Oh Térras Africanas saudosas !
Por vós chóra inda a Pátria. Vós o bêrço
Fôstes dos seus Noronhas , e Pachêcos ,
Em éras gloriosas.

Alli , co' braço tinto em sangue Mouro ,
O fidalgo mancêbo as vêrdes palmas
Cortava ousado , para ornar na Pátria
Os brazões não-manchados.

Alli tomou o ensino , tomou fôrças
O Valor , a Virtude , que os luzeiros
Foi derramar nas Indias , e deo brado
Nas Côrtes mal-despértas.

Hôje apenas , nas guérras ateadas ,
Sôa acanhado o nome Lusitano ,
Que outróra estremecco ambos os Pólos
C'os sinalados feitos.

Oh Lusos , accordai d'esse vil somno :
Acudi aos triumphos do Oriente.
Acudi : que vos lévão as façanhas
Dos preclaros Maióres.

Se a alma vergou c'o pêso da Ignorancia ;
Eis vos off'rece a mão a Sapiencia :
Alçai os ólhos , vêde o raio puro ,
Que sáhe de seu peito.

Resgatai-vos da affronta : erguei os brios ;
Que vos clama de Arzilla , Ormuz , e Diu ,
O vosso antigo sangue derramado ,
No campo das victorias.

Re-trilhai os caminhos da alta Fama ;
Ide ensopar as lanças ociosas
Nos peitos de má fé , que se enriquecem
Com os vossos descuidos.

Carregai as espáduas de Néptúno
De possantes baixéis : alvas estrêllas
Brilhem na guérra férvida , e robusta ,
As vencedoras Quînas.

Aquelles sem-iguáes Raios de Marte
Vos bradão , vos apontão a veréda
Do Renome immortal : rompei as rêdes
Do luxo entorpecido.

Elles , co' a espada de brigar faminta ,
Cortavão por delicias , e ócios frouxos :
O nitridor ginete ; o arnez brilhante
Lhes pedião pelejas.

O que deo nome a teu solar illustre
Co' a espada em punho , hasteada a alta bandeira ,
Pizava aos pés o Mêdo , e tinha os ólhos
Na Honra , e no Inimigo.

E o Castro , que enfreou Cambaya altiva ,
E o astuto Hidalcão , abrio-se praça ,
No templo da Memoria , entre os Fabricios ,
Engeitando as riquezas.

---

(1) Do Illmo. Snr. Domingos Pires Bandeira.

Felizes ! que não vírão estes dias
Tão mudados , e os Nétos sumptuosos
D'ouro , e não d'aço , no marcial terreiro ,
Fazer garrido alarde.

Os annos , Ladrões surdos , nos roubárão
A frugal mesa , os trajos asseados :
As Virtudes antigas mal se vèstem
De molles attavîos.

Adúlteros adôrnos se apossárão
Da casta cóma das Espôsas Lusas :
A Fama , a Singelleza aos pés cahîrão
Das desvairadas Módas.

PREGÃO.

Comprai-me as tróvas , censurai-me embóra ,
Que , não gabos , dinheiro me namora.
São máos meus vèrsos ; dizei delles raios ,
Fazei os em fanicos , mas comprai-os (1).

ORA eu já disse em vérso (ha bem vinte annos)
Comprem-mos , e critiquem-mos embóra (2)
Inda hôje digo o mesmo. Os Doutos riccos ,
Que , não dinheiro , mas louvor cubição ,
Ponhão peito a que os louros , que os encómios ,

(1) Na Carta ao Sr. Feliz Jozé de Avellar Brotero , que começa : *Tu dizes , Avellar*, etc.

(2) Era eu rapaz , e passava pelo Loretto ; vi o adro atulhado de gente , e quiz saber (curiosidade de rapaz !) o que os api-

Sòbre as frentes lhes cáião como chuva.
Mas eu, a quem louvores não engordão
Que são ouca iguarìa, são pedaços
De caramélo vão, que se esváe na agua,
O que pertendo só, o que agencêo
São louras, que me adubem a panella,
Que dêm véstia, e calções, que dem sapatos.
Sabem Vossas mercês, que o Proprietario
Das casas, em que móro, um cento de Odes
Pindáricas, farfantes, campanudas
Feitas em meu louvor, não as tomára
Pelo aluguél d'um mez? Que tal o áchão?
Tenho eu razão, se digo, que m'os comprem?
Se á Critica dou rédeas, e máis rédeas?
Supponde, que estáes vós, por um buraco,
Vendo os assômos da alma, que transluzem
Na minha gôrda, avelhentada face,
Quando um me vem comprar as minhas tróvas,
E me conta, em dinheiro abençoado,
A moéda de ouro; e 'essoutro, que vem concho
Noticiar-me a Crîtica malvada,
E mordedura de enraivado dente.
Reparai bem. Do argênteo chocalhinho
Já estou gizando a somma das garróchas,

---

nhava alli. Vi um Estrangeiro, com uma caixinha toda escaquetada, e os escaques cheios de papelinhos quadrados, que encerravão em suas dóbras cértos pós, que elle appregoáva miraculosos, e infallîveis para sárar pérnas, e braços quebrados, impedir a gôtta, e apoplexia, tirar os sináes de bexigas, atalhar a velhice, fazer nascer nóvos dentes, etc. etc. mas, sòbre tudo, para mattar pulgas no verão. Muita gente lh'os comprava, mas muita máis se desfazia em perguntas, em objecções, em reparos, e elle a tudo respondia: *Comprai meus pós.* Aplico el cuento.

Que importa repartir. Seis á pádeira ,
Máis seis para o açougue ; — e a pôr de parte
Máis tanto para o vinho , attonnellado ,
Que me venha da vinha mui sincéro ,
Sem mixórdias de infido taverneiro .
Méstre de venenosas falcatrúas ,
Que nunca méro o dá , dando-o máis cáro.
Bem quizera eu poupar essa parcélla ,
Que léva a bóia ao fundo , e estanca a bôlsa ;
Nem me quér o tonnél entrar em casa ,
Sem que vão arrancá-lo lá da adéga ,
Duas louras , ou tres , conforme os annos. —
Estou vélho ; e sem vinho , um póbre vélho
Cria arrans na barriga , se bébe agua ;
E o vinho (ha quem o diga) muito póde
Refocillar a lassa humanidade (1).
Não vos conto o aranzél das miúdezas ,
Que requér casa pósta , porque fôra
Moer-vos a enjoada paciencia.
  Olhai-me agóra , quando me criticão.
Nos ólhos se me espráia , e no semblante
Todo o socêgo , com que me acalanta
Minha gôrda Pachôrra , amiga vélha.
« Tanto melhór (me digo) de mansinho.
» Se as critica , é que já comprou as tróvas.
» Vênhão máis Criticantes , máis dentadas ;
» Que assim medrarão máis na bôlsa os cóbres. »
  Saibão , que estou em térra , onde os Autores
Pédem que sáião Criticas a rôdo ,
Por que melhór consumo tenha a Obrinha.
E tal houve , que deo máis venda ao Livro

(1) Vérso de Camões.

Fazendo-o condemnar pela Sorbonna,
Fazendo-o condemnar em Parlamento,
E ser por mãos do infâme algôz queimado.
Tanto póde o furor de ser vendido!
Que procedeo dahî? A triste Obrinha,
Que jazîa na lóge, e preparava
Tabernác'lo ás aranhas, pasto á traça,
Andou de mão, em mão, e ás rebatinhas
A quiz lêr todo o bicho curioso.
E não quereis que as Crîticas me alégrem?
Eu ponho os meus Censores em dous lótes;
Uns, que censurão, com sagaz intuito
De me emendar no que érro, e avisar outros
Do tropêço, em que dei, que ahî não cáião.
D'esses Censores louvo o sizo, e delles
Tiro lucro. Tomára eu aquî tê-los,
Que sahîrão máis limpas da carépa
As trówas, que ahî dou por desenfado,
E por ganhar vintens. Aos Aristarcos
Caixeirinhos francêlhos, Bonzos, Nayres,
Que embicão nesta phrase, nesse Vérbo,
Que não vem nos seus livros de fitinha,
D'esses me rîo eu ás gargalhadas;
E péço aos nossos bons Poétas d'hôje,
Que me ajudem constantes a apupá-los.
De relé tão nojósa dêmos cabo (1),
De tal maneira, á finca. os affrontêmos,

(1) Que faut-il donc faire pour conserver à notre langue sa prééminence? Il faut que tous les gens de goût se liguent contre ces novateurs, contre ces factieux littéraires, qui veulent faire une révolution dans la langue: il faut se rallier autour des bons modèles, et disperser avec le fouet du ridicule, ces corrupteurs de la pureté du langage.

Que não ousem fallar ; e se a Vergonha
Tem inda algum accésso em suas caras ,
Corridos se arremessem a lêr Clássicos ,
Não máis , como asnos , fallem como gente.

ODE

A' ILL^MA^. E EX^MA^. SENHORA D. M. DE A.

O testudinis aureæ
Dulcem quæ strepitum , Pieri , temperas ,
O , mutis quoque piscibus
Donatura Cygni , si libeat sonum !
Totum muneris hoc tui est.

HORAT. *Lib.* 4 , *Od.* 3.

CALLÌOPE divina ,
Que ao Cantor Thracio , emuladór de Apollo ,
No bêrço adormentavas ,
Contando as maravilhas ,
Em que estudiosa lida a Natureza :

Tu , de Urania ajudada ,
Aos sóes immensos o subiste adulto ,
E a pacîfica Virgem ,
E o Leão truculento
Lhe mostraste , as pousadas visitando.

Tu stavas a seu lado ,
Quando dos montes desprendia os troncos ,
Com a affoita harmonîa :

Tu os números ao canto,
Tu a altîsona vóz lhe modulavas.

Na verdenêgra Styge
Dobrou Charon, nunca atélli dobrado.
Quantas vêzes, absôrto,
Para o Cantor divino
Ergueo o rôsto, e se esquécceo do remo!

Das eloquentes córdas
Partîrão Graças; que desenrugárão
O medonho semblante
Do tristissimo Dite,
E o peito co' a ternura embrandecêrão.

Eurîdice, aos podêres
Do Canto vencedor, tornou ás praias
Do lago irremeavel;
E do O'rco as leis quebrando
A infernal róta desandóu, primeira.

A teu mandado as Aves
Enchem os sôltos áres de gorgeios;
A teu mandado os brutos,
Os estúpidos peixes
Entoarião québros sonorosos.

Ah! dá-me a Lyra Thracia,
E manda, que eu desfira a vóz canora;
Verás parar os rios,
Verás descer dos montes
As sélvas de tropél a dar-me ouvidos.

Enlevado em teu gésto,
Com rythmo novo, por estranhos signos, (1)

---

(1) Não signos do Zodîaco, mas signos sim da Musica.

Despenhando cadencias,
Darei invéja a Orphêo,
Acudirão as Musas admiradas.

Farei máis. — Destemido
Disputarei a Apollo a primazìa:
Daphne (1) o árbitro seja
Do intrépido certâme.
Não me acobardo: Apollo já me téme.

Eu cantarei tão dôce
Que influa em féros peitos a meiguice.
Se encósto ao peito a Lyra,
Tanto ardor virá della,
Que inflammarei a amar-me a tibia Anarda.

Verei aquelles astros,
Que lúcidos revólve entre as pestanas,
De brando amor banhados,
Fitar compadecidos
Em Filinto, por prémio de seu canto,

Então, Lyra ditosa,
Ficarás com máis nome, e máis sobêrba,
Que quando aliviaste,
Nas mãos do Vate antigo,
A sêde a Tântalo, a Ixion a róda.

---

(1) A Senhora D. Maria de Almeida, então no Convento de Chéllas, e depois Condessa da Ribeira.

PRÉDICA BERNARDA.

Cérto frade, arrotando Sapiencia,
No púlpito, a altos brados declamava
Contra os Páes, contra as Mães sem consciencia,
Que ensinão mal os filhos; e provava
Com Sancta Mónica o seu razoamento.
« Sancto Agostinho foi grão libertino:
» Mas tanto fez a Mãe, com seu ensino;
» Que deo fim ao seu máo procedimento:
» Fez delle um Santarrão, que mil Santinhos,
» Iguáes aos que beijâmos nas verónicas,
» Deo a Deos. — Dai-me Mónicas, e Mónicas, (1)
» Dar-vos-hei Agostinhos, e Agostinhos ».

ODE

À Alcippe, e Daphne, depois de larga ausencia.

Vos ego sæpe meo vos carmine compellabo.
Catull. *de nuptiis Pelei.*

Abutre máis faminto, que o de Tycio,
Co' as unhas afferradas nas entranhas

(1) Magano! que se não contentava com uma só!

Meu renascente coração rasgava,
C'o róstro insaciavel;

Séva Euménide exércitos ferozes
De infaustas aves me assanhava á fronte,
Que grasnando-me agouros, me atroavão
Os trementes ouvidos.

Quando embebido em lôbrega saudade
Olhava o Céo, e lhe pedia alìvio,
Uma nuvem se rompe, e avisto claro
O Cìrculo dos annos.

Sizudo Génio, com potente dextra,
D'Oriente a Occaso lhe ìa compassando
O justo movimento, e abrindo a Clio,
Successos de alta Historia.

Eis da cadeia etérna de áço fino,
Cujos fuzìs o Fado quiz que fossem
Uns, dias tristes, outros, faustos dias,
Aponta um, todo de ouro.

Vìnhão-lhe em róda os Risos, os Prazêres
Compondo alada côrte: adiante a Auróra
Soltava do regaço apavonado
Pérlas, que o Ganges bébe.

Cupido, sacodindo o accêso facho
Abrazava em desejos Valles, Montes. (1)
Já cornìgeros Sátyros ardentes (2)
Causão as alvás Nymphas;

---

(1) Omnibus incutiens blandum per pectora amorem.
LUCRET. *in proœm.*

(2) Nympharum fugientûm amator. HORAT. *Lib.* 3, *Od.* 18.

Que envergonhadas fógem, mas fugindo
Nuas, lanção tal vêz, a furto, os ólhos
Ao petulante alcance; — ainda córrem,
Mas frouxão (1) a corrida.

Nas pontas dobradiças dos Ulmeiros,
As pintadinhas Aves, balançando-se,
Com festiváes gorgeios, á porfîa,
Desféchão a alvorada.

Ouro é todo o horisonte; e majestoso
Instiga o Sól flammîvomos cavallos,
Que a îngreme veréda a pulos tómão
Fogosos, escumando.

Este era o dia próspero, e risonho,
Em que eu tornei a vêr Alcippe, e Daphne,
Dia, a mim, máis feliz, que o feliz dia,
Que me lançou ao mundo. (2)

Apenas raia, no *alto* (3), a luz serena
Dos ólhos fúlgidos das minhas Vénus (4),
O Abutre da tristeza, erguendo o vôo,
Me desaffronta o peito:

---

(1) Assim é que aos vérbos, que derivão de adjectivos, ajuntão um *a* os nosos Clássicos; mas não sempre, como é bem óbvio a quem tóma a curiosidade de os lêr.

(2) Jure solemnis mihi sanctiorque
Natali proprio. — Horat. *Od.*
E quão pouco adivinhava eu então quanta disgraça, quanta amargura me urdia para o anno seguinte a Perfidia, a Invéja, e máis a Calúmnia!

(3) Cérta janella muito alta.

(4) Não é muito, que eu conte duas Vénus, quando Catullo conta um argél dellas, *Plorate, Veneres, etc.*

O exército das ávidas saúdades,
E a tôrpe Furia; General raivoso,
Mordendo os braços; e a silvar-lhe as sérpes;
Ao Tártaro fugírão.

CONTO.

Entrava pela lóge d'um Barbeiro
Certo Rapaz ancioso de ter barba.
Avíe, Senhor Méstre, (lhe dizia)
E o pachorrento Méstre, que não via,
No liso rôsto, um só signal de barba,
Lh'o lava, e lh'o re-lava: —
Já lhe altêão na cara
Batidos, re-batidos, todo-espumas
Tres altos (1) de sabão. — Eis que óra o Méstre
Tóma um cachimbo, accende-o, e vai sentar-se
A' pórta, vêr quem passa, mui serôdeo.
O Rapaz, de esperar desesperado,
Lhe pergunta, que faz, que o não barbêa?
Mui logrativo o Méstre lhe responde:
« *Estou sperando, que lhe aponte o pêllo* ».

---

(1) Bordados de tres altos - diz Fr. Luiz de Souza, fallando de vestimentas.

ODE

AO SENHOR

TIMOTHEO LECUSSAN VERDIER.

Nam quis iniquæ
Tam patiens urbis, tam ferreus ut teneat se?
JUVEN. *Sat. I.*

VEJO apontar o Hynvérno pelos cumes
Dos Hyperbóreos sêrros;
Com elle apontão procellosos ventos,
Truculentos negrumes;
Roucas rajadas de saltão granizo,
Com fragor se desatão
Pelas roturas do arrastado manto.
Lambem-lhe em róda a grenha
Rôxos coriscos, rápidos relâmpagos:
O desabrido Bóreas
Lhe faz côrte, a geáda arrebanhando,
Que ha-de espargir a frôxo
Pelas nuas campinas descontentes.
Já hirsuto o arco atéza
Para os farpões de tremedores gêlos
Nos disparar agudos.
Ei-lo que estalla, e os crepitantes frios
Me açoitão as vidraças.

Todo me encôlho, todo me arrepîo,
Já só de ouvî-lo, e vê-lo.
C'os ólhos cérco os desprovîdos cantos
Da casa, e das gavêtas,
Por vêr (desabrigado, tiritando
C'o penetrante frio),
Se, para lhe aparar as estoccadas,
Acho de prata escudo,
Forrado casacão, ou pilha de achas,
Hynverni-fugo couto.
Mas, ai de mim! que tudo está despido!
O lento, crébro sôpro
Da Disgraça, afferrada em meu alcance,
Varreo, sem piedade,
Quanto vio, quanto achou. Quanto é ditoso
Quem vê, sôbre o cabide
Da ricca, e recheada guardaroupa,
Tufar empanturrado.
Pelludo Gabinardo Zibellino!
Vê, no redondo estôjo,
Regalo aquécedor! no lar ardente
Ondadas labaredas! —
Cuidar, que hei-de ir, com barretada humilde,
Pedir, co' a bôlsa em punho,
Ao sobêrbo Estanceiro, repimpado
No throno mercantil,
Carrada escassa de velhaca lenha (1):
Por que não venha a Parca
Co' as fadadas tezôuras, c'os novêllos

(1) Médem tão velhacamente a lenha, que buscão as áchas máis tórtas, para as pôr no meio da medida, e deixá-la quanto máis vazîa pódem.

Visitar-me immatura.....
Vêr que o quente sertum acolchoado,
O lanoso vestido,
O Lusitano, tépido capóte
São de subido prêço,
E que a bôlsa engelhada em vão escôrro,
Sem que deite chorume,
São fléchas máis pungentes, que as do Hynvérno.
Hôje virei-lhe o buxo;
E ella do sujo, esfarrapado fôrro,
Entre cotão sédiço,
Déz reis vomitou sós, muito esfalfados.
E vós, crê-lo-heis, Vindouros!
Eu, que não vira nunca da Pobreza
A mágra catadura;
Que, á sômbra dos herdados arvorêdos,
Descansado dormia,
No regaço da intacta Probidade:
Eu que no altar da Honra,
Do rîgido Dever queimava incensos;
Que á Pátria, aos meus (1), sem têrmo
Dei quando pude, e sube; e déra o sangue,
Se o sangue meu podéra
Resgatá-la do ignaro captiveiro.....
Eu vivo desterrado,
Roubados os meus bens, roubado ainda
O prémio da Virtude!

---

(1) Ainda hôje conservo o mesmo amor da Pátria, a mesma ancia de viver, de tratar só com Portuguezes. O meu summo desejo fôra formar na minha vizinhança uma Colonia de meus Patricios, com quem sempre fallasse, e convivêsse.

E o Geral dos Bernardos; (1) que só têve
Por disvélo, e doutrina,
Anafar brando as rôscas do cachaço;
Róde sége, e dobrões,
Dê roupas, dê brilhantes, jogue rijo.....
Oh Térra amaldiçoàda!
Qual cheiroso Ananaz, se foi plantado
Entre aldeanas couves,
Esmorece, definha, e não dá fructo,
Ou dá-o ensôsso, e pêcco;
E finalmente mórre atassalhado
Das rústicas raîzes:
Tal vive o Sábio, peregrina planta,
Em terreno ignorante.

EPIGRAMMA.

Quando o Cantor de Thracia, o Orphêo divino
A's pousadas desceo do Reino escuro, (2)
Plutão, por lhe punir o desatino,
Lhe entregou a Mulher.

Depois, por um decréto máis maduro,
Quiz-lhe honrar o talento melodioso,
Que lhe enchêra os ouvidos de amplo gôzo;
E tirou-lhe a Mulher. (3)

---

(1) Fallo do antigo, que eu conheci, e que scandalizou muita gente de juìzo.

(2) Quem o duvida? Era filho de Apollo, e de Calliope.

(3) Tomára eu que houvessé, em Portugal, um *Index expur-*

ODE.

Damnosa quid non imminuit dies?
HORAT. Od.

DESTERRADO da Pátria, e dos Amigos,
Que pósso eu escrever-te, Caro Alfêno? (1)
Agudas mágoas, tétricos cuidados
A mente me povôão.

Nem Promethêo, no Cáucaso cravado,
Por comprender dos Numes o segredo,
E designar dos homens a Ventura,
Com mal-acceito officio,

Sentio tão rijo os pontiagudos cravos
Rasgar-lhe as carnes, transpassar-lhe os membros;
Nem lhe róe tão ferrenho o diro Abutre
As vívidas entranhas. —

A Virtude, que ao templo do Renome
Nos levanta, com mão máis-que-pesada

gatorio das obras (por alcunha) poéticas, que embargasse o chorrilho de más composições. Ora (no caso, que o haja) d'aqui já lhe peço, e lhe requeiro, que comêce pelas minhas trôvas, que o necessitão bem; e depois das minhas, as de. . . as de, etc. etc.

(1) O Senhor Bacharel Domingos Maximiano Tôrres.

(Por provar os que c'roa) descarréga
O açoute do Infortunio.

Aristides assim sáhe ao degrêdo
De saudoso pranto accompanhado :
Foi-lhe culpa o levar ventage a todos
Na difficil Virtude.

Ingrata Pátria de varões illustres,
Ingrata luz te acclara. Eu de que pasmo,
Nascido entre tartuffos, me persiga
Fanática Impostura !

Felices, os que obscuros escapárão
Do sévo Monstro aos ólhos cavillosos (1) !
Com brandas mãos Elysia inda os affaga,
Com mimo ao peito os cinge.

Cercados dos Amigos não-trincados
Gózão da aura natal.— Amados, amão :
E lêm suas Canções ás Damas meigas,
De quem graças recólhem.

Ai daquella Ave, que, do Ninho, ausente,
Des-liza o vôo por estranhos áres;
Que se queixa, e não vê ao seu queixume
Vir compassiva Rôla !

---

(1) Vos remanete, quibus facilis Deus annuit aures,
Sitis et in tuto semper amore pares.

PROPERT. *Monobibl. Eleg. I.*

ÔLHO VIVO C'OS TAES MÉRLOS.

Ora viva o Talento! Aqui (1) (ha annos)
De Itália veio quem ganhou dinheiro
A divertir Burguezes, e Aldeanos,
Com trocar ólhos, trastornar inteiro
Todo o teor do rôsto; táes fazia
Re-tórtas carantonhas, que Abridores
Em stampas as tiravão á porfia,
E á porfia as compravão Compradores. —
Que não valem Carêtas! Com Carêtas
Lisongeiras alcança o Pertendente
A Béca, o Officio, a Tença; co' as galhêtas,
Dadas com tórta cára penitente,
O Esôpo da Victoria (2) captivava
Cérta Viúva ricca (3). — Prelaturas,
Côiiezîas, e Mitras a si trazem
Hypócritas manhosos, que bem fazem
Carêtas, que são manto de imposturas.

---

(1) Em Parîs.

(2) Cérto Carcunda, que eu via, antes do terremoto, ajudar ás missas na Ermida da Victoria.

(3) E com ella cazou, e cazado andou de sége.

ODE.

— — — Fugit retro
Lævis juventas, et decor, arida
Pellente lascivos amores
Canitie. .

Horat. *Od.*

Que errado pões, Leitão (1), a confiança
Nos annos folgazões da vêrde idade!
O sangue petulante,
Que pelas veias hôje se atropella,
Cansado da carreira,
Com frias vózes pedirá socêgo.

Se amiúdas sem têrmo as romarias
Aos templos de Amathunta perigosa;
O Cîrio, que devóto
Arde ante as pulchras aras jactancioso,
Derrengado o verás,
Da rápida Velhice, ao bafo inérte. (2)

Altérna co' repouso as lidas duras,
Se quéres estender da vida a têa:
O Sabio não fatiga,

(1) O Senhor Henrique Leitão de Souza.
(2) Crede mihi, mores distant à carmine nostri,
Vita verecunda est, Musa jocosa mihi.
Ovid. *Trist. Lib.* 2.

Alêm do justo, as serviçáes potencias.
Nem sempre Hércules bravo
A Clava meneou, co' a mão nervosa.

Conserva-te um carão vermelho, e nédio
Para o décimo lustro, quando as Nymphas
Começão a avistar-nos
No rôsto as rugas, na cabêça as brancas.
Que gáudio é então lográ-las
Co' a côr sádia, e desempenho airoso!

Como em Teios o vêrde (1) Anacreonte,
Rosada a face, os ólhos scintillando,
Chamava a desafio
As bazófias da altiva Mocidade;
E da Cyprina arêa
Sahía coroado co' a victoria.

Aguçosas nos fião as tres Vélhas
O curto estame da velóz Idade:
Só bem lhe atalha os fusos,
Quem com sizudo freio léva a passo
O ginête alfarío,
Que relincha batalhas, e carreiras.

C'o jôgo, c'os passeios revezando,
E c'os sons de Melpómene, e Thalía,
As Matinas de Vénus,

---

(1) Chamo-lhe *vêrde*, porque na idade em que os vélhos cahem de maduros, Anacreonte desfructáva as verduras da mocidade. Se eu tivéra aqui á mão Fr. Luiz de Souza, citára cérta passagem da vida do Arcebispo, que confirmaria o que eu digo. Tambem não tenho J. F. Barretto; mas (se a memória me não falha) lá chama, na Eneida, vélho a Caronte, mas *vêrde* para o remo.

Alongarás o tempo inestimavel ;
Verás dansar na bôlsa
As valem-tudo, fúlgidas carinhas.

E com novo vigor espairecido,
O'ra, na Lyra, cantarás as noites
Dos lédos Acyprestes ;
O'ra o rival d'Ariósto translàdando,
Tómas quinhão na glória
Da Tarasca (1) immortal, sem-par Donzélla.

O DOUTO MEDICO.

MAL vem a Fébre de furor armada,
Lavra dos bóta-fogos, no edificio,
Labaréda ateada.
Eis corre a Natureza ao prompto officio,
Arca por arca lutta c'o a aggressôra ;
E a gente spectadora,
Buscando quem desmanche a agra pendencia,
Traz um Cégo, que ornou Médico lauro.
Este o bordão vareja de Epidauro,
De pancadas de Cégo faz sciencia ;
Se aleija a Fébre, o enfêrmo tem saúde ;
Se a Natureza — aprêstem-lhe ataúde.

---

(1) La Pucelle d'Orléans.

ODE

A DELMIRA.

No dia 20 de Julho de 1783.

Felice chi vi mira;
Ma più felice chi per voi sospira:
Felicissimo poi
Chi sospirando fà sospirar voi.
Ben' ebbe amica stella
Chi per Donna si bella
Può far contento in un' l'occhio, e l'desio,
E sicuro può dir quel core è mio.

Del Cavalier Guarini.

Amante incurioso, que se paga
Do sorriso affectado, e das ensôssas
Caricias d'uma Láis, se néga a entrada
Do Amor no sanctuario.

Bem gostou de prazer máis delicado,
O que âmou, na donzélla pudibunda,
O forçado repúdio, (1) que desmentem
Os ólhos mal-irados;

E o que, dobrando os súpplices joelhos,
Graça pedio, sem culpa, e escutou brando

(1) Facili sævitia negat, — Horat. *Lib.* 1, *Od.* 12.

O mimoso queixume, que espairece
O caminho á ternura.

Amor lhe désce, do thesouro Cyprio,
Divinos dons, que a astuta Mãe negára
A celestes amantes — reservados
Para mortáes máis dignos.

Que insólito deleite máis que humano,
É vêr, nos ólhos da gentil Delmira,
Brilhar um amoroso sentimento,
Clarão do incendio da alma!

Vêr, d'entre as pérlas da virgínea bôcca,
Vir nascendo um sorriso namorado,
Qual rósa vem rompendo rubicunda
O orvalhado casúlo.

Léve Furto, nas azas, arrebata
A Cythéra as primicias d'um suspiro,
Que errava a mêdo, e que espreitava occulto
Pudíco desafôgo.

Como lhe ondêa a miúdo o níveo seio,
Quando co' a vóz ingénua, que se escapa
D'entre as barreiras do accendido pêjo,
Me diz — *Filinto, eu te amo!* —

Como suáve fôgo vai calando
Até o âmago da alma, quando ao collo
Me lança os lentos braços torneados,
E a face me offerece?

Não sou mortal então: divino alento
Me côa pélas veias estranhadas;
A alma absôrta se engólfa c'os sentidos
N'um pégo de prazêres.

Até que as praias do ávido Cocyto
Orphêo saudou co' a Lyra lachrymosa;
Despedaçado pela raiva amante
Das Rhódopes donzéllas,

Sôbre um êrmo rochêdo sobranceiro,
Para o Hébro piedoso debruçado,
As aguas que paravão para ouvî-lo,
Saudoso entristecia.

Das Nymphas de rendê-lo cubiçosas
(Embebido em seu pranto) não curava;
Crébros desejos, com que ardia o monte,
Não lhe prendião na alma.

Léves conquistas de off'recidas graças
Não valem o carinho saboroso
Do vencido desdêm : nasce o Fastîo
No chão do Gôzo fácil. (1)

SONETO.

Callada estava a Terra, o Oceâno quêdo,
Sereno o Ar, o Céo de côr rosada;
A mal-desperta rósa rociada
Movia-a o vento em plácido segrêdo.

---

(1) Quando eu escrevia esta Ode, apenas me começavão a alvejar as néves na cabêça : hôje que lá tudo são Alpes, bem agudo serîa quem lhe achasse calor para uma cantiga.
Lenit albescens animos capillus. Horat. *Lib.* 3, *Od.* 14.

Soltava a Aurora a trança de aureo enrêdo,
De rubins semeando ao Sól a entrada;
Que, máis que nunca, a fúlgida arraiada (1)
Lançava sôbre as pontas do arvorêdo.

Eis no prado apontou Marcia formosa,
Máis brilhante horisonte ao mundo abrindo,
Com dous sóes de outra luz máis graciosa.

Lá te vás entre as nuvens encobrindo,
Altivo Rei da esphéra luminosa. —
Assim ao vêr-te a Lua foi fugindo.

ODE.

Non est meum si mugiat Africis
Malus procellis, ad miseras preces
Decurrere: — HORAT. *Lib.* 3, *Od* 29.

SÓBE acima dos Reis o home' animoso,
Que do peito insoffrido arréda o pêso
Dos sustos, com que a Estima de si proprio (2)
Tyrannos abafárão.

---

(1) Os Camponêzes, que vêm máis vêzes, que os da Cidade, nascer o Sól, e arraiar com seu luzeiro as campinas, chamão *arraiada* ao esparzimento de seus raios. Muita gente, que lê, conhece *arraiada* adjectivo, mas *arraiada* substantivo conhecem só os que madrugão, e não gastão todo o tempo em lêr.

(2) *L'estime de soi-même* est le plus grand mobile des ames fières. . . . et dont la tyrannie voudrait étouffer la voix.
J. J. ROUSSEAU.

Clio o remonta nas lembradas azas,
E no Templo immortal vai recostá-lo;
Em quanto a bem-ganhada Saudade
Lhe téce o elogîo.

Jázem na ignóbil tréva sepultados
Mil duros vencedores; nunca a pluma
A mão amiga do facundo Vate
Pejou em seu abono.

Piza do Elysio a affortunada grama
Viriato, que co' a dextra vingadora
Os córpos apontava golpeados
Pelas traições Romanas.

Ao lado acceita esse Aio (1) malogrado,
Que ao fanático Môço predisséra
Os ruîns conluios, e a forjada ruîna
Em Africanas térras.

Lorsque l'homme est assuré qu'il a fait le bien, sa conscience ne lui offre que des sentimens agréables, qu'on désigne sous les noms d'*estime de soi*, de complaisance, de contentement intérieur, de fierté. — *Politiq. naturel.*

Cette estime de soi-même, qui donne des ailes à la vertu, l'élève avec force au-dessus de tous les obstacles.
Vieland, tom. 3 *de l'Hist. d'Angleterre.*

Cette ardeur pour l'estime est naturellement proportionnée à l'étendue des talens; et une grande élévation dans l'esprit et dans le cœur porte à rechercher des témoignages de son excellence dans le jugement des hommes de tous les lieux et de tous les siècles. *Théor. des Sent.*

C'est de l'estime de soi-même que naissent les grands sacrifices. *F. du Publ.*

(1) D. Aleixo de Menezes.

Não se escalão com louco atrevimento
Do occulto Fado os muros diamantinos;
Mas a Prudencia entre-descóbre ao sábio
Um albor do Futuro.

O Pilòto sagaz pre-sente ao longe
O zunido da enxárcia, o masto rôto
Co'a furia do tuffão que vem no ventre
Da naufragosa nuvem.

Já na próvida mente apréstа os braços
Para inclinar o léme ao salvamento;
Ou com elles romper, na irada spuma,
Sonóros rôlos de agua.

Sentimos, Sylva, (1) o mal que accurva a triste
Pátria, que ameáça, com máis turva estrêlla,
Os Nétos: — mas assaz forçósos somos,
Que possâmos tolhê-lo?

Por onde quér que as ondas nos ărrojem,
Da salva praia, aos sócios acenêmos;
E a voragem que sórve, e a sequaz vaga
Brádêmos anciosos.

---

(1) O Rev. Senhor M. Jozé da Sylva Fer.

A VERDADEIRA

GENEALOGÍA DE CUPIDO.

Já por escripta os Grêgos nos deixárão,
Que das Graças Irmão o Amor nascêra.
Mas, segundo as authenticas Memórias
Conservadas no Archivo de Cythéra,
Máis chegado Parente lhe é Cupido,
Da máis jóven das Graças sendo filho.
E rézão as Memórias, que Euphrosina
Gostava de uvas; (foi no Outono o caso.)
Um cacho bem córádo, bem maduro,
Que entra cabal na dórna, muito tenta.
Tentou-se a jóven Graça; a mão lhe lança:
Mas Baccho, que muito ha, que lhe anda á espreita,
A pilha, e a seu prazer lhe dá castigo.
Euphrosina assustada deo, comtudo,
D'esse castigo, á luz, o Deos Cupido;
Que lembrado, e fiél á origem sua,
Antes que embêba no arco a aguda flécha,
Que attira a Jóve, a Marte, e á mesma Vénus,
Nos lagares de Baccho lhe dá a têmpera.

ODE.

——— Horrida bella
Ausi omnes immane nefas. — Virgil. *Æneid.* 6.
Sævit amor ferri, et scelerata insania belli.
Æneid. 7. *v.* 461.

De exércitos brutáes trilhada a Európa,
De hostîs baixéis o Oceâno retalhado,
Armas luzem, relinchão os ginêttes,
Rimbomba a artelharìa.

Onde ides de tropél, aonde algôzes
Mattar vossos Irmãos, com arte, e canto? (1)
Brotou o Inférno pois, milhões de Alectos,
E vo-lás pôz nos peitos?

Contra uma só Nação, que de Senhora,
A duros Déspotas ceder desdenha;
Que des-trama a traição, que conspirárão
Malévolos Ministros? (2)

(1) L'homme n'était pas né pour égorger ses frères.
Voltaire. *Od.* 15.
Ils prétendent conduire à la félicité
Les Nations tremblantes,
Par les routes sanglantes
De la calamité.
Vol. Od. à la Reinè de Hongrie.

(2) ——— Ne quid inausum
Aut intractatum scelerisve dolive fuisset.
Æneid. 8. *v.* 208.

Em tanto atribulada a Natureza
Se esconde, co'as mãos véda ao rôsto, aos ólhos
De avistar gólpes, de escutar gemidos
Dos filhos sem ventura.

Reis, que accurváes com orgulhoso sceptro
O miserando Pôvo ignaro, e dócil,
Dobrai a alta cerviz á vóz máis alta
Do cavilloso Pitt. (1)

Esse Rei dos sobêrbos Potentados
Abre as azas ao Despotismo, e manda,
Das Ilhas da affogada Liberdade,
Ameáços, e insultos.

Envergonhai-vos, (2) Déspotas ferózes; (3)
Não sois potentes a prostrar co'as armas

---

(1) Homem das *grandes vistas* lhe chama cérto Enviado que vio o que eu não vi, nem quero vêr. Óra *grandes vistas* só cabem em grandes marmóttas; é de suppôr que grandes são as marmóttas do cavilloso Pitt. E tambem é de suppôr que lhas vio, e bem lhas vio o agudissimo Enviado.

(2) Nil pudet assuetos sceptris. LUCAN. *Lib.* 8. *v.* 452.

Hypocrites! N'est-ce pas vous, instrumens de George Pitt, moteur de la *coalition*, et qui vous salarie pour la continuer? N'est-ce pas vous qui l'avez conduit à l'échafaud (Louis XVI)? Son crime n'est-il pas d'avoir été votre complice, d'avoir conspiré avec vous contre la liberté des Français, et l'intégrité de son territoire? L'acte de conjuration et de partage ne vous constitue-t-il pas les agresseurs? Ne vous rend-il pas coupables des fléaux de l'Europe? de la guerre civile que vous avez excitée en France, de la guerre extérieure que vous avez commencée contr'elle?

(3) Non solus aut primus nepotes
Rex fatuos generavit Ilus. BALDE *Lib.* 5. *Od.* 8.

Homens que se respeitão. Querem sôltas,
Como a vontade, as óbras.

Quanto me agrada, oh nóbre Souza, a tua
Récta intenção, que abóna injusta a fôrça,
Se, em despeito dos dônos, clama alçada
Nas possessões não-suas!

Oh quanto hei-de sentir a tua ausencia,
O'rphão do ingenho teu brilhante, e raro;
Sempre bom, sempre douto, sempre amigo
Da honra, e da verdade!

CONVERSAÇÃO.

ANTONIO.

FELISARDA, que tu mui bem conheces,
Que nunca amou ninguem, sei que ama; e muito.

JOSEPH.

Assaz me dizes. Quem é o venturoso?
É Lucindo, que ha muito a namorava?
(*Ant.*) Como te enganas? Ella amou-lhe sempre
Os presentes; mas nunca amou o Dôno.
(*Jos.*) Já sei: ama Gelonio, que tem sége,
E que lh'a empresta para ir ao Baile.
(*Ant.*) Menos inda. Ama a sége, e não Gelonio,
Se te digo! Ella nunca amou amantes.
(*Jos.*) Pois que ama Felisarda? Ama o marido?
Ella, que o três-vio sempre, como a morte!

(*Ant.*) Tomára-o ella vêr cem léguas longe.
(*Jos.*) Menos que ame seu Páe ; que ame seus filhos.
(*Ant.*) Seu Páe!... seus Filhos !... Vás de meio a meio
Errado em teu conceito. (*Jos.*) Agora acérto
Ama não amar nada. (*Ant.*) Ama, estremosa...
(*Jos.*) A quem ! Acaba. (*Ant.*) adora o seu Cãozinho.

ODE.

No dia 4 de Julho de 1805.

Jam Procyon furit,
Et stella vesani Leonis ,
Sole dies referente siccos.
HORAT. *Lib.* 3 , *Od.* 29.

DESPEDIDA a Estação , que as flôres dava ,
Com benévolo orvalho , brilho , e côres ,
Vem , com , ardentes fógos , o Cão Sirio
Seccar quanto ornou Maio.

Sêccas as hérvas, sêccas as gargantas ,
Cuidem na réga os hortelões curvados :
Nós cuidêmos em des-rolhar garrafas
De vinhos , de licôres.

Bebâmos á saúde dos bizarros
Amigos , que das garras dos Tartuffos
Me salvárão ; e dão com que óra os brinde ,
Sufficiente módo.

Bebâmos a Araújo, a Souza, a Brito,
E áquelle, que imprimir seu nome véda;
Mas que eu estampo etérno, no meu grato
Coração. Bebâmos;

Que o Sól vem furioso, e nos dispara
Virótes de seccura. Rapaz, deita
D'esse louro licor, que deo Borgónha,
Para alegrar esp'ritos.

Quem me déra que ouvissem as saúdes,
E o tinnir alegrissimo dos cópos
Os vîs familiares, e seus Bonzos
E, ouvindo-as, enraivassem!

Mando á Styge as lembranças desabridas
D'este dia, e o *Citóte* Inquisitorio.—
Venha assistir-me a Deosa da Amizade,
E os seus leáes Devotos.

Só della, e delles quéro recordar-me;
Que a vida, e o salvamento bem lh'os dêvo.
Vênhão tambem os nóvos (que graciosa
Me deo a França) Amigos.

Entre honrados louvores, entre brindes,
Um Sané, um Fouinet (1) verão seus nomes;
Verão nos ólhos meus, no meu semblante
Raios de amiga escolha.

Que é meu prazer colhêr nos meus Alumnos
O prémio de benévolas fadigas,
Quando o gôsto lhes vêjo, o empenho assiduo
Com que as entranhas sondão

---

(1) Jantavão ambos comigo nesse dia.

Da Lusitana Lingua, dos bons vérsos,
Que a Diniz, que a Garção tanto affamárão,
Fundados em Camões, na lição pura
De Grêgos, de Latinos.

Contente, oh Clio, bébe aqui com nôsco
Um copinho social de *Góttas de outro* : (1)
Cantarás máis suave, e máis brilhante
Meus dias hôje salvos.

A' Senhora D. J. R. D., no dia de seus annos.

Não sei qual, Vénus fêz, mimo, a Cupido,
Que este, de agradecido,
Uma fésta compôz, fésta a seu geito.
Um annúncio foi feito,
E pôsto nas esquinas de Amathunta
Por que alli fôsse junta
Trópa de Musas, Graças, Jócos, Risos,
E até Mómo c'os guizos. (2)
Sentinéllas á pórta : e todo o humano
(Por evitar engano)
Fique de fóra. Eis Marcia se appresenta;
Eis que impedî-la intenta
O Guarda. — Vem Amor, que ao Guarda ensina
Que ella é próle Divina.

---

(1) Cérto licor mui gabadinho, e que o merece bem.

(2) Não se sabe se os guizos, que os Poétas dão a Mómo, pertencem á sua gôrra, se ao seu adufe. Tálvêz que a uma e outro, por nos tirar de dúvidas.

ODE

AO SENHOR DOUTOR

VICENTE PEDRO NOLASCO DA CUNHA.

> Floresça, falle, cante, ouça-se, e viva
> a Portugueza Lingua.
>
> *Ferreira, Carta a Pero Caminha.*

Velho, e cansado a vóz se me enfraquece;
Fógem de mim entorpecido as Musas,
E a Lyra mal-responde ao tóque incerto
Da não-segura dextra.

Que poderei cantar para louvar-te,
Que iguale cò'a vontade agradecida
Ao mimo dos teus vérsos? Direi pouco
Em derreada prósa.

Regalou-me a linguagem não-mestiça
Da Traducção difficil. Começava
Eu a lêr, quando vêjo... (Não me engano?)
Dous conhecidos vultos

Entrar no quarto, e aos lados meus sentar-se,
Pedir-me que a leitura alto lhe entôe...
Poderás crê-lo? Os puros Manes erão
De Ferreira, e Barretto,

Que a cada vérso de elegancia Lusa
As palmas, applaudindo, rebattião :
« Viva o nôvo Poéta Lusitano,
» Que, honrando a lingua, se honra. »

Eu continuava a lêr, e recrescião
Os applausos, os vivas. — Louvor digno,
Dado por táes Ouvintes; neste Officio
Juîzes valiosos.

Darwin, se ouvir podéra, e comprehendêra
O Portuguez trasladó do Poêma,
Talvêz que o stylo, a lingua te invejára,
E te invejára o ingenho.

EPITAPHIO

DO SENHOR ***

Gozou vivo de gran reputação;
Deixa, inda morto, assaz de opinião.
Em tudo se ostentou grão Sabichão;
Prompto desintrincou qualquer questão;
Sabîa as outo partes da Oração;
Dava a todo dizer definição;
Sabîa o que era sp'rito, e conceição;
Té dava aos Logogryphos solução.
Era elle homem honrado? Honrado?... Não.

ODE.

Haya 9 de Agôsto de 1795.

Vis consili expers mole ruit sua,
Vim temperatam dii quoque provehunt
In majus: iidem odere vires
Omne nefas animo moventes.

HORAT. *Lib.* 3, *Od.* 4.

JA' a Paz firmou um pé na turva Európa;
E co'a florîda mão vai afastando
Do Mósa, (1) e de Pyréne (2) as bronzeas lidas
Do horrîfico Vulcano.

Mavórte as rédeas vira aos féros brutos,
E o carro ensanguentado trilha agóra
O Germânico chão, que muito indignão
Insultos de Monarchas.

De mãos dadas co'a san Philosophîa
A meiga Humanidade vai roçando
Os maninhos da stúpida Ignorancia,
E á Paz franqueando via:

A cara Liberdade, que enterrárão
Os Déspotas em lôbregos abysmos,

(1) Rio, que passa pela Hollanda.
(2) Montaulias, que separão a Hespanha dos dominios Francêzes.

Cujo nome saudoso até o raspárão
De sôbre a sepultura;

Já sacudio a campa, e alçada aos téctos
Da Curia Nacional, tremóla em tôrno
O Tricolór Despeito dos Tyrannos,
Com que aos Póvos acêna.

Em quanto Pitt, com vendas de ouro, occulta
Longe, ás gentes, benéfica esperança;
Com púas de Ambição aquî encrava
Os passos á Prudencia.

Mas tambem québrão furia os rijos ventos,
E descáhe a tormenta, que roncava,
Quando o Sól assomando, em aureas cintas,
Lhes abatteo os sôpros;

E lassos de brigar, desfalecidos,
Anceião o repoûso das cavérnas:
As nuvens, já máis raras, se desunem,
E o Sól tirão (1) serêno.

---

(1) — — Applaca o mar no mesmo instante
Aparta as nuvens, *tira o Sól* radiante.
J. F. Barretto Eneid. Liv. 1, *Est.* 39.

DESCRIPÇÃO.

Pintão o Ingenho um Môço denodado
Na côr ardente, os ólhos penetrântes;
Sôbre a cabêça uma A'guia: um inflammado
Glôbo, d'entre as madeixas ondeantes,
Busca o cimo dos Céos, d'onde ha baixado;
Dos hombros rompem-lhe azas navegantes; (1)
Na dextra um arco d'onde estalla a sétta,
Ou já cómo Orador, ou já Poéta.

---

(1) Pois que se diz, que os Navìos, com as vélas vôão, porque não dirêmos, que com as azas se navéga? E óra já Virgilio disse: *remigio alarum:* e J. F. Barretto, que o imitou, disse: *c'o remigio das azas.* Com effeito já me cansão nótas, em que haja de dar desculpa do uso desta phrase, ou daquella palavra. Fiquem de assento os benignissimos Leitores, que as phrases, e palavras de que me sirvo, ou já usadas fôrão por Clássicos, ou allì vindas *propter egestatem linguae.* Daqui tómo salvo conducto para alguma estranheza, ou atrevimentozinho, que appareça nas minhas tróvas.

Como é possivel, que o que eu digo n'uma nota, o tenha eu já expendido n'outras minhas, perdão peço por esta e por máis algumas que hajão incorrido no desagrado dos pientissimos Leitores por crime de repetição. Não cabe na paciencia poética de 16 lustros e máis de meio, abalar-se a folhear máis de 10,000 paginas de meus cartapolinhos, para afioroar com ella. Gente conheço eu, que o bem faria: pois que houve alma de tão re-

ODE.

4 de Julho, de 1779.

> Occidit, occidit
> Spes omnis et fortuna nostri
> Nominis. — Horat. *Lib.* 4. *Od.* 4.

MOrrerão os meus bens, e a minha fama:
Nem dôce Orphêo, nem arrojado Alcides
D'esses Cérberos crus ouse arrancá-los
A's garras cubiçosas.

---

mansado algarismo, que contou uma por uma (vid. Journal de Paris, anno... dia...) todas as palavras que vem na vulgata — Se vos admiráes, ainda lá vem máis. — Essa mesma pessoa, em seu bem utilisado ócio, contou de quantos mil milheiros de lettras se compunhão as mil milheutas palavras dessa mesma Biblia. Estou cérto que não houve quem lhe desmentisse o cálculo; porque não houve outra super-pacientissima pessoa, que appurasse todos os inter-lúcidos de sua alma para averiguar com igual appontamento, ou talvêz dobrado, se falhou na conta o primeiro computador.

Óra nem eu, nem algum outro do meu calibre cahiríamos nessa esparrélla. Por mim digo, que quando os saturnios Fados meus me influissem tão desmesurada impertinencia, verieis sempre ahi, alastrada no caminho diante de mim a — Minha gôrda Pachôrra, amiga vélha — para me atravancar todo o projecto, que eu concebêsse de me dar lida tão penosa.

Lembre-me Deos em bem ácêrca das 10,000 páginas que tanto

Nóva Medéa, ao filho que gerára,
Deo (quão pesado poude !) o duro gólpe
C'o braço Novercal; c'o hervado (1) alento
Bafejou a Innocencia.

Que prazer, da calúmnia bem-medrada,
Não colhèrão Devótos Embusteiros
Que em chammas cévão de Christãas fogueiras,
Caridade aleivosa !

Nunca foi salvo derramar verdades : (2)
Tem sempre o Êrro, em pé, o Cadafalso (3)

---

montão 18 volumes impressos, sem contar máis tres de manuscriptos que está a imprensa em dôr de parto com elles... Lembreme Deos em bem (tórno a dizer) o que ácêrca de tanta página e tanto cartapacio ouvi a um amigo meu encolerisado das crìticas que lhes fazião cértos Tarêlos. « Como pòdem (clamava o meu amigo, que canonisava os Autores segundo o máis, ou menos volume de suas Obras impressas) como pódem esses Tarêlos criticar um Poéta que máis de 18 volumes, afóra os que ainda tem para dar, tem dado ao prélo! Nem o magno Alexandre, nem Carlos magno com os seus doze Pares, junto co' Almirante Balão e a formosa Floripes... Que digo eu? Nem o grande Gengis Kan, nem o grandissimo Tamboriléque, de quem tão façanhosas grandezas conta o Auto das sette partidas que correo o Infante D. Pedro, filho d'el Rei D. João Iro. fizérão tanto gemer as prensas.

(1) Induzimentos do seu Confessor, que lhe intimou revelações d'uma freira da Madre de Deos, que vira no inférno uma cadeira de braços, de férro em braza, que me esperava.

(2) Mas quem póde atalhar o varão intrépido, que não publique o que é util á sua Pátria?

(3) Lógo que aos Bonzos mostrou a experiencia, que máis lhes rendia o mêdo, que o amor, em terrorizar o Pòvo fundárão seu poderìo; inventárão, para máis segurança, o infame tribunal da Inquisição, e com o fumo de Judeos, e de Christãos queimados, condensárão a cegueira das stúpidas Nações.

Para o Sábio, que a máscara lhe rásga (1)
Lhe amostra a face horrenda.

A Sciencia, que vira os sãos reinados
De João o justo, de Manoél ditoso;
Condemnada ao destêrro, assim dizia,
C'os ólhos arrasados:

« Mimoso reino, (que, inda ingrato, o estimo!)
» Com que întima saudade me despéço!
» Chorando vão comigo as boas Artes...,
» Quanto este adeos nos custa!

» Bárbara turba de ignorante schóla
» Me fêz descer das áras reluzentes,
» D'onde inspirava á Lusa Mocidade,
» Puras, amplas doutrinas.

» Cahîs nas mãos de algôzes tonsurados,
» A quem sempre neguei meu raio puro.
» Filhos, que eu tanto amei, ireis de rôjo,
» Beijar-lhe as mãos cruentas.

» O Pedantismo ao meu lugar alçado
» (Com que disgosto o vêjo!) sópra os tòrpes
» Hálitos enojosos, que marêão
» O templo que me erguêstes.

» Mas virá tempo, em que eu serei rogada.
» Mais înclyto Jozé, melhor Carvalho,
» Lustrado o Templo, expulsa a vil cohórte
» Restaurarão meu culto.

---

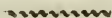
(1) Detrahere et pellem quâ quisque per ora
Cederet introrsum turpis. — HORAT. *Lib.* 2. *S.* 4

» Então , para o Saber , francas as pórtas ,
» Nestes meus penetráes acharêis armas ,
» Que pônhão em derróta irreparavel
» O pestífero bando.

» Sustentados com máximas robustas
» Darêis abalo ao cárcome , ás raîzes
» Dessa árvore , de tantos fustigada ,
» Que só de mim se téme.

» Inda , golpeada de acerados férros ,
» Segura o tronco as ramas estendidas :
» D'um rijo vaivêm meu , prostrado em térra.
» Chororá as raîzes.

» Vìctimas da verdade , perseguidos ,
» Affrontados serêis pela Ignorancia :
» Mas sempre fôrão gratos os trabalhos
» Que dão crédito ás fôrças.

» E passado o mortîfero negrume ,
» Que o Fanatismo resfolgou morrendo ,
» Dias máis claros , dias bonançosos
» Vos abrirei sem têrmo ».

SONETO.

Christo morreo ha mil, e tantos annos;
Foi descido da Cruz, lógo enterrado:
Mas téqui de pedir não tem cessado
Para o Sepulchro delle os Franciscanos.

Tornou Christo a surgir entre os humanos,
Subio da térra aos Céos, lá está sentado:
E inda, á saúde delle sepultado,
Bébem (o sacco o paga) estes maganos.

E cuida quem lhes dá a sua esmóla,
Que elles a gastão em funcção tão pia?
Quanto vos enganáes, oh gente tòla!

O altar mór, com dous côttos se allumia;
E o frade, co'a putinha, que o consóla,
Gasta de noite o que lhe dáes de dia. (1)

---

(1) Este Soneto é a relação histórica do que succedeo a cérto frade, com quem eu e outro estudantinho meu camarada, andámos pedindo para o sepulchro. Nem tudo o que os Poétas dizem se déve tomar ao pé da lèttra; e muito menos o que elles zombeteando escrevem. A relação que vai no soneto é em partes verdadeira, em partes não.

ODE.

París 23 de Dezembro, de 1779.

— — — — — Io triumphe,
Non semel dicemus, io triumphe,
Civitas omnis, dabimusque divis
Thura benignis. — Hor. *L.* 4. *Od.* 2.

Maldito o Bonzo, e máis maldito o Náyre,
Que calumnioso urdio o meu destêrro;
Malditissimo ó Estúpido fanático,
Que encommendou a queima!

Oh Pátria! oh Pátria! E pude assim bannido,
C'os ólhos arrasados de agro pranto,
(Não estalei de mágoa?)—despedir-me
De ti, querida Pátria?.

Oh Pátria, que vês ir o teu alumno
Desterrado sem culpa, e não embraças
Um diamantino escudo, com que o cubras,
Não empunhas mil lanças,

Co'as mil dextras de teus valentes filhos?
Não pões em fuga stólidos Satéllites
Do infame Tribunal, não mandas a Africa
Táes Busires de lòba?

Porque não clamas hôje arrependida
Dessa culpada inércia: « Oh Pôvo! oh Lusos

» Abri, abri os ólhos fascinados,
» Com religiosas máscaras.

» Nunca Deos ensinou fraudes, embustes;
» Doutrina sim de amor, de piedade:
» Tratos, baraços, fógos são invento
» De ávida hypocrisîa.

» Nem o zêlo estanqueis nessas estéreis
» Saudades de innocentes desterrados,
» Dos homens, que estimáes, que honráes na ausencia
» Por lêttras, por talentos.

» Honrái-os com máis sólidos serviços:
» Des-cozei, ou cortái a trama iniqua,
» A Calúmnia enredosa, que pôz pulso
» Ao de-mérito exilio.

» Lá se empréguem as fôrças, vózes clamem;
» Vózes, que atrôem, fôrças, que derribem
» Hypócritas Colóssos, mentes surdas
» De ignorante Govêrno. »

Vêjo!... Ou falsa Esperança me hallucina!
Vêjo os Lusos, no alcance de alta Glória,
Rasgar o véo do Engano, arremessar-se
A's detestaveis pórtas;

Arrombar, arrasar... Olhar o centro
D'esse antro de atrocissimas cruêzas;
Pasmar de indignação, vendo mysterios
De bruta barbarîa;

Arredar o tropél de familiares,
De carcereiros tétricos, de algôzes,
Despedaçar cordéis, e cavallêtes,
E os arrancos dos tratos;

Queimar procéssos, destroçar denúncias:
E os Deputados, vêrem, cabìs-baixos,
De par em par abértas as masmôrras,
E os Réos á luz do dia.

Vem, vem, Dia feliz, e suspirado,
Dar alegria á Europa, aos Sábios honra;
Aos Sábios, que accendêrão essa tócha,
Com que a Illusão se abraza.

A MANHÃA.

Esparge a Aurora a fronte do almo dia
De ouro, lyríos, e rósas;
Que deixa os Thétios braços
Phébo, que encéta a rápida carreira.

Piróes, e Eóo, as crinas sacudindo,
Banhadas de alva escuma,
Do flammìvomo Oriente
Batem, c'os pés ferrados, a couceira.

Lá esconde a Lua o prateado côche,
E a Noite a si recólhe
O manto das estrêllas,
Que o pavelhão azul nos encobria.

A sollìcita abêlha carregada
Do succo das boninas,

Vem, na dôce colmêa,
Depôr do Hymétto os húmidos despójos.

Pelas vêrdes espigas os cordeiros
Os pulos amiúdão,
E a Pastôra amorosa,
Traz elles, canta o seu amor singéllo.

Com mellîfluo gorgeio as Avezinhas
A' porfia discantão
A luz, que vem doirar-lhes
As mólles plumas, e as moradas vêrdes.

Rasga o seio da térra o curvo arado;
E as grávidas sementes,
Com mão esperançosa,
Pelos rêgos frugîferos se espalhão.

Léves Sonhos, battendo ingénuas azas,
Deixão doirados leitos
De virgináes donzéllas,
E ao reino escúro córrem a acolher-se.

Os perguiçosos braços estirando
Acórda o Namorado,
Que a Noite (officiosa)
C'o gésto, affortunou, da amada Phîlis.

E, em raios luminosos alagado
O rúbido horizonte,
Nas empinadas sérras,
Nos esmaltados valles brilha o dia.

ODE

AO SENHOR

JOÃO DANIEL DE BRUYN.

— — Neque,
Si chartæ sileant, quod benefeceris,
Mercedem tuleris. — Hor. *Lib.* 4. *Od.* 8.

Quando arde o antigo, e o novo mundo em guerra,
E os dous riváes Impérios,
(Quáes Carthago mercante, e a inquiéta Roma,)
No equóreo campo luttão;
Déscem floréstas dos erguidos montes, (1)
E á sábia vóz do Artîfice
Tómão azas os despojados róbres;
Na decotada cima
Tremóla a flâmmula, onde ondeavão folhas;
E dos mágicos pórtos,
Nóvas aves, transpõem o mar, voando, (2)

(1) — — Nel grembo all' Oceano atroce
Varcan boschi spalmati
Carchi di Duci. — *Chiabrera Canz.* 35 *al gran Duca Ferdinando.*

(1) — — Quæque diu steterant montibus altis
Fluctibus ignotis insultavere carinæ.
Ovid. *Metamorph.* 1. *ver.* 1. 3.

Entre ruidosa espuma.
Os bravos Almirantes, fôgo a fôgo,
Sôbre as nadantes quilhas,
Pelêjão pela pátria, e um nome ufano;
Mas a céga Fortuna,
Sem respeito, aos Heróes dispensa as ballas:
Os d'Estaings são feridos,
Como o inexperto, tîmido soldado. —
Tropeçando em perigos,
C'uma venda nos ólhos, caminhâmos,
C'ó Acaso, e o Mêdo ao lado,
As Graças dão a mão á Formosura,
E a estrada lhe alcatifão
De rósas, que envenena a Desventura:
Em tôrno das tiáras
Os precursores d'Átropos revôão;
E a Mórte, que inda o poupa,
Desafia, sem causa, o temerario;
Sem' que escape da foice
O Ministro prudente, que combina
As sortes dos Monarchas.
Já, revolvida a Urna dos Destinos,
Jóve tirou infausto
A espada, que esgotou em Syracusa
O sangue d'Archimédes;
Jóve d'ella (1) extrahio ao Pintor Rhodio (2)
As mercês de Demétrio. (3)
Não se ábrem menos promptos aos talentos
Os cancéllos de Dite;

---

(1) Da Urna.
(2) Protógenes.
(3) Demétrio Poliorcetes.

E os caminhos Tartáreos vão cobertos
De suspiradas almas.
Nem tu, De Bruyn, os Créssos, os Sejanos
Creias máis venturosos:
A vida alonga o que melhor a empréga,
O que a mão bemfeitora
Estende ao innocente, inteiro amigo; (1)
E aos revézes o esquiva,
Que a recatada Invéja lhe prepara;
Ou que o tóma nos braços
Quando a Calúmnia o offusca, ou c'um encontro, (2)
O derriba da róda.

---

(1) Integer vitæ scelerisque purus. HORAT.

(2) Já eu disse, n'uma desconsolada nota, que os volvidos quarenta annos de meu destêrro em França, obrigando-me a fallar outra lingua que não a minha, me fórão apagando com impia mão, esse pouco Portuguez, que em nossos bons autores colhido tinha. Hòje Portuguezes ha aqui que me acconselhão, que restaure o Portuguez que se me delìo da memoria, com o Portuguez, que agóra se usa, marchetado de phrases modérnas. Que me respondem VV.mm? Remoçarei o stylo co'as garridices, que andão na bérra?. *Quod Deus avertat à bonis.*

MEDÉA,

TRAGEDIA DE SÉNECA.

ACTO PRIMEIRO.

SCENA I.

MEDÉA.

Oh Deoses conjugáes, oh tu, Lucina,
Do leito genial auxîlio, e guarda;
Tu, que a Typhis o léme meneavas,
Pallas, na estranha náo, (1) domando as ondas;
Tu do sanhudo mar largo Sob'rano,
Sól, Tu que o louro dia no O'rbe espalhas;
Tu, que aos callados sacrificios mandas
Confidente clarão, Lua triforme;
Todos por quem Jason me jurou, Numes,
E, os que máis cumpre, que Medéa implore,
Cháos de eterna sombra, e Vós, oh Reinos
Da celeste aversão, Vós împios Manes,
Oh Rei do sólio lúgubre, oh Raînha

(1) Argos.

Roubada (1) com máis fé, com máis lizura,
Com vóz infausta vos invóco; vinde.
Sòltas as sérpes da madeixa impura,
E as mãos cruentas na affumada teia,
Vinde, oh Deosas, (2) verdugos dos flagicios:
Horrendas vinde, quáes o nupcial leito
Outróra me ladeaste: horrenda morte
Trazei á Noiva, ao Sôgro, á Régia stirpe.
Dai-me um mór mal, com que pragueje o Espôso.
Viva assustado, odioso, foragido;
Côrra erradîo, e póbre estranhos lares;
Espôsa me appetêça; e pórta alheia
Demande conhecido; os filhos sejão
(Porque mór mal não possa desejar-lhe)
Retratos de seu Páe, da Mãe retratos.
Dei-os á luz, vinguei-me (3) — Estou vingada.
Em vão semeio vózes, e queixumes....
E eu que poupo o inimigo — Os nupciáes fachos
Vou-lhe arrancar das mãos — e a luz ao Dia.
Tanto esperas de mim, Meu Régio Tronco,
Oh Sól, que o vês — que deixas vêr-te — e manso,
No carro, os campos médes re-trilhados,
E o azul convéxo! Aos bêrços não recúas
Da Luz infante, e o dia não recólhes?
Dá-me as rédeas, oh Páe, dá que em teu côche,

---

(1) Proserpina roubada por Plutão. Toda esta scena precisa de máis notas, do que permitte a escassêz desta folha, para os que não são versados nos usos dos Grêgos e Romanos: os que a não entendem, não a leião; ou perguntem.

(2) As Furias.

(3) Pela tenção, que tinha concebido de nelles se vingar do Páe, mattando-os, como depois fêz.

Desatando a carreira pelos ares,
Dóme os brutos de bôccas flammejantes.
Abraze-se Corintho, e a praia dóbre, (1)
Os dous máres, mésclando as ondas, sôrvão.
Mas só me falta o prónubo Pinheiro;
Levar-lho eu mesma ao thálamo; e acabados
Os rógos, e oblações, ferir-lhe as Rêzes (2)
No altar votado — Rasga, se és Medéa,
Pelas entranhas, pórta ao grão castigo.
Se inda do antigo ousar traços conservas,
Déspe o fêmeo pavor, vérte os esp'ritos
De empedernido Cáucaso inhumano.
Sim: que este Isthmo verá quanto attentado
Já o Ponto, e o Phásis vio. De tropél na alma
Súrgem-me hórridas, brutas feridades,
A' terra, aos Céos estranhas; e tremendas. —
Feridas, mórtes, e a funérea Clótho
Vagando pelas veias.... Léves feitos,
Ensaios juvenîs, quando eu Donzélla. —
Mas hôje, que sou Mãe, dôr máis pesada
Fórjo no meu saber, móres cruêzas.
Apréstа-te, Ira minha, o furor todo
Disfére em perdição — Fique em memória
Que emparelhou co'a vôda o meu repúdio.
Mas, qual deixas, Medéa, o teu Espôso?....
— Como quando o segui. — Rompe as tardanças.
A Fé, que o Crime atou, o Crime a rompa..

---

(1) Corintho, situada n'um Isthmo, estendia duas praias, uma para o mar Egêo, outra para o Iónio.

(2) Quér entender os filhos, que têve de Jason.

CORO

De mulhéres Corînthias, que cantão o Epithalamio das vôdas de Jason, e de Creûsa.

Aos thálamos dos Reis, prósperos Numes,
Os Deoses, que o Céo pizão, que o már régem,
Assistão; e os devidos, faustos vótos,
Póvos, exponde.

O dorsi-branco touro, o collo erguendo,
Se prostre ante os sceptri-geros Celestes:
Novilha de alvo pêlo, ao jugo prompta
Dóbre a Lucina.

Rêz máis tenra a quem (1) ata as mãos sanguineas
Do tôrvo Marte, e amiga (2) inféstas géntes:
No trasbordado côrno ampla abundancia
Próvida guarda.

Vem co'as têas leáes (3), e a Noite espanca
Co'a dextra auspiciosa, aqui, (cingida
C'o róseo laço a fronte) os passos ébrios
Márcido guia.

Astro, (4) que o dúbio dia abres, e cérras;
(Tardo aos amantes) ávidas suspirão

---

(1) Quer entender Vénus, que sabe sujeitar a Marte; e era uma das Deosas, que principalmente invocavão no matrimonio: ou talvêz a Paz, que é a Mãe, e a fonte da abundancia nos estados.

(2) Tento com o tal *amiga*, que é vérbo. Os nossos Tar[illegible]los, que lêm á tôa, necessitão, que os accotovelem, porque reparem no que lêm.

(3) O Hymenêo.

(4) A Estrêlla de Vénus.

Mães, e Espôsas que os teus, quanto antes, sóltes
Lúcidos raios.

Sobejo a Virgem vence em formosura
Atticas Noivas; nos Taigéteos sêrros;
Quantas nas artes mancebîs exerce
Sparta sem muros;

Quantas no sacro Alphêo, na lympha Aónia
Se banhão.—Cêda ao General Esonio
(Se ao garbo dáes a palma) a Próle salva (1)
Do ímprobo raio,

Que os tigres junge ao carro; e da asp'ra Virgem
O louro Irmão, que as trípodes revólve.
Cêda Póllux, e cêda o Irmão, que os Céstos
Déstro menêa.

Moradores do Olympo, assim vos péço.
Realce a Espôsa a todas as Consórtes;
E a todo o Espôso em garbo em gentileza
Jason realce.

No Côro virginal, quando Creúsa
Se presentou, gentil superou todas;
Que assim perdem c'o Sól a formosura
Alvas estrêllas;

Fóge das Pleias o apinhado bando,
Quando acurvando a Lua as cheias pontas,
Com luzeiro não-seu, no trilho usado,
O O'rbe rodêa.

---

(1) Baccho, a cuja Mãe Sémele Jóve abrazou c'os raios da sua glória, e a quem, a seu pezar, jurára de lhe vir *fallar*, como ia a Juno. Ovid. *Metam.*

Tal córa alvo marfim, quando banhado
Na Tyria concha; ou tal da nova Aurora
Orvalhado o Pastor, de Apóllo encara
Lúcido o brilho.

A' Aónia Virge' (é grato agóra aos Sôgros)
Dá a mão, Noivo feliz, que arrebatámos;
A quem tìmido, oh ìmproba Medéa,
No hórrido leito,

Com mão forçada, contra ti, cingias.
Folgai, Môços, c'os lìcitos dictérios;
Lançai ás Núpcias vérsos alternados,
Môços, e Môças.

Dão raras largas contra si os Amos (1).
Briósa Próle de Lyêo thyrsîgero,
Tempo era já de lançar fôgo ao pinho
Basti-rachado. (2)

C'os ébrios dêdos a solemne chamma
Lhe sacudi: palreiro Fescenino
Convicios festiváes derrame; e a turba
Sólte os seus dittos.

Em muda escuridade busque o leito,
Aquella, (3) que c'o Espôso forastéiro,
Anhelou desposar-se, indo fugida
De iras patérnas.

---

(1) Falla da liberdade, que nos dias da vôda tinhão os sérvos de dizerem a seus senhores todas as chulîas, que podessem fazer rir.

(2) Muita gente, que ata gravata lavada, me dizem, que embicára no tal *basti-rachado*. Ora elle responde ao *multìfida* do Original. Se os Senhores, que embicárão nelle, tem esgravatado algum máis enérgico, ou máis conciso, máis bem soante, muito lho agradecerei, se m'o remetterem.

(3) Medéa.

EPITAPHIO.

Que um Marido gravou na sepultura da sua Consórte.

MINHA espôsa aqui jaz. Que bem, que jaz!
Por sua, e minha paz.

ODE.

——— Mea
Virtute me involvo, probamque
Pauperiem sine dote quæro.
HORAT. *Lib.* 5, *od.* 29.

NÃo quiz a minha Musa desvairada
Té-quî dictar-me sonorosos vérsos:
Temeo talvêz de apparecer diante
Da tua douta Clio.

Por máis que forcejou a Saudade,
Com súpplicas, com prantos, de abrandá-la,
Dura negou; e inda hôje mal-me outórga
De éstro um relance avaro.

Ella é fêmea, Billing (1); é como a Deosa,

(1) O Senhor Guilherme Joseph Billing.

Que Antio govérna ; e Deosas tem caprichos.
Assim como soffri desta os revézes ,
Sôffro os desdens dess'outra.

Quanto val callejada Paciencia ,
Contra um Mundo embebido em ignorancias !
Égide adamantina , em que despontão
Às fléchas do infortunio.

Eu , da Calúmnia , e Invéja alvo patente
No seu bôjo aparei ódio de frades ,
Angústias , pêrdas , ameaçados fógos ,
E a Maternal Megéra. —

Quando o Gama , no Cabo tormentoso ,
Ouvio as vagas , com fragor horrîsono ,
Espedaçar-se nas agudas róchas ,
Em borbotões de escuma ;

E o immenso Adamastor , de carregado
Vulto , pronosticando desventuras
A ousados lenhos Lusos , que cortassem
Seus márcs insoffridos ; (1)

Assim fallou aos nautas descorçoados :
« Ditoso Rei nos abre o Templo da Honra ,
» Se atropellamos mêdos, e perigos ,
» Com esforçado rôsto ,

(1) O meu Amigo A. M. de Curnieu verteo assim esta Strophe.
Immensumque Adamastora vidit
Crinibus hirsutis, vultu et voce minaci
Lusiadis fera fata canentem
Puppibus indociles audacibus ire per undas.

» Para a méta transpôr de intacta (1) glória.
» Não vos espante o Mar, erguido em sérras,
» Nem os Ventos, em crua briga, sôltos,
» Nem Trovões bramidores:

» O mór rigor do Fado é já vencido.
» Nada temais comigo. O Soffrimento
» Põe no cimo da Róda as almas fórtes,
» Derriba as apoucadas.

TRADUCÇÃO

D'UMA PROSA POÉTICA.

AFFORTUNADA é a gente, no Universo,
Que em regozijo os dias seus desfructa.
Affortunado o Rei, que a mesa cérca
Com Prîncepes, Princêzas soberanas
De Estados Comarcãos; e recendendo
Arômas as Captivas, florescentes
De juventude, as taças lhe enchem rasas;
Quando Cantôres primos associão
C'o som da Lyra as vózes. Táes no Olympo,
Em frequentes banquêtes, aos Celîcolas

(1) E bem intacta; que ninguem, antes do Gama, a tinha merecido.

Hébe môça, e formosa, lhes derrama
A ambrósia, o néctar; pela Olympia abóbada
De Apollo, e Musas cânticos resôão:
Brilha em todos os ólhos, a Alegrîa.
Junta ás vêzes, em róda do seu thrôno,
Jóve esses Immortáes, co' elles consulta
As cousas cá da térra; como altérca
C'os Grandes do seu Reino, um Soberano
O público interêsse. Parecêres
Vários os Divos dão: e em quanto entre elles
Contendem cada qual com calor summo
Em sustentar o alvitre, o Deos supremo
Decréta, e em todos prende alto silencio.
Revestidos de seu Poder os Numes
Imprimem no Universo o movimento;
E aos phenómenos raros, que nos pasmão,
Elles a causa dão, elles a fôrça.
Cada manhãa a sempre-môça Aurora,
Com róseas mãos, do Oriente as pórtas abre,
Esparge pelos ares a frescura,
Pela estrada do Sól rubìs semêa,
E matiza de flôres veigas, prados;
Das Aves á alvorada a Térra acórda,
E se enfeita, para accolher o Nume,
Que lhe dá cada dia nova vida.
Assôma o Sól, — alardeando em tôrno
Quanto lustre, e ufanîa é competente
Ao Monarcha do Ethéreo: as léves Horas
Lhe vem guiando o Côche despedido.
E ei-lo já, que se entranha pelo immenso
Spaço, que elle de chammas, de luzeiros
Assobérba. Porêm quando elle aponta
Ao Palacio de Téthis, lógo a Noite

Que as pizadas lhe ségue eternamente,
Estende o manto escuro; e vai sem conto
Engastando no pavelhão celeste
Diamantinos fógos. Vem rodando
Outra carróça então, com luz máis branda,
Que os corações consola, e que os inclina
A meditar sensiveis. — Uma Deosa
Por conductora tem, que muda, e quêda
Vem de Endymião colhêr amantes cultos.
Brilhante esse arco, em lindas côres tincto,
Que d'um pólo se encurva ao outro pólo,
São passos luminosos, que estampára
Iris, trazendo á térra ordens de Juno.
São Zéphyros, Typhões, Génios que sóprão
O'ra uteis virações, óra tormentas;
Auras brandas, que brîncão pela Sphéra;
Austro, Euros, que luttão, que batálhão,
Para alv'rotar o mar em cachões rôto.
 Nas fraldas dessa encósta ha uma gruta
Da fresquidão, e do remanso asylo;
Lá d'uma inexhaurivel urna embórca
A benéfica Nympha arroio féitil,
Que os prados rasga; dessa gruta a Nympha
Ouve os vótos da nîtida Donzélla,
Que contempla, na crystallina veia,
Os attractivos seus. — No opáco bosque,
Que é morada das Dryas, dos Sylvanos,
Não se embébe em silencio, nem soìdade
Vossa alma, sim em susto arcano. Effeito
Da divina (presente) majestade.

---

(1) Não posso imaginar, que haja no Mundo tão reforçada paciencia, que ature lêr milhentas paginas de vérsos, e vérsos do

ODE

AO SENHOR ***

PHILOLUSO. (1)

Centum potiore signis
Munere donat — HORAT. *Lib.* 4. *Od.* 2.

Tu quéres comprender quanto, na Lusa
Linguagem mal-ignóta, (2)
Altivo disferio Camões divino?
E a lastimosa Castro,

mesmo Autor, que quasi contêm sempre as mesmas idéias, e viradas, e reviradas; quando não, o mesmo stylo, capaz de embotar o máis sôfrego, e máis aguçado appetite. Vêjo que tal ha, pois que comprão esta minha moxinifada, e ainda o não posso crêr. Ora digão-me os que assim comprão táes trovas. » — Comprão-nas por móda? comprão-nas por bazófia de ter *um disso*? e alardeá-las depois na apparatosa bibliotheca, sem nunca dellas lêr uma só lauda? Não se envergonhem: digão-m'o; e se o não dizem, deixem-m'o assim julgar.

Já vai assaz repléto o volume dos inéditos metrificados. E que fôra, se o Editor houvésse colhido máis de dôze dos primeiros caderninhos que imprimi, e que eu não pude haver á mão? Que fôra, se dez ou dôze fôlhas de Odes não somenos das que vão impréssas no tal volume, as não desencaminhasse, com outras máis tróvas minhas, que nunca máis viérão a meu poder, o galopim apprendiz de impressor? Oh que do Editor não vem a

E o Adamastor membrudo, ameaçando
Os baixéis Portuguezes,
Que ousados suas ondas devassavão.
Vê, que prémio desd'óra
No bicìpete Pindo se te apprésta.
O sonoroso Vate, (3)
Ao teu empenho grato, cheio o peito
De avultada alegrìa,
Convida as nóve Musas, a que têção
Um hymno relevado
Em que louvem teu génio resoluto
A sujeitar-se á lida
De apprender desta Filha, a máis genuìna
Da Romana facundia.
As phrases, e o recôndito segredo;
Um florão encravando

---

falta: que empenhou elle todo o seu disvéllo em òs haver; e mal que os haja, dá-los quér de graça aos assignantes. Dêm graças á Fortuna os pientissimos, e pacientissimos Leitores, que os livrou ella d'esse molestissimo camarço.

(1) Môço de mui honrado procedimento, summa viveza, e agudo ingenho, mui applicado ás boas lêttras, practico nas linguas Grêga, e Latina, Ingleza, Alleman; e Portugueza, que comigo apprendeo, sem Grammática, nem Diccionario. Tem traduzido em vérso francez algumas Poësìas Portuguezas, e continúa a traduzir outras com fidelidade, e com energìa; quanta lhe permittem as difficuldades da lingua Original, e as da lingua em que traduz.

(2) Grande desconsolação, por cérto, para um Portuguez, que ama a sua Pátria, e a sua lingua, vêr quão pouco é esta conhecida em França! Que leião Camões em insìpidas versões, e que não conheção Camões, em Camões mesmo!

(3) Camões.

Na c'rôa d'outras linguas, que já cinges.
Clio, que máis que as outras
Irmãas, ama a Camões, se appressa, em júbilo,
A cantar teu desejo;
E a te influir na mente claridade,
Que ráie em teu estudo.
Esse dom vale máis, que státuas cento
Erguidas pelas praças.

SONETO.

Os altares de Gnido são vedados
A ingratas Damas, a Galans perjuros,
E em calabouços mîseros, e escuros
Se aferrólhão os pérfidos culpados.

Só dos braços do Deos são apertados
Os que, contra desdens, ciúmes duros,
Conservárão no peito affectos puros,
De aleive, e de esquivança não manchados.

Mal pizo ò umbral do Templo respeitoso,
Me ri Amor, ao premio me convida;
E diz-me, abrindo o archivo precioso:

« Esta Marcia, de ti tão mal perdida,
» (Por virtude de encanto meu forçoso,)
» Te pague, em mimos, mágoa tão sentida. »

ODE

AO SENHOR

ANTONIO MATHEVON DE CURNIEU.

— — Quid æternis minorem
Consiliis animum fatigas?

Horat. *Lib.* 2, *Od.* 11.

Sacóde, Mathevon, da alma affligida
Pesadas nuvens do Futuro ignóto:
Nem te agoures desastres,
Talvêz nunca-vindouros.
Quando, da fatal Urna, Acasos tira
Com céga mão, o Fado inexoravel,
Lhe cahem d'entre os dêdos,
No Vaso, os que antevimos.
Sem fructo imaginâmos, resolvêmos,
Velâmos, sentinéllas dos succéssos:
Vem sempre ao máis previsto
Improvisa a Desgraça.
Emenda as Sem-razões da ìmproba Sórte,
Do Mal, do Bem distribuidora iniqua;
Suavisa, c'o acêrto,
O que é nullo atalhar-se.
Ante as rôxas fileiras espumantes

Do risonho Lyêo, nos térsos cópos,
Não ousão as Tristezas
Apresentar batalha.
Mal désce a' nossos peitos dôce fôgo
Do Môço imberbe, que se enfacha em parras,
Pérde as rugas a fronte,
As Mágoas desalójão.
Pois, se em meio collócas dos manjares,
O encostellado Lombo respeitoso, (1)
Que se nos dá que o Turco
Tenha guerras, ou pazes?
Cuida n'hôje: que os Deoses são ditosos,
Sem saber do Vindouro as fataes vêzes,
Se as Jóve não declara
Por soberano arbîtrio.
Repara como Jónia, (2) os lédos annos
Desfructa á sombra do celeste louro;
O'ra dôce cantando
Ao som da branda lyra;
O'ra brilhando em cîrculo discréto
C'o dicto agudo, co' a tenaz memoria
Alégra, anima, instrúe,
Sem revolver futuros.

---

(1) *Respeitoso* em lugar de respeitavel. Têmos em Camões, em Ferreira, e ainda nos prosadores, exemplos á maneira dos Latinos de adjectivos passivos com significação activa.

Se máis vulgarisados corrêssem pelas mãos dos Lusos os nossos Clássicos, como pelas dos estrangeiros córrem os seus Clássicos, não me estranharião tanto as Clássicas phrases de que uso, e de que máis ainda houvéra usado, se no meu longuissimo destêrro, me não tivérão resvalado da memória.

(2) A Illustrissima e Excellentissima Senhora D. Joanna Isabel Forjaz.

ODE.

4 de Julho, de 1799.

— — Et quidquid unquam concipitur nefas
Tractavit. — Horat. *Lib.* 2, *Od.* 13.

E consente inda o Pôvo Lusitano
O tribunal infâme,
Tyranno da Innocencia, algôz dos Sábios! (1)
Inda os raios de Jóve
Com medonho estampido não rebentão
Na cavérna tetérrima,
Onde esses tratos crús, onde máis crúas
Se dão inda as sentenças!
Désce, oh Filha do Céo, tu branda, e amavel,
Sancta Philosophîa,
Oh! do alto azul alcáçar, velôz désce,
Armada do ouro puro
Das virtudes sociáes, e do luzente
Broquél — antes espêlho,

(1) Non miremur ergo litteras humaniores ita in Italia jacere ac negligi; in Hispania penitus extinctas ac mortuas, ubi sub sanguineo illo Inquisitionis tribunali gemunt et suspirant maximè docti, et ingenio florentes; qui malunt vel silere, vel nugas scribere, quam periculum certum subire.

Burmann. *Epist. ad Capperoner...*

Que transmuda, que impédra ânimos tôrpes,
E carnîfices vultos;
Melhór do que Persêo a voráz Orca
Impedrou, dando amparo
A Andrómeda innocente, agrilhoada
Entre broncos penhascos;
Porque expîe sacrîlegos agouros,
Sacerdotáes embustes! —
Sacerdotáes embustes, bafejados
Da Real ignorancia
Me lançavão nas lôbregas masmôrras
Da Inquisição nefanda,
Para vîctima ser de ìmpia Calúmnia,
Garrotado n'um póste;
Alimento de activas labarédas,
Regozijo de Bonzos.....
Mas tu, Sancta Amizade, então me abriste
Os compassivos braços;
Sopraste-me no peito affouto alento: —
E o Monstro, que surgia
Co'a cabêça entonada, guélra accêsa,
A guéla apparelhando....
Co'a bôcca escancarada, parou quêdo,
Estupefacto, e mudo,
Vendo voar co'as brancas, pandas azas,
O estranho, pio lenho,
Que aos dentes lhe roubava o bom Filinto. —
Eis, destorcendo a cauda,
Vai-se arrastrando lento, e do Rocîo
Na cavérna se enrósca,
Té que em Lysia abra o dia, que já sôbre
As Pyrenéas cimas
As luzes sólta; e onde os Pyróes flammîgeros

Assomados escumão
Transpôr da Hespanha o tracto, e d'esse Lôbo
Que honras, e vidas móe,
Vir-lhe ao covil calcar, com pés de bronze,
A catadura hedionda.

SONETO.

JA' vem a Primavéra, desfraldando
Pelos ares as roupas perfumadas,
E os rîos vão, nas aguas jaspeadas,
Os frondîferos troncos retratando;

Vão-se as néves dos montes debruçando
Em tortuosas sérpes argentadas;
Pelas veigas, o Gado, alcatifadas,
A esmeraldina félpa vai tozando.

Rião-se os Céos, revéstem-se as campinas;
E a Natureza as melindrosas côres
Esméra na pintura das boninas.

Ah! se assim como brótão nóvas flôres,
Se remóça todo o O'rbe.... das ruînas
Dos Zêlos renascessem meus Amôres!

SONETO.

AOS MANES DE J. J. ROUSSEAU.

Tu, pavor da tyranna iniquidade,
Da Natureza as Leis nos descifraste;
E os seus aggravos vindicar ousaste,
Rompendo os sétte sêllos da Igualdade;

Tu, bom Rousseau, co' tócha da Verdade
(Abhorrida dos Reis!) Allumiaste
Os póvos, e a ser Reis os ensinaste,
Sinalando os Foráes da Liberdade.

Se é dado ouvir-me a vóz, nesse jazigo,
Accólhe grato o obséquio reverente
D'um Vate (inda que humilde) virtuoso: —

Virtuoso, não por mêdo de castigo,
Mas por tuas lições. Quanto eu ditoso
Fôra, a ter, como o teu, éstro eloquente!

ODE

A DELMIRA.

Amor in altra parte non mi sprona;
Nè i piè sanno altra via: ne le man come
Lodar si possa in carte altra persona.

PETRARCA. 77. 1.

ENTRE os braços tranquillos de Morphêo
Passava as horas da callada Noite:
Eis, se abre ante meus ólhos nôvo dia,
Argentado de nuvens.

Nunca tão alvo dia, no aureo côche,
Tirou Apollo, do immortal archivo
Do annoso Tempo, na sazão brilhante
Do flórea Primavéra.

Vêjo descer as duas Divindades,
Que máis afformosêão o alto Olympo;
CUPIDO, e VÉNUS, para mim sorrindo,
C'os ólhos se fallavão.

« Benigna Mãe (dizia Amor a Vénus)
» Tempo é que tantos cultos galardôes:
» A tão fino amador já nenhum prémio
» Lhe poderá ser grande.

» Tu tens em Chypre, em Paphos e Amathunta
» Tanta Hélena formosa, tanta Laura,

» Com que felicitar pódes Filinto :
» Que te detens ? Partâmos. »

E nisto ambas as mãos ambos me tómão ;
E, qual retalha o ar ligeira flécha,
Entre si, entre as Graças, e os Amores,
Em Chypre me descendem.

Allì, dos bósques de amorosa murta,
Sahem correndo alvissimas donzéllas,
D'entre os raros cendáes aos ólhos dando
Cubiçosa iguarîa.

Outras em Dansas, pelas mãos travadas,
Com léve, airoso pé toccando a térra,
Dão, na alma attenta, compassado assalto
De lembrada ferida.

Estas móvem na Lyra as aureas córdas ;
Estas se enfeitão de gentîs boninas,
Ao movediço espêlho crystallino
Do lîmpido regato.

Quáes, pelo bósque despedidas, séguem
O galhudo veádo temeroso ;
Quáes, depostas as roupas avarentas,
Nadando se debatem.

« Tens patente, Filinto. o meu thesouro.
» Nada te encubro, nada te é defêso :
» Prendas, Belleza, sôffregas Meiguices
» A tua escolha aguardão.

» Mas não escólhes ? Pensativo, e mudo,
» Entre ti recolhidos os sentidos....
» Achas escasso o prémio ? Não t'o védo ;
» Escólhe uma das Graças.

» Nem máis pódes pedir, nem máis eu dar-te.
» Que ao meu leal Petrarca, a Anacreonte
» Nunca os prendei, c'o máis seguro enfeite
» Da minha formosura.

» Sou-te grato, Erycina (lhe respondo)
» Delmira me é fiél, Delmira é meiga:
» Nella tenho, de todo o teu thesouro,
» A jóia de máis prêço. »

MADRIGAL.

Amor, onde has teu ninho;
No rôsto de Delmira, ou no meu peito?
Soberano, e daninho,
Nos seus ólhos, o mundo tens sujeito. —
No coração te sinto
Pelos estragos, pela viva flamma,
Por desejo faminto,
Que as entranhas devora a quem bem ama.
Mas tu, Rei poderoso,
Que te ufanas de obrar tantos portentos,
Um feito generoso
Só te péço, e serás, em meus accentos,
Nume sôbre os máis Numes;
Se mudando pousada,
Comigo, e com Delmira despegada,
Vens ao meu rôsto, e o peito lhe consumes.

O D E.

Parîs 23 de Dezembro de 1797, dia dos meus annos.

Cervi luporum præda rapacium
Sectamur ultro, quos opimus
Fallere et effugere est triumphus.
HORAT. *Lib.* 4, *Od.* 4.

QUE desastres que eu vi! que desacêrtos
Nos trêze lustros da cansada vida!
Os homens menos tino tem, que os brutos,
No que é de são proveito.

Debalde a Experiencia de mil annos
Em bronze lhes escréve, em mármor duro,
Os êrros dos Maióres: elles loucos
Vólvem do bronze os ólhos.

Tinctos de sangue frêsco se avermêlhão
Alcantîs da precîpite Riqueza;
Os que céga a Ambição, vérgão sem mêdo
Na quina do despenho.

Inda de Africa um Juba, inda de Grécia
Um Perséo os grilhões nas mãos sopésão,
(Deshonra de Sob'ranos!) inda raivão
Das váias do triumpho.

Eheu ! quàm lacrymabiles
Intra lustra decem vidimus aleas !
Vecors Japeti genus
Fatali rapitur stultitiæ rotâ :
Campestres meliùs feræ
Callent utile dicernere noxio :
Nequicquam innumerabilis
Annorum series fixit aheneas
Duris marmoribus notas ;
Majorum pereunt damna nepotibus,
Pravi quatenus æneis
Avertunt oculos indociles notis.
Crudâ cæde rubentibns
Captant divitias præcipites viis ;
Audent bella per et neces
Gemmis conspicuum tollere verticem.
Atqui sat memorabile
Exemplum , manicis Perseus et Juba
Turpes , ludibrium insolens
Victori populo , non sine morsibus.
Et nuper malè provida
Submisêre novis colla Quiritibus
Reges , quando , humili prece
Pacem invita rogans , pallida cernuo
Majestas diademate
Plebeios tetigit suppliciter pedes.
Quò vos cæcus agit furor
Lymphatosque rapit ! si neque rusticam
Pyrrhus viribus integris
Bruti progeniem strenuus et sciens
Pugnæ comminuit ; neque
Ingens Antiochus totam Asiam trahens.
Quid vos militæ rudes

Inda hontem tantos Reis ajoelhados
Pedindo paz a insólitos Burguezes
Não são lições que cálem no juîzo
De impróvidos Monarchas.

Que Pyrrho, nem que Antîocho podérão
Destroçar a Répública de Bruto?
Um com todo o saber da arte guerreira,
Outro co'as fôrças da Asia?

E sois máis sabios vós, máis poderosos?
Vós, Reis de pouca térra, e de pouca arte?
Que ouseis luttar (vencidos tantas vêzes!)
C'os Répúblicos Francos?

Nem sois vós quem luttáes: lutta arquejando
Contra a Razão robusta o vão Orgulho;
Luttão fogueiras, cárceres, verdugos
Contra fôrros escravos.

Quando França estender dous longos braços,
Um que abarque Vienna, outro Bengala,
Onde ireis vós fugir? Que Pitts astutos
Vos salvarão os thronos?

Jam fractis opibus, tenditis altero
Gallos Marte lacessere
Conjurata mori aut vincere pectora?
Retrovertere liberas
Gentes nempe jubit regia turgido
Fastu nixa superbia, et
Miscere imperii cuncta libidine:
At Fas juraque rumpite;
Pugnate exsiliis, Carceribus, rogis;
Perstabit Ratio tamen,
Perstabit vegeto robore Gallia:
Quæ si in Danubium simul
Et Gangem validas injiciat manus,
Quis vos, quis Deus aut fuga
Armis expediet Sceptra sequacibus?
Latine vertit A. M. de Curnieu.

O si sera tamen quoque
Libertas placido lumine viderit,
Abstergens veterem situm,
Qui Bœtim, patrium quique Tagum bibunt!
Si Lux aurea ferream
Noctem discutiat! quàm gelido libens
Vates liber ab exule
Fiam marmoreæ Civis Ulysseæ!

EPITAPHIO

DE CERTO P.

Aquî jaz hum prelado
De emprestada memória,
Que sempre recebeo, nunca pagou.
Meu Deos, se elle pilhou
Lugar na vossa glória,
Cértamente pilhou-vo-lo fiado.

DESTEMPÊRO.

Ha tres dias, que acórdo estremunhado
Ao som d'uma monótona sanfôna,
Que canta —*Zingamócho* (1) *anda no prado*,
Regamboleando (2) *a fófa* —, *ai tona*, *ai tona*.

(1) *Zingamôcho* — diz o Moráes, que é o remate de cousa âlta. — Mas, por máis que elle o diga, ninguem me desmanchará a idéia, que o som de Zingamôcho tem debuxado no meu entender. *Zingamôcho* pela *onomatopéia*, ou pelo som da palavra, representa-me — ferrinho tòrto, que anda á roda, como quem disséra — *férro de sanfôna, tarambêlho de espêto rodante*, etc. etc. etc. *Zingamôcho* — se me guio pelo soido, déve ser cousa que bula, e nunca requeira ficar cravada, e fixa. Talvêz que tenha parentesco com o talão-balão dos rapazes; talvêz...

(2) Vérbo muito significativo na lingua Portugueza, como quem é composto de dous vérbos, e um nome, todos tres exprimidores de gôsto interior e exterior, sc. — *Regalar-se* — *Dar á*

ODE.

——— Quod adest avaro
Usu occupemus. Postera quodlibet
Fortuna volvat : juverit invidas
Parcas fefelisse, et severis
Particulam hanc rapuisse Fatis.

Saisissons un moment certain;
C'est autant de pris sur les Parques.
HOUDART DE LA MOTHE.

INVEJOSOS os Deoses não quizérão
Dar-nos de annos mortáes comprido fio :
Porque, com mão prevista,
A longa Experiencia
Nos não mostrasse a estrada da Ventura.

No accêso ardor da impróvida carreira,
Que môços, e garrîdos despejámos,
Não démos os ouvidos

perninha (que se diz *gamba* em Italiano) — e Bambolear-se; que assim faz quem está repotreado n'uma cadeira, quando nada lhe dá pena; antes está abeborado em pachorrento desenfado.

Eu espéro, com o tempo, que me acudirá á lingua cérta palavra, que me anda fazendo fóscas na memória, e cujas feições não posso apurar de pérto. Chêgue-se ella, em alguma das suas fóscas, ao alcance dos ólhos da intelligencia, que eu a denuncîo lógo : e os que agóra me não dão crédito, me darão máis que alqueires de razão. *Zingamócho* (porfiarei eu sempre) é da Classe daquellas cousas que ex *opere operantis*, se movem, saracotêão, tem azougue nos miôllos, etc.

Aos avisados têrmos,
Que, da firme cadeira, nos inculea.

« Buscai (diz sempre) os sólidos prazêres
» Nos braços do Devêr, e da Saúde :
» Quebrai a taça de ouro
» Do empeçonhado Vìcio.
» O Mal, que evitas, val dobrado gôsto :

» Que os Numes, se pousárão no alto Olympo ;
» Se de muros, e róchas o cercárão ;
» Se apinhárão em tôrno
» Argos, e sentinéllas,
» Foi por fechar entrada á Pena amarga.

» Podîeis ser felizes, quando as néves
» Vem de cabêça povoar o tópe :
» Mas as quebradas pósses,
» E o peito, que Infortunios
» Azedárão, sabor no Bem não tómão. »

Pereira, ainda é tempo. Recolhâmos
As vélas da Ambição mal-disferidas :
Daqui, dalli lancêmos
A mão bem-conselhada ;
Salvêmos do naufragio o Bem, que affunda.

O derradeiro cópo, que Natura
Grandiosa, e compassiva nos off'rece,
Esgotêmos aváros.
Da Dita é gran segrêdo
Dar cóstas á lembrança do passado.

Só merece de Sábio o nome, e a Dita,
Quem fecha os livros de disputas oucas,
Em que desponta o Ingenho.

Nem ha saber, que iguale
O instante, que doiramos de Alegrîa.

De tres-dobrado bronze estende em róda
Do coração, um muro, em que despontem
As aguçadas séttas,
As retrincadas unhas
Do esquadrinhado, velador Engano.

Que nos não désse Deos máis, que um só lume
De embotado, e mal-visto entendimento,
Contra as tão derramadas,
Imperceptiveis rêdes,
Em que a singélla Candidêz se prende!

Que nos não désse Deos um vivo facho
De rutilante Luz, penetradora,
Com que do falso amigo
A máscara appareça, (1)
E apparecida a abraze o santo lume!

Tu, que cem ólhos tinhas disvellados
Contra os assaltos seus cobértos, surdos,
A teu máo grado viste
Abérta larga brécha
Na moéda, e no alcáçar da Amizade.

Desgraçada Lição, mas proveitosa,
Contra nóvos vaivêns da arteira Astucia;
Tu, com cinzél tardîo
Tens de agravar no Templo

(1) Que ne peut-on distinguer et connaître
Les cœurs pervers à de difformes traits?

Gresset.

Do vélho Desengano, escarmentado. (1)

O córte escasso, que da têa Jóve
Talhou, convêm bordar-mo-lo de flôres.
Só vives longo tempo,
Quando á Tristeza encólhes
As azas, que ao Prazer, prudente, largas.

O Fado, que se encóbre, e se desvìa
Da vista perspicaz, cuida anciar-nos
C'o arcâno do Futuro.
Incáuto! que não soube,
Que, do ante-gôsto, nos privou, da Pena.

Assim o Nóbre, nos defêsos quartos,
Evita agudos ólhos do Entendido,
Que na alma investigar-lhe
Póde o impotente Orgulho,
E a Parvoîce van, coberta de ouro.

Se o Valìdo, que bébe, a longos tragos,
Da Fortuna o favor, visse o alfange,
O desvalìdo cêpo,
Nas fôlhas do Destino;
Fél lhe fôra o favor, fél a bebida.

---

(1) Se ci avesse formato la Natura
Il petto di cristallo o di diamante,
O d'altra cosa trasparente e pura,
Tal che si mirasse in ogni istante
Il nostro core ed ogni sua figura,
Ciascuno da se sol fora bastante
A guardarsi dall' altro, e non saria
Frode alcuna nel mondo o pur bugia.

RICCIARDETTO, *canto* 18.

E se entre adoracões, visse no espêlho,
As cavadas costuras da doença (1),
Que lhe ameaça o rôsto,
Abhorridos, e nêgros
Passára a Dama os juvenîs instantes.

Só são nóssos os dias, que ladinos
Sabêmos apanhar das mãos das Parcas.
Dá co'as pórtas no rôsto
A' Mágoa, ao bando escuro
De algôzes da alma, que traz si arrastra.

Se ao Deos alégre da Outonal vindîma,
E á creadora Mãe da Natureza
Dás sóbrio o incenso justo,
O Léthes perguiçoso
Volverá teu Pezar na tarda veia.

E, c'o léque arraiado, e divertido,
A folgazan Loucura, dando vento,
A' reverenda calva,
Te arredará do rôsto
As temporans, avelhentadas rugas.

ENIGMA.

Todos fógem de mim, mas quão vãa-mente!
Que dou, a quem colhi, pena sem cabo.
Quem me pérde blasphema, como um Diabo;
De quem me ganha fujo incontinente.

---

(1) Bexigas, e outros nojentos máles.

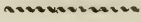
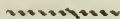
EPIGRAMMA.

PERMITTA Deos (dizia moribunda
A Tisîphone Elvira a seu marido)
Que se eu môrro, e tu cazas, atrevido !...
C'uma Megéra acértes furibunda,
Ciósa, e destampada....
— — Meu Bem, vai descausada :
Que o Cura, ao cazamento
Com tua Irmãa, porá impedimento.

ÉGLOGA.

BAIXAVA o claro dia ; uma Pastôra,
Que dos ólhos (por fim) da Mãe se esquiva,
A um bósque espesso, do casal distante,
O tardo andar do amplo rebanho apréssa :
Que muito, e seu máo grado a des-socéga
Ser já passado o prazo, dado a Tirso.
Chêga : mas, Céos ! quáes fôrão seus disvéllos,
Não o avistando, em toda aquella sombra ?
Em vão inquiéta, anciada o chama a vozes ;
Que Eccho só lhe respande Tirso, Tirso.
Ira lhe accendem túrbidas suspeitas ;
E a mente encósta á máis cruel de todas.

« Tirso perdeo-me o amor. Não poude o falso
» Ser leal juntamente, e ser ditoso.
» Pérde co' elle o valor Pastôra amante.
» Se eu não o amára, inda elle me amaría.
» Antes de o conhecer, quanto me hão ditto?
» *Amante bem-querido esfría, e vai-se;*
» *Nem máis, que os seus desejos, o Amor dura.*
» *Esperança o mantém, Deleite o matta.*
» Assim, bem que acceitava na alma o culto,
» Que me rendia, envôlto em mil finezas,
» Quatro vêzes dourou o Sól os trigos,
» Sem que eu mostrasse ouvir suas endeixas.
» Quanto enfrear o Amor, que na alma ardia,
» Me custou, quando a fé lhe exprimentava!
» Com que fôrças comprei, com que martyrios,
» A chyméra de amar com segurança!
» Cruel ao meu Pastor, a mim máis crua,
» De rigor, de desdêm fazia alarde:
» Mas um dia fatal ao meu segredo
» Tirso me diz mui térno o amor, que sente.
» *Té quando* (inda hòje o lembro!) me dizia,
» *Serás de rócha ao fógo, em que me abrazo?*
» *Témes, tão linda, aos pés rendido de outra,*
» *Ver-me off'recer-lhe os meus suspiros térnos?*
» *Se eu vivo, oh Céos! e sem te amar, Pastôra,*
» *Québre-se a flauta, o canto meu enfade,*
» *E os pássaros que ensino, ás mãos me mórrão.*
» *Nem me dé flôr o prado, o pomar fruto.*
» *Meus nédios touros, mansas ovelhinhas*
» *C'o succo de más hervas se envenénem:*
» *E eu mesmo as desampare ao roaz Lóbo,*
» *Eu, alvo em que vossa ira empregueis toda,*
» *Aos Céos... antes a ti o juro, oh Phílis;*

» (*Que Amor te fêz meu Nume, único Nume.*)
» *Nunca este amor se extinguirá. — Confía,*
» *Que te amo, que o jurei; e que és formosa.*
» O enleio , o amante olhar , silencio inquiéto
» Tudo então m'o abonava de constante.
» A tão forçosos golpes quem resiste ?
» Traidor enleio ! Prêsos os sentidos,
» Alheada , e inquiéta.... e quasi sem querê-lo ,
» Me dou vencida ao fementido amante.
» *Amo-te* (disse) *e sou feliz , se póde*
» *Minha alma achar , na tua , igual fineza :*
» *Prométto sempre amar-te , oh caro Tirso.*
» *Desta fé penhor seja este cordeiro :*
» *Crésça , como elle crésce , a nossa chamma ;*
» *E amémo-nos* (*se é dado*) *inda máis que hóje.*
» Quem dirá o que então nos nós dissémos ?
» Quem máis amor ? maióres juramentos ?
» Quanto ha de máis firmeza , e de máis mimos ,
» Nesse instante feliz , da alma o dissémos.
» Caro instante ! meiguices máis que curtas !
» Ou durai máis , ou não penetreis tanto.
» Mal que aos desejos seus o ânimo entrégo ,
» Turba a Noite o singéllo passa-tempo :
» Cumpre arrancar-nos de tão dôces raptos.
» Êrgo-me , e de agua os ólhos se nos rásão ;
» E as mãos cerrando, ao prazo de partir-nos ,
» Nada máis que — *á manhãa* — dizer podémos.
» Dêsde esse airoso dia , sempre a ponto
» Vem tomar , antes que eu , este retiro :
» Mas hôje o ingrato , em vão por elle espéro ,
» Frio no seu disvéllo , a mim não córre ;
» Ah que o pérfido , aos pés de outra Pastôra ,
» Lhe faz , cruel, da minha dôr fineza ;

» E por máis a adular, de mim zombando,
» Perjuro ri da minha crença ufana.
» No amante desleal vinga a innocencia,
» Céo, que do meu pudor a entrega olhaste. »
Ella acabava: quando, eis Tirso assóma;
E á vista do Pastor fógem as iras;
E meiga, anciosa, ingénua diz sómente:
« E sou eu, Tirso, quem convêm que espére! »
— Pastôra, não te enfades (tornou Tirso)
— Nesta rélva te aguardo alêm d'uma hora:
— Eis que chegavas... quando... Oh mal sobêjo!
— Súbito um Lôbo aos ólhos meus se off'rece.
— Que susto para mim! oh Céos!.. que arrastra
— O teu penhor, o amado cordeirinho.
— Que infausto agouro ao meu amor, oh Deoses!
— *Verás como desprézo a tua sanha.*
— *E sem rafeiro, e inérme. Amor me esfórça!..*
— *E d'este esgalho o sentirás nos gólpes.*
— Nem até ao covil o ruin me escapa;
— Que a gólpes meus perdeo a prêza, e a vida.
— Na mórte lhe vinguei tardados gôstos.
— Que menor pena, a quem nos separára?
Disse: e a Pastôra os mêdos seus reconta.
Tirso fiél replica com queixumes;
Que, dócil ás lições, Philis applaca,
E com favores mil lava as suspeitas.

DESENGANO PARA

OS POETAS.

Quando a veia lhe inflamma
Prophético furor, altisonante,
E aos borbotões derrama
Maravilhas da bôcca redundante,
Mal divinha o Coitado,
Que um Crîtico fleumático, se embica
No têrmo aventurado,
Na phrase de travéz, que o mortifica,
O nariz encrespando desdenhoso,
Mófa do charro estylo,
Taxa de trivial, desengenhoso,
O lidado desenho;
Dá aos hombros, faz beiço, desaprova:
« Esta palavra é vélha, estoutra é nova.
» Eu riscára aquî isto, allî aquillo.
» Para tamanho empenho
» O autor tem poucas fôrças: eu quizéra... »
Bem néscio é nesta éra
Quem apura a saúde, o tempo, a vida
Na Arte a máis ignorada, e máis mordida.

ODE

A DELMIRA.

No dia 20 de Julho, de 1786.

Si tu veux que je boive, ami,
Buvons à celle que j'adore;
Je n'y saurais boire à demi,
Verse-moi tout plein, verse encore;
Ni l'Amour, ni Bacchus n'en seront point jaloux.
S'ils avaient vu celle que j'aime,
L'Amour y boirait comme nous,
Et Bacchus l'aimerait de même.

Tendr. Bacch. Tom. I.

Quem sabe, se á manhãa as nêgras Parcas,
Com immaturo gólpe,
Não cortarão da nossa vida o fio,
Para não mais atá-lo?
Vai-me buscar, oh Môço, vinho annoso,
De generoso cheiro.
Deita por esses cópos; deita a raso...
Para quem poupas, sóbrio?
Crês que honrarão os ávidos herdeiros
Meus manes c'um officio
De lições nóve, e nóve responsorios
De empinadas saúdes?

Apenas mórtos, désce, e vai comnosco
Nossa amiga memoria:
Os bens, que cá deixamos, não despértão
Descuidos avarentos.
Ensopêmos, Amigos, as entranhas
Em ondas de Alegrîa;
Deixêmos o Ambicioso definhar-se
Apóz o cargo, as rendas,
Que com escassa mão arrédas delle,
Tu, Fortuna acintosa.
Bebâmos a Cupido, a Erycina,
Que com favonios sôpros
Da vida os gômmos, na alma, nos alentão.
Bebâmos ao bom Baccho,
Que nos alimpa, e lava o peito immundo
De pegajosas mágoas.
Nem, por mal comedidos, nos esquéção
Nossas Damas formosas.
Bebâmos té que as almas se avermelhem;
Té que os Deoses invéjem
Da nossa sem-razão a graça alégre;
Té que dos Céos baixando
Vênhão trincar comnosco os rôxos cópos.
Alvîçaras, Amigos!...
Ei-los, que déscem. Como vem risonhos! —
Que fumo é este? É nuvem,
Em que baixão a nós, encapotados?
Sáião, saião sem pêjo.
Eu já topei com um; ja tenho em punho
O venerando Baccho.
E Vénus... olhai bem... Ei-la de fronte!
Eu com Deoses á mesa!
Môço, renóva o vinho; présto, présto.

Põe-me aqui sette cópos ;
Que sétte lêttras tem , não máis , Delmira : —
Sétte lêttras é pouco ,
Para lhe festejar tão grande dia.
Contai comigo a ponto ,
E enchei meus sétte cópos , sétte vêzes.
Acompanhai meu brinde ;
Que eu, fiél companheiro vos promêtto.
Igual festejo ás vossas. (1)

---

(1) Uma última Ode que na idade de 83 annos escrevi , me fez olhar para traz , e prolongar a consideração por toda a minha carreira poética. Não sei como podérão luzir rasgos mal concebidos em não methódica intelligencia ; por quanto , excepto a Musica , e o Latim que apprendi com bons Méstres , as outras noções que colhi , como ás dentadas , fôrão tão de precalso , e tanto sem estudo fixo , que se me não podião arrumar no cérebro , em módo que podésse eu dellas tirar fio. Daqui vem estranharme eu muito do aprêço que por ahi fazem de vérsos , que eu como ás tontas escrevi. Tão cérto é que eu nunca lancei linhas a alguma Ode : o que porêm sempre me aconteceo quando as quiz lançar, foi que quanto á imaginação me acodia , o rejeitava eu por trivial e chôcho, e que essas poêsias , que lá me gábão , (e que eu não vejo quadrar ainda com o meu modélo) forão consequencias repentinas d'algum vérso , que com luzes luzes , como as de espêlho em mão de rapaz maldoso) me vislumbrou na idéia , quando a perguiça me não desviou a mão da penna , e do papél. Tambem nos annos , em que eu *olim* aparava as pennas , vinha , por acaso, no prová-las , versinho ou phrase em que eu achava geito, e dessa phrase e d'esse versinho se desfiava de strophe em strophe toda a Cantilena. Ai ! daquellas , a quem visita interrompeo, ou que me chamárão para jantar! Lá ficou no cadóz , para nunca máis ser fiada. Se algumas poêsias compuz de longo tiro , bem mostrão ellas , a cada trêcho de continuação , as québras do éstro , e talvez o desmanchado das traçadas , ou não traçadas linhas. Seja exemplo a Carta ao Cavalheiro Brito , em que as repetições ressumbrão a cada passo ; o desatado de

ENIGMA.

Quando as lassas campinas
Torna Dezembro a acobertar de gêlo,
Tómão-me o posto trópas montesinas,
Erriçadas de pêlo:
Mas, sólta apenas do regaço Flora,
Fino esmalte na félpa verdejante;
Que, eis dellas triumphante
Dou garbo á Nympha, com que máis namora.
Do Zéphyro rival,
Como elle bandoleiro,
Se elle de flor, em flor,
De Nympha, em Nympha assim côrro eu ligeiro:
E minha estrêlla é tal,
Que médro na privança,
Quanto o Sól crésce em férvido esplendor.
Mas quem crerá de mim tanta esquivança?
Encostado no seio de Delmira,
Nem sinto amor, nem gôsto me suavisa.

---

seus periodos alardêa o desatado da imaginação do Autor. Tem o desar, de que foi feita a troncos, e que sahio d'um juizo em que as idéias andárão sempre baralhadas; pela razão, que mencionei, que nenhum méthodo, na minha leitura entrou jámáis.

ODE

A' MORTE D'UMA SENHORA.

Donne, voi che miraste sua beltade
E l'angelica vita
Con quel celeste portamento in terra
Di me vi doglia, e vincavi pietate.

PETRARCA.

DAI-ME, Amores, a Lyra de Petrarcha,
Que outra Laura morreo. Quem terá pêjo
De soltar a seus prantos a corrente,
Nos transes da saudade?

E roubárão-nos tal thesouro as sombras,
Que pura sempre aos ólhos no-la esquivão!
Onde acharêmos prendas e virtudes,
Quáes léva Ella comsigo?

Chorárão quantos conhecêrão Laura:
Inda chóra quem vê o seu Amante;
Mas quem chorará máis que tu, Elmano,
A Espôsa máis amavel?

Se, com a Lyra, que inventou Cyllenio,
Me fôra dado o Caducêo potente,
Que do O'rco, á luz do Céo, revóca as almas,
A sua revocára.

Se eu fôra Alcides , essa nova Alcéstes ,
T'a arrancára ás Euménides , e a Dite ;
E atalhando-te a dôr , te renovára
Os Cantos da Alegrîa.

SONETO.

Como quando o Sól dóbra aquelle outeiro ,
Pela encósta (1) do Céo , ao mar descendo ,
Vão as sombras das árvores crescendo ,
Córre enlutado o lìquido ribeiro ;

Pardo manto no sêrro sobranceiro
A tormentosa Noite anda tecendo ,
Que se vai pelos valles estendendo ,
Para soltar-se em hórrido chuveiro :

Tal esta alma se assombra , e se entristece ,
Quando a nuvem de fúnebres cuidados
Na tua ausencia , oh Marcia , avulta e crésce.

Novos dias porêm , auri-rosados
Nascerão a Filinto , que esmorece ,
Se vem comtigo os teus gentìs agrados.

---

(1) Jam labor exiguus Phœbo restabat equique
Pulsabant pedibus spatium declivis Olympi.
Ovid. *Metam. Lib. 6. vers.* 486.

ODE

A' SAUDADE.

Deux beaux yeux sont l'empire
Pour qui je soupire:
Sans eux rien ne m'est doux;
Donnez-moi cette joie
Que je les revoie;
Je suis Dieu comme vous.

MALHERBE. *Liv.* 5.

I.

Se Amor me désse um dia, um só momento
De liberdade á vista,
Em que a chamma, no peito reprimida,
Póssa subir aos ólhos,
E delles, em faîscas derramada,
Incendio atée nos da minha Amada....

II.

Se Amor soltasse o laço estreito, e duro
A's minhas brandas vózes,
Que em palavras sahisse retratada
Minha alma respeitosa,
E que inteirar, e enternecer podésse
Aquella, por quem arde, e em vão padece...

III.

Oh feliz dia ! oh mui feliz momento !
Máis do que todos digno ,
Que Apóllo no aureo côche te conduza ,
Entre brilhantes c'rôas
De fúlgidos , raiados resplendores ,
No regaço de flóridos Amores !

IV.

Oh cândida Diana , antes desejo
Que , no teu seio plácido ,
Tu mesma tragas o ditoso Instante ,
Que aos Argos disvellados ,
Com ramos no Lethêo humedecidos ,
Tóque os ólhos Linçêos (1) , tóque os sentidos.

V.

Já creio , que assomando radiosa
Ao piedoso muro ,
A vêjo debruçar , pousando a mêdo
O alvo , mórbido seio ;
Que já me estende a mão , que a minha tócca ;
Que me infunde o prazer co' a meiga bôcca.

VI.

Na bôcca (oh Céos) me pousa um Céo inteiro,
Alli velóz me acóde
A alma toda a colhêr tão dôce alento.
Que voluptuoso rapto !

---

(1) Dos que a vigiavão , porque me não fallasse.

Em que juntos, trocados, confundidos
Se alhêão, mórrem, sentem os sentidos!

VII.

Oh formosa Delmira, de quáes astros
Tomaste a luz formosa;
Com que accendes os ânimos máis frios?
De qual Deosa o deleite,
Que no teu brando rôsto accêso brilha,
Senão da Deosa, das espumas Filha?

VIII.

Ah! não os vôlvas sôbre mim tão têrnos,
Que o peito me derrétes.
Um lento fôgo pelas veias côa,
Que os membros me quebranta.
Ou não me ólhes com vista assim mimosa,
Ou não sejas tão longe, e tão medrosa.

IX.

Mas que digo, insensato! A quem os rógos
Envîo delirados!
Tanto, Delmira, neste espr'ito móras,
E tanto te contemplo;
Que o retrato, que na alma está gravado,
M'o vem pôr, ante os ólhos, meu Cuidado.

X.

Oh Deosa da ternissima saudade,
Númen de amantes tristes,
Tu, que azas dás ao léve pensamento;
Móve a alma descuidada
De Delmira distante. Offerecida
Terás no Templo teu a minha vida.

ODE

EPITHALÂMICA. (1)

Vem (2) co' as têas (3) leáes, e a Noite espanca
Co'a mão auspiciosa : aqui (cingida
C'o róseo laço a fronte) os passos ébrios
Márcido guia. — Senec. *Medéa*.

Vem, vem meigo Hymenêo, accende o facho
Nas aras da Virtude;
Perfuma o sacro cinto nos aromas
Máis puros da Amizade,
Vem de mãos dadas, com o Amor máis casto,
Honrar o nupcial thálamo,
Que mil Génios cobrîrão fervorosos
Co' as flores orvalhadas,
Que nos jardins de Idalia, e de Amathunta
Andárão escolhendo.
Elles mesmos a alvura engrinaldárão
Dos Lyrios c'o Amarantho,
Purpúreo; e quando a Rósa entretecião,
Do espinho a aliviavão.

(1) A Espôsa é quem falla com Hymenêo.

(2) Hymenêo.

(3) Os fachos nupciáes.

Venha a Alegrîa, c'uma taça em punho (1)
De almo Brómio spumante,
Que affugente os assômos dos pezares,
E as carrancas do enôjo:
As Musas convidai, e as Graças lindas
Coroadas de louro,
E da Cypria murta amor-spirante.
Influî nos meus labios
Eloquente suadélla, airoso mimo
Me bafejai no rôsto.
Sède Guardas da minha formosura;
Della côrrão cadeias,
Em que etérno se prenda o meu Espôso —
Prisão, que elle ame, e busque.
Zêlos fugi, fugi Desconfianças.
De teu sagrado lume
Serei, casto Hymenêo, a veladora;
Pelo teu facho o juro.
Vem, vem, puro Hymenêo, que já consinto
Em trocar o alvo Lyrio
De púdica Donzélla, pelas rósas,
De teu austéro Nume.

---

(1) Allude ao Soneto que começa:
Esbélta raparíga, etc.

ANCIA

DE DISTINGUIR-SE.

Cérto valído ricco, e muito nóbre
Dizia a um Charlatão astuto e póbre:
« Dar-te-hei quanto quizéres,
» Se um alvitre me déres,
» Com que eu me dessemelhe dessa gente,
» Que anda a pé pela ruas:
» Vê, se co' as artes tuas,
» Me achas módo fidalgo, que alimente,
» Sem comer com a bôcca despreziva.
— *Com ajudas, Senhor* — Oh bravo, viva!

CARTA

AO SENHOR

TIMÓTHEO LECUSSAN VERDIER.

París 3 *de Septembro, de* 1785.

Tres vêzes tem o sól fundido as néves,
E tres vêzes dourado o accêso Estío,
Sem que em tão longo tempo a tua penna
Ráras linhas traçasse perguiçosa.

E póde consentir-to aquella estreita
Amizade tão liza, e valiosa;
Quando tantos com lêttras me prendárão
Que eu nomeava apenas por amigos!
Quantas vêzes, as cartas recebendo,
No peito o coração se alvoroçava,
Na fachada cuidando de entre-ver-lhes
Da anhelada escriptura o rasgo amigo!
E tantas me enganei, que negligente
Quanto bizarro, e cheio de bondade,
Máis te custa escrever, que dar dinheiro;
Bem que tenhas a penna bem talhada,
Que com cadeádos grite a férrea burra,
Negociante sejas, e Poéta.
E sube (e não de ti) que adeos dizendo
Aos convites da sôlta Liberdade
Ao jugo o collo indómito off'recestè!
Sube-o, Verdier; e tão tardìo o sube,
Que viéra a deshoras o presente,
Com que quizesse a minha grata Musa
Brindar as vôdas do feliz amigo,
E ornar de louvor justo a formosura,
E prendas raras da virtuosa Espôsa.
Quão diff'rente de ti, Filinto ausente
Traz sempre dibuxado na memoria
O seu Verdier, o seu affoito amigo!
Em toda a parte o busca; e cuida vê-lo,
Ou passar junto ao Sena pensativo,
Ou pelos arredóres da Sorbona
Co'a lôba mal-cingida, mal-traçada,
Choquento um tanto ou quanto, ires rosnando
Pedaços de latim pelo caminho.
Quando do Luxembourg a lentos passos

Magoado enfio as tácitas (1) lamêdás,
Vou mudo e só, sem ter a quem cortêje,
A quem gostoso falle, amigo abrace,
Quáes os tinha na Elysia em tanta cópia,
Quando o Fado galérno me soprava.
Sóbe-me á mente lógo o desamparo
Que me apérta innocente em térra estranha,
Os bens perdidos, a manchada fama,
E o que máis val, que os bens — os meus amigos.
« Meu caro Verdier, c'um livro abérto,
» Aquì (digo entre mim) as vêrdes ruas
» Pisava d'este bósque; elle m'o disse
« Quando eu tão mal cuidava de pisá-las. »
Que bem lembrão palavras dos amigos,
Nas longas horas da callada ausencia!
Alli quizéra ver-te a mim tornado,
Como quando em Lisboa entre os sabores
Da lhana companhia prazenteira,
Debicávamos pontos delicados
Do bem, do mal, que despartio no mundo
A tão gabada, escusa Sociedade.
Quér dar-me alguem a crêr, que te has mudado,
Que os máres, que as montanhas que entre-meião,
Qual, da vista, me arrédão de teu peito,
Que emprêgo has feito de amizades novas....
(Como que fácil fôra c'os amigos
Mudar nas estações, como c'os trajes)
Mas tão esquivo estou de acreditá-los,
Que antes crerei nas bruxas mal fazejas,
Nos trásgos, nos fadados lobisómes,

---

(1) Era o jardim máis campéstre de Parìs, e o de menos bullicio.

Nas fadas e nos frades..., que um minuto
Dê crédito a quem diz que te mudaste,
E do teu bom Filinto te esquécêste.

ODE

A' SENHORA V. B.

Un bacio solo à tante pene, Cruda?
Un bacio a tanta fede?
La promessa mercede
Non si paga baciando: il bacio è segno
Di futuro diletto,
E par che dica anch' egli, i' ti prometto
Con si soave pegno.
Intanto or godi e taci
Che son d'amor mute promesse i baci.

Del Cavalier Guarini.

E pude!... E não morri! quando das faces
Lhe colhi o rubor! quando c'os ólhos,
Que volveo sôbre mim, nadando em gôsto,
Me entranhou na alma um Céo!

Oh quanto sou feliz! quantas invéjas
Não espalho nos ânimos dos Grandes!
Trasborda-me a Alegria pela bôcca,
Pelos ólhos felizes.

Aquî, oh Musas, vinde; aquî as lyras
Temperadas por vossas mãos divinas:

Aquî do peito do amoroso Orphêo
Me dêsça o meigo canto.

Victoria canto, e o lume enternecido
Das voluptuosas fúlgidas estrêllas,
Onde Amor estampou a minha sórte
E o segredo dos Fados.

Longos cabêllos prêtos, fronte airósa,
Pórte de Juno, esp'rito de Minerva,
Gésto das Graças, mimos de Cupido
E ternura de Vénus...

Que bellezas, que prendas, não buscárão
Pousada em seu sujeito! Ah, tórna; ah tórna,
A bem-aventurar-me, Amor, c'o fôgo
Da sua ardente face.

EPIGRAMMA. *

Uma cabaça a tanto patáo-zinho
Atordoou vazîa:
E quanto máis os não atordoarîa,
A vir cheia de vinho!

* Parece-me que li em Alciato (valha a verdade!) os vérsos seguintes, a um emblêma d uma cabaça, que vinha boiando sôbre a veia do rîo, e muita gente embasbacada a vê-la:

Una tot illusit vacua cucurbita mentes;
Plena quid efficeret, si foret illa mero?

ODE.

— — — Multa petentibus
Desunt multa. Benè est cui Deus obtulit
Parcâ quod satis est manu.
Horat. *Lib.* 3, *Od.* 16.

Não péço aos Céos privanças orgulhosas
De arriscados Sejanos,
Nem largos campos de douradas mésses
Me empólão a cubiça,
Na mente resignada, affeita ao pouco.
As procellosas vagas
Do infido Promontorio córte affouto
Quem tôscos avoengos,
De callejadas mãos, villões honrados,
Imprudente despréza;
E ama illustrar com os rubìs do Oriente
A vindoura progénie.
Que se eu posso, em aurea medianìa,
Arredar de meus Lares,
Da Fóme o macilento-agudo rôsto,
E a lìvida Tristeza,
Contente dóbro a méta dos desejos.
Ou se as benignas Musas
Não desdenhão pousar no usado sótão; (1)
Nem das cans se enfastião,

(1) Vid. Ode a Pilaer.

Que temporans brotou mordaz Cuidado ,
Nas condemnadas fontes ,
Sou máis ricco , que os Crésos , máis ditoso
Que o Samio Policrates.
Verei , com léda sombra , em parca mesa ,
Não-custosos legumes,
Quáes dava aos homens sãos das éras de ouro
A Térra não-forçada ;
E mecânico Baccho , sem letreiro (1)
Traz si trará risonho
A Musa Venusina (2) c'o alaúde ,
Que discantou outróra
Augustos e Mecenas , e alvas Lidias;
Então entoaremos
O generoso peito de Dorindo ,
Ou de Delmira o gésto ;
Já Mathevon de sólida Amizade
Resoará nas córdas ,
Costumadas a dar preço á Virtude ;
Nas córdas , que córárão

Quando nas márgens do sereno Téjo.

(1) Vendem-se aquì nas lóges nóminas de cobre esmaltadas de branco, com os nomes escritos de *Champagne*, *Rhin*, *Beaune*, *Malvoisie*, etc., pequenas, com cadeias pára penderem do bocal das garraffas, nas casas opulentas. Não sei se está móda requintada pegou já em Lisboa , mas se não pegou , pegará. Basta ser de França

(2) — — Ast ego , quem choros
Phœbus Poetarum inter amabiles
Primis receptum sponte ab annis,
Numinis interiore lapsu ,
Suâque præsens mente animat, Deo
Afflante plenus, per juga nobili

Se eu, resvalando da veréda antiga,
Cahisse ás plantas tôrpes
Da caiada Lisonja, infame vício.
Tambem Tu, nóbre Cósta, (1)
Nos meus sincéros vérsos terás parte,
Tu, que guardar soubéste
No enleio de Parîs, no embate escuro
De paixões, e de embustes,
Inteiro o fio da Amizade, e da Honra;
Que, ausente involuntario,
Não perdeste a lembrança de Filinto;
Bem que cruzaste as ondas
Do deslembrado Oceâno, que foi Léthes
A quantos daqui fôrão.

ODE.

Immortalia ne speres. — *Horat. Lib.* 1. *Od.* 9.

Não te (2) enléves nos saltos ençarnados,
Nem na custosa pedra refulgente;
Da placca os luzes-luzes não deslumbrão
A surrateira Idade.

Calcata Flacco, perque saltus
Pierios animosus ibo.
Quin et, Senectus immineat licet,
Crudis Juventæ viribus integer
Tentabo inaccessos profanis
Altior invidia recessus.

(1) O Senhor Cónego Simão de Oliveira, da Costa, e Alvim.

(2) O Senhor Domingos Pires Monteiro Bandeira.

Fôste em vão, em Parîs, Prîncipe bréve,
Milord entre os libérrimos Britannos.
Em vão Báxá serîas de tres cáudas;
Das honras zomba a Mórte.

Se hôje passêas os florîdos campos
Da verde-vecejante Mocidade,
Lá te espéra no fim do pomar curto,
O tremedor Hynvérno.

Impando de magnîficos serviços,
De enfitádos, sellados pergaminhos,
Conta o que em tantas lidas proveitaste?
— Cuidados, e Esperanças.

Mal tardîas virão fazer-te fésta
Quatro Illusões do mágico Cupido,
Algumas ventoînhas do Palacio,
E lá do Pindo uns Ecchos.

Prazer escasso! Se o pregão da Fama,
Da Fama bem-ganhada por Virtudes,
Não viesse affagar os teus ouvidos,
C'os honrados louvores.

A Amizade, que cultivar soubéste,
Te cobrirá de flôres a cabêça,
Já quando raras cans mal-povoarem
A encarquilhada Calva.

O grato, o ingénuo rôsto, hôje risonho,
Que com amiga mão desenrugaste,
E o pállido Invejoso, que definha,
Te servirão de státuas.

EPIGRAMMA.

Umas cabêças vans, uns ociósos,
Despidos de Virtude, e de Talento
Põem grande estudo, gran divertimento
N'uns naipes máos, n'uns dados acintosos:
Perdem por passa-tempo
O irrevocavel Tempo.
Néscios! Não vêm, não sentem consumida
A Saúde, queixosa a Honra, a Vida?
Só, depois de enfadar-se um dia inteiro
Sentem o menos — sentem o dinheiro.

ODE.

Quid leges sine moribus
Vanæ proficiunt?
Horat. *Lib.* 3. *Od.* 24.

A Amizade, que pisa as vans riquezas,
Que desdenha das c'rôas,
E tem em pouco o infido Valimento,
Vai buscar na desgraça
O peito são, que as Penas não amólgão.

(*) Ao Ex.mo et R.mo Senhor D. Fr. Manoel do Cenáculo e Villas-Boas, Bispo de Béja.

Ella co'as fôrças, que houve da Virtude,
Me arrebatou nas azas;
E transpondo comigo longas terras,
Sôbre os tectos illustres
Da famosa Paz Julia me sostêve.

Não sei que paz interna respirava
O puro, e lédo seio
Daquellas terras sanctas e singéllas:
Nos faustos horisontes
Raiava a aurora do Celeste Olympo.

Vi as Lêttras sagradas, as Virtudes
Dos séculos saudosos,
Abrolhadas nos peitos consagrados
Ao Nume omnipotente,
Desabrochar-se em frutos generosos.

« O'lha: (me diz) Aquelle ancião honrado
» Da maligna fortuna
» Provou (sem culpa) os rîspidos revézes;
» Mas bemfeitora dextra
» Lhe ameiga o afflicto seio desabrido.

» Naquelle sótão nú, lavado em prantos
» D'O'rphans desamparadas,
» Vê como entra com próvida vigîa
» Inópino sustento,
» E como sahem as Benções risonhas.

» Dentro do cárcer, dentro das masmôrras
» Cala com lédo vulto,
» Com as mãos trasbordando de abundancias,
» A Compaixão augusta,
» Que com patérna vóz adóça as mágoas.

» Do bom cheiro de cândidos Costumes

» Recendem estes ares;
» Nos templos, e nas casas brilha o ouro
» De fulgidas Virtudes,
» Tomadas do Pastor de gran valìa.

» Elle aquî veio abrir Lycêo de todas,
» E a Si se deo por livro:
» Máis facil, que o insensitivo Stoico,
» Ensina c'o exemplo,
» Sem vangloria, sem máximas prolixas. »

O D E. *

Extremum, Arethusa, mihi concede laborem;
Pauca meo Gallo. . . . .
Carmina sunt dicenda: neget quis carmina Gallo?
VIRG. *Eclog. X.*

CONCEDE, oh Musa este último trabalho,
Que a Gratidão te péde.
Ao *difficil* Tiburcio poucos vérsos,
Só de nova arte agradão:
Mas quem póde a Tiburcio negar vérsos,
Que o coração inspira!

* Esta ode tinha riscado o título da pessoa a quem foi dedicada. Eu sei que o Autor foi infeliz, dedicando algumas das suas obras a ingratos que as desmerecião; e esta foi uma das odes mal-empregadas. O Autór que a riscou, soube, mas tarde, que fizéra vérsos a um néscio; porque só néscios podem ser insensiveis a obsequios de tal valìa. *Toutes les fois qu'un homme de*

Canta este dia, (1) fausto á Liberdade,
E ás cìvicas corôas (2);
Fausto dia, em que incólume Filinto
Se desprendeo das garras
Do hórrido truculento Fanatismo.
Eu vi o infando Monstro
Sopesado nas azas sanguinosas,
Amedrontando tôrvo
Da enfiada Elysia as cúpulas sobêrbas,
Rebanhar a seu lado
Com penetrantes, assanhados silvos,
O nêgro bando infame
Dos satéllites seus, (3) com vóz pesada
Designar a masmôrra.
Os fuzìs dos grilhões já os ouvia
Rugîrem arrastados,
Ranger equúleos, e os ministros duros
Entrançar os cordéis . . .

---

lettres loue un ministre ou un prince, il conserve le droit d'effacer ses éloges, s'ils cessent de les mériter. Volt.

Nota do Editor.

(1) Anniversario de 4 de Julho de 1778.

(2) Que só se davão em Roma aos que salvavão a vida aos cidadãos.

(3) Sans les lois tyranniques. . . et le glaive du despotisme, comment des prêtres intolérans et fanatiques forceraient-ils tout un peuple de se soumettre à des dogmes, à des pratiques qui blessent la raison et révoltent l'humanité? Mais le despote ordonne, menace. . . et soutient l'autel et la chaire par des échafauds et des bûchers. La ligue de ces deux monstres impies a souillé de crimes toutes les pages de l'histoire.

Nota do Editor.

Já lá se érgue a despótica fogueira (1)
Que convence a Innocencia
Com cem linguas de fôgo abrazadoras....
Quão falsas, quão diversas
Das linguas, que um Deos justo, um Deos piedoso
Mandava (2) aos varões brandos;
Que com vózes de mansidão vencêrão
O relúctante mundo!
Eu te vejo... Eu te vejo, oh Deos clemente,
Entre rasgadas nuvens
De azul e branco, recortadas de ouro,
Sentado majestoso,
Arvorar o signal da Piedade,
O redemptor Madeiro.
Da tua dôce falla estes me sôão
Maviosos queixumes:
« E póde quem Ministro meu (3) se chama
» Armar-se co'as segures
» Da séva tyrannía? (4) Assim se imita

---

(1) En même tems s'éleva un tribunal de sang chargé de faire les recherches les plus rigoureuses, ayant pour loi de regarder le soupçon comme crime, et de traîner des malheureux au bûcher sur la déposition du plus vil délateur. C'est à cette occasion que se forma cette Inquisition que la France, qui la vit naître dans son sein, a rejetée avec horreur, mais qui, révérée en Italie et en Espagne, y a exercé longtemps les plus grandes fureurs, sous la bannière d'un Dieu de clémence.

Tableau de l'Histoire moderne.

(2) No Cenáculo, aos Apóstolos, no dia de Pentecostes.

(3) Heu primæ scelerum caussæ mortalibus ægris
Naturam nescire Deûm.

Sil. Ital. lib. 4. vers 794.

(4) Estas palavras são dignas de Jesus-Christo, que com os

» Um Deos, que deo o sangue
» Por dar das culpas o resgate aos sérvos ? »
Súbito acêna affavel
A' serena Amizade, que do seio
Etérno á luz sahira,
E que a seus pés, no throno, tem assento,
Vá salvar de Filinto
Os não-culpados, sempre-ingénuos dias;
E á Compaixão ordena
Que dos últimos seus tenha disvéllo.
Eu vi, Tiburcio, a Deosa
Pelos lìquidos ares vir descendo,
Guiar a mim o vôo,
Alvas e rôxas desfraldando ao vento
As infunadas roupas....
Que brandura no gésto lhe vertia!
Que dôces, meigas fallas!
Que cuidado benigno a des-socéga
A' vista de affligidos!
Eu não sei... Ou me engana a vista absôrta
Em tantos resplandôres,
Que das abertas nuvens vem aos ólhos;
Mas vi em seu semblante
Tuas nóbres feições, tua brandura
No gésto mavioso.

AGOSTINHO SOARES DE
VILHENA E SYLVA.

---

exemplos de toda a sua vida, provou que a mansidão e a caridade são o character do Christão. Que a Religião déve ser livre, como o são todos os actos da vontade. Se a fé póde tudo em nós, que necessidade ha de armar de lanças, e espadas os Ministros da Religião? As armas sim férem e mattão; mas não mudão,

ODE.

Quippe ita formido mortaleis continet omneis
Quod multa in terris fieri cœloque tuentur,
Quorum operum caussas nulla ratione videre
Possunt, ac fieri divino numine rentur.

LUCRET.

COSTUMADOS a vêr descer dos áres
Granîzo, ráios, sêccas, e dilúvios,
A um morador d'alêm dos áres dérão
Do Universo o dominio

Os homens, (1) e óra ao sól, óra a chyméras
Nascidas na ouca idéia de embusteiros

---

nem obrigão os ânimos : as fogueiras pódem queimar os córpos, mas não persuadem. A Religião christãa é mansa e humilde, como o seu Autor; e os Ministros della querem ser Déspotas sobêrbos, cruéis, e vingativos. São absurdos e impios os que imaginão tão fraco o Deos suprêmo, que não póde suster a Religião, se elles lhe não acódem com o braço do carrasco. Deshonrão a Religião os que assim pertendem defendê-la. Préguem, não prendão. Brilhem com o ouro do bom exemplo, não com o ouro do Fisco. Persuadão, não mattem. Porque, quando clamarem — *Viva a Religião* — se não sub-entenda (com discrédito seu, e della.) — *Reine o Interêsse.* —

Nota do Editor.

(1) Fallo dos adoradores de falsas Divindades.

Levantárão altares, em que nóvos
Vertêrão leite, e fructos. (1)

Medrou c'o mêdo o Engâno, e a Barbaria;
Tingîrão, ante o Deos ignóto, os impios
Cutélos nas gargantas innocentes
De pállidas Donzéllas. (2)

Os dons da Natureza desmentindo,
Pérfidos Bonzos, dos mortáes a dita
A' sujeição, ás vîctimas, á crença
Astutos a attribuem.

Nem são, se tréme a Térra, ou Volcão rompe,
Séccão seáras, ou se alagão campos,
Crises d'este O'rbe, mas ultrîces pênas
Do desacato aos Numes.

Insulto atróz commette o que investiga
Physico arcano, causa dos succéssos:
Querer ser como Deos sabio e previsto
Contra embustes de Bonzos.

« Póvos sêde ignorantes e submissos »
(Vos clama o ardil, vos clama o sacerdocio)
« Dai-nos honras, dai vidas, e fazendas
» Dar-vos-hemos valîa;

---

(1) Nulla res efficatius multitudinem regit quàm superstitio.
QUINT. CURT. *Lib.* 4.

(2) Tantum Relligio potuit suadere malorum.
LUCRET. *Lib.* 1.

» Co'as Divindades, que nos céos tratamos,
» Que nos dão o poder, que os bons adita;
» Nos dão o açoute, que no ousado vinga
» Mal-curioso Ingenho. » (1)

Que crimes se poupárão! Que Hyerophantas
No Nada se sumîrão, se alcançassem
Os mortáes, que da térra se levanta
O Raio, que os assusta! (2)

Do mesmo Autor.

---

(1) Nè ancor ti scuoti omnipotenza ultrice?
Ed oziosa ancor ti resti e dormi?
Ed ancor l'ira tua sterminatrice
Lascia impunite le bestemmie enormi
Che di religion tentan con velo
Associare ai gran delitti il cielo?

(2) Timor fecit esse Deos.

AO LEITOR.

— — Stulta est clementia cum tot ubique
Vatibus occurras, periturae parcere chartae.
JUVENAL. *Satyr.*

NAQUELLA hora aziaga, escura, e nêgra
Em que eu quiz dar á luz os meus versinhos,
Que alvorôto! que trémula algazarra
Não disparou d'um canto, e d'outro canto!
Erão cannas o vêr como vem todos
A' flor da agua nos mares da memória,
C'os bracinhos de fóra, a requerer-me
No livro impresso o pôsto dianteiro.

Lembrou-me vêr o Padre Doutrineiro, (1)
Que off'rece uma verónica machucha
A quem melhor disser um bom exemplo
Do Bac'lo Pastoral, da Anno Virgineo.
Cuidei que via, em sôffrega assuada,
C'o dêdo para o ar trinta Merinos:
— A mim — a mim — (gritarem) Senhor Padre —

(1) A maior parte dos que me lerem não tivérão talvez a distincta de verem estas doutrinas, estas escholas, estes rosarios, e verónicas. Ah tempo, tempo! Então era eu rapaz, que jogava o meu pião. Dizião-me as Móças todas, Rapaz, deita-mo na mão.

Tambem lembrou-me a Procissão devota
Do ricco S. Francisco d'Enxobrégas, (1)
Que as almas vai tirar do Purgatorio,
D'entre as chammas de papelão pintado :
Aqui uma alma rôxa, outra trigueira ;
Acolá um fradinho barbeado
Crêspo, e louro o cercilio, nû em pêlo
(Como estão no outro mundo as almas todas) ;
Mais pérto um Cardeal, uma Viuva,
Ou Donzélla de carnes pudibundas,
Se apégão ao Cordão, a qual primeiro.

Assim erão meus vérsos. Ah ! Coitados !
Se soubéssem que fado os esperava,
Seguro estou que présto preferissem
Ficar no Purgatorio do tinteiro,
Do que indo a entrar no Céo de aureos louvores
Despenhar-se no Inférno das más linguas.

---

(1) Todos os Clássicos que (com razão) estavão máis pérto que nós da etymologia d'este sìtio, dizem Euxobrégas. O único, que aqui tenho á mão, é que póde passar por mui Clássico em materia de Conventos, é Fr. Nicoláo de Oliveira nas Grandezas de Lisboa p. 67. Tambem podem ajuntar-lhe Luiz Mendes de Vasconcellos, no sìtio de Lisboa pag. mihi 135.

ELOGÎO
D'ESTE SÉCULO. (*)

D'esta Éra os gabos (callem-se os Praguentos)
Canto (1) ao Mundo admirado.
Por onde quér que, em róda, a vista aguço,
Só com Heróes deparo.
De táes Varões cantar quéro os louvores;
Éccho derrame ao longe,
Des-ferrujando a lingua, os meus accentos.
Nem tu, oh Fama, césses
De dar á taraméla, publicando-os
Pelo O'rbe, a cada instante.
Sérvo dos sérvos ser se humilha o Papa;
Apost'lo é cada Padre;
Pelo justo, e razão briga o Guerreiro;
E, espérto o Negociante
Honra, verdade, e boa-fé professa.

(*) Achei n'um alfarrábio este Elogîo, e cortava-me o coração privar delle a nossa Terra, onde ha tantos Heróes, a quem elle vem lindamente ao justo.

(1) Sempre me embalárão na Syntaxe, que os dativos d'atribuição se traduzião para Portuguez com os artîculos, ou proposições (valha a verdade) *ao*, ou *para*. Eu bem pozéra *para vós*, que é máis corriqueiro, mas não me cabia no verso. Aquelles, cuja perluxidade se não contenta com o *vós*, ou cujas orêlhas não se destempérão c'uma syllaba de máis, pódem lêr *para vós*. Horacio dizia a uma Môça, sem muito empacho — *A ti crésce todo o buço dos Mancebos* — na Od. 8 do liv. 2, *pubes tibi crescit omnis*.

De inteiros Julgadores
Tão gôrda é a soma, que sómente a vencem
Lettrados scrupulosos,
Que apenas uma, ou outra vêz, por anno,
A Parte, e a Causa vendem. —
Cabe o raro saber louvar dos Médicos :
Dos Récipes o tino
Próvão vivos, ou mórtos os enfêrmos.
Das Lettras a République
De quão grandes Ingenhos é fecunda!
(Deixêmos chasquear Mômo)
Os seus suóres gratidão requerem.
Embóra, todo invéjas,
Lhe estranhe Mômo aos nossos Litteratos
A Sobeja modestia,
O pouco que compõem, e o quão serôdeo.
Que arvorêdo de louros,
Que vos verdeja, oh Prîncepes sob'ranos!
Oh Reis, quão Deoses fôreis,
A ser tanto immortáes, quanto sois nóbres! (1)
Que algarismo somára
Vossas virtudes, prendas, e talentos!
Para nós, póbre pôvo,
Só paciencia (por azar!) deixásteis.
Grandes — inda máis grandes
Pela alma perspicaz, que pelos póstos;
Dos Prîncepes ao lado

---

(1) O Poéta estrangeiro que compôz este Carmen traz uma longa lista dos excellentes Monarchas, de que faz menção mui distincta a historia antiga e moderna; e falla com muito respeito dos soberanos actuaes, muito humanos, e verdadeiros Páes dos póvos.

Cada Reino alardêa habeis Ministros.
E como os Reis de agóra
Já sabem governar *ex-proprio Marte* ,
Do sceptro é facil a Arte:
Todo o chiste é na mão , que o bem-menêa.
Que affáveis os Inglezes
Recebem com estima os Estrangeiros !
Que acanhados , modestos ,
Contentes c'o louvor alheio , os Francos ,
Em si cerrados , mudos ,
Se esquivão de inventar systêmas , módas !
O Allemão , quão brilhante,
Adamado , inventivo se espaneja !
Quem não louva as Hespanhas ,
Libérrimas , industres , sem vãaglória ?
E pé-de-boi o Bélga ,
Nóbre no trato , odeia o engano , a usura.
O Christão puro , e honrado
Não dá tratos , não queima , não confisca :
Traz do nariz na ponta
O Pundonor. E o Turco , quanto o louvo
Do bem que nos imita !
Já bébe vinho , e diz quanto tem na alma.
Ainda Éra mais ditosa
Para os Nétos , as Parcas vão fiando.
Inda móres prodigios
Desfructareis , Vindouros : alto orgulho
Recolhei nas entranhas ,
E dai-me as graças , que cantai condigno
De vossos Páes o acêrto. (1)

---

(1) Este Elogîo é traduzido, como o são tambem outras muitas burundagas , que ás vêzes entremetto para desfastio das Odes. De não citar o Autor pódem seguir-se dous inconvenientes : se

ARRAZOADO.

Si vacat, et placidi rationem admittitis, edam.
JUVENAL. *Satyr.* 1.

Já me fizérão cargo os meus Censores
De ter muito Latim portuguezado. — (1)
Máis honra me fizérão, que eu merêço,
Em dar sobejo prêço os táes Senhores,
Dar sobeja importancia a quatro tróvas,
Que n'uns borrões lancei por desenfado,
E á luz dei só por mingua de dinheiro. (2)
Mas pois tão alto vai esse arruído;
Permittão-me acudir por meu Cliente. —
Se cunho Portuguez dei a Latinas

é máo, darem por meu o que é de outrem. — Pouco se me dá. O segundo é darem por não meu o que verdadeiramente o é. — Ainda menos se me dá. Comprem o papelinho, e enganem-se muito a seu gôsto. Já ha muito disse, que os cóbres é quem me ajudão a viver; as ventoînhas da Fama deixo-as para os Côme-em-vão, que ahi não faltão.

(1) Das linguas a Latina é mui prezada:
E quanto máis a imita a Lusitana
Tanto seu prêço fica mais subido.

Assim o dizia a um Estrangeiro, que não suppunha tão estreito parentesco entre as duas linguas, um Portuguez que compôz um hymno a Sta. Ursula etc. etc., que igualmente se lê em Latim e em Portuguez, e começa:

Canto tuas palmas, famosos canto triumphos etc.

(2) Quod si dolosi spes refulserit nummi
Corvos Poetas et Poetrias picas
Cantare credas Pegaseium melos. Persi. Prolog.

Vózes, e é crime pôr-lhe cunho alheio;
Réos d'esse crime são quantos escrévem
Depois de tantos séculos na Európa,
Que, c'o roubado estôffo dos Romanos,
Cubrírão a nudêz d'esses Vasconços,
Que com vil lôdo a face enxovalhavão
Da Terra, a çáfios Bárbaros sujeita.
Réo quéro, com Camões, ser d'esse crime
Voluntario; e não dar Francez bastardo,
Qual dá da nova seita o soêz (1) cardùme.
  Sujeita a antiga Európa á antiga Roma,
Fallou polida a lingua vencedora;
Vencidos os Romanos pela bronca
Hyperbórea relé, Sicambros, Cimbros,
Nós Lusitanos com farragem Gôda,
Lógo a Latina téla entretecêmos;
E não contentes inda, a bordadura
De engasgado Mourisco lhe cozêmos,
Co'a franja multicôr de tantas linguas,
Quantas não deo Babél no louco arrôjo
De querer ter mirante sôbre as nuvens.
  Convinha povoar as terras êrmas
Das gentes, que segou a fouce avara
Dos bellicosos Reis Conquistadores.
Chamárão-se de incógnitas Provincias
Póvos de estranhas linguas, que o tecido
Da nossa com máis tinta alagartárão.

---

(1) ——————— J'observe avec dépit
Que notre langue est riche, et que tout l'appauvrit.
Grace au Ciel! les trois quarts de mon Dictionnaire
Sont des mots réprouvés, dont je n'ai plus que faire.
Prolog. du Philint. de Molière.

Eis que começa de apontar na Italia
Das Boas Lêttras a bem-vinda Aurora :
Accórrem d'um, e d'outro Reino, a Ella
Os Môços, de Sciencia cubiçosos;
Abração com ardor as doutas linguas
E vem contentes derramar seu lustre
Pelo escuro sertão do patrio idiôma.
Résta agora entender, se foi acêrto
Nos que a lingua tão rude nos polírão
C'o Romano esmeril, tornando-a ao gremio
Da perdida opulencia, ou se deixá-la
No Vândalo paúl, Suévo, ou Gôdo?
Quem não diz que máis val desbastar hôje
Do bárbaro fallar a Lingua Lusa,
Introduzindo os têrmos da Latina,
Que o Vasconço primévo desbastára,
Que estragá-la com vózes alforrécas,
Babujem, que nas ribas Portuguezas
Lança a lição de sécios Bonifrates,
Que de alheio Paîz só balbucîão!
Gerigonça bastarda, mal-intrusa.
Muitos, dos que hôje escrévem, francezêão;
Muitos, que nada escrévem, francezêão; (1)
Francezear agóra é tão absurdo
Quanto o fôra nos séculos Latinos
Vandalear, fallar Suévo, ou Gôdo.
Francezear em Lingua Portugueza
Se atrévem quatro tôlos vãagloriosos
D'uns laivos, que pozérão mal assentes
Na face maternal, que se envergonha. —

---

(1) « Malditto seja quem táes *a la modas* nos trouxe á Terra » dizia D. Francisco Manoel nos seus Apólogos Dialogáes.

Como eu quizéra ver, pelos Francezes
Apupados na praça esses basbaques,
Que um têrmo ou phrase Lusa entermeassem
Em discurso Francez fallado, ou scripto.
Se não soffre um Francez, se ri, se zomba
De quem com arrogancia, ou com desprêzo
Do presente fallar, clássico, e puro
Estraga a lingua com fallar mestiço,
Como soffrémos seja franco a um biltre,
Que ignora os livros dos Autores Lusos
Nos mêtta á queima-roupa, muito ufano
Contrabando Francez? Alguns macacos
D'affrosos, massacráes, sentimentistas
Versêjão francezìa a trôxe-môche:
Quem me dirá se é máis por se arredarem
Do Latim, que no bom Garção e Elpino,
No Camões os enója, ou se é penuria
De custoso saber, e vão direitos
Pela strada Coimbran da néscia móda?

Com tudo, não direi (que fôra absurdo!)
Que na lingua doméstica se encravem
Latinos palavrões, como o fizéião
Cértos fidalgos fátuos: — *Oh Charonte*
Approxima essa cymba, — que é vicioso
Todo o extrêmo, inda em obras de virtude.
Mas se eu Confessor fòra em reservados
Casos, ou sacrilegio em *Bellas-Léttras*,
E pureza de lingua, penitencia
Mais léve déra a quem latinizasse,
Que aos Tarêlos, pedantes á la móda,
Que, hôje, por néscio timbre francezêão.
Vêde o Crìtico mór, o culto Horacio

Como approva os que mésclão Grêgas vózes (1)
Na Latina urdidura. Assim mésclava, (2)
(Encostado em Horacio) o Vate Luso
No raso Portuguez o ouro Latino.
Quantos não vêdes vós nestes sós vérsos
De origem *Lácia* peregrinos têrmos :
Súbito o Céo *sereno se obumbrava* ;
No *fundo aquoso*, a *léda lassa* fróita ?
Quando escrevia : *Syrtes arenosas*,
Estridentes farpões, e *Cão tri-fauce*,
Fallava Pinas, Payvas, e Azuraras,
Ou fallava arremêdos de Virgilio ?
E quando Camões diz, com phrase pura
Que famas lhe promettes, e que historias,
Que palmas, que triumphos, que victorias ?
Quando diz *salso argento, cerviz dura*,
Falla a lingua Latina, ou falla a nossa ?
Falla, Tarêlos, Portuguez ornado
Co'a louçania, que única dá gala
A' nossa lingua, ouro precioso, e pérlas,
Não maravalhas de baforinheiros,
Com que lhe descompondes o semblante.
Póde Ferreira, sem que alguem lh'o argúa
Dar, de Horacio, em vulgar, vérsos inteiros,
Com que honre, e enfeite a lingua que ama e préza.

---

(1) At magnum fecit quod verbis Græca Latinis
Miscuit. HORAT. *Satyr.* 10. *Lib.* 1.

(2) E quando, só nos Lusiadas (como bem aponta Faria e Souza) introduz 120 palavras Latinas, arguir-lhe-hão os Tarêlos, ou os Rançosos, que é escuro? que é Affonsinho? ou que empobreceo a Lingua? ou que a latinizou? e outras mil parvoíces que elles são dignos de inventar? — Fóra, parvos!

Que bem que sôa em delicado ouvido
Este vérso (não tem parceiro em Veiga !) (1)
— *Que mil Náos , que dez annos não podérão* (2) —
Virgilio é na dicção , no som Virgilio ,
Com cunho Portuguez , Latinas vózes.
Que bem disse n'uma Ode o bom Alfêno
Calcando illésa túrbidas procéllas !
Latino é todo o vérso , e todo é Luso.
Todo é quasi Latim da melhor cêpa —
As *soberbas phalanges de almos Hymnos*
Dircéos, que bem cantou Garção n'uma Ode.
Só tu , pobre Filinto , atar não pódes
Máis um têrmo Latino , aos têrmos Lusos ,
Atar máis uma rosa ás outras rosas
Da grinalda que os Clássicos tecêrão ?
Foi lìcito a Garção , a Elpino , a Alfêno
Foi-lhes muito applaudido o presupposto

---

(1) O Cónego Manoel da Veiga Tagarro.

(2) « Non anni domue e decem , non mille carinæ. »
Um dos maiores elogìos que fazem a Portugal os que de suas cousas escrevêrão , é (entre muitos) a grande similhança que com a lingua Latina tem a Portugueza. Elogìo que já quando fallou da pobreza das linguas modernas , applicava á lingua Italiana Voltaire; dizendo que a lingua que máis se encostasse na Latina serìa a máis opulenta , máis suave , e expressiva. Da nossa Portugueza temos grandes tractos da prósa e de vérso que se lêm igualmente em Latim ou em Portuguez. Elogìo este que eu creio a nenhuma lingua de agóra possa competir , se exceptuamos a nossa. Se nas estrangeiras se conseguio já , ou se é possivel conseguì-lo , nunca o ouvi dizer a sabio algum d'essas nações , com quem eu fallàsse; tenho-o ao menos por mui difficil. E ainda arguirão Camões , e os que o imitárão , de que nos dérão cabimento neste elogìo ?

De escorar na Latina a lingua Lusa,
E nada será lìcito a Filinto?
Tantas iras nos ânimos Censorios! (1)
Quem lê os nossos bons, adverte e sente,
Que no Stylo elevado, a nossa lingua
Se encósta no Latim, vózes Latinas
Enfeitão seu dizer por toda a estrada.
E o meio de arrancar da grossaria
Nóvas linguas de bárbara progenie,
É limá-las co'as phrases dos Virgilios,
Dos Cìceros, e Horacios; que a quem d'ellas
Tomou algum sabôr, tanto namorão.
Nenhuma, com máis gôsto, abre o seu seio,
Que a lingua Portugueza, á voz Latina;
Nem, sem muita razão, de Vénus, disse
O bom Camões (2): « *Na qual, quando imagina*
» *Com pouca corrupção cré, que é a Latina.* »
Mas diz muito espinhado algum Taréco:
— Não entendem Latim os sapateiros. —
E eu respondo que Horacio, que Virgilio
Nunca escrevêrão para os Sapateiros
De Roma: nem Camões, nem Garção nunca,
Pára os táes de Lisboa poetárão.
Poétas, por Poétas sejão lidos:
Os Sapateiros leião Sarrabáes ou Autos;

(1) — — — Ego cur acquirere pauca
Si possum, invideor? — — —
Horat. *de Art.*

(2) — — O sublime écrivain,
Lui dirai-je, après toi nous moissonnons en vain:
Mais connais ton disciple; et daignant lui sourire,
Vois du moins, vois encor ce qu'on gagne à te lire.

Leião prósas de ensôsso consoante,
Ou versinhos anões bem des-lavados.
— Mas as Mulhéres? (me replĩca o Néscio) —
Vi Mulhéres (respondo) e muitos vîrão
Que em leitura, e juîzo valem Homens
E máis que cértos Homens, que censurão
Por invéja, por ódio, ou fraco ingenho.
Mas inda essas Mulhéres que se empregão
A lêr prósas, ou vérsos corriqueiros,
Quantos, sem entender, passárão têrmos
Latinos, ou na Côrte pouco usados,
E contritas chorárão maviosas
As angústias penáes de Jesus Christo,
Ao lêrem a Divina Fortaleza; (1)
Ou lendo as mágoas, queixas e amarguras
Da Imperatriz Porcina, ou Mangalona?
Ou c'os Zagáes, c'os Reis se comprazêrão
Do nosso Redemptor na fausta Aurora,
Lendo as Lôas, que no Natal Divino,
Em tempos mais singélos, que os de agóra,
Diante de presépios mui vistósos,
Representámos já? E eu fui um d'esses
Que no Auto dos Pastores, e em máis outros
Fiz meu papél a gôsto dos vizinhos.
Mulhéres conheci sem arte ou studo

(1) Cérto Auto impresso que começa: *A Fortaleza Divina Grandemente aqui temeo.* Nunca o li (quando era pequeno) a minha Mãe, e a sua Comadre Maria Antonia, que lhe não escorrêssem as lágrimas em pinga; e máis ha no tal auto várias palavras, que nem eu, nem ellas entendião. Que bom tempo era esse! Cada vêz que lhes lia o tal Auto, ou o *Flos Sanctorum* rendia-me alguma golodice. Hòje leio cousas, que bem as valem, e ninguem me dá uma trouxa d'óvos, se quér.

Mas de ingenho não rústico, que lião
Com prazer o Camões, e com proveito:
E se uma, ou outra voz as represava
No fio da leitura, perguntarem
(Que assim pergunta muita gente boa),
E arredado o tropeço, seguir via.
Eis que escreveo Camões para Mulhéres;
E para Sapateiros escrevêra,
Se Sapateiros perguntar quizéssem.
  Esmerar-se em fallar linguagem pura
Limpa de francezismos, tem seu custo:
Encostar-se ao Latim, estrada nóbre
Do polido fallar com senso e gala
Péde estudo e saber, e péde escôlha,
Que não cabe no instincto de macacos
Enviscados de ignara ensôssa móda.
Por se forrar a estudos, os táes mônos
Besúntão de Francez fallas, e livros,
E censurão a êsmo a mim, e aos outros,
Que não sabêmos francezear, como elles.
  Cuidão esses patáos, que se eu quizésse
Como elles escrever afrancezado,
Me faltarião pósses? Eu que vivo
Ha vinte annos e máis, entre Francezes;
Fallando muito raro, e ouvindo menos
Portuguez puro, falto de bons livros,
Que a castigada phrase me renóvem
Que me acudão com têrmos esquécidos;
Como um póbre soldado, sem soccôrro
Sem vitualhas, em sîtio prolongado;
Não tendo um Diccionario, onde consulte
O sentido, ou pureza do que escrevo! —
Mas *absit*, que eu jámais renégue a lingua

Do meu Camões, de Corydon, de Elpino;
Para fallar tarêlo gallicismo.
Fallo e escrevo, limálhas desluzidas
De ouro cavado (ha muito!) em bons Autores,
Thesouros de linguagem Portugueza,
Bem descontente de que os mal-imito.
Sou qual Mineiro, que poupado e vélho,
Em seus cansados annos cóme e gasta
Os réstos d'essas minas, que cavára
Nos sertões do Brasil, e vê com pena
Ir-lhe minguando o amúo dos cartuxos,
E faltar-lhe outras minas, outras fôrças,
Outra idade, para ir cavar máis ouro.
Em fim, Amigo, inda eu máis largo fôra
Em tão largo sujeito, se não crêra
Enojar-te co'as mui sobejas próvas,
Que do bico da penna vem sahindo,
Vem correndo em tropél, sem maior custo,
Que o custo de enfiá-las na carreira;
Bem lhe eu poupára ao meu amado Amigo
O enfado de me lêr, e a mim o enfado
De escrever tão miúdos argumentos:
Mas vai tão mal o século perverso,
Despido de bom senso, e sãa leitura,
Que a lagarta, e pulgão prende nas fôlhas
Prende nos fructos, em que ardidos mórdem:
E o mîsero Poéta, que trabalha
Por dar úteis, por dar prazer sem vîcio
De bastarda dicção, culpado assumpto,
Cólhe por galardão de seus suóres
Risos de néscios, mófas de Tarêlos.

MADRIGAL.

N'UMA noite de hynvérno fria e escura,
Deitárão-se a dormir ambos n'um leito,
O Amor com a Amizade:
E Mômo, que não pérde travessura,
Trocou-lhes com bom geito,
Os fachos de diversa qualidade,
Mas na fórma e na luz mui parecidos.
Quando pela manhãa, ambos erguidos,
Fôrão provar nas almas dos humanos,
Este a luz pura, aquêlle a chamma ardente;
Foi da intenção o effeito differente.
Nize no peito lógo
Sentio suáve chamma de Amizade;
E Filinto do Amor a iniquidade,
No atraiçoado fôgo.

AVISO

OA LEITOR.

I.

ALÉRTA, álérta, Amigos; ôlho vívo.
Corrâmos a apprender melhor linguage;
Dêmos côres da móda, e sécio traje.

Ao albornoz do Portuguez nativo.

2.

No Francez se acha tudo : até a lingua.
Haja vista ao Telêmaco capado ;
Que tendo o Blutéau bem folheado
Só deparou com aspereza, e mîngua (1).

3.

De nóbres, de espanéficos Doutores,
Que dizem *massacrar*, *rañgo*, *conduta*,
Affróso, *afféres* (2) venha devoluta
A cópia, a ornar os Vates, e Oradores.

4.

Ponhâmos Barros, Souza, e o bom Ferreira
No cadoz de sédîças Livrarîas,
Que enraivem lá das guápas bizarrîas,
Do fallar culto d'um cabal Faceira (3).

5.

Este se a êsmo leo livro Francez,

---

(1) Assim m'o affirmou mui de véras o Traductor.

(2) Esquéceo-me pôr *egidio*, palavra mui significativa, e mui comesinha para cérto Emb... que traduzia: « Sous l'égide de la Loi » *Debaixo do Egidio da Lei.*

(3) A definição de *Faceira*, *Turinas* etc. etc. Vem no *Anatómico jocoso.*

Tem de verter lições de lingua Lusa:
E nós de ir á tal fonte encher a infusa,
Pexóttes, que só lêmos Portuguez. (1)

---

(1) Para honra nossa ainda vivem Camões, Barros e os Clássicos Lusitanos; e para vergonha dos fedelhos affrancezados, ainda os lêm, e os imitão os Elpinos, Alfênos e outros amadores da boa phrase Lusa. E eu que ha vinte e cinco annos que vivo em França os lerìa tambem se os possuìra. Forcêjo com tudo a evitar nisso que escrêvo, o Pedantismo e charlataneria d'esses Senhores, que besuntando-se de Francez, antes de apprenderem a sua lingua, enxovalhão quanto fallão, e quanto escrevem com lambuçadas bordalengas. Vejão esses que assim se desestimão, desestimando a sua lingua, o que de si, e da sua lingua natural escrevia um homem, por ter vivido quatro annos (e não 25 como eu) fóra da Pátria.

En terminant cet ouvrage, je ne puis me défendre d'exprimer un sentiment qui me presse, un vœu qui sera celui de tous les hommes qui ont conservé l'amour de la littérature française. De grands modèles existent; mais par quelle fatalité paraissent-ils relégués dans l'oubli? Ne pouvant les suivre, je me plais à les admirer, et j'ai cru leur rendre le seul hommage dont je fusse capable, en n'employant que le langage qu'ils nous ont enseigné, en écrivant un voyage en Grèce, sans aucune expression grecque, et avec le soin d'en écarter cette foule de mots nouveaux, que l'incapacité enfanta, comme le charlatanisme pédantesque voulut faire de la langue des Racine, des Voltaire, des Fénelon, des Bossuet et des Buffon, une langue barbare, hérissée de mots étrangers, travestis en français. En prenant la plume pour cette relation.... où peut-on mieux placer une invocation au bon goût qu'a la suite d'un voyage dans des contrées qui en furent si longtems le théâtre! Héritiers privilégiés de ce que la Grèce ancienne nous montra de graces et de talens, Laharpe, Delille, Saint-Lambert, Boufflers, Lacépède, Bernardin de Saint-Pierre, Ségur, etc., vous tous qui avez conservé cette pureté de style, ce coloris dans les images, cette justesse dans les expressions, cette urbanité vraiment attique qui ont

SONETO.

A trilingue serpente silva, e rója
Pela esmaltada encósta rastolhando,
Em tôrno agudos ólhos derramando,
O cóllo azul e vêrde ao ar arrója.
A Águia altaneira, a quem tal vista anója,
Désce a afferrar-lhe a garra, e remontando,
As rôscas com que a cinge espedaçando
Vencedôra, de alentos a despója.
Serpeava assim meu lédo Pensamento
Pelos florentes prados da Esperança
Trajado de loução contentamento:
Quando Marcia gentil c'uma esquivança,
Com que pune qualquer ousado intento,
Despedaçou a minha confiança.

---

fait la gloire de notre littérature; usez-de votre droit d'hérédité, et repoussez les efforts sacrilèges du mauvais goût, qui a tenté, et malheureusement avec trop de succès, de s'emparer de votre honorable domaine: qu'il en disparaisse à jamais avec ses burlesques-innovations; et notre patrie sera bientôt ce qu'elle fut naguères, le séjour de la prospérité publique et le brillant apanage des beaux arts.

Voyage en Grèce et en Turquie, par Sonnini. *T.* 2. *chap. dernier.*

ODE.

Ultra Sauromatas fugere hinc libet, et glacialem Oceanum. JUVENAL. *Satyr.* 2.

Sous un climat moins aquatique
Je veux respirer désormais;
Adieu, Messieurs les flegmatiques,
Bonjour, bonsoir pour jamais.

QUE triste fésta, Aguiar, que hôje nos fâzes,
No dia dos teus annos!
Longe de tua Chlóris, entre arrufos
De fucinhudo acinte,
Dá-te vólta o juizo, atassalhado
Da reforma imminente,
E do dente roaz, aucia curiosa
De adivinhar despáchos.
O bom Monge que sonha noite e dia
Pintadas Indianas,
Tem máis longo o nariz, máis côva a face,
Tem máis grisalha a grênha.
Alfândegas, Malsins, como uns duendes,
O sp'rito lhe mantêão. (1)

(1) A maneira de mantear se acha descripta, e quasi sempre estampada na verîdica historia de ingenhoso D. Quixote de la Mancha.

E a *Chocolat* c'o vulto abrazeado
Lhe accena co' Espadilha. (1)
Delmira (coitadinha !) faz resenha
De quanta enfermidade
Escurece os canhenhos de Galeno ,
E encara , uma apóz uma ,
Qual lhe vem máis quadrada nos symptômas ,
Não tidos , mas scismados ;
Faz trombas, se a acudir-lhe ás vãas doenças ,
Prompto se não desunha
Filinto. — Este ólhos longos , saudósos ,
Em Parîs encravados ,
Não vê , não ouve , não attenta a nada , (2)
Que a partida não seja
Fóra d'estes paúes , appetecida ,
Cubiçada , anhelada. —
Tudo lhe enfada , tudo o desconfórta ;
Só quer França , e máis França. (3)
Com táes caras de enôjo , e de fastîo
Esperas de alegrar-te ?
Guarda esta fésta , guarda o espalhafato

---

(1) Já adverti que os Poétas alludem algumas vêzes a succéssos que nem a todos compete saber. *Non omnia possumus omnes*. Os que tiverem intelligencia da significação de certas cartas do baralho , talvez que rastrêem c'o sentido do Poéta.
Nota do Editor.

(2) Sed quia mente minus validus , quam corpore toto
Nil audire velim , nil discere , quod levet ægrum.
HORAT. *Epist.* 8. *Lib.* 1.

(3) Illic omne malum vino cantuque levato
Deformis ægrimoniæ , dulcibus alloquiis.
Id. Epod. 4.

De pratas, porcelanas,
De luzes, massapões, caffés, Licôres,
Para as terras alégres,
Onde brincão bonécos divertidos,
E não cerváes Casmurros.

EPIGRAMMA.

Fabio, ao cahir da noite humida e fria,
Do chupado carão déspe a alegrîa;
Não, porque chore o sól, do dia enfeite;
Mas porque accende luz, que gasta azeite.

SONETO.

Se um gésto meigo, se um olhar gracioso,
Que honte' observei, oh Délia, em teu semblante,
Não são os véos d'um ânimo inconstante,
Nenhum mortal me vence por ditoso.
Oh quanto o Deos Amor me quer mimoso!
Longe da amada Pátria, triste e errante,
Encontrar fé em tão gentil Amante,
Que o meu amor compense fervoroso!
Promêtto a Amor queimar-lhe largo incenso
No casto altar do peito, e a alma rendida

Votar a Délia com prazer intenso :
Sim : que a Amor brando , a Délia enternecida
So graças dou de seu favor immenso ,
Se entrego a Amor o peito , e a Délia a vida.

ODE.

Il n'appartient qu'à ceux , que leurs vertus suprêmes
Egalent aux Dieux mêmes ,
De savoir estimer le langage des Dieux.
J. B. Rousseau. *Od. au Prince Eugène.*

Gaudet enim virtus testes sibi jungere Musas
Carmen amat quisquis carmine digna gerit.
Claudian.

Em perênne chuveiro , dos Céos cáhem ,
No vasto mundo as Ditas , e Infortunios ,
Quáes , pelo Outôno déscem bastas fôlhas
A tapissar os bósques.

Nos palacios do Samio Policrates
As sobêjas venturas se amontôão ;
E os bens que estraga , de enfadado , o ricco ,
A's portas lhe recrescem.

Mas vem , umas sôbre outras , porfiadas
As desditas buscar o desditoso ,
Que a Fortuna encetou c'o cégo açoute
De sevéros trabalhos.

Assim tréme o rochêdo Acroceráunio
Retalhado do trépido corisco,
Em quanto Memphis des-nevósa (1) encara
Com socêgo, o Céo puro.

Não levantou de mim a mão pesada
A féra Sórte, dêsque ás Párcas duras
Do justo fio da Patérna vida
Fêz infausto presente.

Os dólos, as injúrias desabridas,
As iras novercáes mal-merecidas,
Nos bens lançárão despiedoso estrago,
Na fama, injusta nódoa.

E a Calúmnia, que espreita os passos francos,
Dos Cultôres da véra Sapiencia,
Laços me armou subtîs, para enredar-me
Em duradouras penas.

Um Deos só pode, ou delle humana imagem
Erguer-me d'este pégo de desgraças;
Qual generoso Alcides a Thesêo
Tirou do Inférno, ao dia.

Nem a Deos um mortal melhor retrata,
Que, quando cheio de divino alento,
Arrosta os p'rigos, córta pelos sustos,
E salva ambigua vida.

Ou como tu, com braço de ouro abrange,
E encosta ao brando seio o desvalîdo,
Que a tormenta, entre as ondas implacáveis
Lançou sôbre os escólhos.

---

(1) Memphim carentem Sithonia nive. HORAT. *Lib.* 3. *Od.* 26.

SONETO.

MOTTE.

Dos Céos toda a bellêza peregrina.

Glosa.

Não me luz, nem me aquéce o Sól dourado,
Se não vejo em Delmira a minha Aurora :
Ella é na Primavéra a minha Flóra ;
Nem sem ella me ri viçoso o prado.

Qual Minérva, no trilho mal-pisado
Da virtude as passadas me affervóra,
Na núvem, Iris os listões me córa,
Quando em mar de tormentas sou tomado.

Se Cômo, e Baccho a mesa me adereça,
Não é máis linda, que ella, Hébe divina,
Bem que a ambrósia immortal a Jóve off'reça.

Rende-a, Amor : que terei, quando benina
A meus abraços, nóva Cypris dêsça,
Dos Céos toda a belleza peregrina.

LUTTA

DE HÉRCULES

Com o Río Achelôo.

Ovid. Metam. 9.

Da môcha fronte a causa lhe pergunta
O Heróe Néptúneo, e a causa dos gemidos;
E assim responde o Calidonio Rio,
Que a cóma hirsuta cinge de canniços:
« Triste emprêgo me pédes. Que vencido
» Ama dar relação de seus combates?
» Por inteiro os direi; que máis formosa
» Me foi a briga, que a vencida feia.
» Tão grande Vencedor me affrouxa a mágoa!
» De Dejanira o nome a teus ouvidos
» Devîa de chegar; Virgem mui bella,
» Foi de muitos galans anciá e cubiça.
» Mal do buscado Sôgro em casa, co' elles
» Entro: — Por Genro teu me acceita (disse)
» Oh filho de Partháon. — Diz-lhe Alcides
» Igual phrase. A nós dous os máis cedêrão.
» Conta este, que por Sôgro dava á Noiva
» A Jóve, e os decantados seus trabalhos,
» E da Madrasta as bem cumpridas ordens.
» Des-doura-se em ceder a um home' um Numen.

(Lhe tornei) — (Que inda Alcides Deos não era..)
» Em mim vês o Senhor das férteis aguas,
» Que serpêão, descendo, em teus Estados:
» Nem Genro hóspede sou, de estranhos vindo,
» Mas teu Patricio, e de teus bens com-parte;
(1) » Se não me obsta o não ser da régia Juno
« Abhorrîdo, e faltar-me o complemento
» Das bem lidiadas ordens. — Se me jactas
» Que a Alcmêna tens por Mãe, por Páe a Jóve,
» Ou falso é o Páe, ou vem-te o Páe d'um crime:
» Sem adúltera Mãe tal Páe te frustras.
» Ou Júpiter, (escólhe) é Páe fingido,
» Ou foi des-honra tua o nascimento.
» Já ha muito, que me olhava carregado
» Fallar-lhe assim; já mal-forçoso as iras
» Accêsas sogigava... Eis me responde:
» Eu máis hábil que a lingua tenho a dextra:
» Com quanto na pelêja te conquiste,
» Vence-me embóra em fallas. » « Feroz trava
» O combate. Corri-me de ceder-lhe,
» Eu, que inda ha pouco féros arrojava.
» Dos hombros lanço ao longe o vêrde manto,
» Os braços sólto, e arçadas na postura
» Abro ante o peito as mãos, á lutta os membros.
» C'o pó, que apanha nas cavadas palmas,
» Me sparge, e a seu turno se enlourece
» Co' a ruiva areia, que por si derrama.

---

(1) Ironîa, Senhor Leitor. Sei que ha muitos e mui espevitados Leitores; mas tambem já acertei com alguns que faziâo nôjo, transtornando todo o sentido e formosura do que liâo. Póbres, misérrimos Autores, em que mãos cahiz ás vêzes?

» Eis me abrange a cerviz, eis as micantes
» Côxas; ou de abrangê-las faz designio ;
» Daquî, dallî me investe ; mas em balde
» Me busca, que o meu pêso me defende,
» Não menos, o rochêdo, que accométtem,
» Com grão murmurio as vagas, e elle firme
» No proprio pêso seu immóvel jaz.
» Retrahidos, tornâmos á refréga,
» Já no desplante, e em não ceder seguros :
» Pé contra pé, já lhe entro todo o peito, (1)
» E meus dêdos c'os seus entresachando,
» Fronte a fronte, co' a minha empuxo a sua.
» Táes concorrer já vi torósos (2 Touros,
» Quando é anciado prémio da pelêja
» Da devêza a novilha máis egregia ;
» Duvîdão sobre qual cáia a victoria
» De tamanho dominio. Sem proveito
» Tres vêzes rejeitar forceja Alcides
» Meu peito, que a seu peito sobrestava ;
» Na quarta (o abraço sacudindo) sólta
» Os revirados braços, e me impelle,
» (Verdade professei dizer) co' a dextra
» Me vira súbito, e me encurva as costas
» Com todo o seu pendor. — Cuidei que tinha
» (Nem finjo vózes, com que o pêjo encubra)
» Um monte sôbre mim. De cérto o abono.
» Mal que os braços entrêcho, que escorrião
» De sobejo suor, e os annéis firmes

---

(1) Os que tivérem dúvidas sôbre os têrmos da lutta fação como eu : perguntem a quem melhor o sabe.

(1) *Torosus* dicitur quòd *torosum* (eminentia musculorum) amplitudine corporis robur præ se fert. « Luxuriatque toris. » diz Virgilio.

» Dos membros descingi, eis me persegue,
» (Eu arquejava) e aspirar fôrças me tólhe,
» Já me abarca o pescôço, e c'ós joêlhos
» Batto, por fim, c'o chão, e môrdo a areia.
» Recôrro á astucia, de inferior no esfôrço.
» Eis, longa cóbra, delle me deslizo,
» E arcando o côrpo em retorcidos cóllos,
» Com féro silvo batto á lingua as farpas.
» Das minhas artes ri, e zomba Alcides:
» Dêsde o berço apprendi a domar cóbras,
» (Me diz) e quando a muitos drágos médres,
» Que escasso que és, á vista d'um só vulto
» Dessa Lernéa Echidna, (1) tão fecunda
» Nos proprios córtes seus. Das cem cabêças
» Não córtas uma, que não brótem duas,
» Que hérdem máis fórtes na cerviz morada;
» Cóbras traz cóbras no ramoso cóllo,
» Medrando para mal, dos córtes pulão.
» E eu domei-a, e domada a impuz da vida.
» Em que te fias, quando alheias armas
» Em falsa sérpe disfarçado móves. » (2)
» Disse: e á cerviz tal nó c'os dêdos me arma,
» Que não me anciára máis tenaz ferrênha,
» As fauces, que das mãos remir debato.
» Vi-me vencido; e só de bravo Touro

---

(1) Lernéa Echidna. Vejão as Metamorphoses de Ovid. Variorum, ou o Diccionario de Sabbathier.

(2) Parece inverisimil que Hércules açododo no combate de Achelôo, que com suas fôrças e suas manhas lhe dava bem em que entender, se désse tão pachorrentas conversas. Mas foi imitação de Homéro, que nos máis renhidos duellos entretem os seus Heróes com máis prolixas parlendas.

» Me resta a fórma, e val: nella mudando
» Os membros, re-pelejo. Pela esquêrda
» Me apérta o bôjo c'os nervudos braços,
» E segurando a prêza, a instiga, e ségue.
» Té que me humilha os córnos, e m'os crava
» No duro chão, baqueado eu na alta areia.
» Nem se deo por cabal: co' a féra dextra
» Québra o côrno que empunha, e m'o des-tronca
» Da môcha fronte. As Náias o sagrárão
» De fructos cheio, e de cheirosas flôres,
» E no meu côrno a boa cópia é ricca.

ODE.

———— At fides et ingenii
Benigna vena est, pauperemque dives
Me petit.
HORAT. *Lib.* 3, *Od.* 17.

Ao banquête dos Deoses convidados
Fôreis, Amigos, se do Céo bem-quisto

---

(1) Repararão alguns pechosos críticos que tão repisadamente ponho *côrno* nesta traducção: ao que respondo 1º. Que assim vinha no Original, e que eu não tenho a receita de tirar córnos d'onde os ha. 2º. Que para variar não achei outros synónimos além de *Xifre* ou *Xavelho*. Venha o Démo á escolha. Tambem achei *ponta*, mas é equivoco.

Na arca rodassem fúlgidas medalhas,
A sabor da Vontade.

Em dourada baixélla, em porcelana
Virião preciosas iguarìas
Aguçar desdenhosos appetites
C'o regalado cheiro.

Altos Lacáios com librés custosas
Em polìdos crystáes derramarião
Carissimo Tokái, fino Constancia
Em borbulhosas ondas.

Mas quem almorça aquì, depõe á pórta
Arrôtos de bazófias opulentas,
C'um prato de Amizade, e uma fé pura
Singélo se contenta.

SONETO

AOS ANNOS

Da Ex.ma S.ra D. A. Ap.

Hôje Amor, nos palacios deleitosos
De Idalia, onde dá leis a todo o Mundo,
Com gésto airoso, com dizer jucundo,
Declarou aos Cupidos respeitosos:

» Neste dia dos annos máis viçosos
» D'aquella em quem meu forte imperio fundo,

» Ordeno que os Mortáes culto profundo
» Lhe rendão, em rendê-lo venturosos.

» Ide, Vassallos, derramar no peito
» Humano um alvorôço desusado
» De, a tal bondade, se sentir sujeito.

» Venha o Universo, e admire tanto agrado,
» Que eu só me dou do mundo satisfeito,
» Se, a seus pés, hôje o vejo ajoelhado.

BILHETE.

N'UM quarto de papél (não todo limpo)
Que entallado no espêlho achei acaso,
Nesta êrma salla, em que fallece tudo,
Quando viúva chóra ausentes Amos,
Escrevi estas regras de queixumes
Contra a rija investida porfiada,
Que embruscando-me a mente, que esguardava
As estoccadas da matreira lingua,
Deixou entrada falsa ao surrateiro
Borgónha tavernal, que cala a furto,
C'o ruído da pérfida algazarra,
A deitar fôgo ao Templo da barriga.
Ah! manhosa investida! Tu, Troiano
Cavallo, fôste, prenhe de maranhas,
Que déste ás modorradas sentinéllas
Soporífera morte; com teus fachos
Erguêste incendio de velóz lavoura,

Que ateou pelas veias espantadas
Precipitado ardor em todo o corpo.
Tu mandavas, Sinon astucioso,
Ao da Razão alcáçar refulgente
Frequentes glóbos de aleivoso fumo,
Que traçava ennublar seu raio activo.
Ella o rompeo; mas foi lidado o esfôrço;
E não sahio sem custo co' a victoria.
O calor lavra longo nas entranhas,
Nas rôxas cinzas, que a agua mal-extingue;
E á noite o avivão, com mordazes beijos,
Os fétidos famintos persovejos.

ODE.

Non semper idem floribus honos
Vernis.
HORAT. *Lib.* 2. *Od.* 11.

PERDES, Andrada, co' a tardîa vinda
O máis guápo lavor, os máis amenos
Dias, que inda teceo a Primavéra
Para brio dos Campos.

Quanto receio, triste te arrependas
Das malogradas horas, que não tórnão;
Dês-que escapão no carro despedido
Do flammejante Phébo!

Com mão escassa esparge a Natureza
Dourados dias de aprazivel face
Neste ennublado frígido contôrno,
Em que me pôz a sórte.

Flóra o matiz de alegre bordadura (1)
Lançou sôbre as vistosas vêrdes roupas.
Já os fructos avivando o colorîdo,
Co' a madurez vizinha,

A's flores dão ciúme; e deleitando
Ao que ama antes sabor, que côr sem succo,
Dos amantes de Flóra, e de Pomóna
Dispartem a contenda.

Os bósques já recendem c'os morangãos,
Convidando a colhê-los mãos golosas.
C'um pedaço de pão n'um guardanapo,
E na garrafa a pinga,

Na dextra a cuia da alva palangana,
E o tempêro do assúcar não-mesquinho;
Podêmos merendar, á tripa forra,
Morangãos na floresta.

SONETO.

Graças ao Céo, Filinto, conseguiste
A tarda, mas risonha Liberdade;

---

(1) Variis colorum picturis ad certamen usque luxurians.
Plini.

Já não arrastrarás, contra vontade
Duro grilhão, que (incauto !) aos pés cingiste.

Feliz o que aos farpões de Amor resiste !
Que lhe conhece o fito da maldade ;
Máis feliz quem da esquiva crueldade
Québra a cadeia, e cessa de ser triste.

Nize que a sólde ; e ao cêpo rigoroso
A'te outro amante máis obediente
Máis meigo, máis cortêz, menos queixoso.

Tu, de virente louro cinge a frente,
E triumphante exulta. Amor fastoso,
Já te não conta entre a captiva gente.

RABOLEVA

DO

SONETO.

Picou-me esta insolencia. Meu Cupido,
Se escravos quéres, dá-lhes menos dura
Prisão, dá máis carinho, máis brandura;
Seja o teu captiveiro appetecido.
Fazes fugir, c'os teus cruéis rigôres,
De teu Reino os mais finos amadores.
Prenda-me, incauto, o teu amavel érro,
Mas com laços de flores, não de férro.

ODE.

Scribis ut oblectem studio lacrymabile tempus,
Ne pereant turpi pectora nostra situ
Difficile est quod amico mones: quia carmina lætum
Sunt opus, et pacem mentis habere volunt.
Nostra per adversas agitur fortuna procellas,
Sorte nec ulla meà tristior esse potest.

Ovid. *Trist. Lib.* 5.

Quéres, Verdier, que a Ernesto, e que a Marilia
Cante enlaçados no hymenêo gostôso:
Dá-me a voz d'ella, dá-me o prazer sancto
Do affortunado Espôso.

Melpómene, entre as Musas, só entôa
Lúgubres cantos, cantos adaptados
A' Lyra inculta do affligido Vate,
Sem Ti, sem Bens, sem Pátria.

Crês Tu, que em Tomes desterrado Ovidio,
Cantou Corinna em júbilo alaúde?
Ou que ôs brincões Amores lhe dictárão
Festivo Epithalamio?

Até que a mão da Parca o sp'rito anciado
Dos laços lhe soltou do côrpo débil,
Prantos tecia em verso mal-limado
A saudósa Musa.

Parîs é o meu Tomes (1), onde chóro
Os, que vêr me é vedado, amigos firmes:
Lisboa a minha Roma, onde tem prêsas
A alma as raîzes térnas.

Mas pois que inda a Fortuna despiedada
Gozar me deixa um peito agradecido,
Já que hymnos não entôo, faustos vótos
Vos tecerei perennes.

MADRIGAL.

Vistes vós, pelo albor da madrugada
Vir um Zéphyro brando descozendo
De embruscado horisonte o manto horrendo
De nuvens com que a Noite era abafada?
Pois minha alma assim stava em tréva escura.
Eis que de Marcia, ao longe o albor diviso;
Eis que o Zéphyro alado, de um sorriso
Vem dissipar-me as nuvens de amargura.

---

(1) Quando escrevia esta Ode, ainda a Filinto lhe sabião os beiços ao mél da Patria; ainda cuidava que o maior dissabor da vida era Parîs, onde não via os seus fiéis e queridos amigos; ainda não sabîa que havia uma Hollanda, aonde tinha de beber todo o fél da desconversação e soledade; ainda não suspeitava que havia uma Haya no centro da Europa, onde os homens erão batatas ambulantes e cachimbantes, a quem as palavras custão a sahir da bôcca, como os ducados a lhe sahir da burra.

Nota do Editor.

SONETO

AOS ANNOS

Da Snr.ª D. Marianna de Amorim e Souza, e da sua filha a Snr.ª D. Anna Isidora L. de Souza.

Sôbre os annos da bella Marianna
Fazem conselho os Deoses na alta Côrte;
Jóve o querer dos Fados, desta sorte
Expõe á Companhia soberana:

« Dará prazer á Terra Lusitana,
» Cáras delicias do feliz Consórte,
» E a Parca encolherá o fatal córte
» Enlevada na graça máis que humana. «

» E á gentil Anna, oh Padre Omnipotente,
» (Diz Vénus) que annuncîas de ventura,
» Anna, meu doce amor, e gloria ingente ? «

» Anna! (diz Jóve) Estrêlla tem segura
» Para encantar a humana e ethérea gente;
» Basta que iguale a Mãe na formosura. »

ODE.

> Voi c' havete gli scherni sempre
> Contra l'arco d'amor ch' indarno tira.
>
> PETRARCA. *Sonet* 24.

JUNTANDO as pontas da ebúrnea lua
Tiraste, sem cessar, fléchas a Nize,
Amor, em vão téqui. Ella sorrindo,
De teus farpões zombava.

Com a alva mão as séttas disparadas
As vai do coração des-caminhando,
E, cahidas no chão, as quádra em pilha
Para trophéo izento.

Quéres tu não falsar do peito a senda,
Amor, que raivas de baldar os tiros?
De meus suspiros n'uma spêssa nuvem
Os teus farpões envólve.

E porque a sequidão de esquiva Nize
Não resista; e antes cále na alma o gólpe,
Mólha os tiros nas lágrimas caudáes,
Que de ternura vêrto.

Vinga-me; e vinga-te. Que é grão desdouro
Do braço, que humilhou o ingente Alcides,
Ser vencido da impróvida esquivança
D'uma inérme Donzélla.

EPIGRAMMA.

Lia um Autor.... (Não digo bem) — cantava
Um canhênho, sem sal de Poësîa ;
E a gente, que os versinhos mal-ouvia,
Em cousas mui diversas cogitava.
Leo, e cansou. —(Perg.) — « Dos vérsos repetidos
» Quáes achárão melhóres? — Resp. — » Os não-lidos (1).

SONETO.

MOTTE.

Uma Prelada de virtudes cheia.

Glosa.

Do Céo se abrio a pórta omnipatente,
E vi junta em Conselho a Divindade,
Como quando quiz dar na prima idade,
A' sua image' o Páe da humana gente.

(1) Muitos d'estes Autores de tróvas, e alguns delles Titulares, me mettèrão pelos ouvidos á queima-roupa, carradas de simil-hante mercadoria; mas como eu, nesse tempo, nenhuma voz

Prerogativas da Divina mente
Se revolvião de alta qualidade:
Virtude, Religião, saber, Bondade,
Régio solar, Prudencia; e Zêlo ardente.
O'ra uma, óra outra em gráo se preferîa,
E no Congrésso eterno se pleiteia
Qual a tão alto pôsto se devîa.
Quiz Deos, c'uma mortal encher a idéia:
Pôz os ólhos em vós, que em vós só via
Uma Prelada de virtudes cheia.

LA CULTA

GALLICI-PARLA. (*)

Culta Gallici-parla é um tempêro
A todo o môlho do fallar á moda,
Conduta, *affêres*, *rango* em viva róda
Méxe um Peralta com *affrôso* esmêro.
Pois se vai máis a pino a algaravîa,
Descarta-lhe um *ressórte*, uma *insomnía*:
E fica muito inchado
O Patáo, de outros táes patáos louvado.

---

tinha em Capîtulo poético, diante d'esses Coryphêos da versejadura, louvava-os com a bôcca, mas no coração pensava como o Epigramma.

(1) *La Culta Latini-parla* é o titulo d'uma engraçada galantaria, com que D. Francisco de Quevedo zombeteou de varîos

O D E.

Sed licet asperiora cadant spolierque relictis
Non te deficient nostræ memorare camænæ.
TIBULL. *Lib: 4, Panegyr. ad Messal.*

Não têmas que a teus vérsos sonorosos
Do Tempo alcance a fouce, nem que o Léthes
Em suas nêgras aguas somnolentas,
Doce Alfêno, os affogue!

Apollo; (crê-me) os perfilhou gostôso,
E divisa lhes pôz, que á Idade, á Inveja
Respeito influirão : com ella intáctos
Verão o fim dos séculos.

Quando a Crîtica a vara judiciosa
Estender aos Poêmas Lusitanos,
Daquì, dallì, sem conto, derrubando,
Te guardará no seio;

Por dar-te em mimo ás Musas; dar a Baccho
O altîloquo arrojado Dithyrambo.
Filinto ingénuo, Mathevon honrado
Por Ti serão eternos.

---

tarêlos, que fôrão depois imitados em Portugal pelos fidalgos da Falperra.

FÁBULA.

Cérto Ministro assaz prudente, e honrado
Quiz comprar uma quinta em sitio ameno.
Soube-o lógo o ruin tratante Almêno,
Que vem azafamado
Inculcar-lhe uma mui rendosa, e linda;
Bom jardim, bons repuchos, bellas ruas,
Casas com boa vista, junto ás suas,
Lagar, cocheira, póços, cáça..... Ainda
Almêno continuava
A ladaînha do famôso acêrto;
Quando o outro lhe atalhava
A falla, mal que têve descoberto
Que o tinha por vizinho.
Eu acho-lhe razão: que eu não quizéra
Por quanto ha hi no Mundo, ter morada
Vizinha de má lingua, alma danada;
Nem de quem ser máis que eu se considera.

ODE.

Quis desiderio sit pudor, aut modus
Tam cari capiti ?
HORAT. *Lib.* 1, *Od.* 24.

SE arrojado, os grilhões não despedaças
Da ferrênha Preguiça, charo Amigo,
Enfiarás tardìas Primavéras,
Sem que Parìs te veja.

Com ólhos longos os fiéis Amigos
Verão o Hynvérno arregaçar a cauda,
Que enfadônhos chuveiros largo escórre
Sôbre os inchados gômos;

Sem que máis aguçoso te despaches
A pôr a cabo as desleáes promêssas,
Que lá do azul mirante vio Apollo
Já tres vêzes fallidas.

Para quem vólve o Sena as guápas aguas,
Se ao deixar de D'Herman o alcáçar nóbre,
Buscando o escuro sótão de Filinto,
Não vens a travessá-las?

Clio me diz que as Tágides saúdosas
Mandárão nóva ás Nymphas cá do Sena;
Que de séus braços se arrancava um Vate
Por Hébe esperdiçado;

E que pedião térno accolhimento
Para o mimoso seu, e assumpto digno
Das Cìtharas de Alfêno, e de Filinto
Por ellas inspiradas.

Outras Hébes aquî de léves plantas,
De mattador astuto desalinho,
Só da fama rendidas, já te espérão
Com sôffrego alvorôço.

E Filinto, que a Pátria, e os dias lédos
Vê no destêrro seu, por entre luctos,
Não só te espéra, mas estende a vida
Só por tornar a vêr-te.

FÁBULA

De J. de La FONTAINE.

O Doudo que vende sizo.

Não pósso aviso dar-te máis sizudo,
Que o de sempre esquivar d'um doudo o alcance:
Fugir de gente eivada no miôllo
Foi sempre san receita.

Na Côrte ha bôbos: Reis com elles fólgão,
E c'os remóques lépidos, que lárgão
A velhácos, a tôlos, a ridìculos.

Um doudo, pelas rúas, pelas praças,
Dizia em seu pregão — Quem compra sizo? —

E os sempre-crentes homens acudião
A' compra diligentes.
Primeiro, de barato, dava o Doudo
Muita carêta, muita monarîa;
Mas lógo que ensaccava na algibeira
Dinheiro d'algum tôlo,
C'um bofetão, que vinha rebolindo
Lhes dava duas braças de barbante (1)
Aos táes freguêzes, em lugar de sizo.
Uns se agastavão: mas que válem iras?
Ser por ellas de todos máis zombado?
Fôra o rir, como os outros, máis acêrto,
Ou safar-se, sem chuz, nem buz, levando
O bofetão, e o fio.
Quér bem levar de tôlo a surriada
Quem sentido esquadrinha figurado
No proceder d'um Louco.
D'um doudo as óbras qual razão desciffra?
Quanto vólve n'uns téstos desvairados
A mão do Acaso o vólve.
Mas fio e bofetão davão tortura
A cértas cachimónias.
Um dos logrados vai-se ter c'um Sábio,
Que lógo lhe entornou, sem muito empacho;
O Oráculo seguinte:
« Hieroglyphicos méros vende o Doudo.
» Déve o prudente, duas braças longe
» Se pôr, de quem tem eiva no miôllo,
» Se affagos táes não quér recolher delle.
» Bom sizo vos vendeo. Não sois logrado. »

---

(1) Cuidava eu, quando era rapaz, e tinha já meus laivos de Geographîa, que se devia dizer — *brabante* — pelo muito cânha_

SONETO.

ANDAVA Amor doente, tres-noitado,
E sem poder dormir, magro, amaréllo:
Já dava um fio a Mórte ao crù cutéllo,
Decepador do cóllo mal-fadado.

Hippócrates acóde appressurado,
Manda cortar-lhe as unhas e o cabêllo;
Mas foi pôr pannos quentes em bacêllo,
Que um Cabrito roêo esfomeado.

Vem Hymenêo (medicinal visita!)
Dórme Cupido (mal que elle entra) uma hóra.
Dá-lhe um abraço o Irmão (1) — noite bem dita

Passa o Amor. Mas por cura duradora
Lhe ata na tésta Hymen marital fita,
Que adormenta a affeição mais veladora.

---

mo, que para esse fio, nésse paiz se tórce; mas um Padre méstre me reprehendêo assim: Diz-se — *barbante* — pelas muitas barbas que esse fio tem.

(1) Quem é que não sábe que Hymenêo é Irmão de Cupido? Esses dous Irmãos vierão ao mundo com differente sina. Um anda sempre espérto, fuzilando fôgo; o outro bocêga, e lógo dórme.

ODE.

No dia dos meus annos, 23 de Dezembro de 1798.

Ingrata misero vita ducenda, in hoc,
Novis ut usque supetam doloribus.
HORAT. *Epod.*

VENS hôje, triste Dia, de meus annos,
Encapotado n'um gabão de nuvens,
E arrastras no coálho de altos gêlos
As intanguidas pérnas.

Virás mal-vindo, a não trazer na cólla
De Frigi-fúga lênha tres carradas,
Ou pelas algibeiras, e entre-fôrros
Sonante Chocalhinho.

Que vens tu cá buscar? Cinco ou seis áchas
Ardendo em rubri-loura labaréda?
Câmaras bem-forradas? Serpentinas
Com transparente cêra?

Vens cá buscar, em mesa acobertada
Com toálha de Haarlém, finos manjares?
Vinhos de Carcavéllos, Málvasías
Em crystáes relúzentes?

Como vens engánado! Oh coitadinho!
Acharás no fogão dous tições négros,

Que se róção, se beijão, que se abração
Na ancia de tomar fôgo.

Se trazes fóme, — comerás com nosco
Estrondosos feijões, com que festejes,
Lá pela noite, os meus sessenta e cinco,
Que encéto entre pobrezas. —

Tal não cuidava a que me deo ao mundo,
Nem o que (a invéjas salvas) me abastára:
Tal não cuida o benévolo Araújo;
Que, a cuidá-lo, o emendára.

ODE

A UMA AUSENCIA.

> Fazer poderá ausencia que eu não veja
> Aquella viva imagem, não fará
> Que da alma onde anda escritta se me aparte.
>
> FERREIRA. *Sonet.* 15.

I.

DEITADO á sombra de frondoso Ulmeiro,
O'lhos fitos na veia vagarosa
De sonóro regato,
Que as margens beija d'esta veiga triste,
Contemplo o como tardos
Da minha amarga ausencia os dias déscem.

II.

Mas se ás côres do Oriente alongo a vista
Quando Aurora as pomposas roupas trája,
Lógo á mente me sóbe
O alvorôço, a alegria, com que o Mundo
Adora a minha Marcia,
Se apparece e nos abre nôvo Oriente.

III.

Se acaso alvos jasmins, se castos Lyrios
Entretecidos com vermêlhas rósas
Pelos jardins encontro,
Raia-me na alma o rôsto lindo e puro
Da minha ausente Marcia,
Que assim as faces tem, tem nîveo o pieto.

IV.

Ao vêr rodar no Céo a argentea Lua,
E os claros lumes marchetar a Sphéra,
Lembrão-me as mansas noites
Bafejadas dos mimos saborosos,
Com que me prendou Marcia
Na quadra máis feliz da idade minha.

V.

Se me off'rece, por fim, pincél affouto
Amor, sob'rano do O'rbe, ingénuas Graças
Com meigo nó prendidas,
No peito o coração me indica a pulos
O retrato de Marcia,
Sob'rana de meus térnos pensamentos.

ODE

Ao anno 1756 (*).

. . . . Quis talia fando
Temperet à lacrymis?
ÆNEID. 2.

Lá te vás affundar no Vasto Oceâno
Dos passados Succéssos,
Anno fecundo em mórtes, em desastres!
Oh pércão-se comtigo
No etérno olvido os ultimos vestigios
Dos males, que aos humanos
Affligîrão, e penas que ha soffrido
A Virtude opprimida.
Quem dará conto ás lágrimas vertidas
Pela triste Innocencia,
Nessa tua carreira desgraçada?
Quanto sangue (que ainda
Clama vingança) n'uma crua guérra
Não deixou derramado
Tôrpe sède de bárbaras mattanças!

(1) Haverá pessoas a quem esta Ode traduzida agrade; outras que a achem sem sabor. Eu não serei nem por uns, nem por outros. A minha opinião é que comprem os meus Canhênhos, e fação ácêrca delles o juîzo que quizérem.

Que scena dolorosa
Se me abre horrivel, e me espanta a vista!
Pátria minha! Allemanha!
De sáques, mórtes te accumula a furia
Da tua propria próle!
Fuzilar vêjo para teu destrôço
Esse férro homicida,
Que para amparo teu fôra forjado.
A ameaçadora frente
Ergue a violenta Fôrça, e traz o Estrago
E Pavor aos dous lados.
Que tristezas, que luttos nestes Campos,
Onde as mésses, e as flôres
São pizadas aos pês por gente alheia?
Escapa á voraz chamma
Do Colóno a esperança, e assîdua lida,
Para cahir ao gume
Da estragadora fouce. Vai fugindo
Meio-nû o Serrâno,
Da Choupana, que a arder já principîa,
E vai buscar um couto
(Contra impios homicidas que o saltêão)
Nos levantados muros
Da Fortaleza, por mesquinho prazo.
Que se agastado o ordêna
O Fado; e se esvoaçando sôbre a triste
Cidade infortunosa
O Anjo da Mórte traça que trovêje
Contra ella o fulminante
Bronze, alluîdos os seus merlões sobêrbos
Esmagarão na ruîna
Quantos os vem tomar por seu Amparo.
Qual rápido contagio

Lavra pelo brincão lanoso gado ,
Ou qual vérna geáda
Que os tópes crésta das nascentes flôres ,
Fana a sórte da Guérra
N'um gólpe a c'rôa próspera , e destrúe
O precioso edificio ,
Da Ventura , que um séc'lo de trabalhos
Em assentar lidára.
Apenas vólta os ólhos o Colóno ;
Que não vê nem reliquias
Da passada fortuna. Bem disséras
Que ha longo tempo lavra
Na sua herdade a péste arruinadora.
Vê sôltos em desordem
Servir de offrenda ao ìdolo da guérra
Da sua indrustria os fructos.
Gemendo , e lastimoso os vê , passando
Desconsolada vida ,
Té que desesperado , ou famulento
O laço lhe desata.
No máis renhido da peleja cáhe
A última vergontea
D'um tronco illustre. O destemido Môço
Era a ávida esperança
Da sua alta linhagem , — máis da Pátria.
Salteado de homicidas
Cahio ; e lógo em pântanos de sangue
Seus mattadores cáhem
Remordendo raivosos , té que arrancão
Sua alma atassalhada
De desêjos de mórte ; e de vinganças.....
Pára , oh Musa ; e estas terras
Embebidas em sangue desampara ;

D'estes objectos hórridos
Arréda a vista, oh Musa; e nunca entôes
Os dias das batalhas,
Da chólera de Deos; não prostitúas
Teus hymnos aos louvores
Do Vencedor. Celébrem muito embóra
Com métrica ufanìa
E mandem-lhe as proêzas aos Vindouros;
Que ainda que os meus Cantos
Houvessem de adquirir immortal glória
Nunca eu o altar das Musas
Profanarei c'o incenso da Lisonja
Tributado a Tyrannos.
Ouça stúpido o vulgo essa nomeada,
Que vai de Pólo a Pólo;
Se o pregôa o clarim, o adulão Vates,
Que conquistou tal Reino,
Derrotou tal exército. — Com que ódio
Verão nossos vindouros
O orgulho d'esse Heroe embriagado
De Glória, e de Ventura?
Callado então das armas o tumulto
Tem de o julgar os Sábios,
E ao Merito a Verdade põe o cunho;
Sem que ás acções esconda
D'esta a fraqueza, nem daquélla o vìcio.
Quem é que ameaça o Mundo
Com horrivel estrago? e quem o cóbre
De mórtes, de desordens?
Que dextra tantas móve armadas hostes?....
Afastêmos, oh Musa
O Phantasma intrincado da Polìtica,
Que os ólhos nos fascina

C'o seu falso ouropél. Paixões vorazes,
Ao lume della accende
O seu facho a Discordia. Altivo Orgulho
E bárbara Philaucia,
Lìvida Invéja, Impulso vingativo,
De vossos Cóffres tìrão
O direito das gentes os Tyrannos.
Correi, ide esconder-vos
Onde nunca apparêça a face vossa
No conspecto das gentes;
Vós de todos os males d'este Mundo,
Sois a fonte, e o flagéllo. (1)
Se a Heróe, com tudo, é fôrça vestir armas,
Correr da Glória ao Templo
Sem que turva Ambição illuso o arraste,
Que ensanguentados louros
Deteste; e contra a vóz da Humanidade
Não afferrólhe o peito,
Nem a mìseros brados cérre o ouvido;
Que saiba pôr barreiras
A' cruêza, e consóle os affligidos,
Com benévola dextra;
Nos prósperos succéssos lhano e humilde,
Que se vença a si proprio,
Quando o cingem os louros da victoria:
Quando com mão terrivel
(Que abate o fórte, ampara o desvalido;)
Então direi a brados
« Heróe digno de Fama por virtudes;

(1) Hoc fonte derivata clades, in patriam
Populumque fluxit.

Horat. *Lib.* 3, *Od.* 6.

» Seu sacro simulachro
» Tem sempre de luzir no Templo etérno. »
Ante Aquelle que abrange
O passado, o presente, e inda o vindouro
Com idéia infinita,
Pensamento não ha, que se lhe encubra.
Oh Deoses cá do mundo,
Elle scruta o interior de vossos peitos;
E querereis vós sempre
Da chólera Celeste ser o açoute?
Da divina Bondade
Sêde antes as imágens, reforçando
Da paz pública as bases:
Assinalai sómente o poder vosso
Por amplos beneficios;
Deponde-me essas armas carniceiras;
Vinde colhêr louvóres
E nossas bençãos, dando paz ao mundo.
E tu, oh Paz amavel,
Vem bem-aventurar os lassos Póvos,
Que te estão implorando,
Que os braços te abrem, que por ti suspirão.
Assaz, e máis que muito
No mundo reina a túrbida Discordia.
Não sôffras que raivosa
Essa infernal, sanguenta Erynnis
Nos desmanche o socêgo;
Seu poder malfeitor do Mundo arranca.
Seus vînculos sagrados
A' sombra da Oliveira, que tu amas
Vão apertar festivos
A cândida Innecencia, c'o Descanso.
Quanto respira no O'rbe

Tem de alegrar-se co' essa amavel Dita,
Dita que etérna dure.
Nações, contra Nações não máis se vêjão,
Nem Guerreiros furiosos
Medir-se de alto a baixo ameaçando-se:
Nem máis se cubrão plainos
Com seáras de lanças faìscantes;
Nem chame ao morticinio
Bronzeo Clarim; inutil seja o gume
Das lanças. Curvos sejão
Em fouces os alfanjes, e em arados
As lâminas cruentas. (1)

---

(1) No more shall Nation against Nation rise,
Nor ardent warriors meet with hateful eyes,
Nor fields with gleaming steel be covered;
The brazen trumpets shall kindle rage no more,
But useless blades into sithes bend,
And the broad falchion in a ploug-share end.

Bem cérto é que muitas vêzes não cito o Autor da Obra que dou traduzida; ou por que lhe não sei o nome, ou por que me descuidei de o pòr quando o sabia. Dessa ignorancia, ou d'esse descuido dous inconvenientes nascem: 1º. se a tal obrinha, que para desfastìo de enfiadas Odes entremètto, é má, enganarem-se os Leitores com ella, e darem-na por minha. Pouco se me dá d'esse discrédito; que imprimo tróvas para adubar a panélla, desafrontado das ancias de grangear louros de Poéta. Quando dá por alheio o que é muito meu ainda menos se me dá. Comprem o papelinho, e enganem-se muito à sua vontade Já ha muito disse eu, que os cóbres me ajudão a viver: as ventoìnhas da Fama deixo-as aos cóme-em-vão, que por ahi não faltão.

DIÁLOGO

Entre um Amigo e um Autor.

Amigo.

Fez contra ti uma Ode Philaminta.

Autor.

Quem lh'o póde impedir ? Tem penna e tinta :
Fazer Odes é livre a toda a gente.

Amigo.

Diz muito mal de ti.

Autor.

Eu lh'o perdôo.
Malhou em férro frio. Se ella mente,
Do ardor com que rimou, bem me condôo.
Se verdade fallou, tempo perdido;
Que os seus vérsos ninguem (que eu saiba) ha lido.

O D E.

Mitte civiles super urbe curas.
Horat. *Lib.* 3, *Od.* 3.

NÃo sólta o velho Lavrador curvado,
Da mão callosa a rêlha, nem disjunge
Os bois agricultores, do penôso,
Indeféssо trabalho.

De squálido suór enchuga as bagas
Na ceifa, se a tremer lançou á terra
O pão, rogando ao Céo as bem-medradas,
As louras esperanças.

De noite espreita as gottejantes Ursas,
O ensîfero Oriôn; dórme assustado
Da núvem, que fuzila, da ameaçada
Saraiva crepitante.

Mesquinho (1) cóbre os soffredôres membros,
Guiza enfastioso as regadîas hervas,

---

(1) D'estes adjectivos adverbiados temos innumeraveis exemplos nos Autores Portuguezes, que imitárão os Latinos; evitando o máis que podião os adverbios em *ente* tão prosaicos, tão enfadonhos, tão monótonos, que quem tem o ouvido delicado prefére *mesquinho cóbre* a *mesquinhamente cóbre* etc., no verso sôbre tudo.

Com fito em amuar ouro, em comprar cargos
Ao perdulário Filho,

Que em banquêttes opîparos estraga
Prêços de cem seáras, bébe, jóga,
N'um dia, as lidas paternáes, os gados,
As avîtas herdades.

De Galilei a Espôsa (1) e um Bonzo ignaro
Arremêssão (fanáticos!) ao fôgo
Mathemáticas, Physicas fadigas,
Grangeio de trinta annos,

E noites de Janeiro, desabridas,
Passadas ao regêlo, e a vista gasta
De velar as derrotas das Estrêllas,
C'o achado Telescopio (2).

Em vão se lida: os Annos se dão préssa.
Logrêmo-nos do dia de hôje, em quantó
A in-nabil onda, tristes não cruzamos,
Meu Polîtico Brito.

Como vem aqui a pedir de bôcca o que diz o Quevedo *Cuento de Cuentos!* — Bien considerable es el entremetimiento desta palabra — *mente* — que se anda enfadando las clausulas, y paseando-se pelas vozes — *eternamente, riccamente, gloriosamente, altamente, sanctamente*, y esta porfia sin fin? Ay necedad tan repetida por todos!

(1) Espôsa a dizem alguns Autores, outros Criada; e alguns entre Espôsa, e Criada. Valha a Verdade!

(2) Por Torricelli.

EPITAPHIO.

Aqui jaz neste mudo moîmento
Um Thesaurisador tão avarento,
Que em só tomar, e em nunca dar sonhava.
Por não gastar, Quarésmas jejuava:
Nem Páschoa, nem Natal tinhão valîa,
Nem de Entrudo, contra o jejum, o dia.
Ninguem lhe trincou nunca pão, nem pada,
Do seu?... ninguem provou: que elle era arisco.
Do seu?... não digo bem. Commum petisco
Dava sua mulhér, delle approvada.

ODE.

Hic dies vere mihi faustus atras
Eximet curas. — — —
Horat. *Lib.* 3, *Od.* 14.

Depõe, oh Musa, o Canto entristecido
Com que lastîmas, ha tres lustros, pêrdas
De Bens, de Amigos, de Renome, e Pátria,
Em baldadas Endêchas.

Não dês mór pasto ao desbotado riso
Da Invéja e da Calúmnia, recreiadas

C'os tiros mui-certeiros, inda fixos
No peito da Innocencia :

Manda embóra lembranças dos passados
Infortúnios, e o seu sabor amargo ;
Que vives entre Amigos compassivos,
Que dão estima ás Musas.

Comtigo as Musas, de Parîs, viérão
Para encurtar-te os dias enfadosos.
Não vês Apóllo, no alto, que nos conta
Do seu destêrro as mágoas?
Com ellas te alivîa os dissabores.
Elle perdeo o Céo, se tu a Pátria ;
Elle guardou os bois, e ouvio as ordens
Do inferior Adméto.

Tu por gados tens livros, lauta mesa
De Embaixador, servida por Lacaios ;
E tens, com o ôlho á l'érta, o seu Mórdomo
De idiôma mixti-lingue.

Ha lá nas pipas, nos vidrentos vasos
Nectáreo sumo, perfumadas lidas
De multî-modo gôsto, louro e tincto
Gloreio da garganta.

O'lha em tôrno estes ares povoados
De lindas fórmas, engraçados vultos ;
E os parabens, que os Genios te estão dando
Da denodada fuga.

Alégra-te com elles. Zomba — e muito
De Calúmnias, de Invéjas, (pôsto em salvo,)
De seus tiros, que morrem no caminho,
Antes do que a ti chêguem.

Em vêz da Lyra, empunha a trasbordante
Taça, em que alégre o pachorrento Horacio
Cuidados, más lembranças submergia — (1).
Affóga dentro as nossas.

Depois saúda o Brito, hôje espraiado;
Saúda ao longe o nome de Delmira;
E inda máis longe lança um grito, que ouça
Araújo o teu brinde.

EPIGRAMMA

A UM AUTOR

Que traduzio Horacio em Portuguez.

Esse Horacio em Latim,
E ess'outro traduzido,
Cada um seja a seu Nume (quanto a mim)
Por dívida off'recido:
A Vénus o Latino; e o Lusitano
Off'reção-no a Vulcano.

---

(1) — — — — — Neque
Mordaces aliter diffugiunt sollicitudines.
HORAT. *Lib. Od.* 18.

A Vulcâno, que na Lipárea fórja o métta; que feito em braza o batta, battido o lime, limado o pula, pulido o mande a

CONSOLAÇÃO.

Queixava-se a Santeuil cérto Marido
Que no hymen sua Mulhér trapaceava.
« Seu mal, Senhor (o Cónego tornava)
É imaginario mal. Caso é sabido
Que em muitos lavra ; mas que a poucos matta :
E home' ha que dahi cóme, arfa, e contrata.

ODE

Á PAZ.

Nunc est bibendum, nunc pede libero
Pulsanda tellus. — — —
HORAT. *Lib. Od.* 3.

Como vens arraiada, e folgazôna,
C'o hyssópe de Oliveira,
Molhado na agua benta dos suóres, (1)
Exorcisar a Guérra!

Alfêno, ou a Corydon, que lhe dêm primor, e o lévem a Horacio ; e obsérvem se elle o reconhece por seu.

(1) Eheu! quantus equis, quantus adest viris

Vem , branda Paz ; mas arregaça as fraldas ,
Que as não manches de chócas ,
Arrastando-as por tanto bruto sangue ,
Que espargio a raivosa .
Polìtica , enroscada em falso manto (1)
E á sombra dos altares ; (2)
Pondo escóras co'a crista , e com a cauda
A' vacillante Astucia.
Vem dar ás nossas almas régabófe
De mansidão festiva.
Haja Dansas, Foguêtes , Comezanas ,
E Músicas de arromba ;
Mas traze-me Dinheiro , para ir vê-las :
Que me dórme a algibeira
A somno sôlto , ha um mêz , sem que a despérte
O som de *Chocalhinho*. (2)

Sudor ! — —

Horat. *Lib.* 1 , *Od.* 15.

O quantum instat navitis sudor tuis !

Id. *Lib.* 5 , *Ep.* 10.

(1) Prudentes sicut serpentes.
Dii... odere vires
Omne nefas animo moventes. —

Horat. *Lib.* 3 , *Od.* 15.

(2) Com effeito , a quem não tem dinheiro não lhe fazem fésta as féstas.

ODE

A MADAMA RONCON.

> La tua chiara virtute, onde fioriva
> Honestate e valor, la Fama accoglie.
>
> *Guarini, Sonet.* 8.

Não títulos pompósos, que a poeira
Dos jazigos confunde
C'os nomes vis de acérbos mal-feitores;
Não cabedáes avaros
De infâmias, de traições fructos iniquos
Entrão com pé seguro
Na barca de Charonte, e lentos trilhão
As esquécidas ondas:
Mas bem penhóra das virtudes o aureo
Ramo ao tenaz Barqueiro.
Além dos annos vivirá sobêrbo
Teu nome, affavel Névia,
Entre os egregios nomes, que calcárão
Os pretextos do Orgulho.
Tu déste ás iguaes tuas o traslado
Das sociaes Virtudes;
Tu traçaste em teu meigo passatempo
Adoçar as injúrias
De rançoso Biôco, da Etiquêtta,
Da fastosa Opulencia.

O'lha, como o Céo grato remunéra
Tua tenção graciosa!
Rodeada de bem-medrados fructos
De fortunosa alliança,
Vês o paterno brîo em cada fronte,
E o Garbo teu airoso.
Vês thesouros, que esparge com mão pródiga
Sôbre o teu fausto Génio
Para ornar teus mágnîficos talentos,
Que em póbres pérdem prêço.
O ouro é alma, é luz, que alento e brilho
Infunde, e arreia as artes.
Assim puro o rubî scintilla accêso
No ricco engaste de ouro;
Ou tal realça a cândida assucena
Com as douradas plumas. (1)

SAÛDOSAS LEMBRANÇAS.

Nize.

Ai! que te vás, Filinto, amante amado,
Deixando-me entre lágrimas, — e o susto
De te esquécer de Nize. — Ai! quanto injusto
É contra o meu amor extrêmo, o Fado!

---

(1) Chamo *plumas* o que os Botanicos chamão *stames, e pistillos, anthéras* etc.

FILINTO.

Não chóres, Nize, n'esta derradeira
Amarga despedida:
Serás lembrada, em quanto eu tenha vida;
Que cá lévo o teu nome na Carteira.

FÁBULA.

O PRÎNCEPE, E O ROUXINOL.

Um Prîncepe, e seu Aio passeavão
N'um bósque, e como é de uso, se enfastiavão;
Que é condão da Grandeza.
Ouvem um Rouxinol, que alli seu pranto
Em dôce canto,
Pela devêza
Magoado despedia.
O Prîncepe entre as fôlhas o descóbre,
Gaba-lhe a melodîa
O garbo nóbre.
Como Prîncepe que é, vem-lhe o desêjo
De apanhá-lo,
E d'encerrá-lo
Em dourada prisão. — Eis com despêjo
Lança a mão, faz ruîdo,
Mas pre-sentido

O Rouxinol abala; e sua Altêza
Embasbacado
Diz agastado:
« Como, Ave de tal canto e gentileza
» Vive agréste no matto, e espantadiça,
» Em quanto o meu Palacio digno della
» Inçado é de pardáes!
— Tomai lição, Senhor; que exemplos táes
— Verêis, quando buscado da Cubiça
— (Que em vos roubar mercês só sônha e véla)
— Vos cansem, vos offusquem
— Enxames de ruins, e de ignorantes.
— Ponde ante os ólhos régios, vigilantes:
— Que o Mérito se esconde, e quér que o busquem.

EPITAPHIO

Aos meus Vérsos.

J'ai fait un peu de bien; c'est mon meilleur ouvrage.
Volt. *Epit. à Hor.*

Abstulit clarum cita mors Achillem.
Hor. *Lib.* 2, *Od.* 16.

Morreo atraiçoado o féro Achillès, (1)
E Alcides, géração de Jóve summo
No fôgo Oethêo depôz a egrégia vida,

(1) Acho ridiculo que Achilles, o grande Achilles, o decantado

Caçadora de Lérnas e Neméos.
O grão Cantor de Thracia que os aurîtos
Carvalhos desprendia dos outeiros,
E em dansa mui airosa os revolvîa
C'o reforçado plectro — Que os mysterios
Da sábia, da escondida Antiguidade
Cantou Divino — Que apiedou canóro
O illachrymavel Dite — Em nêgro inférno,
(Para máis não voltar) despedaçado
Das Rhódopes Donzéllas cáhe inulto.
Semîramis potente, Helêna linda.
Da Mórte são despójos invejados:
Não Poder, não Sciencia, ou Formosura
Sabem virar á liza fouce o fio.
Quando estas almas, glória do Universo
Mudas descêrão ás cavérnas do O'rco,
Mil Sombras, que pela enojosa Styge
Vîrão passar tão saudósos nomes,
Carpindo o gólpe duro as accompanhão
E lágrimas vertendo vão, trombudas.
O grande Homéro, e o dôce Ìtalo Cysne,
Presumpção immortal de Grécia e Roma,
Dous valîdos do Pindo nemoroso,
Por quem chórão ribeiras do Perméssso,
Tributos fôrão do avarento gume.

---

assumpto do divino Hòméro, tenha menos appellidos que um Jão Fernandes. Achilles sêcco e pêcco! Por que se não ha de chamar Achilles Phtio, Larissêo, Eácida, Hectóreo etc. etc. etc. e toda a récua do *Regia Parnassi?* Foi desgraça sua não vir nestas éras, e lhe cozerem um raboléva de Achilles Chrisóstomo, de Faria e Souza, Cordeiro de Vascòncellos de Sá. O Centauro Chiron, que lhe deo todo o ensino, era um asno em pontos de nomenclatura genealógica.

Da Parca é já vassalla, e nas profundas
Aguas do adormecido Esquécimento,
D'ha muito tempo jaz sòbre o esquêrdo
Cotovêlo encostada a campanud a
Conceituosa, atаroucada rima.
Os versos do Alpoìm, do grão Talaya
(Tão caros nomes não respeita o Fado !) ;
Serão pasto tambem do roaz Tempo ;
Já lhes abre a garganta, aguça os dentes
E c'os ólhos famintos os devóra.
Eu vi o tôrpe Monstro estar tragando
Dourados livros, a grão custo impréssos
Na *Real Officina Sylviana :* (1)
E remoendo estampas, e florões
Na peçonhenta bôcca arreganhada,
Judiava, trincando nas censuras.
Inda me lembro (Ah ! com que mágoa o digo !)
Vêr por terra os retraços babujados
(Reliquias da dentuça estragadora !)
Retraços Genealógios, e Henriqueidos,
Tantos lauros fidalgos na poeira..... (2)

---

(1) Quanto val lidar com gente sábia! Até o Impressor por efflúvios regio-academicos, pôz o tìtulo da sua officina, em vérso.

(2) Dans l'abîme immense du tems,
Tombent ces recueils importans
D'historiens, de politiques,
D'interprètes et de critiques,
Qui tous, au mépris du bon sens,
Avec les livres germaniques
Se perdent dans la nuit des ans.
La mort dévore avec furie
Les grands monumens d'ici bas.

Bernis.

E vós, Versinhos meus, duros e antigos;
Cuidáes que escaparêis? Baixai os ólhos:
Bebei sem murmurar aguas do Léthes,
Se bebêstes já na Haya as do desprêzo —
Não era assim no seio de Élia ou Marcia!

SONETO

A' S. D. V. A. de S. R.

Queria-te escrever, fiel Amiga,
Uns vérsos, quáes pedîa o meu affecto,
Dignos de tão formoso e raro objecto,
Que izentos corações a amar obriga.
Tómo um livro, o papél pouso, em que diga
De sempre amar-te o firme, e são projecto;
Tres vezes no tinteiro a penna encéto,
Sem que possa engrolar-te uma Cantiga.
Recôrro a Apollo: — Apollo fêz-se mouco.
Chamo o Pégaso, as Musas: — Moita. — Apuro
A idéia, empurro-a a versejar um pouco. —
Nada — Que é sêcca a veia, o éstro é escuro. —
Sôbre que livro, (1) ou Démo escrevo eu louco?

(1) O tal Bezêrra tem feito um argél de Odes compridas; entre ellas uma de 300 Strophes, tão sobeja de palavras, quão fallida de enthusiasmo. Delle contão que, convidados varios amigos para

Se és Odes do Bezêrra, eu te esconjuro! (1)

---

lha ouvirem recitar, quando muito esfalfado parou em meio, para humedecer a gaita da garganta c'um cópo de agua, achou-os todos a roncar. Poësia sem ficção tem cara de prósa. Nem tudo o que os Poétas dizem se ha-de crêr, como textos de Evangelho: basta (e muito) que se lhes dê o crédito, que se dá ás prophecias do Bandarra. Nem é meu intento desluzir as pessoas, que nomeio.

(1) Dizem os Naturalistas (que sábem tudo) que segundo as cousas que se mettem debaixo sahem as cousas, que se mettem por cima; e allégão c'o exemplo do Paipai, que comia como um Lôbo, por que dormira, (quando no bêrço) sobre pélle de Lôbo; trazem á bailha a Phebade, que, por que assentava o pousadeiro nû sobre o buraco da tripode, lhe entravão por baixo vapores, que sahião por cima em Prophecia. Allegão máis (por que são gentes que allegão muito) que os Grégos, quando querião escrever bons vérsos, escrevião sôbre o pergaminho da Iliada. Tão grande bruxaria tem as cousas debaixo com as cousas de cima! Nunca porêm disserão (o que por mal de peccados me succedeo a mim) que um canhenho de vérsos máos comia o éstro de quem sôbre elles escrevia; como um arneiro chupa o humor do póbre regato que acertou passar-lhe sôbre a côdea. Quem tal adivinhára:

> Quid quisque vitet, numquam homini satis
> Cautum est in horas.
>
> Hor. *Lib.* 2, *Od.* 3.

Que fado máo, ou que fortuna escura minha me deparou táes alcúnhadas Odes, que me sumirão a corrente Poética? Não lhe perdôo, em quanto me lavrar a lembrança.

ODE.

Exoriare aliquis nostris ex ossibus.
VIRG. *Lib.* 4.

QUANDO, á beira do Lima saudoso,
O Bernardes suavîloquo entoava,
Ao som da campesina Cornamusa,
A meiga cantilena,

E que em róda do Vate se apinhavão
Os Faunos, os aurîtos Egipanes,
Capri-barbi-corni-pedes-felpudos
Moradores das sélvas;

E as vêrdes Hamadrîas, co' as Napéas,
Lá das fontes, o ouvido, e lá dos troncos
Apontavão, nos sons embellezadas
Do dulcîsono métro;

Bem longe foi de imaginar, que um dia,
D'aquelles mesmos sons allî vertidos
Se ergueria uma Musa de máis pôlpa,
Estadista, e Dansante.

De Terpsichore Alumno máis devoto,
Que das héras mimosas de Polymnia,
Dará báiles no Pindo, em lugar de Odes
De Pîndaro, e de Horacio.

Horacio trasmudado em traje Luso; (1)
Estranhará seus vérsos engoiados,
Sua atrevida phrase, hôje tão chôcha,
Em lingua d'etiquêtta.

EPIGRAMMA.

« Sim: seu marido (um Médico dizia)
Tem asthma, tem doença prolongada.
Tem muito que soffrer. » — Póbre coitado!
(Lhe responde a Mulhér) Mas bem podia,
Senhor Doutor, curá-lo de maneira,
Que o despene depressa, e no Céo pôsto,
Eu de o vêr padecer fórre o desgôsto,
E elle de assim viver fórre a canseira.

(1) Certa traducção.

ODE.

Hic posuisse gaudet.
HORAT. *Lib.* 1, *Od.* 34.

NEM sempre é cégo o Numen da Fortuna
Nem do seu Templo d'Antio espalha à ésmo
A bons, a ruins, a Sábios, a Ignorantes
As ditas, e as desditas.

Já a tres (1) ou quatro, que eu distingo, os premios
Outorgou do Saber, e da Virtude.
Hôje exaltados luzem como estrêllas
Na sphéra dos diplômas.

Não te admires, Bezêrra, eu sei que ao lado
Da Fortuna assisti o, regeo a dextra
Do Nume, que esses dons distribuia,
A próvida Sapiencia.

Foi acaso (bem sei) que raras vêzes
Dá a varia Deosa attento ouvido
A conselho de sábios, nem de Numes,
Despótica em seu Reino.

Mas esta vêz as súpplicas podérão
Da Tutelar da Elysia, que ella olhasse
Pela honra, pelo bem do pôvo Luso,
Dando ao Mérito os póstos.

ODE

AD

CURIONEM.

Umbram et secessum viro sapienti convenire.

Quid nos Illecebræ, Curio, tamdiù
Falsæ pelliciunt, nec benè credulos
Pompâ ludit inani
Mundi scena volubilis?
Quæ dum suspicitur, vixque fugacibus
Personis animos occupat, effluit
Tortis sulphure flammis,
Aut picto similis vitro.
Vitæ, quin potius heu! nimiùm brevis
Horas colligimus, dum superest colo
Stamen, filaque nondum
Fatales resecant Deæ?
Quem non turba fluens, sed ratio regit
Non vanæ species decipiunt, neque
Rerum pessima judex
Vulgi torquet opinio:
Non ille aut teneris miles ab unguibus
Insanam galeâ canitiem premit

TRADUCÇÃO

DA

ODE PRECEDENTE.

De que vem, Curião, que tão duravel
Nos céva falso engôdo?
E com van pompa crédulos nos lógra
Do Mundo a instavel scena?
Que em quanto encaras nella, e te embelléza
Com máscaras fugaces,
Se esváe, qual chispa azul da ondeada flamma,
Qual figurado vidro (1).
Porque da vida, ai triste! que é tão curta,
Não colhêmos as horas,
Em quanto a estriga enroupa a róca; e a Parca
Fatal não corta o fio?
A quem rége a Razão, e nunca a turba,
Nem fórmas vans illudem,
Nem (péssimo Juiz) o Vulgo o esgárra
Com opinião injusta.
Nunca o verás soldado em tenros annos

(1) Corrediças da lanterna mágica.

Aut rursus mare tranat
Indis sospes ab ultimis :
Illum non amor aut discruciat metus,
Non spes anxia ; non ille potentibus
Aulas et male tutos
Fasces callidus invidet.
Ergo militiæ transfuga et urbium
Curam impendit agris rusticus utilem,
Jacturamque juventæ
Compensat melioribus
Annis. Tum patriæ, tum sibi providus
Sulcis frugiferas ordinat arbores,
Et quam nunc serit ævo
Quercus proderit altero :
Fixum blanditiis ac puerilibus
Natorum studiis, sedulaque et placens
Castis moribus uxor
Dulci detinet in domo.
Lætus sic reliquos ille agitat dies,
Nec deerit tacito nænia funeri,
Fletu sparsus amico
Urnæ cum dabitur cinis.

A. M. de Curnieu.

Insanas cans com élmo
Cingir; nem cortar, salvo, lá das Indias,
Re-navegados mares;
Nem esperança anciosa, amor, nem sustos
Terão de atormentá-lo:
Que opulentos sallões, lúbricas honras
Sabîdo não invéja.
Antes, fugindo a exércitos, e a côrtes,
Aldeão ara úteis campos;
E allì resarce, em seus melhores annos,
Da mocidade as perdas.
Provendo a si, e á pátria, estorce as alas
De fructiferos troncos;
E o Carvalho que planta, será de uso
A' vindoura progenie.
Na dôce casa o prendem com caricias,
Com jógos os filhinhos,
E com castos costumes, com agrados
A cuidadosa spôsa;
Passando lédo os dias, sem que falte
No quêdo entêrro a Nénia,
Quando em urna lhe entrar regada a cinza
De lágrimas amigas.

FABULA.

Homo doctus in se semper divitias habet.
Phœdr.

Quanto vale o saber!
Houve dous Cidadãos n'uma Cidade,
(Que por nome não pérca)
Um delles ricco, e como é já costume,
Tão fátuo, quanto ricco:
Póbre era o outro, mas ás lettras dado.
Que bem diz o Garção, — que não passeia
Em dourada berlinda o saber raro.
Dizia o ricco ao póbre:
« Tens tu, com tanto estudo, láuta mesa?
Barretadas? — Mesuras de Senhoras?
Quando vás péla praça,
Vem fallar-te o Fidalgo, o Béca, o Cura?
Com meu luxo sustento
Pintôres guápos, sábios Architectos;
Amão-me as Damas, louvão-me os Poétas.
Sei tudo, sem estudo.
(Toda a gente m'o diz, e eu quasi o creio)
Sou gentil-homem, guápo,

(*) Imitadora, ou prima com irman com outra de la Fontaine.

Tenho mil prendas, tenho mil pilhérias.
É para ver como essas Môças todas
Me gábão — que é um pasmo — (e é sem lisonja)
Habìto n'um Palacio ;
Opulentas alfaias,
Riccas librés, chapéos acairelados
Fazem máis fausta a reluzente placa,
Que no peito blazona.
E tu, com todo o teu saber inutil
Mal-enroupado, (1)

(1) Raras vêzes me sirvo d'estes versinhos curtos, posto que tenhão muitos apaixonados, e que sejão mui cantadas, por pessoas de affectado *sentimento*, as aprosadas cantiguinhas de ***. Eu (não seì se julgo mal) só approvára esta acanhada medida nos vérsos amorosos, imitadores dos Grêgos, e outras Nações, que a empregárão com feliz ventura, quando tenhâmos Poétas que desempenhem. De alguns Mancebos Portuguezes me fallão com elogìo; mas não tendo lido as suas obras, não posso formar juìzo do seu merecimento. Fòra muito benemerito das lèttras quem se applicasse a estremar as palavras de melhor *euphonía*, de máis delicado senso, com as quáes ataviasse uma engraçada ficção, em dôce rythmo, com que não tivéssemos que invejar o Poéta de Teios. Em quanto este phenómeno se não descóbre, direi o que me vem á memoria, quando ouço :

Cruel Nerina,
Nesses teus ólhos
Amor aos mólhos
Tem seu rigor.

Vem-me logo aos pulinhos pelos passadiços do cérebro,

Sômos d'Adalho
E não de rabelho;
Viémos á villa
Por ver o estrambêlho.

e outras cóplas máis em seguimento d'esta, feitas para serem cantadas em certa festividade.

Desconhecido,
Encargo da Républica, dás vólta
A's ruas todas, só, e jejuando
De affavel cortezîa:
Cansado vás cismar (1) na agua-furtada,
Em quanto em eu stou com Damas, com amigos;
Trinco saúdes, festival embórco
Champanhas, Malvasîas.
Ser ricco é tudo, (2) ser lettrado é nada.»
Não acabava, quando um terremóto
Derriba as casas — lavra o fôgo, e queima
Móveis, papéis — o pó, a chamma, o fumo —
O ruîdo arrazado (3) das parêdes —
O clarão de alongadas labarédas,
Que em róda lambem Templos, e Palácios —
Os gritos, o tropél, o estrago, a mórte,
Ais, soluços, mortîferos arrancos
Põem em fugida os peitos máis valentes:
Fóge a piedade, fóge o parentesco;
Até o Amor deixava ao desamparo
A suspirada Amante. —
Já os dous Cidadãos, a pôr-se em cóbro,
O ricco, e o Póbre fógem. Ambos lévão...
Lévão o que é só proprio,
Que com elles sempre anda,
E em que não tem poder tremor, nem fôgo:

---

(1) Eu vi nascer esta palavra, e dar-lhe a significação, que hoje tem, quem nunca apprendeo etimologîas.

(2) Quiconque est riche est tout.

BOILEAU, *Satyr.*

(3) A transposição é atrevida. Se me ficasse espaço competente na pagina, darìa competente razão d'esse atrevimento. Occasião virá em que me eu veja máis á larga.

Léva ignorancia o Ricco, e o Póbre estudos. —
Com seu saber, profîcuo em tal desastre,
O Póbre acha agasalho, acha respeito;
O Ricco, sem riqueza, acha ludîbrio.

SONETO

AO SENHOR

Domingos Maximiano Torres.

Que Parîs, meu Alfêno! Que passeios!
Que riccos trajes! — Damas roçagantes!
Mesuras de primor! Risos amantes!
Cortêzes, melindrosos galanteios!

Que theátros, de mil bellezas cheios!
Que jardins asseiados, e elegantes!
Que sombras tácitas, que os mui flagrantes
Furtos, cóbrem, de amantes devaneios!

Viva Parîs! Aquî a Lyra ociosa
Porei, c'os louros, nos idosos dias
Abhorridos do Amor, da Formosura.

E escreva em baixo a Gratidão forçosa:
« Aquî Filinto, contra as tyrannias
Colheo abrigo, e na soidão doçura. «

ODE.

Haya 23 de Dezembro de 1794, dia dos meus annos.

> Tædet alieno vivere more.
> Reges et dominos habere debet
> Qui se non habet.
>
> Mart.

Já me transborda pela bôcca (1) o tédio (2)
De viver (nunca meu) na Casa de outrem;
E algemando o meu gôsto, seguir séstros
Alheios, e etiquêttas (3).

Vivão em cêpos táes aperreados
Os que nunca trilhárão as verédas

(1) Sic qui paupertatem veritus, potiore metallis
Libertate caret, dominum vehet improbus, atque
Serviet æternum, quia parvo nesciet uti.

(2) Tambem o Tédio dá despeito e chólera, quando o sangue lhe ferve, e pela bôcca fuméga.

(3) Parver buffonnerie tai cose avante;
Ma l'adottar le lionine corti,
E divennero gravi e sacrosante;
Due passi più o men lunghi, più o men corti
Un inchino talor più o men profundo
Capace é de mandar sossopra il mondo.

L'Abbate Casti, Cant. 3.

De Honra, e de Estima; e sim, as da Lisonja,
Parasitos sem pêjo.

Eu (bem que m'as cortou vêsga Calúmnia)
Batto o acanho das azas (1), tenho a mira
Sempre fita no aurífero (2) Futuro,
Independente, e livre.

Depondo então os trajos constrangidos,
Vestirei largas roupas á Vontade,
Sem que outros cingidouros as estreitem,
Que os liames do Honesto (3).

Grilhões se forja, Déspotas se appresta
Quem inerte prostrou o ânimo livre
Ante o Ricco, que doura (esperdiçado)
A aviltada preguiça.

EPIGRAMMA.

Vio-me Vénus jurar, contra Delmira,
De não tornar (em quanto eu viva) a vê-la.
Pérfida rindo disse : — Applaca essa ira;
— Que as juras faz quebrar Cara tão bella.

---

(1) De *enterramento* fizémos *entêrro*, de *acanhamento* faz-se *acanho*.

(2) Se Deos quizer, e as Almas sanctas, quando os meus bens me viérem á mão.

(3) A verdadeira e genuïna significação do *honesto* vem no primeiro livro dos Officios de Cicero.

CARMEN.

> Conscientia bene actæ vitæ multorumque benefactorum recordatio jucundissima est.
>
> SENEC.

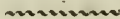
AUREA tecta regum et
Aureos currus stupidum
Vulgus et insolentes,
Luminibus retortis,
Divitum spectans epulas
Invidiâ macrescit:
Talia possidentes
Jactat æquales superis
Et vocitat Beatos.
Sed Timor et Cupido
Sordidus subterlatitant,
Tabificusque Languor,
Aurea tecta vestesque
Aureas; curæque graves
Improba corda torquent.
Integer atque purus
Rustico vivit meliùs
Sub lare spretor auri
Splendidus; ille avaræ
Abstinens fraudis, vetitas
Legibus odit artes:

TRADUCÇÃO

DA

ODE PRECEDENTE.

DEFINHA-SE de invéja o Vulgo stúpido
Se com torcidos ólhos
Os côches, áscua de ouro, os áureos Paços
Dos Reis, ou vio as mesas
Insolentes dos riccos. Dá por émulos
Dos Divos quem tal lógra,
E Bem-aventurados os pregôa;
Mas nesses áureos téctos,
Mas nesses tissús de ouro anda encoberta
A sórdida Cubiça;
E com o em-magrecido Enôjo, os Sustos;
E as ímprobas entranhas
Lhe atassalhão roazes Des-socêgos:
Em quanto inteiro e puro
Desprezador de faustos vive splendido
Na tôsca chóça, e quêdo
Se abstêm de avara astucia, e dá de rôsto
A's manhas, que as leis védão
Em sobria mesa, aos hóspedes, aos filhos,
Dá manjar não-comprado.

Ille dapes inemtas
Liberis mensâ in tenui
Hospitibusque præbet ;
At sibi parcus uni
Solvit indulgens animum
In miseros paternum.
Lubrica si fruendas
Diva quas olim dederat
Nuper opes ademit ;
Non dolet aut gravatur
Naufragis rebus , modicâ
Sorte satis locuples.
Quæ benefecit antehac
Mente pertractat tacitus
Et meminisse gaudet.

Ad Franc. MANOEL.

Gallica cùm Latinæ
Musa mentitur faciem et
Ora sonosque Musæ ,
Jure timet sibique
Parva diffidens , oculos
Consulit eruditos ;
Ne gravis et severus
Censor informem reprobet
Nec satis expolitam :
Tu bonus hanc magistrâ
Arte concinna , et nitidum
Redde , vel abde cellâ.

Parco comsigo só, o ânimo espraia
Paternal c'os mendîgos :
E se a lúbrica Deosa, a que lhe déra,
Riqueza, óra lhe rouba,
Na tenuidade ricco, não lhe pêna
Nem dóe, se os bens naufragão :
Callado recordando os bens que ha feito,
Co' essas lembranças fólga.

SONETO

A' Senhora D. M. J. R. D.

Mal quéro serenar turvas saudades
Reclamo á idéia o teu gentil semblante,
O nîveo collo mórbido — a ondeante
Trança de ouro, prisão das liberdades;
Os ólhos, que avassallão Divindades,
O namorado riso, e o ar fragrante
Da pudibunda bôcca, que em amante
Ardor ateia as ávidas vontades.

Quão feliz quem de perto te enamora (1),
Quem te vê bella, quem te está contino,
Ouvindo arrebatado a vóz que adora!
Só o lembrar-me, que amor tão peregrino
Gozei, e os dons dessa alma encantadora,
Do ser mortal me déspe, e sou divino.

CARTA

Ao Snr. J. A. C. D. C.

Em que se falla da O'pera de Parîs.

Suppõe! Amigo, que és pastel vivente,
Que estás no fôrno (2), e mil pastéis comtigo,
Por lados, pelas costas, pelo embigo;
Que tanto é o apertão, e o ar tão quente.

---

(1) Ille mi par esse Deo videtur,
Ille, si fas est, superare Divos,
Qui sedens identidem te
Spectat et audit
Dulce ridentem. . .

Catull. *Od. ad Lesbiam,*
cuja ode é traducção d'uma de
Sappho, que Boileau traduzio
tambem em Francez.

Heureux qui près de toi, etc.

(2) Era em Julho, e fazia uma calma que valia duas calmas, e meia. Abafava a gente na Casa da Ópera.

Chama-se esta a Platéa : os Camarotes
São estuffas, (de esguîos e acanhados)
São tabolêtas de carões pintados,
De oucas trunfas, de aérios birimbótes.

Nem lhes céde o Peralta em atavîos ;
Trescala de perfumes. Entufadas (1)
Vão até á nuca as faces ; traz pejadas
Cadeias (2) de soalhas, e assobîos.

Lá, de instrumentos rompe a traquinada,
A quem a alcunha dérão de *Overtura*,
Cada um quér só brilhar, da Obra não cura :
Com que dispara a música em salsada.

No theátro, a gritar, cada um se incita,
E por máïs que ouças, não comprendes nada (3);
Na platéa desfêcha uma assuada
A cada Actor, ou Dama, que entra — ou grita.

---

(1) Era móda dous chouriços de cabêllo, que começando na raiz das faces, se ião recîprocos beijar nas fraldas do toutiço.

(2) Outra móda, que annunciava a vinda do Peralta, pelos guizos e perendengues do relógio, como os chocalhos malsinão as bêstas de almocréve.

(3) Por mim o digo; que d'uma Ópera inteira (e era Castor e Pollux), apenas pude colhêr seis ou sette palávras de relanço. Consolei me com tudo, quando Francezes mesmos me affirmárão que se elles não soubessem a tal Ópera de cór, lhes succederia o mesmo que a mim : e trazião para abôno uma Cópla (que me fèz rir) tirada d'entre outras, que se fizérão á reforma dos dias sanctos, e diz assim :

Dans ce tems l'Eternel entra :
« Pourquoi (dit-il, qu'on se désole » !
L'on croirait être à l'Opéra,
L'on n'entend pas une parole.

É pasmo ouvir Madamas quarentonas (1)
Uivar, com mômos, sólfas turbulentas,
Le Gros (2) berrar, abrir vermelho as ventas,
C'o braço nû, nos ares dar tapônas (3).

Allì Diana, co' a madeixa sôlta
Ao Zéphyro, traçada a sáia fina,
Córre traz Gamos, Tigres — desatina
Os Cães, co'a argêntea trompa, em si revôlta.

Mas, apenas entrou nos bastidòres,
Gamos, Tigres investem co' a Diana (4);
Que deposto o carcaz, risonha, e humana
Se torna em caça, e a caça em Caçadores.

Vem Júpiter do Céo, c'o raio accêso
(Á l'érta o ouvido ao som d'um assobìo) (5)
Largar o estouro (6); — e mui pausado, e frio
Dar phrases sem sabor, razões sem pêso.

---

(1) As que eu ouvi, quando cheguei a Paris tinhão 40 annos bem puxados.

(2) Certo músico de braços arregaçados, com cara de magaréfe, que chama os bois para o mattadouro.

(3) Cousas, que só quem as vio as poderá crer.

(4) Para qualquér tramoia, ou mulação de scena, tocção os Mestres um sólo de assobìo, como no Bairro alto, rua dos Condes, etc., etc. Cá e lá más fadas ha.

(5) É tão necessario que hoje nas Operas Francezas se incumbem os Poétas, que trabalhão para esse theátro de metter (e ás vezes bem á queima roupa) uma trovoada, pelo grande effeito que ella faz nos spectadores. Vistas, dansas, trovões são os principáes ingredientes do Drama. Os vérsos e a Poësia é o menos importante.

(6) Lembre-me Deos em bem. — N'uma d'essas Compilações, que alagão Paris, e transbordão pelos Reinos estrangeiros, li al-

Néptúno (quem tál crêra) appolvilhado,
Aquî sôltos annéis, allî prendidos,
Sáhe dos mares húmidos; — e os fidos
Tritões tîrão o Carro não-molhado.

Não me esquéça, fallando de Néptúno,
Dizer-te, que deixando as barbatanas,
Os Frizões, com sêrvilhas mui maganas
Dansavão passe-piés, melhor que o Nuno (1).

Vi juntos, sem eclypse, o Sól, e a Lua.
Conversarem á mão desempachados,
E, ás escuras o Mundo, os Céos parados,
Córre o Tempo, e de regra o O'rbe jejúa.

As almas dos Elysios muito humanas,
Todas corpos de carne, e de appetite,
Dentro, e fóra da scena dão convite
A's paixões máis golosas, máis mundanas.

Simulachros de ingénua singeléza
De mansa condição, de honesta calma,

---

gumas reflexões parecidas com estas minhas. Acodio logo a minha Reputação pelo seu crédito. «Muda aqui, risca alli, se não queres incorrer no plagiato.» — Mas a minha pachorrenta Preguiça lhe respondeo mui mansamente; que não merecia o custo tão mesquinha bagatella, nem valìa a tomba, tão mìsera chinella: e que se, tal qual é, tinha algum geito, que lhe importava ao Leitor que fosse minha, ou fosse alheia? Além de que não é esta a unica; muitas outras vão enxertadas na lista, que serìa necessario refazê-las, ou dá-las por spurias. — Atraz tempos tempos vem. Tempo terei para tudo, se a vida me não falta, e se o Leitor se não enfada.

(1) Certo Boticario Poéta, Mestre de dansa, Académico, e por fim de estudos, Médico.

Tormentas furiosas érguem na alma,
Que ouro amansa, chovido com largueza.

O Palacio de Armida mui-formoso,
Todo de papél pardo — n'um instante
Mil Duendes do Inférno flammejante
O queimão c'um fogacho strepitoso.

Dormia uma Pastora (sem ter somno),
E o seu mui térno esperdiçado amante
Pedia a Philoméla que não cante,
Que a não acórde com algum tritôno;

Em quanto elle (1), com vóz de trovoada,
Os bambolins, e Céos d'aquella scena
Faz tremer, quando o canto desempena
Da robusta garganta arrepiada.

Não te digo as carrancas, e tregeitos
Que Homens, e Damas fazem, quando cantão:
Chórão crianças, que de as vêr se espantão;
E é forçoso callá-las com confeitos.

Estão longe do mimo, e da doçura
Com que o bom Metastasio, e o Péres brando
Os cantos, e as palavras animando,
Se dérão vida, alêm da sepultura.

Guadagni, Egizzielli (que saudade!)

---

(5) Servem de Almas, na Ópera de Castor e Pollux, 200 rapariguinhas, mui galantinhas, enfeitadinhas, vestidinhas de branco (em signal de pureza e castidade) as quáes dansão, passeião, em quanto esta scena dura, e são cousa mui donosa para a vista, e para outros sentidos máis.

(1) O berrador *Le Gros*.

Com que extasi escutei o sonoroso
Canto vosso no Templo (1) majestoso,
Que a Amor (2)ergueo Joseph (3), e á Heroicidade.

ODE.

Dii me tuentur, Diis pietas mea
Et Musa cordi est : hinc tibi copia
Manabit ad plenum benigno
Ruris honorum opulenta cornu.
HORAT. *Lib.* 1, *Od.* 17.

DESLEAL Pensamento, que, ha tres lustros,
Te cévas de terrores,
E cóbras móres fôrças máis temendo ; (4)
Que óra de amor ás brazas

---

(1) A Ópera Real de Lisboa, antes do terremóto.

(2) Todos sabem que as óperas de Metastasio tem igualmente por objecto as virtudes dos Heróes, e as finuras dos amantes.

(3) D. Joseph I., Rei de Portugal.

(4) Esta Ode foi offerecida a certo sujeito, de quem se promettião grandes cousas os seus appaixonados ; mas as entradas de Leão estaccárão em paradas de sendeiro. Como pois Autor celebérrimo d'este século (cujo nome arranha certas orelhas grandes) diga, que é permittido destecer o elogio que se pôz em cabeça des-merecedora, approveito-me do conselho, e des-caso a Ode mal-convinda ; e ficará d'óra em diante *Não-casada*, *não-viúva*, *nem freira*, em contraposição de certa Comedia Portugueza.

(5) *E più timendo maggior forza acquisti.* Las Casas, n'um soneto.

Sópras a cinza, as azas sacodindo;
E a Lealdade ingénua
Picando com as púas de Ciúme,
Baralhas, alvorotas
Da dulcissima Vénus o almo Império.
Já enlutando iniquo
Os seios da alma com pesado agouro,
Em mágoas, prantos, sustos
Mólhas da vida o malogrado fio.
Dessaffronta-me o peito
Onde o teu fél (maligno!) derramaste:
Désce ao lôbrego Avérno,
A's lagrimosas margens do Acheronte,
Onde escuro nasceste,
Onde te fartes de ancias, de pavôres.
Lá, de mim longe, estende
Sem somno a noite, sem descanso os dias. —
Que eu, cheio de esperanças,
Abundantes por *** franqueadas,
Quéro espancar os prantos
Trajados de amarguras, com que esta alma
Cingio feio cuidado.
Rompo os grilhões: e, de captivo, fôrro,
(Já, cansado, e rugindo, os
Arrastei:) — rasgo os lutos, que inda em tôrno,
O Ingenho en-negrecião: —
Abro de par em par as tardas pórtas
A' fugida Alegría. — —
Entrai, branda Amizade, entrai, Prazêres!
O meu leal esp'rito
Alarga os braços, e a accolher-vos córre. — —
Que gentìs sois! que guápos!
Vós sois a alma da vida. Vós, do peito

Limpáes com mão florìda
As nódoas macilentas, que deixárão
Os Pezares ferrenhos.
Vós dáes máis pura luz ao claro dia:
Douráes os tôscos tectos
Das palhóças villãas, e lhes dáes côres
Que engeitão desdenhosos
Emprestar aos Palacios arrogantes.
Dáes vîvida saúde,
Dáes todo o Bem ao mui-ditoso humano,
Que honráes c'o rôsto vosso. — —
C'o desuso tão-longo acérto apenas
(Absôrto!) em conhecer-vos!
Suspirados Ausentes, abraçai-nos:
Beijai na branda face
A mimosa Delmira, que inda sente
No paladar amargo
O resábio prolixo do Infortunio,
Mal-devido ás virtudes.
Ficai com-nôsco, lèpida Alegrìa:
Ficai, dôce Amizade;
Debaixo d'este côlmo sôem sempre
Vossa vóz, vosso riso.
Que eu farei, que aqui dêsça a accompanhar-vos
Co'a Lyra o louro Phébo,
C'o thyrso folgazão o louro Baccho;
E entre as Graças, e os Jócos
De quem nos deo descanso tal, o nome
Discantarão ás Musas.

AMIZADE A LA MODA.

FÁBULA.

Ufana a Laranjeira c'os dourados
Pòmos, que entre a folhagem lustri-vêrde
Brilhavão pendurados;
Com que ráiva de Invéja, e o prêço pérde
Toda a árvore em redór, em si dizia:
« Vêdes vós, como vem, mal nasce o dia,
Saûdar-me risonhos, e cortêzes
Senhores, e Senhoras? (1)
Quantas, e quantas vêzes
Me vem accompanhar, nas frêscas horas,
Que o sól, descendo ao lúcido horisonte,
Debruça pelo monte
Compridas sombras, e suaves cheiros?
Então de meus louvores ouço, em roda,
A devida harmonîa — a tarde toda
Gábão meus fructos, no sabor primeiros. » —
Mal que a despio dos fructos
O Hynvérno, com seus sôpros desabridos,
Desfez-se a companhîa: — os attributos

(1) Nesse sempo ainda as senhoras se erguião cedo: mas hoje, ainda ao meio dia estão na cama; almoção á huma hora, jantão ás seis, jogão até ás duas da manhãa; e estão no principio do primeiro somno, quando o sól nasce.

Tão-gabados télli, são esquécidos.
Que amigos, e louvores
De mérito prestante
Vem co'a riqueza. — Vão-se c'os rigôres
Da Fortuna inconstante.

FRAGMENTO.

Quem esperou jámáis, que a linda Castro,
Viva chamma, e delicias do seu Pedro,
De Avós Monarchas,
Do thrôno digna,
Formosa, e pura
Prendada por Minérva, e pelas Graças,
Cahisse em mãos de algôzes,
Innocente, e nos annos piedosos,
Que em vèz de mórte, adorações pedião?

Rége um braço fatal inevitavel,
Escondido de nós, nossos succéssos:
Sabêr expérto,
Prudencia cauta,
E aguda vista
Não pódem atalhar-lhe as cégas ordens,
Nem quebrar da cadeia
Um só fuzil, um áro, a que estão prêsas,
Com nó forçoso, as nossas desventuras.

ODE

A' Poësîa.

Sicut Pictura Poesis.
HORAT. *de Art.*

QUANDO, assentada no sublime Pindo,
C'os puros ólhos cércas
As maravilhas da alma Natureza,
Oh divina Poësîa (1),
Com arraiadas roupas a Eloquencia
Vem sentar-se a teu lado,
E te brinda co'as jóias máis custosas
De seu caudal thesouro.

(1) La poésie, selon M. Baumgarten, est un *discours parfaitement sensible*. Par ce mot *parfaitement*, la poésie se trouve distinguée de l'éloquence, où l'expression n'est pas si sensible que dans la poésie. Le moyen de rendre un discours sensible, consiste à choisir des expressions qui fassent sentir la chose désignée plus distinctement qu'elles ne font sentir le signe même. Par là l'exposition devient animée, et les objets désignés sont comme immédiatement représentés à nos sens. C'est par cette maxime générale qu'il faut juger du mérite des images poétiques, des métaphores, des descriptions et même des termes poétiques individuels.

Rapports des beaux arts et des belles lettres.

À Música te embébe nos ouvidos
O dulcîsono canto,
Méde as vózes, os mélicos te ajusta
Altivos devaneios.
Tambem désce do Olympo, em branca nuvem,
Urania, que se cóbre
C'o largo manto azul, entretecido
De fúlgidas estrêllas:
Com ella vem alados Pensamentos,
Trazendo em cóffres de ouro
Profundos cabedáes de împrobo estudo,
Aos Céos, á Terra, aos Mares,
Pela aguda, tenaz Philosophia,
Com fadiga arrancados.
Que nóvos Campos de risonha mésse
Se descóbrem, se enfeitão
Ao lume perspicaz da tua vista!
Nóvos Sóes, nóvos Mundos,
Povoados de incógnitos portentos
A' conquista se off'recem
Do teu pincél ousado! Agóra juntos
Tens todos teus podêres.
Agóra, já te inspira activa chamma;
Vás empregando as côres
Nos debuxados rasgos do O'rbe augusto.
Empinadas montanhas,
Que das nuvens, dos astros são columnas;
Ou rios caudalosos,
Imagens da perenne Eternidade,
De inesgotavel urna,
Ondas, sôbre ondas desatando a fio;
Robustos arvorêdos,
Abrigo de animáes, sobêrba cóma

Da encósta vecejante,
De multi-côr bonina matizada;
Ou já, se aos semideoses
Vóltas a mão, de árduo pincél armada,
Para Ti se abrem francas
Da Fama honrosa as pórtas bipatentes;
Allì padrão glorioso
Pões por alvo ao valor caro e proficuo;
Allì o primor da arte
Apurando no Heróe de ìnclyto peito,
Lhe disféres o braço,
Com que decépa as pullulantes frentes
Do multi-fórme vìcio. —
Sim; agóra, sublime e clara Déa,
Que finges no alto quadro
Effigies immortáes, com que as virtudes
Dos Heróes máis prestantes
Salvas do pégo do Acheronte avaro;
Agóra te insto affouto
Desígnes de * * * * (1) o peito nóbre
Vaso de sãos costumes,
A mão bizarra, o esp'rito penetrante,
Gôsto reflexo, e puro.
Esta dádiva affavel t'a merece
A Lyra ingénua, e grata.

---

(1) Nisto de elogios a Mòças e a Fidalgos ha pouco que fiar nos encarecimentos dos poétas. E com efleito o Fidalgo a quem o Autor dedicára esta ode, antes de bem o conhecer, a merecia tão pouco, que Filinto lhe apagou o nome no titulo della.

Nota do Editor.

ODE

AO DOUTOR

ANTONIO RIBEIRO SANCHES.

Sunt verba et voces, quibus hunc levire dolorem
Possis et magnam morbi depellere partem.
Hor. *Epist.* 1.

Quando já transpozémos as balisas
Do estîo das paixões, e a alma cansada
Do vórtice azougado, péde ao sangue
Consentido repouso :

Então désce dos Ceos em branca nuvem
A Divina Amizade, e traz com-sigo
Os sãos Prazêres, sazonado fructo
Das virtudes amenas.

Feliz, o que no seio já maduro
A agasalha prudente; esse enthesoura
Riquezas, que não rouba a sorte iniqua,
Nem o tempo desfalca.

Contra as lanças da séva Adversidade
Triplicado broquél, máis que aço duro,
A Amizade lhe oppõe, em que despontão,
Ou ao menos resvalão.

Mas tu, sancta Amizade, quanto és rara!
Quão-poucos dignas de teu almo riso!
Nos fundos penetráes da terra se achão
Máis présto os diamantes.

Só peitos puros de lizura ornados
Ameigas melindrosa. Em tuas aras
Feliz já puz agradecido incenso
Em dias — máis serenos.

Tambem já pendurei pelas parêdes
De teu sagrado templo alégres votos
De lembrados amigos, que salvárão
A vida de Filinto.

Hôje, que em nêgras nuvens ruin Fado
Graniza sobre mim penas, desditas;
Hôje que a Ausencia aponta ao peito as fléchas
De enfadonha saudade;

No manto da Amizade me recôlho,
Com suas brandas mãos os ólhos cubro,
Por não vêr desfréchar de irados arcos
Des-merecidos gólpes.

Como faz a Donzella pavorosa,
Quando o Pólo se accende com relâmpagos,
Da Mãe no seio esconde a face, a vista,
E, com a vista, o susto.

Tu viste, oh Sanches, cruentar as Parcas
As tezouras nos fios dos Amigos;
Mas um sacrario ainda te reservas
A Lachesis vedado.

Tu com Sócrates pódes, com Aurelio
Adoçar as mordazes amarguras,

Que os Deoses (quasi digo que invejosos)
Te envião pelo Tempo.

Nada a Molestia, nada as cruas Pêrdas
Pódem curvar uma alma, que se arrima
Ao pedestal robusto da agradavel
Leitura, que varîa.

SONETO.

MOTTE.

De Amor affronto a feia tempestade.

GLOSA.

QUAL no horror da tormenta o Marinheiro,
Do lenho naufragante ao mar se lança;
E nû, co' as ondas vêrdes lutta, e cança,
Debruçado no trémulo madeiro:

Se lasso o arrója a terra um sobranceiro
Grôsso rôlo do mar, co' a praia avança;
Beija o piedoso chão; jura, á bonança,
Não máis dar fé, do pélago embusteiro.

Eu já luttei assim de Amor nos mares;
Assim prometti já não máis sulcá-los,
E assim pendurei táboa (1) á Liberdade. —

(1) — — — Me tabula sacer

Eis que hôje sacrifico em teus altares :
Vêjo os negrumes, vou expr'imentá-los;
—De Amor affronto a feia tempestade. —

MADRIGAL.

Pésa esses corações (1) n'essa balança
(Que o meu e o teu figúrão)
Nossa ausencia lhes pôz na côr mudança;
Porque penas as côres desfigúrão :
Ou tanto os demorou em vivo fôgo,
Que de muito abrazados
(Pelos não tirar lógo
Da fórja Amor) são nêgros de queimados;
Ou tambem por querer
Que até na côr se mostrem seus captivos.
Tu pelo pêso pódes conhecer
Qual, no amar, fógos sóffre máis activos.

Votiva paries indicat uvida
Suspendisse potenti
Vestimenta maris Deo.

Hor. *Lib.* 1, *Od.* 5.

(1) Dous corações de azeviche, e umas balanças da mesma qualidade, mandadas da romagem da Nazareth.

EPIGRAMMA.

Se aos homens se mostrasse toda nûa,
(Diz Platão) a Virtude — encantaria.
Em muitos a vi eu bem nûa e crûa,
E em vêz de encanto dava zombarîa.

ODE.

Illum aget penna metuente solvi
Fama superstes.
Hor. *Lib.* 2, *Od.* 2.

Que não póde a Virtude, quando inflamma
Inclyto peito de prosapia illustre,
Qual na aurora do Império valoroso,
Já tinha claro nome?

Se léva pela mão o seu Alumno,
Aos îngremes rochêdos escarpados,
Onde assentou aspérrima o seu Templo
A cortejada Fama:

Lhana, aprazivel lhe figura a estrada,
Risonha a encósta do empinado monte,

E patentes as pórtas, a seus gólpes,
A entrada lhe franquêão.

Já sonóro clarim, com dóbre alento
Abála o Templo, o peristylio tréme,
E re-sôa do Heróe o appellido
Nos estranhados ares.

Com insignias honrosas o decóra,
Grato ao Monarcha, dos iguáes invéja,
Assombro, emulação dos virtuosos;
Os Póvos dão applausos.

Nomeia, oh Musa, esse homem máis que humano,
Tão caro aos Portuguezes, aos estranhos,
Tão caro ás lêttras, raro esmalte
Das almas bem-nascidas.

Consagra nos teus vérsos sem lisonja
O nome de Araújo, põe modêlo
Aos que meneião nas difficeis Côrtes
O Caducêo sobr'ano.

SONETO.

Embóra venha a Ausencia despiedada
Encobrir-te a meus ólhos saudosos.
E os meus tristes suspiros amorosos
Léve apóz de teu gésto, oh Márcia amada:

Embóra a meu constante amor roubada,
Te cînjão tristes Argos odiosos;

Rondarão meus affectos extremosos
Os umbráes, em que vivas encerrada.

Se és firme á minha fé estremecida,
Da Ausencia zombo, e da violenta Morte.
Tão fino amor têrmo não tem co'a vida!

Nem com todo o podêr, é dado á Sórte
Tirar-te d'onde estás na alma sculpida
Por mão d'um Deos, dos Deoses o máis forte.

CAIXA

DE NOVA INVENÇÃO.

Nec minus ipsa meas prodebant somnia curas,
Somnia secreti non bene fida mei.

CORNEL. GALL.

Sonhei, que á tarde, n'um calmôso dia,
Sentado á pórta do meu póbre alvérgue,
Tomando o frêsco á sombra da parreira,
Que me faz vêrde alpendre buliçoso,
Via chegar um venerando vélho
De trajo não-commum, que me saúda,
Junto de mim se assenta, e com amena
E divertida practica experiente
Até fechada a noite me entretêm.
Convido-o c'o agasalho do tugurio,

C'os fructos do vergél componho a mesa,
Dou-lhe um leito, despéço-me estranhado
Do muito que lhe ouvi raro e profundo.
Na manhãa do outro dia me agradece
O accolhimento, e me insta que lhe acceite
Um parco dom de gratidão sincéra.
  Arredado que fôra da pousada,
Fui, curioso, vêr o dom que deixa. —
Vi uma Caixa de arte primorosa
De lavores antigos. — Mal que, abérta
Com pouco custo; — ao disparar da vista,
Dou c'um retrato. . . . móve-se a pintura,
Vai pouco a pouco. . . . (1) Oh pasmo! oh maravilha!
Avultando em figura. A Caixa mesma,
Em mólle cama de nevada alvura
Se convertia, quasi sem que os ólhos
Dessem fé da mudança mal-sentida.
Tambem se alça, e transfórma a bem-lavrada
Cobertura de Caixa, e já disfére
Cortinas, sobrecéo; este em sanéfas,
Aquellas em festões, em apanhados,
Com franjas, com cordões, com bórlas de ouro,
Sostînhão pavelhão gracioso e ricco,
Consagrado ao prazer, á formosura,
Que, estendida no leito, figurava
Ter dado á mórbida attitude as côres
Do Albano á Vénus: Eis sorrindo térna....
Aqui ponho balisas; que não cábem
No papél os remates do tal sônho.

---

(1) Salva mihi veterum maneat dum regula morum,
Ludat permixtis seria Musa jocis.
AUSON.

DESEJO.

D'UM PECCADOR PIRANGA. (1)

Quem me déra ser Rei, ou ser Raînha,
Para de todos ser lisonjeado;
E, depois de peccar muito folgado
De gôstos recheada Ladaìnha,
Ir peregrino a Roma em ságe guápa
Agarrar meu perdão aos pés do Papa.
Ir (digo) a Roma, vélho,
Incapaz de peccar, já vélho e rélho:
E havido um Paraìzo neste mundo,
Ir no Céo agarrar inda um segundo.

(1) Já alguns Censores estranhárão estas ninharias, e outras máis, aconsoantadas, entremettidas com Odes de cutiliquê; a quem lógo respondi com este retruque, por mim ouvido muitas vêzes da bôcca do seu Autor Filinto Elysio: « *Quem ha hi, que possa sem distracção, ou sem cansaço de ânimo lêr 4 Odes a fio, ou já suas, ou estranhas* ». Eu creio que elle de propósito entresachava estas drogas, para dar pasto a differentes paladares. Nem todos se amanhão bem com altìsonos disparates. Odes de Horacio, Dithyrambos de Pìndaro são Apocalypses para muita gente (não digo de sotaina e béca) mas. . . Leitores ha que achão máis pico n'um Enigma, que em uma Ode. A variedade, Senhores, é o grande segredo do desfastìo. Não acharão Poésìa n'essas burundangas de Filinto; mas acharão ordinariamente lin-

ODE.

Nec Læstrigonia Bacchus in amphora
Languescit mihi.
Hor. *Lib.* 3, 19.

Que dia tão feliz me fôra o de hôje,
Se eu podésse contente celebrá-lo
No honrado grémio, na festiva mesa
De Araújo, e de Brito! (1)

C'um crystal de dourada Malvasîa,
Retinnindo arraiado nos dous cópos
Dos bizarros amigos, empinára
Poéticos alentos.

Vìra lógo ante mim Lynces malhados
Tirar pujantes, pelo campo abérto,
O Carro triumphal, em que nas Indias
Conquistador entrára

O magnanimo Baccho, sobraçando
Do mosqueado Tigre a hirsuta pélle;

guagem não mestiça; que não é pequena prenda nestas éras de safado Gallicismo.

Nota do Editor.

(1) — — — Animæ, quales neque candidiores
Terra tulit, neque queis me sit devinctiòr alter.
Hor. *Lib.* 1, *Satyr.* 5.

E a risonha Ariadna (1), já depostas
Saudades de Theséo,

Lançando-lhe aó pescoço pampinoso
O torneado braço, com meneio
De amoroso semblante, estar pedindo
Da pérfida Ilha os beijos.

Mas, pois desdenha a Malvasîa as casas
Dos Poétas — com tavernal surrapa
Seus nomes banharei. Por óra aquiétem-se
Os Bacchos, as Ariadnas.

---

(1) Dêmos satisfação a cértos delambidos, que em tudo o que não é prosa corrente achão hypérbatos, e para elles hypérbatos são érros de grammática. Venha primeiro Quintiliano que no livro 8, cap. 5, diz assim: « Hyperbaton quoque, id est verbi » transgressionem, quam frequenter ratio compositionis et decor » poscit, non immerito inter virtutes habemus. Fit enim frequen- » tissime aspera et dissoluta et hians oratio, si ad necessitatem » ordinis sui verba redigantur, et ut quæque oritur, ita proximis » alligetur. Differentur igitur quædam ac præsumenda, ut in » structura lapidum impolitiorum, loco quo convenit quidque » ponendum. Nec aliud potest sermonem facere numerosum, quam » opportuna ordinis mutatio ».

Venha depois o Abbade Batteux, que nos seus *Principes de Littérature*, segue o mesmo dictame, dizendo:

Car l'hyperbate, dans toute langue où elle est figure, doit, ce me semble, être le renversement de l'ordre usité dans cette même langue. On ne l'emploie que pour frapper l'attention et réveiller l'esprit par une nouveauté.

SONETO

AOS ANNOS.

DA S[RA]. D. M. J. R. D.

MOTTE.

Dansa-se muito, canta-se á porfìa (1).

GLOSA.

ESTE Cédro, que á pórta da Cabana
Vês erguer a cabêça alta e frondosa,
É dedicado a Marcia, a máis airosa,
A máis fiél, a máis gentil Serrana.

E os que em latada, allì, de limpa canna
Córão, entre os jasmins, botões de rosa,
Vassallos são desta árvore ditosa,
Que rendem culto á sua Soberana.

Todos os annos, com festões de flôres
Seus ramos rindo estão neste almo dia,
Que vio a luz do Sól os meus Amores.

(1) Estas palavras, que no Concêrto, que para festejar os seus annos nesse dia, alguem pronunciou acaso, tomou-as o Autor por motte d'este soneto extemporaneo.

Nota do Editor.

Em seu louvor, nas taças da Alegrìa
Brindo co' estas Serranas, e Pastores,
Dansa-se muito, e canta-se á porfía.

ODE.

Tale facis carmen docta testudíne, quale
Cynthius impositis temperat articulis.
PROPERT. *Lib. Eleg.* 34.

O que déve entre os homens, entre os Numes
Ter ìnclyto renôme,
Lógo ao nascer, em seu semblante ingénuo
Apollo lhe bafeja
Divino sôpro de arrojados brios.
Não temas que fraqueie
Aos duros gólpes da Fortuna adversa:
Antes, qual rija palma,
Levanta as ramas, que accurvára o pêso.
Recem-nascido as Musas
C' os Cantos de Virgilio te embalárão,
E junto de teu bêrço
Por Aia te pozérão a Harmonìa (1).
A's vizinhas florestas

(1) A Harmonìa não a tomavão os antigos Poétas no sentido musical sómente, mas symbolisavão por ella a Philosophia, que introduz na alma a formosa consonancia das virtudes unidas, que reprimem o tumulto das paixões.

Os louros do Parnasso transplantárão;
A clara Caballina,
As doutas ondas do vocal Perméſso
Banhavão tuas veigas.
Até Urania Vénus (1), (cortejando-a
Os fiéis Companheiros
Da ditosa immortal Sabedoria)
Assentou lá seu Templo;
E brandos Zéphyros, batendo as azas
Perfumadas de flôres
Tomou por Mensageiros, que a ***
Levassem com disvéllo
Os gômos das virtudes, e em-seu peito,
Como em jardim viçoso
As plantassem. Táes são as que hoje vêmos
Em Ti tão bem medradas.
Quiz que tão pura se desate, e côrra
Tua clara facundia,
Como passa o ribeiro transparente
Sôbre a dourada areia;
E teus vérsos tão meigos, tão suaves,
Fossem dignos de Apollo.
Se me igualasse co'a vontade o ingenho,
Oh quanto eu te emulára!
Oh quanto a ter por mim máis cérta a Clio
Te louvára em meus vérsos!
Mas melhor Clio tens em teus Poêmas,
Melhor Flacco te louva.

---

(1) Vénus Urania não é a Mãe dos desregrados affectos, nascidos para infortunio dos mortáes; é a Mãe da sapiencia, que com suas autorisadas lições faz abrolhar no peito toda a boa disciplina: com o nome de Musa lhe devolvêrão os Poétas o conhe-

LYRAS.

Ap   quando a mim désce do Pindo,
Co' a lúz, que me allumia,
Métte na idéia o dia
Que as sombras da Ignorancia vai ferindo.

Cupido, quando a mim vem de Cythéra
Métte o Prazer no peito;
Meu coração desfeito
Em lìquida affeição, no amar se esméra.

Dos máis Deoses esquéço o Nume esquivo:
Dê Júno aos seus Grandezas,
Dê Pluto aos seus Riquezas;
Que eu com Apollo e Amor ditoso vivo.

SONETO.

Quem visse andar Cupidos estendendo
Esmaltada alcatifa pelo prado,
Uns dando ao ar perfume delicado,
Outros c'rôas nas árvores prendendo:

---

cimento dos órbes Celestes. Como Vénus Urania teve o seu primeiro templo; e como tal, e como omnipotente Senhora do universo, a invoca Lucrecio, quando diz no livro primeiro:
« Quæ quoniam rerum naturam sola gubernas ».

Este afinando, aquelles apprendendo;
  Um canta, outro se arréda, e retirado,
  No chão um joêlho, e o outro levantado
  Brandos vérsos na areia está screvendo....

Eis do áureo carro nítida se apeia
  Entre dansas das Graças e Prazêres....
  Quem não dirá que é a bella Cytheréa?

É Nize, que honrar vem Pomona e Céres,
  Nize, que o Deos, que os Deoses senhorêa,
  E Vénus bella ornou de seus podêres. (1)

FALLA

DE PIGNOTTI

A' SOMBRA DE POPE.

————————Applaca, oh Vate;
O enfado applaca, e nesta altiva emprêza
Dá-me auxilio, e favor. — Ah! se a miúdo
Senti ao som de teus sublimes vérsos
Pelo peito correr tremôr suáve,
Que nos sensiveis ânimos desperta

(1) Post Helenam hæc terris forma secunda redit.
PROPERT. *Lib.* 2, *Eleg.* 3.

A harmonîa do Pindo; e se os abálos
Que outróra te agitárão, quando as bellas
Imagens, que ante os ólhos te surgião,
Tanto na alma me entravão, que tremia,
Como acórde co'a unîsona harmonîa,
Tréme, e re-sôa a não-toccada córda,
Ao tremôr da vibradá companheira. —
Se o vôo teu seguindo, tinha a vista
No portento do ardôr, com que rompîas
Pela névoa dos Fados. — Se maviosos
Prantos verti sôbre as amargas nótas
Da affligida Eloîsa, quando pugna
Contra os sentidos seus alvorotados,
Dos Céos, do Mundo rebatida vaga;
Qual baixél contrastado do Austro e Nóto,
Ao Céo sevéro off'réce incértos votos,
E entre o Amante, e entre Deos pende perpléxa.
Empresta me em tal ancia, oh Vate egrégio,
A lyra tua, que em silencio amigo,
Pende, armada de córdas sonorosas.

SONETO.

Qual corrente de lympha crystallina
Dos alpestres rochêdos debruçada,
Beija a raîz á fáia levantada,
Salpica a fôlha á rosa purpurina:

Já, rasgando em meandros a Campina;
O'ra fóge, óra vólta, óra abraçada

C'ó pé do tronco amante, remansada
Se demóra; que Amor assim lho ensina:

Tal désce a minha Marcia aquelle outeiro,
Máis cândida, que a spuma da corrente,
Vindo a Filinto, seu amor primeiro;

E óra esquiva, óra meiga, me consente,
Ou néga um beijo, um furto aventureiro,
Reclinada em meus braços brandamente.

ODE.

Huc vina et unguenta et nimium breves
Flores amenæ ferre jube rosæ,
Dum res et ætas et sororum
Fila trium patiuntur atra.
Hor. *Lib.* 2, *Od.* 3.

Agóra, que curvadas as videiras
C'os rôxos cachos stão, c'os cachos louros,
Cólhe, oh Mancêbo, ádórna-me esta mesa
C'os dons do accêso Baccho.

Cólhe as lizas maçãas envergonhadas,
Os felpudos marmélos, rôtos figos,
A frêsca melancia assucarada,
O melão bem-cheiroso.

Em quanto o hirsuto Nauta vêrde-négro
Da barca nos não brada, e cuida em pôr-nos

Nas escuras pousadas, onde nunca
Se empina o ruivo néctar :

Enche as taças, corôa-mas de flôres ;
Embórca pela mesa (não me enfado)
A cervêja espumante, o vêrde vinho.
Entórnas ?.... Bom agouro (1) !

Hôje quero brindar a meu Sacchêtti :
Hôje faz annos que nos foi cedido,
Merecedor de vir nos tempos de ouro,
Nascido nos de férro.

Sacchêtti, o bom Sacchêtti, Juïz récto,
Que o ânimo insubornavel não entórta
A lisonjas, a rogos, a promessas
Quando reparte o bôlo (2).

---

(1) Dizem as nossas Vélhas que o vinho entornado, é agouro de fêsta, e de alegrìa; como o é de pêrda e de disgraça o derramado sal na mesa. Estas boas superstições lhes vem de Mouros e Judeos, com muitas que fòra longo referir, e máis longo ainda de arrancar. Muita gente que ata cravatta lavada cahe nellas. Tanta comichão lavrou sempre na vontade de saber o que não é dado adivinhar !

(2) Era cousa muito para edificar, o innocente divertimento de quatro pessoas estudiosas, que sahião a espairecer, e passeando repassavão seus estudos, conversando, e instruindo-se, e com proveito. Compravão para a merenda um bòlo em S.ta Martha, e ião comê-lo ao campo. Alli era para vêr a singeleza de seus ânimos contentes, accomodando á circumstancia dictos, e historietas engraçadas, largando todas as vélas á Eloquencia jovial, para peitarem o Juiz, e terem máis avultado quinhão. Os quatro ingenuos sujeitos erão Sacchetti, Roberto Nunes, Sebastião Barroco, e Francisco Manoel.

Nota do Editor.

EPIGRAMMA.

Quando vêjo um Quintilio virtuoso
Tão póbre e desvalìdo ;
Quintilio que perdeo o premio honroso
Da virtude, a tal custo merecido ; —
E que vêjo abundar dobrões a rôdo
Em casa do vil Menas ;
Chover as honras, e a Lisonja ; em módo
Que as espáduas lhe accurvão, de pequenas,
De formadas de frágil baixo lôdo ;
Eu com despeito forte
Digo entre mim a miúde :
» Isto é querer a Sórte
» Dar pérros á virtude. »

SONETO.

Tu não ouviste, Amor, na despedida,
Como Delmira ser fiél me jura ?
Que protéstos ! que fé constante e pura
Me não prométte aquella fementida !

Tu viste os prantos, viste a côr perdida ;
Soluçar, desmaiar de ancia e ternura ;
Segurar, que inda alêm da sepultura,
Leal me guardaria a fé devida.

« Do Céo (dizia) o lume fulminante ,
» A vida , a indigna vida , sem piedade
» Me consuma , se falto a ser constante. »

Ah ! pasma , Amor , da tôrpe deslealdade !
Vem. Vê Delmira em braços d'outro Amante.
Vem. Apprende esta nova falsidade (1) !

ODE

Em 23 de Dezembro de 1792 , dia dos meus annos

È la vita appunto um fiore
Da goderne in un sol matino ;
Sorge vago , ma vicino
A quel sorgere è il cader.

METASTAS.

N'ESTA rápida via , que corrêmos
Com mal-abertos ólhos ;
Acertâmos por tino raras vêzes
Co' a constante Ventura ,
Que a Natureza a todos deparára :
Mas mil nos transviâmos ,
E em vêz da Dita , dâmos c'o Despenho.
Este de fama avaro

(1) Hoc unum didicit fœmina semper opus.
PROPERT. *Lib.* 2 , *Ely.* 4.

Arrosta hervadas lanças, e pelouros;
Ou, duro, não receia
De Eólo a sanha nas cavadas oudas.
Outro os degráos sanguentos
Piza arrogante, tropeçando impìo
No corpo do Visír,
Que désce de rondão decapitado.
Busca thesouro aquelle
No Sêrro-frìo, entre áridos penhascos
Precipitando a vida.
Surdos todos ás vózes da Verdade,
Que nos ouvidos trôa:
« Homens, vós todos sois lanço da Mórte;
» E entre vós nenhum sabe
» Se do crástino Sól o raio puro
» Lhe ha-de banhar a vista. »
Gravou-o assim o Fado em bronzeas fôlhas.
A mim fìo máis curto
Dobou a Parca, a Ti de ouro comprido; (1)
Mas ambos ignorantes
Do têrmo a que se estende o estâme nosso.
« Apprendei, sérios, dóceis
» A máxima immortal de ser felices;
» E a que no Olympo sacro
» Em perenne alegrìa entranha os Numes.
» Gozai almos prazêres
» Do dôce néctar, de Cupido meigo.
» Ponderai, que é só vosso
» Este momento, o résto é da Fortuna.

---

(1) Et mihi forsan, tibi quod negarit
Porriget hora. . . . .

HORAT. *Lib. Od.* 16.

» Os prantos, as tristezas
» Os sustos do Futuro espavorido
» Com duro cadeado
» Cerrai nas cóvas do profundo Olvido :
» Colhei a flor sómente
» Da colorada veiga dos succéssos.
» Sem toccar nas espinhas
» Da muda Reflexão consumidora.
» Bebei suáve alento
» Da aura cheirosa dos jardins de Idália ;
» Lavai o Esp'rito inquiéto
» Nos tanques de Liêo bordi-spumantes :
» E quando em altos mares
» Soprar furioso o vento do Infortunio,
» Coroai-vos de rósas,
» Que amansão as procéllas, ou lhe encobrem
» Os amaréllos sustos :
» Erguei aos Numes as Canções prezadas,
» Libai com rôxo sumo
» Néptúno e Eólo ; o Zéphyro macio
» Infunará as vélas,
» E entre empinados retinnidos brindes
» Entrareis pela barra. »

SONETO.

Que escura sombra os ólhos te entristece,
Do affadigado peito remettida ?
Vérte-a, meu Bem, n'esta alma á tua unida ; —
Mingua a dôr, se em dous peitos se padece !

Quando a turvada Cheia em fôrças crésce,
Do ameaçador estrago intumecida,
Se o Lavrador a córta, repartida
Os ameaços québra, e desfalece.

Não máis me tenhas a alma suffocada;
Que é mór a dôr, qual t'a suspeito agóra,
Do que ha-de ser, em mim depositada.

Não cresças o pezar a quem te adora.
Assaz lhe dóe, oh Marcia, a sétta hervada,
Que o Ciúme arrojou com mão traidora.

DESCRIPÇÃO.

Oh Céos, quanto aprazivel sîtio é este (1)!
E quanto este alto plátano copado
Sólta prazer á vista! Não encanta
Co' as vêrdes fôlhas só, que ao longe estende,
Nem com a majestosa, alçada fronte;
Mas de flôres se véste e de perfume (2).
Quem das lîmpidas aguas se não lógra
Tão frêscas d'esta fonte, e tão ligeiras?
Das offrendas, que as margens lhe povôão,
Côlho, que é sácra ás Nymphas, e a Achelôo.

---

(1) Esta descripção vem no Phedon de Platão, e este Plátano, á sombra do qual Sócrates tão profundamente discorria, é o mesmo de que Cicero faz menção nos Diálogos do Orador, lib. 1.

(2) De perfumadas flôres — figura trivial nos Clássicos.

Sentis, quão meigo Zéphyro recreia
Este ar, que se respira, entrelaçando
Sua frescura ao canto harmonioso?
Mas, tu, máis c'rôas d'este sitio a graça,
Tu, relvoso verdôr; que a Natureza
Lançou airosa pela encósta amena
D'este combro, que plácido convida
A recôsto, e repouso os passageiros.

ODE

Em 23 *de Dezembro de* 1795, *dia dos meus annos.*

Sit meæ sedes (utinam!) Senectæ,
Sit modus lasso maris et viarum.

Horat. *Lib.* 1, *Od.* 3.

Não quiz o Fado meu inda outorgar-me
Um viver a meu módo; um quintalzinho,
Uma casa modésta, e pouca renda,
Que eu possa chamar *minha* (1).

Que lá me possa erguer ao meio dia,
A' meia noite — a bel prazer — e em róda

---

(1) Petit bien qui ne doive rien,
Petit jardin, petite table,
Petit minois qui m'aime bien,
Sont pour moi chose délectable.

Panard.

D'uma mesa frugal vêr dous amigos
Co' as suas duas Chlóris.

Então, vasando um cópo... e inda outro cópo
A' saúde do bem-dansante Olindo,
Brindaremos Delmira, Dulcinéas,
Descarregando em Brito.

Lógo a affouta Alegrîa, desatando
Os nós do pundonor, e da etiquêtta (1)
Virá dar um bellisco ao bom gracejo,
Ao jovial surriso.

E abeborado em gáudio pachorrento,
O bom Filinto lançará a Horacio (2)
Risonhos ólhos, a pedir-lhe vénia
Para entoar uma Ode.

---

(1) Etiquêtta vem etymologicamente de Hécticos, ou Tisicos. Nada ha máis Héctico, ou Tisico que o trato, e as fallas da Etiquêtta.

(2) Sim Senhores, que da Státua de Horacio que stá em Roma tirou *Le Moine* uma pintura, que eu possúo, e a tenho penduradinha ao pé do espêlho, para no meu Venusino me revêr a toda a hóra; no Horacio (digo) e não no espêlho; que de mui tenros annos sube que era feio, e desde então foi o espêlho traste inutil para mim.

SONETO

TRADUZIDO.

Fóge a Amor : que seu mimo venenoso
Causa , oh Nize , por fim acérbas dôres (1);
É sérpe occulta entre engraçadas flôres ,
Taça de flammas , jôgo cavilloso.

Prazer bréve , que dá pezar moroso ,
Jardim regado a fio de amargores ,
Matta escura de atalhos burladores ,
Que em paradeiro dão precipitoso.

É labyrintho em que a Razão se enleia,
Fructo que engana com mortal doçura ,
Brando jugo , que accurva mal-cuidado.

Campa de infortunosos vivos cheia ;
Inférno em fim de tanta desventura ,
Que nem do Olvîdo o rîo lhe foi dado.

---

(1) Não me lembrei, que allegando as Academìas antigas como a dos Occultos, Enfarinhados etc. etc. clama o Zuniga contra os *simulcadentes* , *simulsoantes* e *lunares*. Foi grão descuido. Que remedio agora? Emendar o Soneto? Péde isso muito tempo, e trabalho. Deixá-lo ir. Algum Zuniga virá depois de mim, que faça a este Soneto , e a outras obras máis o que elle fêz a um Poema feito na India, cujo manuscripto elle estragou inteiramente, descompondo-lhe todas as Outavas, para as limpar da peccante *simulsoancia* etc. etc. etc.

O TEMPLO

DO

DESTINO.

Longe do Pólo, onde as tormentas bramão,
E alêm do Sól, alêm do Firmamento,
Sôbre o Abysmo tragador dos séculos
Se érgue, e sustenta um temeroso Alcáçar
Chapeado de triple bronze em tôrno:
Quando as pórtas no buîdos eixos rugem
Rebrama o interior; e os alicérces
Mandão ouco rimbombo ás furnas do O'rco.
Incenso humedecido em nosso pranto,
Întimas préces, votos, mágoas, queixas,
Vapôres são que estão subindo sempre
Aos cêrcos d'esse inexorado Alcáçar,
E que em róda, arquejando, se esvaêcem.
Surdo á dôr, ao pezar, esse contôrno
Véda entrada ao clamor, inda avultado
Com ecchos repetidos. Nunca o Nume
Ouvìo um só: que no ar, que os muros córre
Do bronzeo Templo, embação, frios gélão.
N'um quadro lhe reluz de aço burnido,
Em longo tracto a face do Futuro.
Móve co' a esquêrda firme o instavel eixo
Das Estações, co'a dextra desentranha
Da Urna que vólve, as sórtes dos succéssos.

Jaz retirado o throno do Destino
Em recôncava abóbada faìscante;
Com raias, com balisas inaccéssas
A todo o ímpeto e pósses dós humanos.
Grave, immóvel, em si reconcentrada,
Sempre sevéra, sempre obedecida,
Fatal Necessidade; sôbre os homens
Traz sempre alçado o sanguinoso sceptro,
Com que abre o abysmo, em que se affunde a vida;
Com férreo braço aos Reis a fronte encurva,
E com os pés a Terra submettendo,
Diz ao Tempo: —*Executa as minhas ordens.*—

ODE.

De cada vez te falta mais cabêllo.
Garção. *Sonet.* 30.

Chegou o Borges, que nos trouxe a nóva
Da tua lisa-accrescentada Calva,
Da calvissima Calva, avêssa (1) imagem
Da Occasião que fóge.

Pintou-se-me na mente o Tempo curvo,
Mui-ferrênho, em rapar com a ágra foice

(1) A Calva de Snr.ª M. Th. de A. e S. é muito avêssa da calva da Occasião. Esta (dizem) os Poétas que a vîrão, tem

Tua felpa de ouro, que dos annos ría
Na pachorrenta fronte.

Cáhe immatura a presumpçosa mésse:
Daquí, d'além, despójo do aço avaro.
Chórão as Nymphas o precóce agouro
Da gasta mocidade:

Qual vês chorar no rúbido Oriente
A Môça de Titon luzente aljôfre,
Quando ao sahir do leito vê a Calva
Do derrengado Spôso.

Vê gastos dous Estíos (1), dous Outônnos,
Com tanta ancia pedidos, e outorgados,
Duas vêzes branquissima, ou pelada
A têza côma de ouro.

Tambem vi do Garção a curta sombra
De sonóros epîthetos cercada,
C'o seu Delfim, de lôba, psalmeando,
Co' a lisa calva ás môscas.

« Dá-me (lhe disse) o teu jocoso esp'ríto
» Para cantar do Souza o calvo assumpto;

---

na dianteira da cabêça um monho de cabêllos, de que travão os venturosos, e o resto da cabêça é pelado e liso. A do Snr. Dr. toma-lhe desde a tésta até ao toutiço, e o monho de cabêllos que lhe résta, faz apenas uma engoiada estriga, e serve de mesquinha mécha no côtto do rabicho.

(1) Todos sabem que a Aurora, quando sentio o marido envelhecido e frouxo, foi ter com Jóve, que lh'o remoçasse; e este lh'o concedeo: — com o appenso porêm, que cada vêz que usasse da nóva mocidade, usaria dez annos de vida. Settenta annos, com esta alcavalla, de préssa são corridos. Ella formosa como uma Aurora! Quem ha hi com mão tão forte, que tenha as rédeas ao ginêtte?

» Dá-me uns vérsos facétos, campanudos, —
» Vérsos de desempenho. »

» Não tenho máis que dar-te (me responde)
» Cansei n'este Delfim a Musa toda.
» Busca outro Vate jovial, pelado: —
» O calvo Anacreonte »

SONETO.

Filinto, em teu amor mal-respondido,
(Me disse o Desengano) a Nize adóras,
Que noite, e dia empréga as brandas horas
Nos braços d'um rival favorecido.

Já, das pórtas do peito fementido
Te pôz fóra. Não vês, que quando a implóras,
Vólta os ólhos ás lágrimas, que chóras,
Aos teus suspiros cérra o duro ouvido?

E tu — inda amoroso... Não tens pêjo
D'ella? dos máis? de ti?... Tão mal tratado
Com tão sêcco desdêm. Desdêm sobêjo?

Ah! tórna em ti. Rompe o grilhão malvado.
Érgue da falsa Nize o vil desejo.
Dá mais fiél emprêgo ao teu cuidado.

CARTA.

Saúde a Alfeno o seu Filinto envîa.

Soneto, pêcegos, quintilhas, —tudo
Era bom, Meu Doutor; só lhes faltava
(Porque nada haja sem senão no Mundo)
O serem por máis vêzes repetidos.
—Não digo os pêcegos, mas sim os vérsos.—
Porque os teus são dos únicos que eu leio
Com mais gôsto, e com máis doutrina minha.
Fique aquî entre nós este segredo;
Não o saibão B. * * * e Al. * * * *,
Que são capazes de engolir-nos vivos.
Sim: gósto de teus vérsos; gósto, e muito.
E os teus sonetos tem para comigo
Patente de sublimes, desde aquelle
Do *Ciúme* (Soneto incomparavel!)
Que eu sei de cór, que não tem de esquécer-me,
Esquécendo-me quanto a minha Musa
Me temperou na desleixada Lyra.
Ninguem se queixe. É gôsto: e assim o entendo
E assim o digo a quantos pósso, e dêvo.
Tu tens nos vérsos um pensar tão novo,
Tão-bem bebido nas máis claras fontes,
Que lêr-te é lêr o século de Augusto,
Ou no Lyrico altivo, ou no jocoso.

E ninguem desempenha tanto á risca
O *molle atque facetum*, como Alfêno.
Haja vista ás Quintilhas engraçadas,
Cheias de Attico sal, de mil donaires,
Tão nóvos, tanto a ponto sazonados. (1)
Oxalá, possa eu vê-las todas findas,
E a Preguiça, e o *máo ólho* as não fascine!
Haja vista ao Soneto primoroso,
(Dos pêcegos bizarro camarada)
Não o móstro a ninguem, que m'o não gabe.
Todos concébem delle a grande idéia,
Altivo pensamento, ousada phrase,
E ficção bem-sostida, e verosimil.
Condições, que requer o vélho Mestre,
E o perluxo Boileau seu bom Alumno,
Para que os vérsos se oução com deleite,
E vivão com bom nome éras, e éras.
Não espérão tal fado óbras de Mattos,
Bem que a tão desejada imprensa vissem;
Bem que a solìcita Segunda Parte
Viésse pôr espéques á Primeira.
Tem ambas de morrer mórte immatura,
Sem que chéguem a ter honradas cans.
Embóra as Vélhas, e os ruîns versitas,
Extáticos, babando-se celébrem
Sonetos de *Saveiro*, e *Póbre ou ricco*,
E as *Endéchas á sua Lavandeira*: —
Inda melhor, que explicações do Crédo
Sáibão de cór cruêzas de *Damiana*,

---

(1) — — — Seu condis amabile Carmen
Prima feres hæderæ victricis præmia.
HORAT. *Lib.* 1, *Epist.* 3.

E suspiros de *Albano ;* embóra inculquem
As *outavas* da *eterna madrugada ;*
Que as Tendas, com muita ancia, ambas as Rimas,
Já lhe estão esperando para embrulhos.
E já, c'o gancho erguido o Esquécimento,
Ameaça afferrar-l'ho no seu nome,
E arrastá-lo ás vorágens, onde jazem
Tantos mil seus iguáes em prósa, ou rima (1).

ODE

A' Snr$_{A}$. D. M. J. R D. (2).

Par nè campi del Ciel Rosa nascente,
Ch' ogni preggio immortale ha in seno accolto,
E sul labbro di mele ha una sorgente :
Che qual Palma fiorisce, il cui bel volto
Somiglia un sol, ch'è d'ogni macchia escente.

Badini. *Cantica delle Cantiche.*

Se as nuvens de ouro rasgá apavonadas
O sól radiôso, e na agua reverbéra,
Imagino vêr Marcia

---

(1) Descriptas servare vices operumque colores,
Cur ego, si nequeo ignoroque, Poeta salutor?
Horat. *de Art.*

(2) N'um dia de Primavéra, em que eu com Marcia passeava

Que arredando as cortinas do aureo leito,
Se érgue, e anîma o crystal c'o astro do rósto.

2.

Se o rouxinól saudôso esméra o canto,
Por dar ao Sól festivas alvoradas,
Imagino ouvir Marcia,
Da perfumada bôcca disferindo
Na Lyra de Amphião Canções de Sappho.

3.

Se as terras matizadas deixa Maio
Co' as côres da florîda Primavéra,
Imagino que Marcia
Correo aquelles prados, e co' a vista
Deo vida, e deo matiz áquellas flôres.

4.

Se nùs os peitos, junto de uma fonte
Cynthia orna a côma com gentîs boninas
Lógo imagino Marcia,
Nos thesouros, que Flora lhe offerece,
Não vendo flôr, que ao vê-la não desmaie.

---

na quinta da Snr.ª D. F. J. de N. Soares, como eu me desculpasse com a ditta Snr.ª da pouca attenção que déra a várias flòres do seu jardim que ella me encarececo, dizendo que pouco podia reparar nas flôres do seu jardim, quem no rôsto de sua sobrinha Marcia contemplava uma Celeste Primavéra, a ditta Snr.ª me respondeo sorrindo: « Quem não será d'aquelle ròsto amante » ¿ Resposta que me servio de stîmulo para esta Ode; e com ella a fechei em lembrança sua.

5.

Tudo accende de Amor, tudo conquista
C' o dôce riso, c' os formósos ólhos
A muito linda Marcia;
Rendido o Mundo a vê, rendido a adóra.
« Quem não será d'aquelle rôsto amante » ?

NOVO BIVIO

Para nóvos Hércules.

Mesquinhos neste Mundo, sem o auxílio
D' um lume penetrante, que registre
Os refôlhos d' um pérfido matreiro,
Jaz vîctima do Engâno o homem próbo,
Que em bases da Virtude, e da Franqueza
Funda o Deleite são, funda a Ventura.
Só dous caminhos se abrem. — O da Astucia,
Com que lógre os ruins, e os embelêze:
Ou do ânimo despido de intêresse,
De amor da Sociedade, e seus prazêres,
Que viva só, de si, por si contente.
Visite os bósques, suba ao sêrro erguido;
Amante da singéla Natureza,
Convérse os animáes, limpos de fraude;
Rousseau na solidão affortunado,
Despido de dinheiro, e de malicia:
Ou Voltaire riccasso, espérto, agudo,
Seja neste Universo, e seu bullicio
Negaça de Livreiros, e Magnatas.

SONETO

TRADUZIDO.

Quanto em nós possa um gésto peregrino
Deo-o a Fábula a vêr, e a Fé Sagrada :
Quando Éva tanto a Adão formosa agrada,
Que por ella engeitou o dom Divino.

Páris um pômo deo, (pômo maligno!)
Que Asia abalou, deixou Tróia arrazada.
Tu causaste, Maçan desventurada,
Que a ambos lhes désse o Céo azêdo ensino.

Se Adão, se Páris essa graça pura
Vissem, Marcia, inda mais que É'va formosa,
Ambos a tua graça, ambos rendêra

E inda, a pezar da antiga desventura,
D'essa mão, a Maçan tão perigosa
T' a recebêra Adão, Páris t' a déra.

ODE

EM DIA

DO ANNO-BOM.

Hæc mihi præcipue canenda dies.
Ovid. *Fast.* 2.

Comsigo o lévão mágoas e trabalhos
Os Dias pressurosos;
Comsigo lévão féstas e alegrias
Para a vorage' immensa
Da escura Eternidade. Os annos passão
Perante os nossos ólhos,
Carregados de impróvidos succéssos;
E a Parca abre as tezouras
Contra saudosas vidas immaturas,
Em quanto esquéce o enfado
D'uma alma ruîn, votada ao vil desprêzo.
Já, largo tempo, vemos
Reinar ufanas neste esquivo clima,
Abhorridas dos Numes
Rôta Anarchîa, sôffrega Vingança,
Das Leis em menoscabo,
Com mágoa e injuria do Saber supérno.
Oh novo — entrado Jano,

Das bemfeitôras pórtas nos remette
Bem assombrados dias,
Opulentos de affortunados gôstos.
Oh traze aos nossos Lares
O gésto soberáno da Justiça,
A Paz conservadora,
Hôje de nós tão longe foragida.
De seu regaço Thémis
Nos entórne abastada os aureos fructos
De Ordem, de Leis prestantes;
Com que des-franza a tésta negociosa,
O Estadista ***,
Se vir lavrar pelos confins tão largos
D'este abalado Império,
As idéias sublimes que povôão
Sua mente philânthropa.
Eu máis feliz de vê-lo comprazer-se
Na desejada nórma,
Cante seus altos dons, galardoados
De alegrìa, e saúde.

SONETO.

Agóra, que nas lìquidas Campinas
Jóve de ardentes séttas implumado,
Os almos gômos do Verão dourado,
Nas entranhàs de Juno põe divinas:

Agóra, que nas ondas Neptuninas
Sólta o baixél o panno desfraldado,

E sôbre o tronco de verdôr trajado
Canta endêchas a Rôla, de Orphêo dignas:
Agóra que a Natura espalha as côres
Com larga mão nas órlas dos ribeiros,
Que ufanas brilhão nas viçosas flôres:
Vou eu, por entre Choupos, e Sobreiros,
Bradando queixas contra uns crùs Amores,
E arrancando os suspiros derradeiros.

RETRATO

DE DAPHNE.

1.

Se eu soubésse n'um quadro acertar côres
Déra ao vivo de Daphne (1) a formosura,
Garbo de Nympha, em trajos caçadores,
Que alcança o veloz vento na espessura.

2.

Nos labios lhe apontára o almo riso
D'uma das Graças; indicára as prendas
D'uma índole mimosa, um peito liso,
Crédor de amantes férvidas offrendas.

---

(1) A Illma. e Exma. D. Maria de Almeida, depois Condeça da Ribeira.

3.

Mas imperfeito fôra o seu retrato !
Que não póde a pintura presumida
Debuxar , sem profundo desacato ,
Tão dôce canto , falla tão subida.

4.

Que pincel ha , que em seu lavor intente
Imitar , sôbre intrépido , arrogante ,
Uma Musa , que enléve de eloquente ,
Uma Sereya , que suave cante ?

ODE.

Aux yeux , que Calliope éclaire ,
Tout brille , tout pense , tout vit.

Gresset. *Epit. au p. Bougant.*

Não só foi dado ao Cidadão de Teios,
Tão valído de Vénus, no declivio
Dos annos, conceber agudas chammas
Entre alastrados gêlos.

---

(1) Vendo um retrato do Snr D. A. A. de V. A. S.

Filinto, que no altar do Desengano,
Tinha deposto, inda de sangue tinctas,
As fléchas, que arrancára de seu peito,
Voltou a recolhê-las;

Quando, ao ver-te, Senhora, em muda effigie
Levantar-se sentio, soprada, a cinza
Do mal-coberto fôgo, e luzir bréve
Insólita faîsca,

Como poude Cupîdo roubar tantos
Attractivos á Mãe, prendas ás Graças,
Para adornar com pródigo disvéllo
Uma só formosura?

Felizes os que gozão face a face
De tão meigo ineffavel Paraîso,
Da branda falla, e movimento brando,
Que revê do teu peito!

Se tanto em mim podérão frôxas côres,
Máis na alma presumidas, que inculcadas,
O fito de teus ólhos deleitoso,
Que Céos não me abriria?

Qual nas veias inquiétas, e admiradas
Não serpéara júbilo divino!
E qual no coração me entrára a furto
Respeitoso desejo!

SONETO.

QUANDO agóra cantáveis, vi, Senhora;
Ferver as ondas (1) que alva espuma banha,
E o mudo gado, que Prothêo rebanha,
A flor da agua as cabêças deitou fóra.

Muitas Deosas, dos mares moradoras,
Surgem : — Prothêo á praia as accompanha;
E sentado nas fraldas da montanha,
Co' a falla os ventos rápidos demóra (2):

» Esta Nympha, que canta, inda algum dia
» Fará a Jóve descer do ethéreo assento;
» Dará novo ciúme a Juno impîa.

» E, envôlta a majestade em fingimento,
» Virá á nóva Deosa da harmonîa
» Prestar gostoso amante rendimento ».

---

(1) Não foi milagre a visão; por que subião pelo fio da corrente do Téjo acima, cardumes e cardumes de Toninhas, que das janellas viamos marulhar. Prothêo, que falla, Deosas que escutão, Jóve que désce, etc. etc. são poéticos chesmininés, accessórios dos pulos das Toninhas.

(2) Ingrato celeres obfuit otio.
Ventos ut caneret.

HORAT. *Lib. Od.* 16.

EPITAPHIO

DA SNRA. D. M. J. R. D.

SEGOU da Morte a aguda fouce impîa
A flor que ornava de beldade o Mundo :
Amor quebrou as séttas; — com profundo
Suspiro, junto as pôz da campa fria.

ODE.

A l'envi laissons-nous saisir
Aux transports d'une douce ivresse :
Qu'importe, si c'est un plaisir,
Que ce soit folie ou sagesse?

LA MOTHE HOUDART.

FÓGEM os annos; desfructar a vida
Não demores, *** :
Poucos dias nas taças
Verás brilhar o néctar.

Ri dos Médicos, zomba das diétas.
A Doença, a Morte espreitão
Quem das rãas na bebida
Ensópa ensôssos dias.

Viva o Setúbal, que a Tristêza affunde,
Cria sangue sádîo. —
Empina este, que enramo,
Pórta-júbilos na alma.

Bom!... Máis um cópo... Então!... Não vês já a Baccho;
E, traz elle, a Cupido,
Que c'o Prazer te esperão
N'uma câma de rosas?

EPIGRAMMA

Com grande devoção Phillis corrîa
A vêr os Penitentes
Da procissão dos Passos, cérto dia:
Mas vai neste entrementes
Com a préssa descóze-se um sapato.
Aquî foi ir ao Mestre dar-lho em rôsto;
E (este bem descomposto)
Parar a devoção em sfolagato.

SONETO (1).

Podéste, astuto Amor, cravar-me o peito
Com alados farpões abrazadores;
Que nos ólhos de Marcia vencedores
Armaste o tiro, com que o mal tens feito.
Nelles tens throno, nelles te respeito,
Nelles tens os desdêns, tens os favores,
Que nas azas ligeiras mil Amores
Lévão a tanto coração sujeito.
Nem pódes vêr de lá peito sevéro:
De Marcia um volver de ólhos sancto e puro
Porá manso e rendido um tigre féro.
Vassallo de teu Reino, allì te juro
Obediencia e fé; delles espéro
A' minha fé o galardão seguro.

(1) Isto de Sonetos, nunca eu sube (quanto a Poésia) que régras tinhâo; sube sómente que toda a pintura poética lhe convêm, com tanto que caiba nas quatorze régras. Os Italianos são quem tem Sonetos máis poéticos; os Francezes quem tem régras máis austéras. Haja vista aos vérsos de Boileau, em que Apollo,

« Voulant pousser à bout tous les rimeurs François,
» Inventa du Sonnet les rigoureuses lois ».

Não direi qual das duas Nações accertou melhor o rumo. Portuguezes, que eu conheci, fazião alguns bons sonetos sem régras. Academias (e fundado nellas o Zuniga) fallárão muito em régras do Soneto; e nunca dérão um só, que merecêsse a leitura. « Ils » ont laborieusement écrit des volumes sur quelques lignes que » l'imagination des Poëtes a créées en se jouant ».

Essai sur la poésie épique.

O D E.

> Quem fors dierum cunque dabit, lucro
> Appone: nec dulces amores
> Sperne, puer, neque tu choreas:
> Donec virenti canities abest
> Morosa. HORAT. *Lib.* 1. *Od.* 9.

As sérras não tem sempre os cumes crêspos
De enregeladas cãas, nem os ribeiros
Tem sempre as claras aguas algemadas
Com frîgidas cadeias:

Não vibrão sempre lanças de aguas as nuvens,
Nem os pólos se accendem sempre em fôgo
C'os relampagos feios, enxofrados,
E c'os fuzìs ardentes.

Já lá sóbe, já aponta a Primavéra,
Que affugenta os negrumes detençosos,
Derréte o gêlo, espanca os dias tristes,
Co' a alégre mão florìda.

Vem o tempo, em que as Graças dos Céos déscem,
Déscem brincões Cupidos, convidados
Dos Campos de esmeralda, que atropéllão
Com pé travêsso e léve.

Amigo calvo e louro, é máis que tempo
Que partas tu tambem, que tambem venhas;

Que tragas as Lampreias promettidas
Ha máis de tres quarésmas.

Já o sól, tres vêzes, um e o outro côrno (1)
Do roubador de Európa ha aquécido,
Dêsque espéra por ti Filinto Elysio, —
E de esperar se enfada.

Já, dêsque espéra, encalveceo Barrôco,
E de bexigas se cobrio a Deosa,
Que a Vénus deo ciúme; e fêz que o Hynvérno
Forjou defluxo nôvo. (2)

Deixa os labrêgos hispidos e hirsutos,
E as fregôuas de calcanhar gretado,
Que alvo e louro, de azúes-palreiros ólhos
És só digno da Côrte.

Digno és da Côrte, digno de Assembleias,
Digno da Môça sbélta boqui-rúbea,
Que faz negaça aos ólhos cubiçosos
C'o mal-pregado lenço.

Vem pois; vem dar um dia bom ao Borges,
Namorar os painéis, vêr dansarinas;
Vem; que a Irmãa da Canhóta quér ter gasto
Debaixo do Capóte. (3)

---

(1) Quando um e outro corno lhe aquentava.
CAMÕES. *Cant.* 2. *est.* 72. *imitado de Petrar. Cap.* 2.
« Scaldava il sol già l'uno e l'altro corno ».

(2) Defluxo de nova qualidade, que deo em que entender ao Deos Hynvérno, para o inventor. Allude tambem a dous sonetos, que á conta de tal defluxo se compozerão.

(3) Il n'y a point de doute qu'un chacun Auteur ne mette quelques choses en ses écrits, lesquelles lui seul entend parfaitement.
MARC. ANT. *pref. du* I. *vol.*

Dá de mão ás Demandas; fêcha os livros;
Arruma Ordenações; não ouças queixas,
Não trapaças do astuto Requerente,
Que a Parte, e o Juiz lógra.

Não dórme a Parca, tórce o veloz fuso,
E a nossa vida corre, como o fio
Da ampulhêta incansada, até que pára
Sôlto em poeira inérte.

SONETO.

Teu rôsto vi, teu rôsto peregrino,
Vi de teu peito as fórmas delicadas;
Não as máis: que o Recato as traz cerradas,
E as chaves deo ao tardador Destino.

Mas Vénus quiz n'um Sônho almo e Divino
Dellas dar-me umas sombras animadas...
Ah! quanto erão á Deosa assimilhadas
As perfeições do corpo alabastrino!

Falla aqui o Poéta d'um jògo de prendas, cuja explicação custou um bòlo ao Senhor Roberto Nunes. E cérto é, que nesta e n'outras Odes escriptas a Amigos achará o Leitor muitos lugares escuros, pela allusão que fazem a varios acontecimentos, claros e sabidos das pessoas a quem as escrevia, mas ignorados do commum dos Leitores. De todas essas allusões me deo o Poéta a escondida intelligencia; e eu a pozéra aqui, se não temêra abarrotar de notas este livrinho. Estou porêm promptìssimo a communicá-las a todo o curioso, que m'as pedir.

Nota do Editor.

Amor então comigo menos duro
C'o a estrêa me brindou de teus favores ;
Crescendo a sêde a meu affecto puro.

Mas se á estrêa achegar mimos maiores,
Eu grato em seu altar painél penduro :
« FILINTO O VOTOU FAUSTO EM SEUS AMORES. »

QUARTETOS.

I.

QUANDO, os Celestes ólhos derramando
Pelos prados bordados de boninas,
Dás alegrîa ao ar, riso ás Campinas;
Que os parabens de vêr-te se estão dando :

II.

Não vês, Delmira, andar no teu cortejo
Um alado Menino mui formoso,
Que no rôsto prométte bonançoso
Perenne gôsto de immortal desejo ?

III.

Tu lhe déste o nascer, azas lhe déste
Com que subîo, e pretendeo c'os Numes
Tomar lugar c'os vencedores lumes
Que roubar de teus ólhos concedeste.

I V.

Já venceo Jóve, e o formidavel Marte:
Facil lhe foi dos outros a conquista!
Bem sabes quanto vence a tua vista,
Quando a vóltas airosa a qualquer parte.

V.

Hôje é um Deos. Um Deos mui-poderoso,
Que seu império ao Céo, á Terra estende,
Armado de teu Canto, que lhe rende
O Mundo, de render-se vaidoso.

ODE. (1)

Cor mio, deh, non languire,
Che fai teco languir l'anima mia.
Odi i caldi sospiri: a te s'invia
La pietade e il desire;
S'i ti potesse dar morendo aita,
Morrei per darti vita.

Caval. *Guarini.*

Não te lastimes máis, não desespéres;
Que o Céo enternecido
Não quér que, antes que eu, cruzes
Da Stygia as surdas ondas vêrde-nègras.

Nem que vêjas, sem mim, Cérbero, Furias,
Sombras oucas, errantes,

Nem Dite em nêgro throno
Co' a Mórte aos pés, em frente á pórta as Parcas.

Se essa alma, que compôz de duas almas
Amor, official primo,
Quér desunir Lachésis,
Córte antes ambas; vão ao O'rco unidas.

Sem ti que faço, eu triste odiado resto
D'uma tão linda fórma,
Superste a máis ruin parte?
Môrra esta. Tem tu vida. És digna della.

Jurei seguir-te. — O juramento é sancto! —
Pelas êrmas estradas
Do Reino dos temôres
De mãos dadas irei fiél comtigo.

Da Mórte, nem de acérbas Dôres fujo
Ao assanhado vulto:
Manda o Céo, que comtigo
Sinta o gólpe da fouce agudo e frio. (1)

---

(1) Agoniado dos muitos Romances hendecasyllabos *et reliqua* que andavão então em vóga; e em cuja Poësìa (por alcunha) eu achava tanta differença da poësìa de Horacio e de Virgilio, que eu usualmente lia nesse tempo, lancei-me a uma tentativa, que foi arremedar Horacio em Portuguez. A mocidade é muito atrevida; eu tinha dezoito annos, e nesse tempo não tinha que temer dos Crìticos; que ainda elles não sabião, que eu fazia vérsos.

On nous vend cher la gloire, et le monde aisément
Nous pardonne un défaut, et non pas un talent.

Verdade era, que eu só para os gastos caseiros os fazia. Ainda me não tinhão vendo á mão; e até creio, que ainda não erão nascidas as bellas Odes de Garção e Diniz. Ora a Ode de Horacio, *Cur me querelis*, composta em caso simillhante ao meu, me fêz negaça para a imitar. Que se perdia nisso? Pro-

As lanças, os venenos, vîs Ministros
Do Infortunio, da Invéja
Em vão me buscão. Zombo
De terrîfico aspecto de Saturno. (1)

O resplandor de Jóve favorece
Ambas as nossas vidas;
Co' a mão, que tórce o raio
Prende do Influxo as malignantes azas. (2)

A's súpplicas, que arranca o teu perigo
Do coração de todos,
Jóve a tua vida esconde
No seio, e argúe a Doença, desabrido.

« Nunca te dei poder nesta beldade.
» O abrigo de meu peito

---

vavel era que não sahisse da algibeira da Menina, nem apparecêsse á vergonha do Mundo. Fatal imitação! que me empurrou a penna para a caterva d'Odes (*tróvas* lhe devêra eu chamar) de que tenho as pastas cheias; sem contar as que uma vêz sôltas da mão, não terão retôrno.

J'ai connu ses douceurs, j'ai goûté ses plaisirs.
Ils trompent les ennuis, enchantent les loisirs.

(1) Tinha uma Sigâna tirado a sina á Sn.ra D. F. G. X. de S. e a mim; e nos affirmava, que depois de dilatados annos de venturosos amores morreriamos no mesmo dia. N'uma doença, em que a ditta Sn.ra estava com muito susto de morrer a consolei com a prophecia da Sigâna, e persuadida melhorou. Muito boas cabêças se persuadem com menos.

(2) Todos sabem (e os Sarrabáes o abonão) as más influencias d'este planêta; que produzem o chumbo e a melanchólia, se as não atalhamos de chegarem a nós, interpondo cousa que ellas não possão transpassar; como por exemplo, um encerado bem alcatroado, um manto de Capucho etc. etc.

» Deixou, para ir benigna
» Annos compridos aditar o Mundo.

» Empréga o teu furor n'outros sujeitos
» De inferiores dótes,
» Em Heróes, em Monarchas, (1)
» Que eu á Terra mandei para servî-la. »

Assim disse. Amparado eu fui de Apóllo,
Deos tutelar dos Vates.
Tu, mimosa de Jóve,
Brilha, que ao Céo gratúlo ambas as vidas.

SONETO.

Enganaste-me, Amor, em teus altares:
Vótos não insto máis, nem dons off'reço:
És Deos protérvo, injusto: hôje o conhêço:
Prométtes gôstos, pagas com pezares.

Médes horas, seguras os lugares,
Tentas o amante c'o anciado prêço;
Depois entras no jôgo, Deos travêsso,
Trócas as sórtes em ruîns azares.

---

(1) Exageração poética! Mas, quantas corôas se não tem abatido aos pés de tantas formosuras, que talvêz, não valêssem a da minha doente!

Ou me lisonjes c'o fágueiro rôsto
Da falsa Nize; ou de mordaz Ciúme
Me arremésses o facho, — a ambos arrósto.

Não me acobardo ao teu irado Nume,
D'essa Nize desdênho o indigno gôsto,
E de teu facho o amortecido lume.

EPIGRAMMA.

Nesses dourados séculos antigos
O Amor, e o Hymenêo erão amigos.
Entre Hymenêo e Amor tal ódio ha hôje,
Que mal entra Hymenêo, Cupido fóge. (1)

---

(1) Não digo que assim succeda sempre; que sería luttar contra a virtude do sancto Matrimonio: sómente faço allusão a uma jocosidade franceza. — Os táes Francezes, que são maganos, que chasqueão de tudo, e mesmo de certas palavras pontudas, que trazião com-sigo arrancamento dee espadas, entre Hespanhóes e Portuguezes, abrírão uma Estampa de ceremonia casamenteira, na qual, quando o Noivo entra com grande accompanhamento pela porta da Salla, em que o espera a Desposada, sahe logo voando o Amor pela janella fóra.

Ad. F. M.

POETAM LUSITANUM,

Ex gravi morbo convalescentem.

CARMEN.

Sic est; neque humanæ immeritò gemens
Inflicta genti tot quereris mala,
Francisce, damnatosque longi
Terrigenas miseros laboris.
Eheu! quot atris pestibus urimur!
Urunt Medentes acrius: ingruunt
Mentis tumultus æstuosi
Quos et amor movet et cupido
Insana famæ: quid quod et insuper
Viris adhærens Mercurialibus
Plerumque paupertas acumen
Ferrea et ingenium retundit?
Nobis iniquas sic variat vices
Volvens arenam Clepsydra mobilem,
Ut dulcibus miscens amara
Stare diù vetet ulla Fatum?
Spirare primam qui dedit, ultimam
Decrevit horam: ver breve currimus,
Fessique mox curvam subimus
Canitiem, stabilesque rugas.

TRADUCÇÃO. (1)

E cérto : e não sem causa te lastîmas
Com gemidos das penas
Infligidas á triste próle humana ,
Votada a longas lidas.
Como ardem nêgros Males ! como os Médicos
(Ai !) mór ardor lhe sóprão !
Brîgão na alma estuosos alvorôtos ,
Que incita , e que revolve
Já do Amor , já da Fama ancia phrenética :
Inda entra neste quadro
A Pobreza , que aos Sábios , quasi a fio ,
Com férrea mão comprime,
E lhes embóta o gume dos Ingenhos !
D'esse modo a Ampulhêta ,
Volvendo a miúda arêa movediça ,
Nos desiguala os lances ;
Nem (mésclando as doçuras c'os amargos)
A algum , repouso fixo

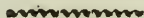
Com grandissima repugnancia minha traduzi esta Ode feita á convalescença de mortal enfermedade. Louvôres exagerados d'um amigo pódem (talvêz) agradar em bôcca alheia, nunca na propria. Mas instancias da filha do Autor, a quem muito disvéllo devi na minha doença , me vencêrão. Que não pódem rógos de formosas Damas ! e mórmente quando ao rôgo dá maiores fôrças a Obrigação ! Moderei quanto pude o excesso do elogio ; mas não tanto, que não fique ainda super-abundante. Creião-me , ou não : traducções feitas contra vontade não podem ser boas ; e esta servirá de próva.

Hac lege rerum callidus arbiter
Mundique Rector ambiguo semel
Mortalibus concessit uti
Munere, ne nimiùm beati,
Fretique vanis artibus, ebrios,
Dum fluxa sensus gaudia detinent,
Hanc lucis usuramque vitæ
Perpetuam propriamve sperent.
Ergo querelis pone modum tuis,
Condisce vitam, nec muliebriter
Frangi neque extolli insolenter
Socraticum patiare pectus.
Est vir ferendo : tu neque desines,
Recti decorique officii tenax,
Per damna, per fraudes, malorumque
Insidias animosus ire
Quò prisca virtus, quò Patriæ vocat
Cura instruendæ consilio et manu;
Scriptisque falles seu jocosis
Tædia, seu libeat severis.
Olim procellas et celerem fugam
Nosti, relinquens (non avibus bonis)
Laresque mærentesque amicos,
Et Patriam reditus negantem.
Sed liberales vertere spiritus
Injuriosum non valuit nefas,
Nec magna divinis sonantem
Carminibus cohibere venam.
Te nuper pessima febrium
Formidoloso proruit impetu :
Quàm ponè non tangenda furvæ
Stamina subsecuere Parcæ!
Laborioso cùm tibi anhelitu

Outorga o Fado. Quem primeiro alento
Nos concedeo, balisas
Assinalou ao derradeiro arranco.
Nós curta primavêra
Corrêmos no O'rbe, e logo submettemos
A's curvas cans o vulto,
E ás rugas duradouras. Lei foi esta,
Com que, A'rbitro sabido,
O Creador do Mundo deo licença
Que d'essa ambigua dádiva
Lográssemos : a fim que máis que muito
Ditosos, confiando
Em nossas artes vans (em quanto os gôstos,
De si resvaladîos
Embriaguez lavrassem nos sentidos)
Não pozéssemos fito
Em ter por proprio, e requerer perpétuo
Da Luz, e Vida o lôgro.
Assim põe termo a lastimar-te; e a tempo
O que é viver apprende,
Sem deixar quebrantar-te mulhérmente; (1)
Nem que insolente se alce
Teu Socrático peito lh'o consintas.
Saber soffrer é de homem.
Ferrênho em teu devêr honrado, e justo
Não faltes animoso
A atravessar por damnos, dólos, riscos
Onde te chama a antiga
Fôrça, e disvéllo de acodir á Patria
C'o braço, co'a doutrina.

---

(1) O tal advérbio é nôvo. Agradará elle?

Virile tussis concuteret latus
Horrenda (vidi) luridusque
Marcida tingeret ora pallor.
Flevisse Clio, Melpomene suum
Flevisse fertur, visa iterum sibi
Lugere Flaccum : sed rapaci
Te Deus herbi-potens ab Orco
Salvum reduxit, non sine plurimo un-
de quaque plausu : reddere debitum
Carmen memento, nec repostâ
Pulchra dies careat Lagenâ.
Sic te benigno numine Delius
Diù sororum servet amans choro,
Longamque depellat senectam
Difficilem, querulosque morbos.

Vai enganando o enôjo c'o que escrevas
Jovial, ou sevéro.
Com ruins auspicios, já, deixando os Lares,
Os saudosos Amigos,
A Patria, que voltar te néga injusta,
Dos sustos, das tormentas,
Da desenvôlta fuga te inteiraste.
Ah! que não poude tanto
A malvada Calúmnia, que minguasse
Teu sôlto, e nóbre Ingenho,
Nem contêve os divinos sons que rompem
Da grandîloqua veia.
Pouco ha que, com medonho insulto, a Fébre
Péssima te prostrou.
Quão perto a fusca Parca pôz o gume
Nos não-toccandos fios!
Quando horrenda (eu a vi!) o viril peito
Te sacodia a Tósse
Com trabalhoso anhélito, e tingia
Co'a pallidez da Mórte
O teu murcho semblante. Chorou Clio,
E inda outra vêz Melpómene
Cuidou carpir (é fama) o seu Horacio. (1)
Mas com bastante applauso,
E universal, o Nume herbi-potente
Te arrancou da garganta
Do O'rco voraz. Oh lembra-te da dîvida
De agradecidos vérsos:
E em dia tão formoso não nos falhe
Recôndita botêlha.
Assim, com raio amigo, Apollo ao Côro

---

(1) Ah! que se assim fosse em verdade, por quão feliz me déra!

Aónio longos annos
Te guarde; e enfêrmos ais, rabujé idosa
Desterre de ti longe.

SONETO.

Mentío quem pôz no Templo da Memoria
Os monstros carniceiros, que emprendêrão
Com mórtes, com estragos que fizérão,
Pizar o O'rbe co'as plantas da Victoria.

Risquêmo-los dos mármores da Historia,
Onde vìs Lisonjeiros lhes pozérão
O vão nome de Heróes. — Heróes não erão:
Que o Mérito moral lhes não deo glória.

Por grande, e só por nóbre seja havido
O que ama o Bem, que o traz sempre no peito
Com lêttras indeléveis insculpido.

Que da Virtude o amor, nunca-suspeito
De interêsse, nem de ambição tingido,
Só á c'rôa immortal tem são direito.

O máis alto ponto a que sempre aspirei foi de imitá-lo de bem longe; mas, apenas creio que sou péssima mórte-còr de elegantissima pintura. Vivissimos desejos meus, não sereis nunca cumpridos!

DITHYRAMBO. *

> Juvat integros accedere fontes
> Atque haurire; juvatque novos decerpere flores
> Insignemque meo capiti petere inde coronam,
> Unde prius nulli vêlarint tempora Musæ.
>
> LUCRET. *Lib.* 4.

LÉVA, rápido Bóreas,
Em tuas frescas azas,
Léva-me a Chypre, essa Ilha, onde Lyêo
Plantou néctareas párras,
Onde ensina os Amores
A beberem á sombra das parreiras.
Rápido Bóreas, sáhe do Eólio claustro.
Estou sequioso, oh Baccho,
Do succo almo e divino,
Que plantaste nessa Ilha, onde Amor reina.—
Muito ha que agita
Zéphyro fraco
Minha uñdosa madeixa coroáda.
O claro Evan ja désce,
E no seu côche ethéreo me transporta.
Grão caso, que voltêe
Léve fita no tópe da cabêça!
Rápido Bóreas, sáhe do Eólio claustro;

* Que não tem de meu, senão o feitio. Allemão o nomeião.

Que me consume o peito ardente chamma :
　　　　As cópas sós de Chypre
Pódem frouxar a sêde que me affóga.
Tal sôbre os gróssos pastos me arrebates,
　　　　Que nem co'a léve planta
　　　　Curve o cume das hervas,
Nem da bonina as plumas multi-côres.
　　　　Das rosas o perfume
Me precêda obsequente pelos ares. —
Dêmos vólta por Scylla, e a assombrêmos;
　　　　Que a sex-fauce vorágem
Abra ao vêr-me, e ao fugir-lhe horrenda uive. —
Lá vem, lá vem; — qual negra tempestade
Traz (1) claros sêrros se amontôa ao longe?...
　　　　Já guia até meus ólhos
A travéz do horisonte fugitivo.
Não, não. É Baccho, e as Onças que o carróção.
Sacro dador do vinho, eu te saúdo.
　　　　Saudo sim : mas . . . Brómio,
No peito me arde a sêde em labarédas.
　　　　Quem me vérte aqui vinho
D'essa Ilha fortunada, em que Amor reina?
　　　　Evan, Evan, Evoé!
　　　　Já rápidos rasgâmos
Dos alvos Céos a estrada omni-patente.
　　　　Em meu attento ouvido
　　　　Pythagórica sôa
Dos órbes a harmonîa escasso instante.
De A'frico tigre a mosqueada pélle,
　　　　Que as espáduas me cinge,

---

(1) *Traz* por *detraz*.

Se erriça, se arreganha
Contra o negrume, que em ameaço nosso
Zurra, e bérra... Mas já do azul abysmo
Surdem musgósas téstas
De escarpados rochêdos.... Ai que é a Ilha!
E o Côche désce... O Côche pára... É Chypre:
Sim: que Evan me acclamou seu sacro nome.
Evan, Evan, Evoé?
A Alegria me arranca, e vou correndo
Áquélla gruta flórida....
Tu me acênas de lá, Taça bojuda!
Vermêlhas ondas
De arroio manso
Da alma gruta perennes escorrégão;
E os combros vêrdes
Das pampinosas
Ramas distillão
Gôtta a gôtta os rubîs na angusta pia.
Sentados pelas bórdas os Amores
Se humedécem c'o rúbido deleite:
E tomados de insano
Affouto enthusiasmo
Lições de Dithyrambos dão, e as tomão.
Já déscem trépidos
A' cópa undî-sona,
E de Lyêo, folgando, a face enrugão.
Os lábios mórbidos
No humor dulcîfico
Molhando sôfregos,
Já, debatendo as azas marulhadas,
Turbão, encréspão a úvida lagôa.
Um que se azôa, despenhado affunda,
Beija o porão do vaso;

Mas, rindo, a salvo, os Deoses o re-pescão.
Ei-lo, que vergonhoso
N'uma azêlha da taça vai seccar-se.
Accocorado, e tiritando espéra
Que o vapor encantado
Do licor mui-sobejo
Vá descendo, e a Alegrîa restitúa.
Mas... já se érgue.... Eis debate as sôltas azas
E de odóro chuveiro nos borrifa. —
Amores, debruçai-vos,
Ponde-me a peito esse frasco sancto,
Que eu sou de Baccho alumno:
Elle mesmo no rápido-rodante
Côche me trouxe aos pâmpanos d'esta Ilha;
Por que eu bebêsse.,..
Ai! e os Numes, que espreitão curiosos
Por me vêr escorrer d'um trago heróico
O frasco estanque!...
O licor, com que Júpiter se ensópa
Nos dias festiváes, não é tão dôce,
Inda quando o tempéra co'a Ambrosîa.
Mas como assim, oh Brómio,
Oh Padre, é quão pequena é a minha taça!
Dá-me vaso maior. Que o peito anhéla
N'um diluvio de vinho mergulhar-me.
Tanto me encanta, e en-deosa,
Que em sua fonte meiga
Bebêra o Olvido, e até bebêra a Mórte.
Que é o que lá apparece!.... É um gôrdo almude
Parri-crinito: o bôjo
D'allî me faz negaças.
Vem a mim, barrigudo rubi-néctar,
Enfrasca-me os velhacos gorgomilos.....

E o como meigamente
Cças, licor Divino,
Nos máis encruzilhados reconcovios!
Qual espérta Gazélla
Pula de rócha em rócha,
De pico em pico, folgazôna, e léve,
Em dias de cerrado nevoeiro:
Assim vou eu saltando
Por prados, que a saltar dansão comigo,
Comigo cambalêão. —
Da Idália sélva os troncos vejo-os dóbres:
E os freixos, descarnadas as raîzes
Vem correndo traz mim.... Pasmão as Dryades
De ver como lhes fógem as pousadas.
Os Rouxinóes puxados
Na folhagem vivaz volteião túrbidos,
E tonos cantão Bacchicos.
Onde corre essa Nympha espavorida,
Que a travéz das floréstas vai fugindo
Com a cinta na mão,
Porque Rosáes, ou Sylvas, não a estórvem?
C'uma infusa atestada
De vinho, um Fauno bêbado a perségue,
Tremelhica, e resvala a cada passo;
E o vinho salta, e espirra,
Desbórca, e vai golfando nas estêvas.
« Pára, formósa Nympha, (diz) detem-te;
» Que a amar quéro ensinar-te.
» Ah bébe, oh cara Nympha: que, bebendo,
» Atinei que te amava.
» O'lha. Vê como bêbo... Eis tóma o bôjo
Da infusa, alça-a á bôcca, que almejava...
Por faces, por orêlhas desgarrado

Rosnando em terra cáhe, e se esperdiça.
Então turvado e trôpego
Busca a Nympha, que lhe escapou dos ólhos;
Contra a Nympha bravêja, e contra a infusa,
Que lhe tôa a vazìo:
Ao chão a arrója, e em cacos mil a québra.
Eu que a Nympha espreitava em sua fuga,
Pela fresca pégada
Sigo o alcance (Ah maligna!) e quasi a côlho
Pela cinta... Eis já vólve
A mim donoso olhar c'um gésto meigo,
Que ancioso lhe beijára.
Ei-la se está mirando
Com largo fasto
Sôbre o espelho do rio, nóva Thétis.
Não attenta, não vê
Que eu manso junto della
A mão estendo, abranjo-lhe a cintura...
Ladina!... que entre os dêdos
Me deixa a subtil roupa,
Que qual vapor das flôres se esvaêce.
Com que vergonha o digo!
A Cruél se arremessa ao fio da agua;
E as ondas reverentes
Longe de mim... Ai!... Longe dos meus ólhos
Cubiçosos,..a lévão.
Lá se fende, e marulha o grande lago.
Néptúno mui sereno e majestoso
Érgue a trisulca lança — e alhana as ondas. —
C'os reconcavos búzios,
Triumpho verdes vem Tritões troando;
Porque nesta Ilha entra hôje a Deosa della
Formosa e refulgente.

Já vem chegando, e vem surrindo Vénus
Na concha multi-côr, multî-lustrosa.
Assim brilhou, quando a fecunda espuma
A confiou á praia.
Desenrugando miudinhas ondas,
As aguas humilhadas, quasi mudas
A' florescente Deosa
Cousa como hymno entôão. —
Penduradas do ramo as avezinhas,
Alégres a saúdão. —
Debaixo de seus pés alabastrinos
Flóra brotando vai louçãas boninas,
Que a beijar-lhos se curvão.
Tigres, Leões se arrastão respeitosos,
Ante os seus pés mimosos,
Lambendo o sacro chão que Vénus piza.
Já cercada dos Jócos, dos Amores,
Das Graças, e dos Risos, moradores
Nos lábios das Donzéllas,
A Cypria se avisinha:
Amor, que fecha a marcha do cortejo,
Vai dardejando os seus farpões máis meigos
Nas lédas Nymphas
Desenfadadas;
Que ólhão, que riem, que lévemente zombão;
E como chuffas
Lhe vão soltando:
« Amor, ólá! não tens farpões máis rijos,
» Na derrengada aljava? »
Mas onde a vista cravarei inquiéta
Entre o vago tropél, que se lhe off'rece
De lépidos transumptos
Por toda a parte promptos a enlevar-me,

A enfeitiçar-me
O ânimo absôrto ?
Traz mim retinnir ouço os sons festivos ,
O canto harmonioso , a frauta , a avêna ,
Os brados da alegrîa ,
Com que estes insulanos
Festejão a Raînha dos Amores.
Nas praias dansão flóridas Zagalas
Junto da bella Deosa ,
Com léve planta o chão cheiroso pulsão.
Trava d'uma , outra encara
Vénus , que estrêma as máis donosas dellas
Para ao côro as juntar das Nymphas suas.
Qual se érgue accêsa ao longo
Poeira , sôbre a terra , strepitosa?...
É Baccho , sim : é Baccho ;
É do vinho de Chypre a Divindade !
As Ménades ante elle amotinadas
Vem correndo esparzidos os cabêllos ,
Na séstra mão os fachos fulgurando ,
Férem co' a dextra os mosqueados tigres
Que o côche triumphal do Nume tîrão.
Os Sylvanos Caprîpedes ,
Os temulentos Sátyros
Em chusma transmalhada o mato fusco
Vem de longe trilhando ,
Em quanto Baccho appressurado acólhe
A Deosa , e com grinaldas de corymbos
Lhe ennastra a eburnea tésta , as ondas de ouro.
Com vagarosos passos vem descendo
Pelas férteis encóstas
A's verdejantes fraldas. Já lá chêgão
Ao consagrado templo de Erycina.

Os outeiros derreião
Com o Celeste encargo as duras cóstas.
Oréadas, Napéas vão diante
Folheadas saltando, e dis-cantando:
Invejoso adejando
Sentado em cima da A'quila alterosa
Jóve das altas nuvens as contempla.
Desferrolhadas
As bi-patentes
Pórtas do Templo,
De mil amplas caçoulas de ouro fino
Remoînhos cheirosos esfumêão.
Ante os formosos Numes
Os sacros Vates, seus Ministros, prostrão-se;
E no xadrez de jaspe
Aguas lustráes entórnão recendentes.
Tibullo, Horacio, e o vélho
Convidado de Vénus
São os Ministros. Seus immortaes cantos
Delicias fôrão das felices Éras;
Hôje os revéste fúlgido renome. (1)

---

(1) Dithyrambos são lyrica de bêbados. Oh quem dera que os nossos bêbados nos déssem lyricas dessa laia! Um tòmo dos táes Dithyrambos valerìa máis, que cem volumes de sem-saborias amorosas, de que tão inçados somos.

ODE

AOS TIROS

D'EL REI D. JOZÉ PRIMEIRO.

Quis scit an adjiciant hodiernæ crastina summæ
Tempora Dii superi?
HORAT. *Lib. Od.* 7.

Quem de nós, no balanço dos succéssos
D'este mar empolado e naufragoso,
Póde dizer seguro: « Puz um cravo
» Na róda da Fortuna!

Ou » Lancei duas ânchoras ferrênhas
» No firme pégo, (1) e zombo das desditas
» Que ao vêrem tal contento e tal descanço,
» Descorçoadas fógem!

» Já agóra abrio-me Pluto as veias de ouro;
» Deo-me a Saúde os philtros nunca-achados
» De perenne Juventa, e pôz-me ao longe
» Os limites da Vida!

(1) *No fundo firme pégo.* Figura mui trivial nos Poétas, e ainda nos prosadores.

Nota do Editor.

» Espraiando o desejo , abraço as margens
» De todos os deleites ; lédo e livre
» Entre os viçosos , entre os máis florîdos
» A meu sabor escolho ?

Ninguem téquî , ninguem sizudo o disse :
Nem dirá , se mil séculos corrêrão ;
Não o poude dizer Jozé Primeiro
Amado , e poderoso ;

Quando entre sceptros , quando entre corôas
De tantos seus Maiores repousava
Encostado na base vencedora
De encanecido Império.

Traidor chumbo acceitou no régio braço ,
E ante elle se assomou , brandindo o gume
Da fouce despiedosa , a sêcca dextra
Da descórada Mórte.

EPIGRAMMA.

Um Nóbre (porêm côxo) desposado
Com Senhora de rara formosura ,
« Casei com Vénus. » Tinha por dittado ;
E a gente que o ouvia
Assegurava ser verdade pura
O que o Nóbre dizia.
Mas tanto a apregoou o tal Espôso ,

Que se fêz enojôso ;
E um (dos que muito o ouvio) sonso , e magano ,
Que , sem a Dama vêr , via o Marido
A quem máis perto achou , disse ao ouvido :
« Vénus déve ella ser ; que elle é Vulcano. »

ODE

A' AMIZADE.

Ite procul durum curæ genus, ite labores,
Fulserit hic niveis Delius alitibus.
Vos modo proposito dulces faveatis, amici,
Neve neget quisquam me duce se comitem.
TIBULL. *Lib.* 1, *Eleg.*

Quão fórte és , Amizade , quando escóras
No mérito ; e a phalange das Virtudes
Pões em campo contra ásperos revézes
Da arrojada Fortuna !

Contra Ti côrra a Tyrannia , o Êrro
Co' a lança hervada , c'os sanguineos ólhos;
No aço do escudo a lança lhe despontas ,
Com o brilho o deslumbras.

Mortáes , que disvellados , nas estrêllas
Buscáes de fausta sórte o incérto agouro ,
Que esperáes na doença , no infortunio
Restaurador alîvio ,

Buscai-o na Amizade; que encostado
Nas benéficas aras de seu Templo
Pousa o Soccôrro, pousão os Disvéllos
De condoîda face.

Ouvìs!... ou aprazivel phantasîa
Me entretêm, e me encanta!... Como déscem
Ruidósos os Prazêres!... Como alégres
Juncto a mim dispõem álas!...

Que chuva de florîdos arremêssos
Crávão no peito ás Mágoas?... Lá recúa,
Lá cáhe a turba infanda!... Aqui resôão
Os hymnos da Victoria.—

Modésta Vénus, comedido Baccho
Tîrão traz si a folgazãa Companhia,
Que me trava das mãos, e em dansas guîa
A mui-vistósos longes.

Comigo vem pizando a vêrde félpa
D'esta veiga aprazivel, e sagrada
A tîmida Delmira, e vem sorrindo
A Eufrosina, e Agláe.

Apenas entro no copádo cêrco
D'uma antiga florésta respeitada,
Curvão-se as cimas, cérra-se em verdura
De cúpola alterósa.

Surge em base de lúcido alabastro
Uma Deosa de plácida presença,
Trajando airosa simplez vestiduras —
Era a meiga Amizade;

Que a mim se inclina, e co'a mimosa dextra
Limpando o coração de toda a nódoa

Me arrojou fóra o fél dos infortunios,
E o livor da Tristeza.

Máis se lhe avivão com máis graça os ólhos,
E arraiando de fausto e sancto lume
Senhoril semblante, rompe n'este
Alentador presagio:

» Virão inda outros dias venturosos
» Que apaguem os vestigios denegridos
» Do injusto exilio, infausto ao Êrro armado,
» Quão festivo a Filinto:

» Em que na ufana Elysia entoarémos
» A prudente fugida vencedora,
» A pobreza invejada, e os superados
» Trabalhos, sem deshonra. »

MORALIDADE

PARA O DIA DE FINADOS.

Mortáes, com mil contrarios tendes guérra;
É curta a vida; e cêdo acabará.
Hôje cobrîs a térra,
Que á manhãa (pode ser!) vos cobrirá.

QUAL É A COUSA,

QUAL É ELLA?

Cubro c'um manto o sól, em claro dia,
Para que outrem lh'o rasgue. — Mui lampeiros
Mil espreiteiros
A conhecer-me acódem á porfìa
Captivados da máscara sigana,
De formosas feições, poucas posturas: (1)
Mil aventuras
Se prométte cada um (cada um se engana.)
Vem namorar-me,
Quér conquistar-me:
O sábio só, com seu ingenho agudo
Da máscara me priva;
Eu bem que esquiva,
A's gaifonas do rudo,
Do rudo, ou sábio acceito um appellido,
Com que encubro, ou descubro o meu sentido.

(1) Ingredientes com que Mulhéres, e Mulherentos se besuntão.

ODE

AOS POÉTAS LUSITANOS.

— — Mediocribus esse Poetis
Non homines, non Dì, non concessere columnæ.
HORAT. *de Arte.*

— — — Sparge rosas, audiat invidus
Dementem strepitum Lycus.
Id. Lib. 3, *Od.* 19.

NA Lyra, que me dás, que Vate ousado
Quéres, oh douta Clio, que eu discante,
Cujos ecchos reclamem, retinnindo
Nos Lusitanos montes?

Louvarei antes o Camões sublime,
E o bravo Gama arando ignotos mares,
E as Nereydas núas impellindo,
As Náos que ameaça o escôlho (1).

Máis brando sópra a avêna Campesina
O Bernardes suáve, e saudoso
De cujo canto o plácido ribeiro
Enamorado, pára.

(1) Canto secundo.

Escutando os antigos sons da Grécia,
E do Lácio, lá pulsão com trabalho
A repugnante Lyra de Venusa
O Caminha, o Ferreira.

Então, chorando, a Castro abrio a Lusa
Scena, e lhe deo Melpómene o cothurno,
Com que Eurîpides, Sóphocles pisárão
De Athênas o tablado.

Amor da Pátria, amor de altivo canto
A desusados sons a mão lhe adéstra,
Digna de são louvor, que abrio a róta
A melhores Ingenhos.

Coridon, Coridon, nos braços d'estes, (1)
As Musas te visitão; te bafejão
Co' a harmonîa do Pindo; e em ti as Graças
Canto de Horacio vértem.

Máis atrevido, e féro engrossa Elpino
A vóz, que na Campina Eléa outróra
Trovejou Pîndaro, infiando os rôstos
Dos assombrados émulos.

Alfêno esses vestigios vai pisando,
Nelle fitando os ólhos cubiçosos;
E por affouto módo vai tecendo
Pindáricos delirios.

Um Bocage, um Targini, com Vicente (2)
Córrem a colhêr louros no Parnasso;

---

(1) Ferreira, Caminha, Sá e Miranda etc. etc.

(2) Vicente Pedro, Médico das caldas da Raînha, que me dizem ter toda a instrucção Poética.

E as Musas se dão préssa a lhe enramarem
As merecidas c'roas.

Que não póde esperar a Elysia Terra
De Cesario jovial ? (1) Donosa Musa
A frôxo lhe emborcou na mente ingénua
O sal, e o mél de Athênas.

Em quanto humildes Vates affannando
Nos atolados lôdos de Agannipe,
Se prendem das estêvas, sem podêrem
Trepar á esquiva encósta.

HA POUCO QUE FIAR

EM

MÉDICOS.

Não ha Médico ahi, que vos não diga,
Que um bom cópo de vinho generoso,
Espraiado no bôjo da barriga,
Bordão não seja aos vélhos vigoroso.—
Quem beber dous, terá por conseguinte,
Dous bordões.— Eu bebi bem quinze — ou vinte;
E devo ter seguro o corpo inteiro,
Como Náo cachorrada (2) no estaleiro.

---

(1) Igualmente Médico, e morto em 1798.
(2) Chamavão-se *cachôrros* as escôras, com que no estaleiro

O'ra, pelo contrario,
O passo mal-sostido, o juizo vário,
Cambáleando,
Tremelhicando,
Para mal-ter-me a prumo, bem o vêdes
Preciso ir pondo as mãos pelas parêdes.
E que se fie em Médicos a gente!
O'lhem em mim, como um Galeno mente.

SONETO.

Verás, Phîllis cruél, sahir correndo
D'estas veias o sangue derramado,
E verás este peito traspassado
Dar provas de leál, inda morrendo.

Verás o braço erguido, a mão tremendo,
Segundar a ferida, e no rasgado
Coração o teu rôsto estar gravado,
Pela aberta ferida apparecendo.

---

sustentavão os Navios. Já póde ser que hôje se não chamem assim, Tem lá chrismado, com tanto nome Francez, as cousas que no meu tempo erão bautisadas com nome Portuguez, que têmo que a minha *conduta* não pareça *affrosa* aos senhores que hoje *jouissão* do máis alto *rango* entre os *sentimentistas*, e *massacrantes*: metter-me-hei debaixo do *egidio* da obscuridade; afim que a *populácea debandando* os *ressortes* da sua vingança me não *ecrase d'affaires* vilipendiosos, faltando-me as *ressurças* do *espirito toccante*, com que *esquisse o detalhe* das *recherches* e dos *regardes*.

Com amoroso plácido murmuro
Sentirás pela mão, bella homicida
Correr-te, como um sôpro brando e puro: (1)

Sim; que abonar-te irá, não re-sentida,
Penhor de sua fé claro e seguro,
Com te beijar a mão, a minha Vida.

EPIGRAMMA.

Com fivéllas de oval abrilhantado,
Abbrilhantada a cifra, que cobria
A correia com rasgo entrelaçado,
Passeiava, parava, e se revia
Moco, de tanta prata glorioso.
Quão pouco basta para ser ditoso!

---

(1) Se mai senti spirarti sul volto
Lieve fiato, che lento s'aggiri,
Di: son questi gli estremi sospiri
Del mio fido chi muore per mè.

METASTASIO.

SONETO.

Motte.

Aquélla graça, aquélla formosura.

Glosa.

Ouvi a Marcia. — Eu te amo. — Tão ditoso
Como eu não foi nenhum mortal téгóra.
Forcêjão por sahir pela alma fóra (1)
Largas ondas de tão sobejo gôzo.

Pelo mundo ir quizéra (de vaîdoso)
D'onde o sól morre, até o erguer da Aurora,
Louvando a que em meu peito é só senhora,
Contando o quanto Amor me traz mimoso.

Por vêr esse Orbe attento, e transportado
De ouvir, que tanta graça estranha e pura
Recompensa risonha o meu cuidado;

Por vêr morrer as bellas, de amargura,
Olhando o Mundo inteiro ajoêlhado
A aquélla graça, a aquélla formosura.

---

(1) L'abondante allegrezza che ho nel core
Non potendo capervi esce di fuore.

Bembo.

ODE

De M. Houdart de la Motte.

Buvons, amis, le temps s'enfuit
Ménageons bien ce court espace ;
Peut-être une éternelle nuit
Éteindra le jour qui se passe.

Peut-être que Caron demain,
Nous recevra tous dans sa barque :
Saisissons un moment certain ;
C'est autant de pris sur la Parque.

A l'envi, laissons-nous saisir
Aux transports d'une douce ivresse :
Qu'importe, si c'est un plaisir,
Que ce soit folie, ou sagesse.

TRADUZIDO.

Bebâmos ; que nos vai fugindo o Tempo ;
Fórrem-se , Amigos , estes curtos prazos.
Talvêz que noite eterna apagar venha
O passageiro dia.

Talvêz , que a todos á manhãa Charonte
Na barca nos navégue. Este , que é cérto ,
Momento aproveitêmos. C'o este roubo
As Parcas desfalquêmos.

Émulos uns dos outros , entreguêmo-nos
A' suáve embriaguez. Que nos importa
Que ao Prazer , que os sentidos nos enléva ,
Chamem Sizo , ou Loucura ?

TRADUCÇÃO LATINA.

Bibamus. Ætas præcipites agit
Festina cursus : hanc spatiis Deus
Inclusit arctis. Nos fugacis
Damna hilares reparemus ævi.

Quæ nunc citato carpit iter gradu
Claudet perennis fortè diem sopor.
Cras fortè nos traducet atra
Nave Charon. Quod adest avaro

Usu occupemus. Postera quod libet
Fortuna volvat : juverit invidas
Parcas fefellisse , et severis
Particulam hanc rapuisse Fatis.

Ergo potenti nunc decet uvida
Explere vino corda : quid interest
Prudens an insanus voceris ,
Certa modo subeat voluptas ?

TRADUCÇÃO.

Bebâmos : que velóz transpõe a Idade
Despenhada carreira. Em curto espaço ,
Se Deos no-l'a acanhou , saneêmos todos
Do fugaz Tempo os damnos.

Quiçá perênne somno cérre o dia ,
Que óra caminha a passo despejado :
Quiçá á manhãa Charon , na fusca barca
Nos navégue. Colhâmos

Sôffregos o que óra ha : vôlva a seu gôsto
Vindoura sórte os casos. Triumphêmos
De haver burlado as Parcas invejosas ,
Roubado ao Fado esquivo

Ténue porção. As almas ensopêmos ,
Eia , em potente Baccho. E ahi que importa
Que sizudos nos chamem , chamem loucos ,
Se o deleite é seguro ?

ENIGMA.

Em quanto dous visinhos. (1)
(Que eu conheci !) sem se ajuntar vivêrão ,
Ambos tivérão
Honras , carinhos ;
Ambos a todos agradar soubérão.
De graças animados ,
De presumpção inchados ,
Tributos recebião ,
Que entre si , sem disturbio repartião.
Tinhão quinze annos , quando á luz sahião
Tão guápos , tão formosos ,
Tanto a si parecidos , tão airosos ,
Que os disséras n'um mólde ambos fundidos.
C'os réditos de offrendas , vassallagens ,
E adquiridas ventagens
Vivêrão abastados , e crescidos ,
Muitos annos , mas sêccos , e arrufados.
Té que em fim de enchimento assoberbados ,
A si mesmo enfadonhos ,
Pesados , e tristonhos ,
Viérão a ajuntar-se ,
A achegar-se ,
A beijar-se

(1) Os visinhos não , mas o nome delles se acha no fim do verso 65 de nuptiis Pelei et Thetydos.

Catull.

Com tanto affinco, e tão estreitamente,
Que sempre unidos,
Um com outro cozidos,
Fizérão nôjo á gente
Que os amava,
Em quanto largo rêgo os separava.

ODE

A' Paz de Portugal com França em 1797.

— — Est animus tibi
Rerumque prudens, et secundis
Temporibus, dubiisque rectus. —
Horat. *Lib.* 4, *Od.* 9.

Não tomou a seu cargo a douta Clio
Decantar de Catão, nem de Aristîdes
Invejados palacios, vásos de ouro,
Opîparos manjares.
Essas vãaglorias (îdolos de inéptos)
Com mão irada, a Musa as arremêssa
Na agua turva do Léthes, e dos Dônos
Os nomes desprezados.
Só da terra levanta, e léva aos astros
Na alti-sonante Cîthara, virtudes
Bemfeitoras do Pôvo; um Curcio, um Décio,
Immolados á Pátria.

Com as azas lhe ampara o nome claro
E ás furnas desce da infeliz Invéja,
A despontar lhe as fléchas venenosas,
Frouxar-lhe a córda do arco.
Entôa me hôje, oh Clio, um d'esses nomes,
Que máis celébras com robusto canto;
Seu duradouro som zombe de aváras
Fouces do Tempo, e Mórte.
Sôe — Araújo — a Lyra. Ouça-me a Elysia;
Gloriosa ouça a Gállia împrôbas lidas,
Com que apertou discórdes interêsses
Em disputado laço.

TRADUZIDA.

Quæ Pindo super imperat
Clio doctiloquis Castalidum Choris,
Regum celsa palatia
Auratasque trabes, et dapum eburneis
Mensis impositum ordinem et
Interfusa scyphos fercula gemmeos,
Quæ vulgus stolidum stupet,
E montis bifido vertice despicit
Alti Musa supercilî :
Tales delicias, ludicra gaudia,
Et viles dominos simul
Lethæis abigit ludibrium vadis.
At caros populis duces

Post mortem Lybithinæ eripit, et bonis
Civem civibus utilem
Ultro congeneres evehit ad Deos.
Purus vivit Aristides,
Vivunt Scipiades et geminus Cato,
Æternus Deciis honos
Perstat pro patria non dubiis mori,
Chartis Illa perennibus
Quæ commisit, amat nomina pertinax
Alis protegere aureis:
Incassum furias spirat et halitus
Tetros Invidiæ; assidet
Non segnis rabiem et tela retundere
Armis vindicibus Dea.
Nunc, nunc egregium, Pieri, selige
Cantu quem celebres virum,
Et voce et cithara prome reconditi
Thesauros modulaminis,
Quale falcigeræ non violent manus.
Araujo resonet Chelys,
Araujo Tagus et Sequana personent
Discordes populos modò
Nexu difficili jnngere callidum.

A. M. DE CURNIEU.

O D E.

No dia dos meus annos, 23 de Dezembro de 1797.

— — — — — — — Neque
Mordaces aliter diffugiunt sollicitudines.
HORAT. *Lib.* 1. *Od.* 19.

QUANDO outróra a florente Mocidade
Veccjava em meu rôsto,
E nos rúbidos lábios, — dôce canto
Florejava esta Lyra,
C'os riccos dons de Marcia, — c'os carinhos
De seu peito amoroso.
Mas, mal me pôz as cãas com mão madura
Pela enrugada tésta
O Lustro dôze, e os traços dos amôres
Foi no ânimo apagando,
Tambem as córdas dérão sons sizudos.
Não já folgaz Thalìa,
Mas as graves Camênas de Stesìchoro'
Vinhão prégar na Lyra
Quaresmas mui moráes, Sénecas odes,
Replèttas de Virtude.
Tanto Éthico sermão sahìo do bôjo
Do lyrico instrumento,

Que o Prégador dormio com o Auditorio : —
E dormindo , — e sonhando
Moral , e máis moral , entrou nos Paços
Do entorpecido Enôjo : —
D'um tombo , que lá dei , cahi na furna
Da ruîn Melancholìa. —
Que Alcides , que Theseô podéra d'estes
Tetérrimos lugares
Trazer-me á quadra alegre ? — A não ser Baccho:
Que me toccou c'o Thyrso ;
Que a alma me aviventou amodorrada
Com Stóicos vapôres ?
Salve , potente Baccho ; o dia de hôje ,
Solemne a Ti só vóto , .
Dia , em que os meus sessenta e quatro hynvérnos
Com teu favor , encéto.

ODE.

Quantus eram , pharetra cum protinus ille soluta
Legit in exitium spicula facta meum ,
Lunavitque genu sinuosum fortiter arcum ,
Quod canas , Vates , accipe , dixit opus.
Me miserum , certas habuit puer ille sagittas !
Uror, et in vacuo pectore regnat amor.
Ovid. *Lib* 1 , *Amor. Epist.* 1.

Quando á Cìthara de ouro a mão lançava
Para entoar a Lusitana gloria ,
Um Deos , de sôbre as cordas se levanta

Jóven, formoso, e meigo,

Que o braço recostando sôbre a mesa,
Affavel me induzîa a que cantasse;
E que elle o canto meu reforçarîa
C'um, que escutára ás Musas.

C'os dêdos tenteando os sons Thebanos,
Desusada responde a molle Lyra:
Brandamente me dá de Amphrysa o nome
Entre harmoniosas falsas. (1)

Então conheço o Deos, que ri, e zomba
Do azêdo enfado, com que o argúo de împio:
« Não bástão, Deos maligno, inda não bástão
» Seis lustros de servir-te?

» Já Lálage cantei, cantei Delmira,
» E a minha escravidão, e os teus triumphos:
» Já a meus cansados cantos (2) dá de rôsto
» A livre Mocidade;

» E inda zombas das cãas — das cãas nascidas
» Nos pesados grilhões de teu Império?
» Veterano soldado lograr dêvo
» Emérito descanso. »

---

(1) Quanto molliores sunt, et delicatiores *in cantu* flexiones et *falsæ* voculæ, quam certæ et severæ.

Cicer. *de Orator Lib.* 3, *Cap.* 25.

(2) E bem cansados! Que até eu mesmo canso de os lêr: e a não estar d'um lado a Pobreza a acotovelar-me, que os traslade, e que os dê á imprensa, e de fronte de mim, mas muito longe, e um tanto annuviada a Esperança, fazendo-me negaças com varias moedinhas, maldita a mão, maldita a chave que abrisse a gavêta em que estão fechados!

Nisto me tórna o Amor. — Canta a teu gôsto
» Fortes Castros, e duros Alboquerques :
» Disfére a vóz, a Cìthara tempéra ;
» Cinge-te a ganhar louros.

» E, este farpão te espérte a vóz, e ao canto. »
Na córnea Lúa o embébe, e a mim fréchado,
No coração me cála. — Os ais rebentão,
Os suspiros recrescem.

» Canta os Heróes (me insulta o Deos protérvo)
» Canta-os, se pódes. » — Eis que as azas batte,
E aos ares se remonta, celebrando
A certeza do tiro.

Eu arrancar do peito a sétta hervada
Em vão forcejo. — As farpas prendem na alma.
C'o joêlho em terra, ao pérfido, que fóge
Brado em desfeito pranto :

« Perdôa, ingente Nume; Amor perdôa.
» Não quero Heróes cantar; louros engeito.
» Meu Heróe, minha gloria, minha Musa
» Será des-de hôje Amphrysa. »

ODE.

— — — — — — Nonne videre
Nil aliud sibi Naturam latrare, nisi ut quum
Corpore sejunctus dolor absit, mente fruatur
Jucundo sensu, cura semota, metuque.

Lucret.

Apenas no alto pégo procelloso
Das revôltas paixões, nóvos Néptúnos,
Estendêmos, ao brado da Virtude,
A repousada calma;

E a Raînha Razão pômos segura
No thrôno, (onde reinar sempre devêra,
Se com fágueira mão dolôso Vicio,
Não a céga, e derruba)

Olhando para traz, vemos o estrago,
Que insana, infrene fúria commettêra:
Sóbem ás faces chammas de vergonha,
Cérra-se o peito de ira:

Qual, passado o naufrágio, e o Céo já puro
Das nuvens da tormenta, o Passageiro
Vê vir boiando á praia os mastos rôtos,
As nadantes enxarcias.

SONETO. *

MOTTE.

Triumphe na illustrissima Abbadêssa.

GLOSA.

Désce dos Céos, oh Musa soberana,
Que os Hymnos nos entôas da Verdade;
Inspira ao canto meu tal suavidade,
Que affeiçôe á Virtude a gente humana.

Os mortáes imprudentes desengana
De quanto o império é frágil da Maldade;
Que a Virtude tem a alta potestade
De atar do Vîcio tôrpe a mão insana.

Põe-lhe á vista em valente quadro os damnos
D'esse Amor-proprio, em que a Vaîdade empéça,
E a Vingança, que accende os ruîns Tyrannos.

Veja-se ao vivo o Mal, e se entristêça,
Mas ria-se a Virtude, e em muitos annos
Triumphe na illustrissima Abbadêssa.

* Muito tempo ha que disse (não sei quem foi) que os Poétas erão como os salteiros; porque uns e outros com saltos, com vérsos altos, fazião máis altos do que elles erão, os fréguezes, para quem trabalhavão.

ODE

Á PATRIA.

Invenies aliquem qui me suspiret ademptum,
Carmina, nec siccis perlegat ista genis.
Ovid. *Trist. Lib.* 1.

Vem, dôce Lyra, dom das brandas Musas,
Com que no vêrde Pindo
Gostosas me prendárão, quando apenas
Encetava tres lustros.
Allî da sacra chamma, que rutila
Nas Apollîneas áras,
Vi desprender-se a aguda labaréda,
Tomar súbita vôo,
Raiar-me no semblante, e calar dentro
Nos penetráes do Ingenho;
Onde ateada em luz perênne aclara,
Aquéce, aviva os gômmos
Abrolhados das rápidas idéias.
Lyra presada, e nóbre,
Que nas mãos de meu Méstre (1) decantaste
Os pendões arrancados

(1) Sim. Méstre: que outro nunca o tomei. Ah! que se o discîpulo não ficára tão longe do Méstre! Mas envergonho-me cada

Ao Partho féro, tão humilde a Augusto,
Quanto sobêrbo a Crassò. (1)
Tu, remontada com as meigas córdas
De Páphos, de Amathunta,
Modulavas de Lydia, e de Glicéria
As graças, os amôres.
Pois que eu ousei, das Musas incitado,
Mover teus sons tranquillos,
E estranhá-los com plectro indouto, e rudo;
E pia me acudiste
Com canto, que o desdêm quebrou de Nize,
E da formosa Marcia
Ameigou a cruîssima saudade;
Agóra te intercêdo
Me ajudes a tecêr da Pátria amada (2)
O saudoso elogîo.
Amado Bêrço de meus novos dias,
Que arraiando risonha
Mimósas esperanças, no teu cóllo
Me acolhêste benigna,

---

vêz que leio uma Ode de meu Méstre, e que sinto quão pouco approveitei em sua schóla; fôsse em mim falta de ingenho, ou falta de applicação; quizéra queimar quantos vérsos escripto tenho: e só me atalhão a mão 40 moédas, que já alguns impressos me rendêrão, e o dizer que nem todos os Pintores são Apélles, e que todavia com painéis, ganhão a vida. E já eu disse que Pobreza e não vaidade pôz os meus vérsos á vergonha do mundo.

(1) — Et signa nostro restituit Jovi
Direpta Parthorum superbis
Postibus. — — — —

HORAT. *Lib.* 4, *Od.* 15.

(2) A tous les cœurs bien nés que la Patrie est chère!

Arredado de ti, na alheia terra,
Suspiro e clamo — Elysia; — (1)
Em ti cuido! a ti vejo, de ti fallo:
Tu só em meu sentido
Noite, e dia incessante me appareces;
O'ra trajada de ouro,
Com reluzente sceptro, em alto sólio
Majestosa sentada,
Ao Indo Hydaspe, ao Gange as leis mandando:
Em gravadas bandêjas
Acceitando os tributos, as corôas
De tantos Reis Vassallos
Do altivo Oriente, da A'frica guerreira.
Os tropheós, as conquistas
Tão varias, tão valentes, tão remótas
Ornão os altos téctos
Da salla artesoada, em quadro immenso
De duradoura Historia. —
O'ra affligida, e de funereas cinzas
Espargida a cabêça,
Teus filhos mórtos, longe-derramados,
Transidos de pavôres,
As mãos erguidas, arrazados ólhos
De compungido pranto,
Pedindo ao Céo misérrimo soccôrro
Sôbre a trémula terra,
Que em fendas se rasgava, e das entranhas
Vertia impuro alento.

---

(1) On souffre en sa patrie; elle peut nous déplaire,
Mais quand on l'a perdue, alors elle est bien chère.

VOLT. *Trag. des Scythes.*

Lágrimas tristes, lágrimas de gôsto
Dou á fiél lembrança
Dos infortuuios teus, dos teus triumphos.
Assaz lhe são devidas!
Tu me elevaste, á luz recem-nascido,
A's Musas me elevaste,
E em meu favor benévola obtivéste
De Clio almo sorriso,
Com que animou a mui-submissa veia,
Que hôje em louvar-te esfórço.
Tu me déste as lições, em vêrdes annos,
De ser proficuo aos homens,
Com estudo dos bons, e as mãos me abriste
Para o amparo alheio.
A ti devo o caminho abalisado,
Que da Honra ás aras guia,
Meu lado ornaste, na îngreme subida,
De leáes Companheiros,
O são Merecimento, a san Virtude:
Nas azas me encostaste
Do prazenteiro Agrado, quando o peito
Quiz conquistar honrado,
E pudîca esquivança de Delmira.
Em seu coração frio
Tinha provado Amor os seus podêres:
Mil vêzes apagados
Os fachos vio de crepitante lume,
Que lhe apontou de pérto. —
Os escassos talentos, com que apenas
Lucrei mui bréve nome
Na Elysia saudosa, e estranhos Lares,
Bem fôrão mercês tuas.
Ah! Tu, que fôste ninho tão-prezado

D'esses Varões egrégios,
Que em lêttras, que em batalhas te ennobrecem;
E tu, que Armania, e Anarda
Affagaste contente em teu regaço,
E de claras virtudes
O peito lhe abondaste; tu, que déste
Ao dócil Araújo
Immensos dons, que em climas arredados
Requérem summo obsequio
A' Pátria egrégia, que táes filhos bróta.
Tu, que ao nascer cingiste
Com amorosas fachas, e a teu seio
Apertaste mimosa
Um Brito, exemplo de honra, e de bondade....
Como a tanto descêste
Que deixes ir a immérito destêrro
Teus innocentes filhos;
E a vóz não sóltas, hórrida não féchas
As despiedadas pôrtas;
Não amparas nos braços?... não rechaças
As fréchas da Calúmnia?
Devo-te a vida, a luz; mas triste, estranho
Consintas em teu grémio
Monstros de alma cruél, que te des-honrão!
Malévolos podêres,
Dos bens, da fama honrada estrago, e abysmo,
De infames linguas couto!
Porque as indignas vidas não enjeitas,
Que enjeitaria avérso
Esse inhóspito Cáucaso feróce,
E a anthropóphaga terra?
Que mal commetti eu contra um covarde,
Contra uma vil progenie

D'um Herói tão famoso no Oriente,
Para ir com sujo bafo
Empanar o meu nome intacto e limpo?
Foi culpa inexpiavel
Ter eu máis honra que elle? máis virtudes,
Ter alma, que não tôrça
A baixezas, a crimes, como a sua?
Daqui tomou peçônha,
Iniquo Delator, (1) com que pôz nódoa
No manto ingénuo, e puro
Que talhar para elle, e seus consórtes
Rejeita a Natureza.

EPIGRAMMA.

O dominio de Terra
Deos o entregou a Adão. Noé se encérra
N'uma Arca, e tóma posse
Das Aguas. Quem do fôgo o Senhor fosse
Não o réza a Escriptura,
Menos que ao Démo caiba. Ao côxo Nume
Dão sceptro sôbre o Lume
Os Grêgos, que aviavão Divindades,
Qual nós Paternidades.
No ar, Dédalo reinou com pouca dura:
Mas o Francez mais léve
Por *secula* sem fim no ar sceptro obtêve.

---

(1) Pour perdre un sage il ne faut qu'un bigot.
GRESSET.

SONETO.

Travou-me da alma a crua Saudade,
E entre tórtos cordéis pô-la a tormento.
Nunca revôlvo o afflicto Pensamento (1),
Que não lhe ache medrada a crueldade.

O Ciúme flammejando impiedade
Na esquiva phantasìa está de assento;
Dallì manda o inquiéto Insoffrimento
Assétear a ingénua Lealdade.

O Tempo, com a fouce no ar erguida,
Obriga as Parcas a fiar depressa
A têa, em que se adianta a minha vida.

Ah! Marcia, se não vens, talvêz que dèsça
Ao coração a Mórte prevenida,
E a vida, antes que venhas, se despéça.

(1) But absent what fantastic foes, arous'd,
Rage in each thought, by restless musing fed
Chill warm cheeks, and blast the bloom of life.

Tompson's Spring.

ODE.

Num te quæ tenuit dives Achæmenes
Aut pinguis Phrygiæ Mygdonias opes
Permutare velis crine *Mariliæ*
Plenas aut arabum domos.

HORAT. *Lib.* 2, *Od.* 12.

BIESTER, o Fado austéro tem vedado,
Que uns com os outros em tenaz corrente
Se encadeiem os dias venturosos,
Sem a turba dos tristes.

A mim pôz por exemplo aos mortáes rudes:
Fêz fôrça ao globo da Fortuna instavel;
Com o abalo os meus bens cahîrão todos,
Dando praça aos desastres.

Em vão forcêjo, e os mui leáes amigos,
Por dobrar-mos o Nume inexoravel:
Surdo a rógos, a lágrimas, não muda
O sanhudo decreto.

Sós, neste crù destêrro, me consólão
Dous bens, que segurei na infeliz quéda:
Sou livre, e gózo ao longe o prazer puro
Da saudosa Amizade.

Tu gózas muitos, para mim perdidos,
Que co'a lembrança o coração me rásgão.
Tu vês, tu tratas os honrados peitos,
Que o *Mal* não tingio nunca.

Ouves Marilia, Lálage moderna,
Que dôce ri, (1) que dôce canta ao Cravo
Mio bel tesoro.... Ah! que saudade aguda
Pela alma se me enterra! (2)

De mim, na Pátria, a melhor parte móra;
Em porções brandas, entre vós partida:
Sônho os amigos, quando o Sól fallêce,
Sônho-os, quando renasce.

---

(1) Dulce ridentem Lalagen.

HORAT. *Lib.* 1, *Od.* 23.

(2) Integer laudo, fuge suspicari
Cujus octavum trepidavit ætas
Claudere lustrum.

Applicava-me eu então, (que ainda não orsava pelos dez lustros) o que Horacio, já nos outo, de si clamava. E agóra que me avizinho ao décimo septimo lustro, que não direi de mim decepado e entorpecido? Lá se fôrão, para não máis tornar os brios, as bandarrices dos garridos annos. Contas na mão, borracha á cinta, são já meus não-despegados adôrnos.

ID. *Lib.* 2, *Od.* 4.

INDEX

DO TOMO IVº.

ODES.

SONETOS.

CONTOS.

MADRIGAES.

EPIGRAMMAS.

EPITAPHIOS.

ENIGMAS.

CARTAS.

FA'BULAS.

BILHÊTE.

LA CULTA GALLICI-PARLA.

DIA'LOGO.

CONSOLAÇÃO.

SAÛDOSAS LEMBRANÇAS.

FRAGMENTO.

CAIXA DE NOVA INVENÇÃO.

DESEJO.

LYRAS.

FALLA.

O TEMPLO DO DESTINO.

NOVO BIVIO PARA NO'VOS HÉRCULES.

RETRATO.

QUARTETOS.

Fim do Index.

Addição ás Erratas do Tomo III.

Pag. lin.	ERROS.	EMENDAS.
3 — 9 *da Nota.*	com a calça	como a calça
5 — 7	spelhinhos	espelhinhos
6 — 24	O o	E o
7 — (*Nota*)	a *Pan*	*Pan*
12 — 2	*era*	*ira*
14 — 18	Omnipotente,	Omnipotente
Ibid. 28	homicidio.	homicidio,
Ibid. 52	Styx	Styx,
18 — 18	cheios	cheios.
37 — 13	ensombrova	ensombrava
39 — 19	Minotaurob iforme	Minotauro biforme
40 — 21	acearear	accarear
45 — 5	Dséejo-te	Desejo-te
60 — 25	de ausentes	dos ausentes
Ib. — *no text. e not.*	Cendrilhon	Cendrillon
67 — 21	aventurosa	a venturosa
72 — 20	sempre	sempre!
74 — 12	O'vos	Óvos
Ib. — 22	e de	de
80 — 22	e dar-me	a dar-me
87 — 25	acréla	a créla
91 — 14	Tubarão;	Tubarão,
103 — 13	quão	quão (1)
119 — 22	baixa	baixa.
121 — 5	Sóbres	Sôbre
137 — 12 *da Nota.*	corpo sao	corpos ao
140 — *Nota* 2	dasavergonhdo	desavergonhado
162 — 15	de penna	da penna
188 — 1 *da Nota* 2.	Pauurgo	Panurgo
203 — 10	Memorias (2)	Memorias
Ib. — 12	em certa	(2) em certa
Ib. — 14	Mundo	Mundo (3)

206 — 1 *da Nota.*	do se	do sen
228 — 21	Quecom	Que com
238 — 10	hind	haud
255 — 9	Occeanus	Oceanus
263 — 32	o Jozézinho	C'o Jozézinho
267 — 18	vallia dada	valha dado
270 — 2	co' a chagas	co' as chagas
Ib. — *Nota.*	dos Poêma de	do Poêma dos
286 — 7	podereis	podéreis
287 — 13	Oo	Os
292 —	uada	nada
293 — 2	Cabelleiro	Cabelleireiro
405 — 5	no Céo	és no Céo
479 — 17	granador	grasnador
554 — 1	c'rôa de	c'rôa e

Vérsos emendados pelo Autor.

Pag. 45. *Ode Verso* 3. Todos papéis tal rézão.
146 *vers. ult.* Máis Diabo és tu, que eu mesmo, grão Diabo.
283 *v.* 11 A furna dos Cyclópes anthropóphagos
372 *v.* 27 E aos por vir, nelles, etc.
560 *v.* 5 Dos Marrécos, que não cantára Homéro?

Nota omittida.

342 (1) Vid. Eclog. — Sylvano era um Pastor, etc.

Vérsos omittidos.

205 *Depois do nono vérso supprima-te o* 10°. *e leia-se*
Ao rôgo vergonhoso, sem que a esquêrda
O que dá a dextra, saiba.

376 *Depois do vérso* 20°. *falta o seguinte*
Pela gála da vóz, garbo do talhe,

N. B. A epistola que acaba pag. 511 *deve levar a assignatura de* João Paulo Bezerra.

E *a resposta que se lhe segue a de* — Vicente Pedro da Cunha Nolasco.

Erratas do Tomo IVo.

Pag. lin.	ERROS.	EMENDAS.
22 — 4	voto a més a	vato a mesma
Ibid. — 8	deleitosos.	deleitosos,
46 — 2	braços	braços,
60 — 7	, diz vasto	(diz) vasto
89 — 8	A invejadas	As invejadas
93 — 12	Tomão nos	Tomão das
137 — 15	com'	com
148 — 12	chororá	chorará
176 — 8	Allumiaste	allumiaste
181 — 33	militae	militiae
183 — 5	jubit	jubet
Ibid. — 15	sequa ci bus	sequacibus
185 — 14	Ncs	Nos
187 — 26	agravar	a gravar
190 — 21	snspeitas	suspeitas
191 — 30	*sueco*	*succo*
194 — 15	desaprova	desapprova
196 — 28	pêjo.	pêjo. —
Ibid. — 29	ja	já
199 — 13	pura	para
224 — 16	da Anno	do Anno
227 — 2 *da nota.*	mu,	mui
232 — 27	ou sacrilegio	ao sacrilegio
236 — 5	Homens	Homens,
252 — 3 *das notas.*	açododo	açodado
253 | 11	còrno	còrno (1)
260 — 12	De embruscado	Do embruscado
270 — 6 *das notas.*	bocêga	bocêja
276 — 3	flores,	flores.
Ibid. — 11	dis séras	disseras
Ibid. — 16	indrustria	industria

Ibid. — 31	mórte ;	mórte ,
305 — *ult. da nota.*	em erta	em certa
311 — 21	vedão	védão.
314 — 10	suppõe	suppõe ,
354 — 9	no buîdos	nos buîdos
355 — 9	affunde	affunda
360 — 15	escente	essente
368 — 8	faìsca	faìsca.
369 — 6 *das notas.*	obfuit	obruit
372 — 1 dº.	a Poésìa	á Poësìa
378 — 11 dº.	vendo	vindo
381 — 5 dº.	dee	de
283 — 2 dº.	enfermedade	enfermidade
391 — 18	angusta	augusta
396 — 14	longo	longe
401 — 26	plác ida	plácida
Ibid. — 27	simplez	simples
403 — 1 *da nota.*	Mulherentos :	Mulherengos
417 — 7	mori	mori.
421 — 5	ao canto	o canto

N. B. pag. 235 depois do vérso 24º. leia-se —

Os sapateiros leião sarrabáes ou Autos
Da Imperatriz Porcina , ou Marîa Parda ;

Fim das Erratas do Tomo IVº.